OBRAS COMPLETAS

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA

—

SERMÕES

ST. IGNATIUS' CHURCH,
3220-43RD ST. S.E.
PORTLAND, OREGON

Digitized by the Internet Archive
in 2025

https://archive.org/details/sermoes0001revp

Padre ANTONIO VIEIRA

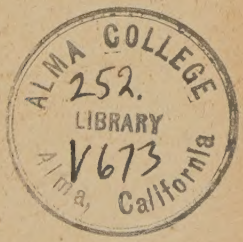
Obras completas do Padre ANTONIO VIEIRA

SERMÕES

VOLUME I

Prefaciado e revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves

Prégador, ou S. Paulo, ou Vieira.
D. Luiz de Sousa, Arc. de Braga.



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
de Lello & Irmão, editores
RUA DAS CARMELITAS, 144
1907

9103

Composto em machina LINOTYPE

PORTO — IMPRENSA MODERNA

Duas palavras d'apresentação

Emprehendemos hoje ousadamente e confiadamente uma reedição completa, perfeitissima e acuradissima dos Sermões do insigne Padre Antonio Vieira.

E' uma obra larga de vulgarisação das mais explendidas paginas d'oratoria sacra e de vernacula e castissima linguagem que se têm escripto na lingua portugueza.

Crêmos honrar a nossa casa editora e honrar a nossa bella litteratura classica fazendo publicar, em nitidos volumes, a série de todos os Sermões prégados pelo illustre Padre Antonio Vieira, o maior de todos os oradores da nossa patria, sem rival nos pulpitos portuguezes.

Tem havido muitos e insignissimos oradores sagrados que hão honrado digna e gloriosamente a eloquencia religiosa em Portugal. Nenhum, porém, alcança, attinge a grandeza, a altitude até onde se remontou Vieira. Elle é de todos o mestre; de todos é o rei, de toda a oratoria sacra é elle na nossa patria o mais fulgido ornamento!

Estadista eminente, politico consummado, padre austero, benemerito missionario, elle é, sobretudo,

o orador incomparavel que, pela vernaculidade da sua palavra e pela soberania da sua eloquencia, ennobreceu e esmaltou a sua lingua, convertendo-a em modelo de purismo e glorificou a tribuna religiosa portugueza, elevando-a a taes alturas que todos quantos desejem fallar bem e prégar bem na lingua de Camões, têm que estudar a arte da eloquencia e aperfeiçoar-se no gosto de bem fallar nas obras d'este illustre padre, honra e gloria da patria que lhe foi berço, lustre e brazão da eloquencia sagrada portugueza, da qual foi o mais lidimo cultor e da qual será sempre o mais fulgido ornamento n'este nosso nobre e glorioso Portugal!

Em verdade, nem antes nem depois de Vieira, a eloquencia sagrada culminou mais triumphantemente nos pulpitos do nosso paiz. Como Bossuet, como Massillon, como todas as aguias da eloquencia christã, Vieira deixou no seu seculo e na historia da eloquencia na sua patria o assignalamento inapagavel do seu glorioso genio. Outros seculos se lhe seguiram já; todavia, agora e até aqui, ninguem parece têl-o egualado.

Vejamos. Se attendermos ao presente, dir-se-ha, talvez, que não está hoje a eloquencia, a sublime e divina arte, potente e deslumbradora, n'um periodo d'irradiação fecunda e gloriosa.

E assim é, em verdade. Estão dessoradas, desorientadas, anesthesiadas as mais esbeltas organisações oratorias, as mais radiosas inspirações da palavra. A eloquencia sagrada, tal qual como hoje a vêmos n'esta terra estadear-se nas lindes do pulpito, amolda-se quasi que exclusivamente e com muito raras e peregrinas excepções, ás estreitezas d'um lyrismo enervador, concentrando-se no realismo da fórma e nos limites indecisos d'um ideal incomprehensivel. E' uma degeneração pavorosa, é uma desoladora crise, esta

a que atravessa em Portugal a eloquencia sagrada. Hoje os mais laureados e apontados genios do pulpito nacional, são os rhetoricos e os sophistas. Quem dispender em banalidades de linguagem a quinta essencia do seu talento, ou ostentar em cambiantes d'estylo e fórmas opalinas de romance os mais rutilos lampejos da sua intelligencia, a esse sim, a esse é que no conceito moderno são decretadas as honras e concedidos os fóros de verdadeiro orador!

E qual será a razão d'isto? Quem poderá diagnosticar esta enfermidade moral que se alastra pavorosamente, esterilisando tudo por onde passa? Não sabemos dizel-o.

Será que o pessimismo da existencia, a theoria do scepticismo intellectual, a doutrina da illusão, germinando hoje, renovada mais uma vez, em certos temperamentos insoffridos ou melancholicos, em quem falta a comprehensão exacta do mundo e da vida, se haja apoderado dos nossos mais cultos oradores sagrados, será? Será que a tristeza das coisas, cantada hoje, ao sol hilariante d'este seculo, nas paginas nocturnas de Schopenhauer, ou que o realismo da vida e a subjectiva passibidade da materia que tende para o nada, revivendo nas paginas revoltas e sibillantes da escola critica allemã e da escola franceza, racionalista e sceptica, haja confundido os nossos espiritos, de rebrilhante scintillação intellectual, será?

Ou será então que a grande anarchia que se encontra no espirito humano, desde que a sciencia se fez puramente analytica e desde que se apagaram os symbolos da unidade moral que na cupula do entendimento haviam levantado o genio mystico da religião e da metaphysica, haja invadido, tambem, os dominios da eloquencia sagrada, será?

O que é certo, innegavelmente certo, é que a eloquencia é hoje uma arte sujeita ás mais variadas ma-

nifestações da esthetica, sem que d'ella procure arrancar-se esse ideal supremo do officio da palavra— dominar o animo alheio. Bem sabemos nós que difficillima é a arte de prégar. Poucos são os que attingem as grandes culminações da eloquencia. Depois esta só irrompe solemne dos labios em fórmas poderosas e irresistiveis, em momentos de lances supremos em que ha mister ao orador d'arquear-se com os maiores obstaculos. A explendida vibração d'Oconnell, a vehemencia torrentuosa e fulgurante de Thiers e as apostrophes fulminantes de Mirabeau, só se revelavam nos accidentes suggestivos d'uma crise nacional, ou nas phases epicas d'uma revolução grandiosa.

Possuir a acção perfeita, o estylo proprio e a sinceridade evidente; transfundir o orador a sua propria alma na palavra que falla e operar a communicação immediata d'ella com tudo quanto n'ella ha de bello, impressionador e decisivo, para o auditorio que o escuta; dar, emfim, á tribuna religiosa as glorias do absoluto dominio, produzindo o orador a vibração unisona do seu coração com o coração de todos, eis aqui o especialissimo condão do genio!

E este é que é o grande segredo da oratoria. O mesmo quasi que da arte escreveu Taine: «Esta, pensava o illustre critico, tem de particular ser ao mesmo tempo superior e popular, manifestando o que ha de mais elevado nas coisas e manifestando-o a todos».

Ora temos para nós, que a eloquencia resplende em Bossuet e completa-se no nosso Padre Vieira. D'ahi para cá que se contem ou apontem os verdadeiros oradores. Ao prodigioso Bossuet, — «o grande mestre na arte incomparavel d'exprimir os altos pensamentos e as sublimes imagens» — como dizia Littré, não se poderá jámais reconstituir a inspiração na sua harmonia, a dição no seu encanto, o gesto no seu

movimento proprio, a figura viva no seu fulgôr magestoso, ainda que é certo poderem recompôr-se, ainda, a psychologia do orador, o seu feitio moral, a sua imaginação e a sua sensibilidade. Todo o seu genio está vivamente estampado nas suas *Orações Funebres*. Só quem as lê, póde avaliar o que elle foi nos aureos dias da sua gloria, quando, sobre o pulpito que lhe servia de pedestal, sentindo-se amoravelmente envolvido pela alma da religião, respirando a atmosphera pura das eminencias onde o erguia a envergadura do seu genio, elle soltava, vibrante de commoção e de colera, aquella grande voz, aquella voz magnifica, que foi a consolação, o orgulho e a redempção da sua patria! Na oração funebre do principe de Condé, rebrilham a passos os lampejos fulgurantes dos genios orientaes. As suas apostrophes violentas e as suas invectivas sublimes, hão-de fulgurar eternamente, quaes diamantes de primeira agua, cravejados no seu diadema de principe, diadema de rei dos oradores christãos!

Ora o nosso Vieira era tal qual outro assombro.

O trovão da sua voz, a omnipotencia do seu verbo, esses raptos felicissimos em que a sua phrase feria e faiscava scentelhas vivas, perderam-se, é certo; restam-nos, apenas, hoje uns tons esmaecidos, que ainda assim inconscientemente sacodem a nossa alma em vehementes assomos d'enthusiasmo! Nós, hoje, só podemos avaliar Vieira pelo que d'elle nos resta escripto. Ora a simples leitura nunca estampa ao certo a plasticidade do discurso, nem jámais avulta as fórmas colossaes com que reveste a palavra o orador de raça. Alguma coisa se experimenta ainda, mas o echo não é o som, o reflexo não é a luz e a imagem não é a realidade. A eloquencia oratoria, que é a mais viva e pessoal de todas as artes, não se avalia pela analyse dos seus periodos profundos, dos seus pensamentos ele-

vados, das suas imagens e conceitos mais vigorosos; a sua essencia é inseparavel da fórma: é a dição, a voz, o gesto, a figura, a alma feita verbo, o fremito, o rumor, o applauso ou a colera dos outros, o enthusiasmo communicativo e a indignação inflammavel e inflammada — tudo isso que não póde ser traduzido pelo pincel mais poderoso, nem pela mais perfeita estatua.

Nós, porém, não podemos conhecer hoje Vieira senão pela leitura dos seus *Sermões*. Lendo-os, é que nós poderemos avaliar de longe o que era aquelle padre. Só então é que poderemos comprehender a desmesurada proporção que attingia o vulto sublime da sua immensa gloria, quando os auditorios fremiam e palpitavam anciosos sob a influencia magnetica do seu verbo, os seus olhos fusilavam relampagos de paixão, no seu gesto passava o raio que fulmina e a magestade que se impõe e a sua fronte rebrilhava circumcingida com essa divina aureola fulgentissima que depois do cyclo atheniense, cingiu e illuminou a cabeça d'Agostinho, a cabeça de Chrysostomo e poucas mais no mundo...

De Vieira sim, d'este grande tribuno religioso se póde dizer, segundo um proverbio antigo, que realisou e synthetisou o ideal do perfeito orador! Só os oradores d'esta raça ficam; os outros, rhetoricos ou sophistas, não sobrevivem aos embustes e ás ficções da sua má fé e alguns... estão já mortos quando fallam!

*

* *

A critica dos mais eminentes litteratos portuguezes, desfiada sobre a obra oratoria do padre Antonio

Vieira, verte os mais subidos louvores, estua nos fremitos da mais nobre admiração, apreciando, commentando, rubricando e notulando todas as exhuberantes bellezas e louçanias do estylo, da côr, da fórma, da propriedade, da sobriedade, da polidez, da grandiosa estructura e da incomparavel vernaculidade dos Sermões do illustre padre, do insignissimo orador.

Ouçamos algumas notas d'esse concerto harmonioso de vozes laudatorias, de pregões solemnes de louvores.

«O padre Antonio Vieira, possuia, (escreve Francisco José Freire, *Candido Luzitano)* em gráu sublime todas as delicadezas, propriedades e energias da sua lingua. E' no sentir commum dos doutos o *classico* mais auctorisado e por isso ninguem duvidou jámais usar de vocabulo, phrase, ou expressão usada nos seus escriptos, exceptuando, apenas, uma ou outra palavra que o uso deu por antiquado. *Seguir sempre em tudo e por tudo o fallar de Vieira* é uma segurissima regra de conseguir não só a pureza, mas o louvôr de ter todo o conhecimento das subtilezas do idioma portuguez; porque nenhum outro classico temos que escrevesse tanto e sobre tão diversos assumptos. Quanto ao estylo, pagou o irrecusavel tributo ao seculo em que viveu, e não aconselhariamos ninguem a que o imitasse no que tem de vicioso». [1]

O inclyto bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo, critico abalisadissimo, commenta, tambem:

«Se o uso da nossa lingua se perder, e com ella por acaso acabarem todos os nossos escriptos, que

[1] Francisco José Freire. *Reflexões sobre a lingua portugueza.*

não sejam os escriptos e as obras de Vieira, o portuguez, quer no estylo de prosa, quer no poetico, ainda viverá na sua perfeita indole nativa, na sua riquissima copia e louçania.

Será, talvez, opinião temeraria, mas a minha é que nenhum povo possuiu jámais nas obras de um só homem, tão rico e tão escolhido thesouro da lingua propria, como nós possuimos nas d'este notavel jesuita. Quem as lêr todas com ponderação, talvez que ache depois menos temeridade n'esta opinião. Elle empregou a linguagem culta e publica, e tambem a familiar e domestica; fallou a dos negocios, a da cortezia, a das artes, a dos proverbios, e como tratou tantos e tão diversos assumptos, póde affirmar-se, fóra de hyperbole, que em suas composições a resumiu toda inteira com felicidade singular.

Em pontos de estylo não deve, nem póde ser unico, mas nos de linguagem não receio dizer que sim. Até o que se adquirir na lição de outros se deve apurar e adiantar na d'elle». [1]

Francisco Freire de Carvalho notulou:

«Descobre-se nos seus Sermões um conhecimento vastissimo dos subsidios tanto sagrados como profanos que devem adornar o espirito de quantos aspiram a desempenhar com dignidade e com fructo o subido ministerio de oradores evangelicos. N'elles se deixa vêr uma phrase pura, uma imaginação fecunda em pensamentos novos, variados, vigorosos, energicos, pinturas vivas, descripções brilhantes, posto que muitas vezes todo este apparato de riqueza oratoria seja empregado em subtilizar e provar com pouco acerto,

[1] D. Francisco Alexandre Lobo. *Discurso Critico.*

em sustentar e engrandecer uma maneira de pensar que lhe é particularissima e na qual imita o corruptor da eloquencia romana, o philosopho Seneca; d'onde resulta que, devendo o padre Antonio Vieira ser havido por um dos mais perfeitos mestres da pura e bella locução portugueza, não assim deve ser acolhido ás cegas, e sem grande critica, para modelo de sã e verdadeira eloquencia».

Ouçamos, agora, Latino Coelho, o academico primoroso, *um estylo á busca d'um assumpto*, como alguem o definiu:

«O padre Antonio Vieira apparece como figura principal em todas as occasiões e em todos os logares, em que se pede contra a arrogancia castelhana um coração verdadeiramente portuguez, um espirito fertil e inventivo, um animo aventuroso e resoluto e um conselho prudente e moderado.

Quasi que não subiu uma só vez ao pulpito, que não aproveitasse aquella só tribuna dos seus tempos para vindicar os fóros dos humildes e para doirar, nas apparencias da homilia, a objurgação politica e a vehemente imprecação contra os que, por ambições e desacertos, arriscavam a honra d'este reino e devoravam a mais preciosa substancia da nação». [1]

Falle, agora, Camillo Castello Branco, o grande mestre contemporaneo da lingua portugueza, o celsissimo litterato:

«Ninguem reuniu em tão poucas paginas tantas palavras rubricadas pelos mestres que o precederam. As

[1] Latino Coelho. *Elogios Academicos.*

opulencias, que Vieira additou á prosodia, constituiriam o idioma portuguez no alto ponto das linguas mais ricas, se já então houvessemos entrado em communhão de sciencias com a Europa, e tivessemos adaptado á nossa indole glottica os termos facultativos. O seu modo de adjectivar é irreprehensivel; a propriedade do epitheto é n'elle tão original que não a podemos derivar de Camões nem de Barros. Esplende-lhe do genio; bafejava-lhe a ironia, o sarcasmo, o que quer que fosse de mais avançada cultura, em um meio social das mais complicadas paixões». [1]

Falle, agora, o auctorisadissimo Eça de Queiroz, o paciente cinzellador da phrase, o artista perfeitissimo das côres vivas, estonteantes, na proza portugueza:

«A sua existencia foi uma das mais activas e illustres do seu tempo. Grande prégador, grande politico, grande escriptor, missionario, grande colonisador, esteve envolvido nos maiores negocios, tractou com os maiores personagens e trabalhou pelas maiores ideias da sua epocha.

Os seus magnificos Sermões arrebatavam tanto a gente inculta do Brazil, como encantavam em Roma o sabio e requintado mundo dos Prelados romanos. A sua fama estendeu-se por toda a Europa.

Depois de ser confidente dos reis e dos papas, de ter conhecido as grandezas do mundo e as do alto saber, morreu com a pobreza e a simplicidade de um mystico, na capital da Bahia». [2]

---

[1] Camillo Castello Branco. *Continuação do Curso de Litteratura de Andrade Ferreira.*

[2] *Almanack Encyclopedico,* 1897.

E seria interminavel a ode laudatoria entoada em Portugal, Hespanha, França, Italia, Brazil, em honra do insignissimo padre Vieira, se tentassemos repetir todas as suas estrophes.

Papas e bispos, publicistas e litteratos, reis e rainhas, nobres e plebeus, poetas, historiadores, lexicographos, sabios, todos, todos dedilham a lyra dos louvores, attestam altisonantemente os extraordinarios dotes d'intelligencia e de coração do grande Vieira, homem eminentissimo e perfeitissimo em toda a sua extraordinaria vida de orador, estadista, diplomata, missionario, moralista, politico, conselheiro de reis, litterato, theologo e religioso.

As suas obras e, principalmente, os seus Sermões immortaes, apesar do proprio Vieira dizer que *sem a voz que os animava ainda resuscitados eram cadaveres* [1] mereceram as honras de serem traduzidos em diversas linguas européas em varias epochas. Em Hespanha, em Italia, na França, na Allemanha, multiplicaram-se as traducções dos Sermões do grande orador — *o primeiro dos nossos classicos* — segundo Candido Luzitano [2] — *o homem em quem morava o Genio* — como o define o nosso glorioso poeta Visconde de Castilho. [3]

Em Hespanha, entre os annos de 1664 até 1715, fizeram-se varias edições dos Sermões de Vieira, havendo competencia entre os impressores de Madrid, Barcelona e Saragoça sobre quem daria a lume traducções mais completas dos Sermões do grande orador portuguez.

---

[1] Sermões. Tomo 1.º *Ao Leitor.*

[2] Francisco José Freire. *Reflexões sobre a lingua portugueza.*

[3] Parallelo entre Vieira e Bernardes. Livrario Classica. Tom. 2.º pag. 284.

Goswino Theodor, o Dr. Schermer e o jesuita Francisco Kaulen enriqueceram a Allemanha com traducções de Vieira, sendo as tres ultimas edições posteriores a 1840. [1] Em Italia, além da traducção dos padres Adami, Bonnucci e Mamiani della Rovere, [2] publicaram-se edições de Vieira em Roma (1663-1699), Veneza (1673; 1690; 1697) e Napoles (1688). Colonia apresentou tres edições latinas, em cinco volumes cada uma, nos annos de 1692, 1708 e 1727. [3] Os PP. Leopoldo Fuess e Thiago Boschio deixaram-nos outra traducção latina; e em Vienna d'Austria publicaram-se, egualmente, na lingua de Cicero os Sermões do Rosario e um volume de sermões varios.

Registrem-se, porém, um a um, na série dos seculos todos os elogios em honra do insignissimo Vieira, tecidos pelas mais eminentes individualidades religiosas, litterarias, sociaes.

Do Papa Clemente X:

«Religionis zelus, sacrarum litterarum scientia, vitæ et morum honestas, aliaque laudabilia probitatis et virtutum merita, super quibus apud Nos fide digno commendaris testimonio». [4]

De el-rei D. João IV:

«Tive contentamento de saber, que nem o mar, nem o ruim tempo, nem a pouca saude, com que

---

[1] A edição de Regensburg, concluida em 1872, abrange 12 volumes.

[2] Vem citada sem mais indicações na *Bibliotheca* de Backer e Sommervogel.

[3] E' a traducção latina feita pelos Cartuxos de Colonia, dos cinco primeiros tomos da edição antiga.

[4] Breve de 17 de Abril de 1675.

partistes, vos foi impedimento á jornada: Sempre o gosto de vos occupardes em meu serviço foi o melhor remedio para vossos achaques... Não quiz mandar obrar nada, senão depois de vós irdes, vêrdes e pesardes cada um dos particulares de negocio tão grande... esta empreza me teria dado grande cuidado, se a não houvera entregue ao vosso juizo, amor e fidelidade». [1]

Da Rainha D. Luiza de Gusmão:

«Conheço se vos deve muita parte do que na Gentilidade d'essa conquista vae aproveitando na conversão dos Indios a doutrina Christã... Do vosso espirito e devoção fio sereis tão vigilante que não haja um minimo descuido em negocio tão proprio vosso e da salvação das almas». [2]

De el-rei D. Pedro II:

«Em tudo o ajudareis (a elle Antonio Vieira) de maneira que se veja na confiança com que o tratardes e communicardes qual é a estimação que faço de sua pessoa». [3]

«Pareceu-me agradecer-vos o cuidado com que tratães e procuraes o maior bem das almas e as maiores conveniencias do Estado». [4]

Do P. João Paulo Oliva, Geral da Companhia:

«Dou graças a Deus por ter dado á Companhia um homem que póde fallar tão divinamente e que tão divinamente sabe proferir o seu conceito e que todos

---

[1] *Carta sobre o negocio de Napoles*, 1650.
[2] *Carta da Rainha Regente*, de 12 de Maio de 1659.
[3] *Carta para João de Roxas*, 9 de Agosto de 1669.
[4] Carta escripta de Salvaterra aos 6 de Fevereiro de 1692.

confessam que é egualmente maravilhoso assim no que entendemos, como no que não penetramos, mas egualmente veneramos nas suas intelligencias. Isto sirva a V. R. para explicar-lhe a duplicada obrigação que tem de amar com todo o excesso a Deus, que tanto o exaltou sobre os outros». [1]

Do Conde da Ericeira:

«Sujeito em quem concorriam todas as partes necessarias para ser contado pelo maior prégador do seu tempo». [2]

Do Padre André de Barros:

«Proponho ao Mundo um dos maiores homens de Portugal, e proponho a Portugal o maior homem. que em muitas edades elle deu ao Mundo.

Lustre immortal da Companhia de Jesus, a patria lhe deu o titulo de *Grande*, o mundo todo o admirou ainda maior e será seu nome em todos os seculos occupação da fama.

Pae da eloquencia e do magestoso idioma portuguez, honra da patria e em tudo heróe consummado». [3]

De Antonio Telles da Silva:

«Cessem do orador grego e do romano
As glorias immortaes, que a fama canta,
Que outro orador mais alto se levanta
N'outro sol da eloquencia soberano.

---

[1] Carta escripta de Roma — Santo André, — aos 13 de Março de 1675.

[2] *Portugal Restaurado*, t. I, p. 633.

[3] *Vida do Apost. P. Ant. Vieira*, l. I, n. I.

Demosthenes, e Tullio Lusitano
Antonio foi, mas com vantagem tanta,
Quanta leva a doutrina illustre e santa
Aos assumptos politico e profano.

Sol da eloquencia foi no movimento
Com que girou; qual sol á terra escura,
A todo o mundo encheu de luzimento,

E teve, como o sol, esta luz pura
N'uma parte do mundo o nascimento,
N'outra parte do mundo a sepultura». [1]

Do Padre Carlos Casnedi, italiano:

«Incomparabilis Pater Antonius Vieira, vir heroica illimitatæ mentis comprehensione humani intellectus metas longe transcendens; nam præter hoc, quod admirandi ingenii sui acumine singula quæque anatomicet, quod non visas hactenus luces ubique disseminet, quod sit in omni minori et majori facultate versatissimus, quod tenacissimæ adeo memoriæ, ut quidquid in Sanctis Patribus, in Theologis, in historicis sacris et profanis, in græcis et latinis interpretibus et in quocumque scriptore naturalia, politica aut moralia tractante, vel semel dumtaxat legit, semper præ oculis, mente, e manibus habeat, quod in persuadendo efficacissimus, quod in textuum allegatione selectissimus, quod florentissimus in collocutione, quod res rebus non inani amplificet mentis verbositate, præter has, inquam, et alias supremæ mentis excelsas dotes,... etc.». [2]

---

[1] Soneto. — O original está conservado na Torre do Tombo.

[2] *Compend. Clav. Proph.*, pp. 1 e 2 — Ms. in fol.

De varios Prelados seus contemporaneos:

«Prégador, ou S. Paulo ou Vieira». [1]

«A sua eloquencia vence a admiração... Glorioso timbre da nação portugueza». [2]

«Os seus sermões são dignos de ser perpetuados não só para a utilidade universal, mas para singular gloria do reino; pois quando não tivesse produzido mais talentos que os do Padre Antonio Vieira em tudo eminente, estes lhe bastaram para summo credito». [3]

De Antonio Maria Bonucci:

«Ben noto al mondo per il suo singolare ingegno, profunditá di sapere, e destrezza ammirabile in maneggiare le divine Scritture». [4]

Do Padre Gaspar Ribeiro:

«De cada uma das suas virtudes se podia fazer diverso e largo capitulo: e se o mundo as visse no pulpito sem sobrepelliz, seria da opinião, que concebi e conservo, persuadido que entre tantos talentos de espirito e naturaes, o menor no Padre Antonio Vieira era o de prégador». [5]

---

[1] D. Luiz de Souza, Arcebisp. de Braga.
[2] D. Diogo Justiniano, Arcebisp. de Cranganor.
[3] D. Fr. Francisco de Lima, Bispo do Maranhão.
[4] *Istor. del Re Alfonso I*, l. III. c. 10.
[5] Carta.—*Cfr. Barros, Vida.*

De alguns Censores das Obras:

«A melhor censura que se póde dar ás suas obras é e será sempre o seu nome». [1]

«E' entre todos os prégadores o que o sol entre todas as luzes». [2]

«Principe dos prégadores evangelicos, o Grande por antonomasia, mas nunca bastantemente engrandecido». [3]

«Grande homem, que nascendo para ensinar e explicar tudo e a todos, só em si nos fez sempre incomprehensivel». [4]

«Evangelico Prégador, de quem podemos dizer, o que o Grande Baptista de si, que era a voz... Sempre tive ao Padre Antonio Vieira por homem espiritual». [5]

De Diogo Barbosa Machado:

«Da oratoria Ecclesiastica teve o principado, fallando o commum com singularidade, o semelhante sem repetição, o vulgar com novidade, o sublime com clareza e o humilde com decóro; sendo discreto sem affectação, copioso sem redundancia, e tão corrente o estylo como nascido menos da arte, que da natureza.

---

[1] Dr. Fr. Jeronymo de Santiago.
[2] P. Manuel de Sousa, da Congr. do Orat.
[3] Fr. José Pereira de Santana, Consult. do Santo Officio.
[4] Dr. D. João Evangelista, Clerig. Reg.
[5] Padre Bartholomeu do Quental, fundador da Congregação do Oratorio.

Representou com tão viva energia, que eram excusadas as palavras por serem eloquentes as acções. Penetrou com profunda subtileza os mysterios mais occultos da Sagrada Escriptura, que toda leu por diversas vezes, examinando as suas maiores difficuldades com as luzes dos Santos Padres e Sagrados Interpretes, em que foi muito versado, particularmente correndo a cortina aos Oraculos dos prophetas para serem intelligiveis os seus vaticinios.

Em todas as sciencias foi eminente, sendo insigne humanista, consummado rhetorico, e elegante poeta vulgar e latino, subtil philosopho, profundo theologo, sublime escripturario, grande chronologo e completamente douto na Historia Sagrada e profana.

Ornado de tantos dotes, com que copiosamente o enriquecera a divina liberalidade, nunca se descobriu no seu animo o mais leve signal de jactancia, antes recebendo notaveis honras e estimações de muitos principes, assim naturaes como estranhos, não foram poderosas para lhe alterarem a humilde condição do seu genio». [1]

De D. José Barbosa, Clerigo Regular:

«Mestre dos prégadores evangelicos e sempre com uma vida inculpavel e justificada...

Representa na subtileza a um Agostinho, na profundidade a um Tertulliano, na magestade a um Leão, e na suavidade a um Ambrosio ou um Bernardo...

Nascendo em Lisboa e morrendo na Bahia, honrou a uma com o berço, á outra com a sepultura. Ninguem poderá negar que foi o Padre Vieira um

---

[1] *Bibliotheca Luzitana*, t. I.

varão de tão alta esphera que bastou para honrar dois mundos». [1]

De Fray Benito Feijoo:

«Que sermon del Padre Antonio Vieira no es un asombro? Hombre verdadeiramente sin semejante, de quien me atrevera decir lo que Veleyo Paterculo dijo de Homero:

«Neque ante illum quem imitaretur, neque post illum qui eum imitari possit, inventus est». [2]

Do Padre Manuel Bernardes:

«O P. Manuel Bernardes, que o alcançou, e que por sua grande auctoridade, intelligencia e virtude se não póde lançar de suspeito, o cita varias vezes com veneração e louvor d'esta maneira:

a) «segundo disse um discreto».

b) «como discretamente disse o P. Antonio Vieira».

c) «como uma vez ideava um grande prégador». [3]

De Raphael Bluteau:

«Porém tão fóra estou de o poder desculpar, que é forçoso que o torne a arguir de dous crimes: da inveja, que do seu talento toda a Europa tem a Portugal, e da desesperação em que mette os Oradores, de poder imitar o seu estylo». [4]

---

[1] Censura da obra de André de Barros.

[2] *Theatro Critico.*

[3] Pedro José da Fonseca, *no Dico. Port. da Acad. R. das Scienc.*

[4] Raphael Bluteau, Clerigo Regular.

De Francisco de Santa Maria:

«Antonio Vieira, da Companhia de Jesus. Foi baptizado na Freguezia da Sé de Lisboa, na mesma pia, onde o fôra Santo Antonio, cuja lingua e espirito soube imitar, na eloquencia, agudeza, fervor com que expôz a palavra divina, sendo, sem controversia, no seu tempo (e o será nos futuros) a gloria dos Pulpitos, a luz e o mestre dos Prégadores». [1]

De Antonio Franco:

«Pater Antonius Vieira, quem id temporis e sacro suggestu hianti ore ac incredibili plausu audiebant reges, nobilitas, populus...» [2]

De Custodio Jesão Baratta:

«Mestre da eloquencia portugueza, o Venerando Padre Antonio Vieira, a quem todos, ainda extranhos, facilmente dão o renome e epitheto de oraculo dos pulpitos e timbre da elegancia». [3]

De P. Oudin, na Collecção de Niceron:

«Je suis persuadé qu'un lecteur, qui se dépouillera de ses préoccupations, admirera non seulement l'abondance d'érudition, mais aussi cette éloquence vive et brillante, cette imagination prompte et hardie et ce grand nombre de rencontres heureuses qui s'y présentent en foule: aussi bien que cet usage de l'Ecriture si naturel, qu'elle semble presque avoir été faite

---

[1] *Diario Portuguez — Annua Historica*, — 1714.
[2] *Synopsis annalium*, an. 1652.
[3] *Espelho da eloquencia, Prologo.*

pour l'auteur. Il ne pourra aussi refuser son estime à cet air facile et entrant, qui fait voir une même chose en tant de différents jours, que chacun y trouve ce qui lui plait devantage». [1]

De Fr. Matheus da Assumpção:

«Este famigerado Jesuita, tão distincto pelos seus talentos e virtudes, applaudido dentro e fóra de Portugal como perfeito religioso, sabio orador e habil politico...» [2]

De José Ignacio Roquette:

«Foi Antonio Vieira dotado de um engenho subtil e penetrante, de uma imaginação viva e asisada, de uma alma nobre e aspirante a grandes emprezas; qualidades estas, que, sendo cultivadas pela disvelada educação que de seus paes recebeu, se desenvolveram tão promptamente, e se mostraram tão suas, que a mesma subtileza e penetração, que se notava nas respostas e dictos de sua puericia, se admirou na sua decrepitude, com a addição de uma firmeza de memoria, de uma clareza de ideias, e de uma facilidade de expressão que raramente se encontra em a avançada edade em que elle terminou seus dias». [3]

---

[1] *Mémoires pour servir à l'hist. des hom. ill.*, t. XXXVI, p. 289.

[2] *Carta Apologetica*, p. 4 — Lisboa 1818.

[3] Biographia do padre Antonio Vieira, ediç. das Cartas.

De varios lexicographos portuguezes e extrangeiros:

«Vieira (Antonio), celebre prégador e missionario portuguez, nasceu em Lisboa em 1608, morreu na Bahia em 1697.

O padre Vieira era um d'estes prégadores de temperamento singular, de estylo colorido, homem de profundo saber e um dos mais vigorosos espiritos que produziu Portugal.

Versado no estudo das linguas antigas, escrevia em latim com o talento de Erasmo, fallava e escrevia as principaes linguas da Europa, tendo apprendido numerosos idiomas do Brazil. Era, de mais, um historiador exacto, escrupuloso, coisa rara em sua época, e mostrou nas suas cartas politicas sobre as missões do Brazil uma grande elevação de ideias e de sentimentos.

Os seus sermões são, seguramente, n'este genero a collecção mais original que existe. Um d'elles, o que foi pronunciado na Bahia, na egreja d'Ajudá, póde passar por uma obra prima. O Padre Raynal, traduzindo as principaes passagens, diz, com razão, que é o discurso mais extraordinario, que nunca se ouviu n'um pulpito christão.

Perseguido pela Inquisição, que o teve preso cerca de 26 mezes, recebeu do Papa Clemente x uma brilhante reparação e uma distincção talvez unica na historia ecclesiastica». [1]

«Distincto prégador portuguez, e um dos escriptores classicos de nossa lingua. Pertencia á Ordem dos Jesuitas, e foi o mais distincto prégador do seu seculo, merecendo nas differentes côrtes da Europa, os

[1] P. Larousse, *Dicc. Universal*, vol. xv.

applausos de todos os doutos. Manejou a lingua patria com energia e natural propriedade; a sua eloquencia arrebatava e grangeou-lhe os titulos de Cicero catholico e pae da eloquencia portugueza». [1]

«Vieira (Antoine) jésuite et prédicateur portugais, né à Lisbonne en 1608, m. á Bahia en 1697...

Ses discours lui ont merité le surnom de Ciceron lusitanien: il a de la hardiesse, de l'énergie, de la grandeur». [2]

«Vieira, celebre prégador, e, no pensar dos criticos portuguezes, um dos melhores escriptores d'esta nação, nasceu em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1608.

Passou os ultimos annos de sua vida no Collegio da Bahia, occupado em preparar uma edição de seus Sermões.

Seus compatriotas o cognominaram *Cicero Lusitano;* e de facto merece esta honrosa distincção.

A abundancia, a imaginação e as outras qualidades fazem do Padre Vieira um dos primeiros escriptores da sua nação». [3]

«Ses Sermons ont été imprimés à Lisbonne. C'est ce qu'il y a de mieux écrit en Portugais». [4]

«Vieira (Antonio), missionario portuguez, da ordem dos jesuitas, foi nomeado prégador de D. João IV, e encarregado de missões diplomaticas em Paris, Haya, Londres, Roma e Napoles. Consagrou-se posterior-

---

[1] C. de Lacerda, *Dicc. Port.*, p. 1107.

[2] *Dézobry et Bachelet. Dicc. de Biographie et d'Histoire*

[3] *Biographia Universal*, vol. 48 — Pariz, 1827.

[4] F. X. Feller, *Biogr. Univers.*, t. VIII, Pariz, 1856.

mente á conversão dos indios, onde encontrou os maiores obstaculos.

Distinguiu-se sobretudo como prégador, e é considerado como um dos melhores prosadores de Portugal». [1]

De Sebastião da Rocha Pitta:

«O seu talento foi ainda maior que o seu nome, com o qual voou por ambos os hemispherios a fama, levada pela sua penna. Foi em Portugal prégador dos seus augustissimos monarchas e da serenissima rainha da Suecia em Roma, cuja sagrada curia o ouviu com admiração e lhe respondera com o premio de altas dignidades, se a sua religiosa modestia o não obrigara a fugir entre os extrangeiros das honras e logares de que já se livrara entre os naturaes, onde, achando na vida e na posteridade as maiores estimações, são ainda inferiores ás que tem entre as outras nações, andando os seus escriptos traduzidos e venerados por todo o mundo catholico com grande gloria do nome portuguez». [2]

De Ferdinand Denis:

«Il prêcha avec un remarquable talent devant le roi Jean IV, qui le nomma son prédicateur et l'appela dans ses conseils. A partir de ce moment Vieira devient un véritable diplomate. Les memoires qu'il presente, accusent des vues d'une étendue qui aurait fait peut-être renaître les beaux temps du Portugal, si on les avait suivies». *(col, 129)*.

---

[1] Louis Grégoire, *Dicc. de Historia, Biographia e Geographia*, Paris, 1871.

[2] *Hist. da Am. Port.*, Liv. 8. n. 54.

«Bien qu'accablé sous le poids de l'âge, devenu sourd et aveugle, il n'en conserva pas moins jusqu'à sa mort la pureté admirable de son style et la force de son imagination. Vieira passe à bon droit pour un des plus grands prosateurs qu'ait produits le Portugal, si ce n'est peut-être le premier». *(col. 130).* [1]

Do Ex.mo e Rev.mo Snr. Arcebispo de Evora D. Augusto Eduardo Nunes:

«O Padre Vieira, esta figura colossal, cuja vida, tão activa como diuturna, tão fecunda como longa, enche, a bem dizer, o seculo XVII, este gigante da tribuna sagrada, este rei da prosa portugueza, este grande homem, que serviu assignaladamente ao seu Deus e ao seu paiz com o brilho da sua palavra de luz e com a energia da sua acção de fogo, nem sempre, nem por todos, tem sido apreciado como merece; tem ás vezes sido julgado com desfavor iniquo, e deprimido por censores apaixonados. Era tempo de se lhe fazer justiça. Era de razão que esta solemnidade simples mas sincera enaltecesse o pedestal e aureolasse a fronte magestosa do primeiro orador sagrado, do primeiro epistolographo, do primeiro mestre da lingua, do primeiro classico, que foi simultaneamente um dos mais habeis diplomatas, um dos melhores cidadãos, um dos mais virtuosos sacerdotes, um dos mais ardentes conquistadores d'almas, um dos mais nobres caracteres, uma das maiores almas, e — para dizer tudo em menos palavras, valendo-me das que lhe applica um critico insuspeito de favor — «um dos varões mais beneméritos da nossa patria». [2]

---

[1] *La Nouvelle Biographie Générale de Hoeper* — t. XLVI.

[2] *O Padre Antonio Vieira,* discurso, etc., p. 11. — Lisboa Minerva Central, 1898.

De J. Brucker:

«Aucun philanthrope moderne n'a égalé Antonio Vieira par le zéle et l'éloquence en faveur des races inférieures». [1]

Do Dr. E. Carel:

«E'gal à tous ces écrivains par le caractère et le génie, Antoine Vieira leur est supérieur par l'universalité de ses puissantes aptitudes. La grandeur et l'extrême variété de ses actions jettent un vif éclat sur le dix-septième siècle qu'il remplit tout entier». (p. IV).

«La vie de cet illustre Portugais offre plus qu'un intérêt littéraire: elle nous donne le spectacle du génie et d'un grand caractère au service des plus nobles causes». (p. VIII). [2]

De Nemo:

«O caracter de Vieira era superior ainda ao seu talento. Em tão longa e laboriosa vida não se nos depara uma vileza, um sentimento baixo, uma acção vergonhosa. Abraçou por vocação a vida religiosa e, sem abdicar a legitima liberdade d'espirito, que se manifesta nas incriveis audacias da sua critica, nem amesquinhar a pujança da sua individualidade, soube ser sempre obediente, desprendido da riqueza, irreprehensivel nos costumes, sinceramente crente, fervoroso na piedade, procurando na oração a luz e a força para a intelligencia e para a vontade, soffrendo com resignação. Experimentou muitas contradicções, teve muitos

[1] *Diction. Apolog. de Jaugey.*

[2] *Vieira, sa vie et ses Œuvres*, Paris, Gaume, 1879.

inimigos; nunca se mostrou vingativo, nem rancoroso, embora sentisse como ninguem os aggravos que lhe eram feitos». [1]

Ds Rebello da Silva:

«O idioma patrio tornou-se em suas mãos um instrumento docil, poderoso, irresistivel». [2]

De Innocencio Francisco da Silva:

«Homem eminente, que na longa carreira de quasi um seculo deu á patria no velho e no novo mundo provas irrecusaveis de vastissimo talento, não menos que de applicação estudiosa, e de subtil penetração nos negocios mais arduos da monarchia. Admirado no retiro do seu cubiculo, applaudido nos pulpitos ouvido e consultado nos gabinetes dos soberanos, em tempos de maior perigo, legou por fim á posteridade, apesar de emulos e detractores, um nome imperecivel». [3]

De Crétineau Joly:

«Théologien, poète, orateur, philosophe, historien, il unissait à tous les dons de l'esprit la force de la volonté et l'énergie de l'intelligence». [4]

De João Francisco Lisboa:

«Homem singular e extraordinario, escriptor eloquente e soberbamente inspirado, e grande orador,

---

[1] *Noticia Biographica — Trechos Selectos*, p. LXV.
[2] *Varões illustres.*
[3] *Archivo Pittoresco*, 1868.
[4] *Hist. de la C. de J., t. IV, ch. II*, p. 106, (*édit.* 1859).

esse insigne Antonio Vieira tanto deve viver hoje pelos seus escriptos, como outr'ora viveu pelas suas palavras e façanhas.

«A uma noticia vasta, immensa e quasi universal de todas as sciencias, reunia Vieira a novidade e agudeza, propria do seu engenho, com que tratava e desenvolvia as materias; a facilidade, pureza, cópia e energia da linguagem, não menos que a efficacia e nobreza da declamação e do gesto, em que era singularmente ajudado pelos dotes corporaes». [1]

Do Rev.mo Snr. Elpidio Tapyranga:

«Após os Nobregas e Anchietas, que encetaram a mais trabalhosa campanha contra os abusos de exploradores, d'onde se originaram contra elles calumniosas aggressões; destaca-se nos capitulos da historia de nossa colonisação o vulto ingente do padre Antonio Vieira, o catechista de toda a região do norte, propugnador corajoso da liberdade dos pobres indios domesticados, reduzidos á vilania da escravidão por aventureiros gananciosos e desnaturados». [2]

Da poetiza brazileira D. Amelia Rodrigues:

Volvei o olhar áquem do sol que hoje irradia
E contemplae, na tela escura do passado,
O vulto colossal de um homem, levantado
Sobre a montanha altiva e bella da Bahia.

Seu corpo, já curvado ao peso do lidar,
Velha roupeta negra unicamente o cobre;
Ao peito um Crucifixo — a venera mais nobre
Que o serviço do bem póde condecorar.

---

[1] *O P. Ant. Vieira.*

[2] *Conf.* de 15 de Jul. 1897, *ibid.* p. 69.

Movem-se os labios seus ao fluxo impetuoso
Da eloquencia christã que pasma as multidões;
A fronte larga e branca, em gesto magestoso,
Tem-na erguida p'ra o céo, bebendo inspirações.

Em torno d'elle, a mata; em cima, o firmamento,
Onde o sol espadana o brilho prateado;
Em redor o gentio, o seu gentio amado,
Que lhe escuta a palavra e apprende o ensinamento.

Que quadro... Estou a vêl-a, essa immortal figura,
Dominando a montanha, augusta e sobranceira,
Como estatua de luz, que a brenha brazileira
Envolve n'uma enorme e esplendida moldura. [1]

Do Padre Antonio Honorati, italiano:

«Chrysostomo e Vieira, estes dois luzeiros da oratoria sagrada, chegaram ao apogeu de seus resplendores vingando os arduos caminhos da virtude, a par e passo que subiam nos da sciencia. Verdadeiros gigantes desde o principio de sua carreira!

Ambos, pelos raros talentos com que a natureza e a graça os enriquecera, oppozeram um peito de bronze á prepotencia dos grandes, por zelo da honra de Deus e em prol de desvalidos; e quanto não soffreram por isto!

E para mais particularisar a eloquencia de ambos, tres qualidades caracteristicas nota Isidoro na de Chrysostomo: a facundia da dição, a belleza das sentenças, a multiplicidade e força dos argumentos. O mesmo louvor merece a eloquencia de Vieira, salvo os gongorismos e outros desprimores de seu tempo.

[1] *Poesia recitada após a Conf.* de 17 de Jul., op. cit. p. 147.

Em seus sermões nota-se dição altamente fecunda, sentenças em grande numero e sôbremodo bellas, argumentos multiplicados e qual d'elles mais poderoso: o seu estylo se conforma com a natureza do assumpto, já sublime, já tenue, já impetuoso, já insinuante, já florido e pomposo». [1]

Do Conselheiro Pereira da Silva:

«Grande orador, eximio litterato, escriptor de agigantado folego, politico, diplomatico, economista, catechisador, religioso activo, o mais audaz conselheiro em alvitres lembrados, e o mais perspicaz nos designios e planos, tal foi o Padre Antonio Vieira.

Foi elle o mais genuino e fiel representante do seu tempo, da politica, da nacionalidade, da lingua e da litteratura de Portugal.

Caracter forte, natureza robusta e vontade firme nunca recuou, nunca se atemorisou diante do perigo, e nunca se desvaneceu no seio da potestade e da grandeza». [2]

De Fausto Barreto e Carlos Laet:

«Foi eximio prégador, notavel epistolographo e auctor de opusculos de menor valia.

Como orador sagrado attinge universal nomeada, e aos Brazileiros sympathicamente se recommenda como propugnador da liberdade dos Indios, e eloquente adversario da invasão hollandeza. Envolvido nos interesses politicos da época, prestou relevantes serviços á sua patria». [3]

---

[1] *O Chrysostomo Portuguez,* Lisboa, 1878.

[2] *Nacionalidade, lingua e litteratura portugueza,* Paris, 1884.

[3] *Anthologia Nacional,* Rio de Janeiro, 1896.

De Antonio Feliciano de Castilho:

«Vieira... achava-as (as galas e louçainhas do estylo); tinha boa mão no affeiçoal-as e uma graça no vestil-as como poucos». [1]

De Pinheiro Chagas:

«Nunca a nossa lingua soou mais bella, opulenta, energica e magestosa, do que na bocca d'este eminente orador. Para elle, o pulpito foi muitas vezes tribuna. As suas orações não excitavam unicamente sentimento religioso; mas, quantas vezes enthusiasmavam, quantas vezes tambem verberavam a corrupção da côrte e os escandalos do governo! Era um poeta e um pensador. O homem que nos sermões sabia casar com um lyrismo inexcedivel de phrase, a alteza do pensamento philosophico, o homem que fazendo vibrar essa lyra de mil cordas que tinha na voz, ora arrancava lagrimas ao auditorio, ora lhe fazia correr nas veias o fremito do patriotismo, da ira sagrada, do nobre enthusiasmo, áquelles que tinha presos da sua palavra colorida, em que se traduziam sublimes ideias, a côrte e o povo, os reis e os pontifices, os nobres e os plebeus, os ignorantes e os sabios»!! [2]

De Thomaz Ribeiro:

«Quem appareceu n'aquella época mais patriota, mais trabalhador, que mais se multiplicasse em serviços de toda a especie e em toda a parte do que o Padre Vieira?

---

[1] *Parallelo entre Vieira e Bernardes.*

[2] *Portuguezes illustres.*

Cumpro um dever exaltando a memoria de Vieira, portuguez de lei e servidor da sua patria, como poucos». [1]

De Alves Mendes:

«*Grande Padre!* chamavam os innocentes indios do Brazil ao seu generoso mestre; e, tão grande, que, até hoje, em terras portuguezas, nenhum outro se lhe avantajou na universalidade da grandeza. Eu confesso abertamente que, ao lêr a historia patria, nunca vi passar ante meus olhos, um vulto mais enormemente grande. Que orador! que escriptor! que diplomata! que sabio! que apostolo!

Como orador, deve medir-se pela estatura de Demosthenes, pela pujança de Cicero, pela envergadura de Chrysostomo e pela magestade de Bossuet; a não ser que, na erudição phenomenal e no engenho subtilissimo e fertilissimo, ganhe sobr'excellencia a todos quatro. Accresce, que nunca recebeu sombra de reconhecimento ou um real pelos seus sermões, e, dos estampados, outros gosaram o proveito.

Como escriptor, é indubitavelmente o nosso primeiro classico, representando e resumindo com Luiz de Camões a maxima gloria litteraria de Portugal...» [2]

De Senna Freitas:

«Glorioso sacerdote, exemplo sublime de genio, de talento, de saber, de zelo, de dedicação, de actividade e de patriotismo, qualidades que sobrenadam e resistem atravez a Historia.

---

[1] *Correio da Europa*, Julho, 1897.
[2] *Correio Nacional*, Lisboa, 1897.

Quando parecer que a memoria do grande Vieira desceu novamente á obscuridade e ao esquecimento, vel-a-hemos dentro em pouco reapparecer triumphante e ainda mais pujante de vida, no apreço universal do seu nome, na reedição de suas obras, verdadeiras joias litterarias, na sua leitura muito mais assidua, no culto mais positivo e na imitação d'essa lingua que elle fixou, que elle crystalisou na perfeição, que elle manejou com tanta clareza, riqueza e magestade». [1]

---

[1] Lisboa, 1897.

Nota final—O revisor tem por dever declarar que todas estas citações as transcreveu, fielmente, da erudita obra *Vieira Prégador*, vol. I, do erudito commentador de Vieira Padre Luiz Gonzaga do Valle Coelho Pereira Cabral. Porto, 1901.

DOS EDITORES

E' com intimo desvanecimento que encetamos a publicação completa de todos os Sermões de Vieira, crentes em que prestamos assignalado serviço ás lettras patrias, a todos quantos prégam, lêem, estudam e cultivam a nossa explendida litteratura classica; é com legitimo orgulho que nós, continuando honrosamente as nobres tradições da nossa casa editora, vamos levantar um padrão immorredoiro, vamos soerguer no templo da gloria immortal um plintho dominante onde se firmará a gloriosa figura do Padre Antonio Vieira, alicerçada eternamente sobre a cariatide indestructivel dos seus Sermões. Estamos certos, bem seguros de que todos os espiritos cultos da nossa patria e do cultissimo Brazil, onde a nossa lingua explende e se enriquece, dia a dia, em fórmas e scintillações novas, hão-de acolher com viva sympathia a nossa arrojada iniciativa e hão-de coadjuvar-nos efficazmente na realisação da nossa magnifica empreza.

Promettemos fazer uma edição completa e nitida de todos os Sermões de Vieira, edição que será cotejada com a mais rigorosa attenção e cuidado com

*

a edição primitiva de 1685, revista e publicada sob as vistas do genial orador, excedendo-a, porém, na fórma esthetica, na notulação critica de muitos dos sermões onde mais resplandece a eloquencia e o genio do primacial orador, na ordem liturgica, finalmente, do anno religioso em que vão dispostos, formando volumes regulares e uniformes os Sermões do Advento, Natal, Circumcisão, Epiphania, Quaresma, Paschoa, Pentecostes e *infra annum*, os panegyricos de Nossa Senhora e dos Santos, os gratulatorios, os eucharisticos, os funebres, os politicos, os deprecatorios, os pareneticos, os genethliacos, os prognosticos, os populares, as praticas, as exhortações domesticas, e os quinze sermões que Vieira compôz e consagrou á glorificação de S. Francisco Xavier.

Eis o esboço, o *schema* da nossa empreza, arrojada sem duvida, mas digna da gratidão da nossa patria, da qual bem se póde dizer com orgulho, porque gerara Antonio Vieira, o mesmo que o epico sublime, cantor das glorias portuguezas nas conquistas longinquas do Oriente, dissera e cantara d'outro excelso e preclaro filho de Portugal:

«*Ditosa patria que tal filho teve*».

Padre Antonio Vieira

SUA VIDA

A sua larga biographia escripta pelo jesuita André de Barros e mais tarde pelo eminente Prelado viziense, Francisco Alexandre Lobo, [1] revela bem os variados lances da sua trabalhada e operosa vida de noventa annos.

Nas agencias diplomaticas, nas Missões do Maranhão, na côrte de D. João IV, nos Conselhos da Companhia de Jesus de que foi membro, sobretudo, no pulpito, Vieira é incontestavelmente em Portugal o grande vulto, a figura primacial do seculo XVII.

Filho de Christovam Vieira Ravasco e de D. Maria d'Azevedo, fidalgos de nobre linhagem, nasceu Antonio Vieira em Lisboa, aos 6 de Fevereiro de 1608, sendo baptisado aos 15 do mesmo mez, na Sé metropolitana. Por fins de 1615 partiu elle na companhia de sua familia para a Bahia, correndo grave

---

* Escreveram, ainda, uma vida de Vieira, o distincto escriptor brazileiro João Francisco Lisboa, critico abalisadissimo, parcial todavia em extremo na apreciação do caracter moral do seu biographado e o Padre Carel, francez, que sobre o titulo *Vieira, Sa Vie et ses Œuvres,* esboçou o perfil do genial orador egualando-o a Bossuet.

risco de naufragar nos baixios da Parahyba, aos 20 de Janeiro de 1616, salvando-se quasi milagrosamente. Pouco tempo depois, ainda, teve que luctar contra uma gravissima doença de que escapou, dizem que por um milagre. Foi uma felicidade para a sua patria que elle haveria de illustrar com o seu maravilhoso genio.

No collegio da Companhia de Jesus da Bahia encetou elle os seus estudos litterarios, revelando logo tão singular agudeza d'engenho e tão clara intelligencia que os padres, prevendo o seu extraordinario talento, procuraram attrahil-o ao seu gremio.

Diz o proprio Antonio Vieira que sentiu uma grande vocação para a vida religiosa n'uma tarde de março de 1623, quando estava ouvindo o padre Manoel do Carmo prégar, fazendo uma descripção do inferno. E' bem possivel que effectivamente, sentindo desabrochar em si proprio o talento oratorio, e percebendo que só no pulpito o poderia manifestar de um modo prestigioso, se sentisse arrastado para a carreira que taes triumphos lhe proporcionaria.

O que é certo é que, não querendo seus paes que elle vestisse a roupeta, um bello dia fugiu de casa, e foi-se metter no collegio dos Jesuitas. Seriam estranhos a isso os reverendos padres, mas não era esse o seu costume. Procuravam sempre e procuravam por todos os modos licitos chamar para o seu Instituto as grandes intelligencias e não desperdiçariam de certo a do padre Antonio Vieira. Não houve rogos nem instancias que a familia não empregasse para o dissuadir de vestir a roupeta. Nada conseguiu. Antonio Vieira fez os seus dois annos de Noviciado e professou no dia 6 de Maio de 1625.

Continuou com grande credito os seus estudos, e era tal a reputação que tinha de sabio e avisado, que apenas com 17 annos de edade já era o encarregado

de escrever para Roma em latim as cartas annuaes, e aos 18 annos foi leccionar rhetorica para o collegio de Olinda! Ahi se manifestou brilhantemente o seu engenho, fazendo uns commentarios a Seneca e a Ovidio, commentarios que se perderam, como os que fez tambem, como theologo, a varias passagens da Escriptura.

Mas, apesar dos seus triumphos escolares, o que mais o seduzia era a vida de missionario, e desejou ardentemente que lhe fosse incumbido esse encargo. Não lh'o consentiram os padres jesuitas desejosos de levar ao cabo a cultura d'aquelle grande engenho, e mandaram-n'o estudar desenvolvidamente philosophia e theologia, estudos em que mostrou mais uma vez o que valia o seu immenso talento.

Ordenou-se de sacerdote em 1635, e começou a prégar desde logo revelando os prodigiosos dotes de orador que o distinguiam. Póde dizer-se mesmo que ascendeu logo nos primeiros vôos á sua maior altura, porque foi no principio de 1640 que prégou o seu famoso sermão contra os hollandezes.

As circumstancias eram terriveis. A Bahia já fôra ameaçada pelas armas de Mauricio de Nassau, e os desastres succediam rapidamente aos desastres. Foi então que na cathedral da Bahia se começaram a fazer preces pelo successo das armas portuguezas que tão infelizes andavam. N'um dos dias das preces coube ao padre Antonio Vieira a vêz de prégar. Tomou por texto a seguinte phrase: *Exurge, quare obdormis, Domine?* E, dirigindo-se a Deus, não como supplicante, mas como censor, n'um rapto sublime de patriotismo e de dôr, dirigiu á Providencia essa famosa apostrophe que é um dos trechos mais sublimes da eloquencia sagrada em todos os paizes, essa apostrophe em que a accusa amargamente de ter abandonado os seus fieis portuguezes que pela Fé tantos sacrifi-

cios fizeram, para ir proteger os hereges da Hollanda, que são os seus inimigos.

E, rematando com uma ironia sublime, declara ao Senhor Deus que ha-de ser bem pago d'aquellas complacencias, que da sua tão favorecida Hollanda receberá a condigna recompensa das suas predilecções, que a Hollanda lhe mostrará como ha-de dar-lhe adorações e culto!

Não conhecemos rapto algum de eloquencia que exceda em força e em energia a este admiravel trecho. Devia produzir uma commoção electrica nos ouvintes e pôr-lhes em vibrações a fibra patriotica!

O que se vê, porém, d'esse sermão, pronunciado em principios de 1640, é que já n'esse tempo Antonio Vieira era um orador de primeira ordem, que excedia todos os do seu tempo em todo o mundo, porque ainda não começára a tornar-se notavel Bossuet, o unico que se lhe póde pôr a par.

Pouco tempo depois chegou á Bahia a noticia da restauração de Portugal e da acclamação de D. João IV. Acompanhou o marquez de Montalvão o movimento nacional, e, querendo participar isso para Lisboa, enviou seu filho acompanhado pelos dois jesuitas mais eminentes que então havia na Bahia: o grande prégador padre Antonio Vieira, e o famoso chronista da Companhia de Jesus, padre Simão de Vasconcellos. Tiveram que soffrer, tambem, violenta tempestade, tanto que não poderam, como esperavam, ir aportar a Lisboa, e foram ter a Peniche, praça que era então governada pelo joven conde d'Athouguia. Não foram bem recebidos. Aportaram no dia 28 de Abril, e, assim que em terra constou que vinha a bordo o filho do marquez de Montalvão, alvorotou-se o povo. Déra-se o caso de que a marqueza de Montalvão e os filhos que viviam no continente europeu tinham seguido o partido de Castella, e foram con-

siderados traidores á patria tanto esse filho do marquez de Montalvão, que vinha agora da America, como os dois jesuitas que o acompanhavam. Quiz protegel-os contra a furia do povo o conde d'Athouguia, mas não conseguiu evitar que o padre Antonio Vieira fosse molestado pelo povo, e que o filho do marquez chegasse a ser ferido na cabeça. Foi, mettendo este ultimo na cadeia, que o conde d'Athouguia conseguiu salval-o; o padre Antonio Vieira esse conseguiu partir para Lisboa no dia 30, e n'esse mesmo dia conseguiu fallar a el-rei, que o recebeu com o maximo favor.

Foi no dia 1 de Janeiro de 1642 que o padre Antonio Vieira prégou pela primeira vez em Lisboa na Capella Real. «Se houvermos de dar credito, diz o seu biographo João Francisco Lisboa, ao testemunho unanime de amigos e inimigos, foi verdadeiramente prodigioso o effeito produzido. O orador sabia perfeitamente amoldar-se ao gosto e necessidade do tempo, assim na escolha e preferencia dos assumptos, como nos ornatos do estylo e meneios, se bem a incontestavel superioridade do seu talento corrigisse ou attenuasse em grande parte os vicios mais communs entre os seus contemporaneos. Ou agitasse as grandes questões politicas, como a restauração da independencia nacional, a paz, a guerra, os meios de sustental-a, ou tratasse dos assumptos simplesmente religiosos e moraes mais proprios do seu ministerio, o estylo, ora grave, solemne, alevantado, ora brando e familiar, segundo a occasião, a efficacia e nobreza da declamação e do porte, certa novidade no modo de oppôr e argumentar que trazia o cunho particular do seu engenho, a facilidade, pureza, copia e energia da linguagem, tudo lhe attrahia e avassallava a multidão, para conter a qual eram ordinariamente insufficientes os templos mais vastos».

«Foi louvado, applaudido, seguido de todos, cultos e incultos, diz o bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo. A estes ultimos enlevava a clareza, o tom pelo commum decentemente familiar, o sal ás vezes bem picante, a efficaz intimativa de Vieira: os mais instruidos admiravam com applauso a noticia vasta das Escripturas, a sua applicação nimiamente engenhosa, a subtileza de grande parte dos argumentos e a argucia de todos, a finura dos conceitos, a muita agudeza dos pontos e brincos pueris, com que se deleitavam até os melhores ouvidos d'aquella edade. As pessoas mais dadas á piedade e devoção não se cançavam de lhe ouvir propôr a moral mais rigida e desenganada, com uma força de convicção, com um ar de naturalidade grave, a que só as paixões obstinadas podiam fazer resistencia. Lisboa inteira corria a ouvil-o; anticipavam-se muito ás horas; enchiam-se a não poder mais os templos de maior capacidade; e os ouvintes sahiam por fim, uns commovidos, outros satisfeitos e todos admirados do engenho, e do saber e espirito do prégador».

O padre André de Barros allude a estas magnificas scenas na sua biographia de Vieira, do *grande Padre*, como lhe chamavam no Brazil os Indios incultos e boçaes.

«Correu fama, escreve André de Barros, e antes de repontar o dia começou a occupar-se o largo terreiro adjacente ao Collegio. Via-se das janellas a multidão e prevendo-se as consequencias d'ella, celebraram-se as Missas a portas fechadas. Mas, logo que se abriram e entrou a immensa turba, viu-se tomado o amplissimo espaço, impedindo só o respeito o não subirem tambem aos altares. Chegadas as horas de sahir a Missa solemne para o altar-mór, como era grande a multidão de gente, foi difficultoso o passarem com decencia os celebrantes, não sendo me-

nor depois a difficuldade para chegar ao pulpito o esperado orador. Compunha-se o auditorio, além da turba, de todo o genero de pessoas de distincção varia: seculares, ecclesiasticos, religiosos de todas as Ordens».

Acolhido pelo rei como amigo dilecto, exerceu desde logo a maxima influencia na politica do seu tempo. Eram os seus sermões muitas vezes verdadeiros discursos politicos, com que procurava fazer triumphar na opinião as medidas que se pretendiam adoptar; tal é, por exemplo, aquelle seu magnifico sermão de Santo Antonio, prégado quando estavam reunidas as côrtes em Lisboa, para conseguir que todos, nobreza, clero e povo, contribuissem com o pagamento dos impostos para acudir ao perigo geral.

A' luz da historia e da critica illustrada apparece-nos Vieira como o prototypo do patriotismo immaculado. «Antonio Vieira não foi simplesmente o prégador, escreve o distincto litterato contemporaneo Fernandes da Costa: Antonio Vieira não foi simplesmente o prégador, no sentido limitado em que o confinam. A sua palavra usou largamente do direito do pulpito para o exercicio dos seus direitos de cidadão, e como o pulpito era a unica tribuna independente que então havia, perante a auctoridade civil, a voz de todos os aggravos populares pôde resoar do alto d'ella, inspirada e aquecida na sua divinal eloquencia, penetrando, até onde lhe podia ser dado, os ouvidos e os corações d'aquelles que então regiam o mundo.

«E essa voz repercute-se, ha mais de dois seculos, nas altas espheras da intelligencia portugueza; voz de um passado extincto, não feliz, cortado de attribulações, em que a vacillação das consciencias reflectia, por assim dizer, a vacillação da patria, ainda mal redimida; voz, porém, que ascende n'esses confins indecisos, n'um crescendo glorioso, como um grito de

emancipação, como um canto de victoria e de triumpho. Pela bocca de Vieira é Portugal quem falla, Portugal que, durante sessenta annos, estivera mudo!

«Em Vieira, note-se bem isto, encontra-se affirmada, como em mais ninguem, como em mais parte nenhuma, a não ser nos peitos dos immortaes conjurados de 1640, a robustissima vitalidade da nossa raça altiva e gloriosa. Trinta e dois annos, os primeiros da vida, e quasi metade, portanto, da mediana duração provavel d'esta, viveu Antonio Vieira na patria captiva do dominio hespanhol. Em torno d'elle quantas subserviencias, quanta transigencia abjecta, quantas resignações venaes de portuguezes corruptos! Até do uso da propria linguagem abdicaram muitos! Para tantos e tantos se havia tornado o castelhano a lingua commum!

«E, no emtanto, Vieira não só conserva, mas depura ainda, no crysol do seu incorruptivel amor patrio, as excellencias da genuina linguagem nacional, e é no mais perfeito, no mais puro, no mais correcto e imperecivel portuguez, que elle cinzela para a posteridade, o bronze eterno e o alabastro immaculado dos seus discursos».

«Foi tal o enthusiasmo, commenta outro illustre critico de Vieira, excitado n'aquella numerosissima assembleia, pela eloquencia do orador, que não bastando o sagrado do logar para lhe moderar a expansão, romperam em espontaneas acclamações. Não era este o resultado que Vieira ambicionava para os seus sermões; mas, como o brilho da sua eloquencia não era o fogo fatuo de umas galas de emprestimo, mas o fulgôr nativo de um grande genio, menos lhe faltaram ainda aquelles applausos que só deve ambicionar o verdadeiro prégador. No sermão de Sexta-Feira Santa, por exemplo, prégado em S. Luiz do Maranhão, teve de suspender inopinadamente o discurso,

ao chegar a estas palavras: *mas já que as minhas vozes...* N'esse momento succedendo as lagrimas ás palavras, prégador e ouvintes formaram, com um concerto unanime de gemidos, a mais sublime e a mais pathetica das perorações».

Parece que esta sua ingerencia nos negocios publicos, ingerencia em que os seus sentimentos patrioticos tomavam muitas vezes o passo ás suas ideias de jesuita, lhe causou desgostos no seio da Companhia, a ponto que o rei, para o livrar de tribulações, o quiz fazer bispo, regeitando elle a mitra offerecida.

«Que não tinha sua magestade tantas mitras no seu reino, respondeu Vieira, pelas quaes, elle houvesse de trocar a pobre roupeta da Companhia de Jesus; e que se chegasse a ser tão grande a sua desgraça que a Companhia o despedisse, da parte de fóra das suas portas se não apartaria jámais, perseverando em pedir ser outra vez admittido n'ella, senão para religioso, ao menos para servo dos que o eram. Que se nem para servo o quizessem admittir, alli estaria sem mais alimento que o seu pranto, até acabar a vida junto d'aquellas amadas portas dentro das quaes lhe tinha ficado a alma toda».

Mas deixar a politica não o fazia elle, porque tinha para ella uma vocação incontestavel. São admiraveis os seus pareceres a respeito de diversos assumptos, inclusivamente a respeito de assumptos de guerra, sendo a carta em que elle aconselha a guerra defensiva uma das mais sensatas da sua vasta collecção epistolar. A elle se deveu tambem a organisação de uma companhia de commercio, no genero das que tinham feito a gloria e a riqueza da Hollanda, e, ainda que a companhia de commercio portugueza não chegou a ter nunca o mesmo desenvolvimento, comtudo prestou na restauração das nossas colonias relevantes serviços.

N'esta sua campanha a favor da companhia do com-

mercio sustentou Vieira algumas ideias notavelmente arrojadas para o seu tempo e que não contribuiram pouco para a inimizade que a Inquisição lhe votou. Prégou a doutrina da tolerancia com os judeus para que Portugal podesse rehaver a riqueza que se estava accumulando na Hollanda; dizia que a troco da sua participação na companhia do commercio se devia ter com elles a maxima tolerancia, e não o disse só, e não o escreveu simplesmente nos seus livros, mas prégou-o até nos seus sermões.

Em Roma fizeram a tudo isso a maior opposição, e conseguiram que se revogasse um alvará pelo qual se concedia que os bens dos que fizessem parte da companhia do commercio ficassem isentos de confisco, resalvando assim os bens dos christãos novos.

Entretanto, el-rei cada vez mais confiado na vasta intelligencia do padre Vieira, depois de o nomear prégador da sua camara e mestre de seu filho, o principe herdeiro, deliberou, tambem, empregal-o na diplomacia, e mandou-o como seu enviado particular, sem caracter algum official, á França e á Hollanda, em Março de 1646. N'essa primeira viagem tratou Vieira apenas de se informar do que se passava a nosso respeito no seio dos gabinetes francez e hollandez, exercendo uma certa fiscalisação sobre os actos dos ministros, coisa que deu em resultado bastantes queixas e protestos. Na segunda viagem, que foi em 1647, tratou já assumptos importantes em Paris com o cardeal Mazarino e na Haya com os Estados.

Em *Paris* teve elle grandes contendas com o cardeal Mazarino para impedir a realisação de um projecto em que fazia o maximo empenho Mazarino, que era o de casar o principe D. Theodosio com *mademoiselle* de Longueville, vindo para Portugal o principe de Condé, que ficaria regente do reino até o principe D. Theodosio chegar á maioridade, retirando-

se para o Brazil el-rei D. João IV. Esse projecto concorreu muito Antonio Vieira para que se dissipasse.

Em Amsterdam não prestou Antonio Vieira ao seu paiz identicos serviços, porque foi e é essa a grande mácula da vida politica d'este sabio e perspicasissimo varão, ter supposto que Portugal não podia resistir ás forças da Hespanha na Europa, e ás da Hollanda na America, sustentando que era preferivel ceder á Hollanda de vez o que na America se lhe contestava, e se lhe contestava victoriosamente, abandonando ao seu destino aquelles heroicos *rebeldes* de Pernambuco, que sem auxilio da patria, antes renegados por ella, teimavam em querer ser portuguezes!

Francisco de Sousa Coutinho, ministro portuguez na Haya, chegou e de certo de pleno accordo com o padre Antonio Vieira, a assignar em nome do rei de Portugal a cedencia da capitania de Pernambuco aos hollandezes! Foi, allegava elle depois, o unico modo que teve de impedir a sahida de uma esquadra hollandeza, que ia de certo esmagar, debaixo de forças immensamente superiores, a insurreição pernambucana. E' certo, porém, que Antonio Vieira não só n'essa occasião, mas depois em Portugal, e em frequentissimas occasiões, defendeu a todo o transe a ideia da paz com a Hollanda, a troco da cedencia de Pernambuco, escrevendo até um famoso parecer que teve o titulo de *Papel forte*, que lhe deu D. João IV por achar fortissima a sua argumentação. Prevaleceu comtudo a opinião contraria á do rei, e á do seu intelligentissimo conselheiro, ou antes vieram as dilações e demoras da discussão impedir que se fizesse coisa alguma, e entretanto iam correndo em Pernambuco os successos tão prosperos para nós, que, contra vontade do rei, se lhe engastou de novo na corôa aquella joia preciosissima, exemplo talvez sem precedentes na historia universal!

Antonio Vieira nunca pôde resignar-se a confessar abertamente o seu erro e a sua culpa; disse apenas algumas vezes que elle se guiára pelos lumes falliveis da razão, em vez de confiar nos milagres da Providencia.

N'uma carta, porém, que escreveu ao conde da Ericeira, para rectificar alguns pontos que lhe pareceram menos exactos do *Portugal Restaurado*, procura tornar Francisco de Sousa Coutinho exclusivamente responsavel pela politica de transigencia com os Paizes Baixos. Era uma pequena traição. O *Papel forte* bastava para depois demonstrar que o padre Antonio Vieira sempre tivera pouquissima confiança no resultado da lucta com os hollandezes, e que opinava abertamente pela politica da conciliação e da transigencia, á custa dos mais caros interesses de Portugal na America.

Em 1650 partiu o padre Antonio Vieira para uma nova missão diplomatica, e missão de alta importancia, posto que não fôsse de certo das mais patrioticas. Tratava-se de pôr termo á guerra entre Portugal e a Hespanha, por meio do casamento do principe D. Theodosio com uma filha de Philippe IV. Era a reconstituição da união iberica que se planeava assim fazendo-se de Lisboa a capital de toda essa vasta monarchia e ficando assim esse throno na casa de Bragança. Devia Antonio Vieira ir a Roma tratar esse negocio, todo do interesse da dynastia, mas contrario ao interesse nacional, com o embaixador de Hespanha junto da Santa Sé, duque do Infantado, mas ao mesmo tempo era incumbido, tambem, d'uma missão contradictoria, porque o encarregavam de fomentar a revolução de Napoles, que rebentára por esse tempo, e que podia ser uma util diversão para o governo de Portugal.

Resultou d'esta dupla missão o não poder conse-

guir coisa alguma. Os revolucionarios de Napoles queixaram-se de que nada fizera por elles o agente portuguez, e o duque do Infantado, sabedor do que se tramava, fez saber ao Geral dos Jesuitas que se não fizesse sahir immediatamente de Roma o padre Antonio Vieira, teria de dar ordem para que o jesuita portuguez fôsse assassinado! Sahiu, pois, de Roma muito á pressa o padre Antonio Vieira, mallogrando-se-lhe, felizmente para Portugal, a sua nefasta missão.

Encontrou em Lisboa a discordia a arder no seio da familia real. O principe D. Theodosio, discipulo amado dos Jesuitas, e muito especialmente do padre Antonio Vieira, appareceu de subito secretamente no exercito do Alemtejo, coisa em que el-rei seu pae se mostrou muito melindrado, fazendo-o recolher a Lisboa, pouco depois da sua partida. Uma carta que o padre Antonio Vieira escrevera ao principe, dando-lhe conselhos, serviu de base á accusação que lhe fizeram de ter sido elle quem aconselhára ao principe essa expedição que tanto desagradára a el-rei.

Foi de certo essa accusação que modificou bastante as disposições d'el-rei para com o seu favorito, porque o era incontestavelmente e muito o padre Antonio Vieira. Protegeu-o D. João IV, por largo tempo contra os seus inimigos, que não eram poucos.

D'ahi resultou que os seus Superiores lhe ordenaram positivamente que partisse para as missões do Maranhão.

Conseguiu por muito tempo o padre Antonio Vieira illudir essa ordem, e, afinal, chegou a fingir que partia, obtendo que el-rei lhe mandasse ordem positiva para desembarcar e voltar ao Paço, mas, afinal, o rei tambem já trabalhado fortemente pelos inimigos do grande prégador, e aguilhoado talvez pela desconfiança de que fôra elle o conselheiro do principe, não continuou a impedir-lhe a partida, e quando Antonio

Vieira, a 22 de Novembro de 1652, embarcou, esperando encontrar a bordo nova ordem para não sahir, não encontrou coisa alguma, e teve de partir, confessando n'uma carta que de Cabo Verde escreveu ao principe D. Theodosio que estava afflictissimo com a sua *imprevista* partida.

Foi esse o justissimo castigo da sua duplicidade, porque, fingindo sempre que todo o seu desejo era ir servir a causa sagrada da religião catholica, e que só muito constrangido obedecia ás ordens reiteradas de el-rei que não podia passar sem elle, afinal foi victima da sua propria comedia, e teve de partir, ferido cruelmente no seu amor proprio, ao vêr que o rei se desprendera com facilidade dos laços em que elle julgára tel-o perpetuamente preso.

Foi trabalhosa a viagem do padre Antonio Vieira. Teve o navio que arribar a Cabo Verde, onde se demorou algum tempo.

Nos principios de 1653 chegou ao Maranhão, onde foi recebido com muito jubilo, e onde teve logo que luctar, como Superior do Collegio dos Jesuitas, com a má vontade do capitão general e tambem com a má vontade do povo. Defendiam os Jesuitas n'essa occasião uma causa justissima n'aquella capitania brazileira, — a causa da liberdade dos Indios. Queriam os portuguezes residentes no Maranhão conserval-os escravisados; queria o governo emancipal-os; queria emancipal-os tambem a Companhia, e quando se publicou em S. Luiz do Maranhão uma lei mandando restituir á liberdade os Indios captivos, houve em S. Luiz uma verdadeira sublevação, chegando a estar em perigo o collegio da Companhia. Valeu então de muito aos seus confrades e aos povos d'aquella terra a voz prestigiosa e eloquente do padre Antonio Vieira, que muitas vezes, prégando na cathedral, amansou e acalmou as inquietações e turbulencias populares.

Comtudo viu elle bem, porque foi necessario transigir com os que possuissem Indios escravos, que aquelle estado de coisas era insustentavel e que se tornára indispensavel alcançar do governo da metropole as medidas indispensaveis para garantir a liberdade dos Indios. Encarregou-se o padre Antonio Vieira, e com que jubilo bem se póde imaginar! de ir sollicitar em Lisboa essas resoluções e partiu para Portugal, quasi ás escondidas, em Junho de 1654, depois de ter prégado, ainda quasi na vespera, aquelle famoso Sermão de Santo Antonio prégando aos peixes, que é uma das obras primas da sua eloquencia.

Seguiu pois para a Europa, e depois de ter padecido, como sempre lhe acontecia, nas suas viagens maritimas, grandes tempestades, aconteceu-lhe, tambem, cahir nas mãos de um pirata hollandez, que, depois de roubar a embarcação, poz os roubados em terra, na Graciosa, ilha dos Açores. Algum tempo se demorou o padre Antonio Vieira n'esse archipelago, onde foi muito festejado e na ilha de S. Miguel prégou perante um auditorio enthusiasmado o seu admiravel Sermão de Santa Thereza.

Chegou em Novembro de 1654 a Portugal, e encontrou el-rei D. João IV, perigosamente enfermo. Logo, porém, que melhorou, mandou-o el-rei chamar a Salvaterra, onde estava. O padre Vieira expôz-lhe então o assumpto a que vinha, conquistou a sua adhesão, conseguiu que se organisasse uma junta especial de missões, que se tomassem, emfim, as medidas que elle desejava com relação aos Indios e partiu de novo para o Maranhão, em 1655. Seis a sete annos durou a sua permanencia d'esta vez no Maranhão e alli fez maravilhas a sua infatigavel actividade. Estabeleceu missões para o Sul, até na serra Ibiapaba entre os Tobajáras, para o norte entre os Nheengaibas,

visitando-as com frequencia, correndo perigos e supportando as maiores fadigas. [1]

D'esta agreste e fatigantissima missão nos falla o eminentissimo jesuita n'um dos seus Sermões.

O prégador versadissimo e culminantissimo que na Europa assombrára as academias, as universidades,

---

[1] Alludindo n'um magnifico artigo publicado por occasião do Centenario de Vieira, ao apostolico trabalho missionario do grande padre, diz o nosso egregio orador contemporaneo Dr. Antonio Candido: "Se me fôra imposto, diz, fixar-me n'um momento d'esta vida e d'esta obra, eu não elegeria um dos muitos em que este domador omnipotente da exegese biblica e da palavra portugueza accendeu na tribuna as mais brilhantes illuminações da eloquencia, deslumbradoras pelo raciocinio, pelo pensamento, pela pintura feliz em dois traços, pela perfeição estatuaria do discurso, pela força, pela graça e pela abundancia; nem qualquer dos outros em que a penetrante sagacidade de politico e o subtil engenho de negociador lhe deram fóros á mais extremada qualificação que possa caber na historia da diplomacia nacional.

O que eu escolhera, depois de o ter visto e admirado em toda a gloriosa extensão da sua vida, seria o momento em que se devotou, occultamente, ao humillimo, penosissimo exercicio de missionario nos sertões intractaveis da Africa e do Brazil, permanecendo sempre, pela existencia fóra, fiel ao voto da sua primeira mocidade.„

Uma maviosa poetica Brazileira, a Ex.ma Snr.a D. Amelia Rodrigues, cantou em versos lapidares, d'um sabor classico, o desprendimento do nobre missionario nos sertões densos do Brazil. Assim canta o cysne brazileiro:

. . . . . .

Vieira!... eu não te sigo a esteira rutilante
Na culta Europa, em frente ás testas coroadas,
Nem te vou escutar nas cathedras doiradas
De Roma e de Lisboa o verbo triumphante.

as côrtes, a propria Curia, eil-o, agora, perdido entre os sertões invios do Brazil, prégando a Indios boçaes a doutrina do Evangelho de Christo. Quantas difficuldades a vencer?

Seja elle, porém, quem de tudo nos esclareça na sua linguagem incomparavel.

Não quero aquilatar-te o ouro precioso
Da linguagem d'escol na olympica opulencia;
Nem é perante o sol da tua intelligencia
Que eu agora me curvo, ó genio portentoso!

Enumere-te a historia os dotes singulares,
Grandeza colossal em tudo, homem-prodigio;
Vejam-te outros subir das honras ao fastigio;
Eu quero apenas ver-te á sombra dos palmares.

Quero ver-te encurtando o vôo ao pensamento
Para falar de Deus ao incola tupy;
Quero que me deslumbre a luz que sae de ti
N'esse humilde, sublime, heroico abaixamento.

Rei que desce do throno, abraça o vil plebeu,
Ou senta-se de par co'o triste proletario.
Fostes tu, reclamando a cruz de missionario,
P'ra derramar na taba a luz do genio teu.

Meteóro que cae dos rutilos espaços
Dentro de escuro abysmo em que se perde e morre
Caudal que esconde ao sol os seus possantes braços
E no seio da terra a sepultar-se corre,

Foste tu, desprezando o hymno da homenagem
Que te cantava aos pés a fama universal,
Para arriscar o peito á frecha do selvagem
E abrir tambem caminho ao labaro immortal!

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

«Por vezes me aconteceu, diz, estar com o ouvido applicado á bocca do barbaro, e ainda do interprete, sem poder distinguir as syllabas, nem perceber as vogaes, ou consoantes de que se formavam, equivocando-se a mesma lettra com duas ou tres similhantes, ou compondo-se (o que é mais certo) com mistura de todas ellas; umas tão delgadas e subtis, outras tão duras e escabrosas, outras tão interiores e escuras, e mais afogadas na garganta, que pronunciadas na lingua; outras tão curtas e subidas, outras tão estendidas e multiplicadas, que não percebem os ouvidos mais que a confusão, sendo certo em todo o rigor, que as taes linguas não se ouvem, pois se não ouve d'ellas mais que o sonido, e não palavras dearticuladas e humanas, como diz o propheta: *quorum non possis audire sermonem.* [1] De José, ou do povo de Israël no Egypto, diz David, por grande encarecimento de trabalho: *linguam, quam non noverat audivit,* [2] que ouvia a lingua que não entendia. Se é trabalho ouvir a lingua que não entendeis, quanto maior trabalho será haver de entender a lingua que não ouvis? O primeiro trabalho é ouvil-a; o segundo percebel-a; o terceiro reduzil-a a grammatica e a preceitos; o quarto estudal-a; o quinto e não o menor, que obrigou S. Jeronymo a limar os dentes, pronuncial-a. E depois de todos estes trabalhos, ainda não começastes a trabalhar, porque são disposições sómente para o trabalho. Santo Agostinho intentou aprender a lingua grega, e chegando á segunda declinação, em que se declina *(ophis)*, que quer dizer serpente, não foi mais por diante e disse com galantaria: *(ophis) me terruit:* a serpente me metteu tal medo, que me fez

---

[1] *Ezech.*, III, 6.

[2] *Psalm.*, LXXX, 6.

tornar atraz. Pois se a Santo Agostinho, sendo Santo Agostinho, se á aguia dos entendimentos humanos se lhe fez tão difficultoso apprender a lingua grega, que está tão vulgarisada entre os latinos e tão facilitada com mestres, com livros, com artes, com vocabularios e com todos os outros instrumentos de apprender; que serão'as linguas barbaras e barbarissimas de umas gentes, onde nunca houve quem soubesse lêr nem escrever? Que será apprender o uheengaiba, o jurunna, o tapajó, o teremembé, o mamayaná, que só os nomes parece que fazem horror! As lettras dos chinas e dos japões muita difficuldade teem, porque são lettras hieroglyficas, como as dos Egypcios. Mas, emfim, é apprender lingua de gente politica, e estudar por lettra e por papel. Mas haver de arrostar com uma lingua bruta, sem livro, sem mestre, sem guia, e, no meio d'aquella escuridade e dissonancia, haver de cavar os primeiros alicerces, e descobrir os primeiros rudimentos d'ella, distinguir o nome, o verbo, o adverbio, a preposição, o numero, o caso, o tempo, o modo e modos nunca vistos nem imaginados, como de homens, emfim, tão differentes dos outros nas linguas, como nos costumes; não ha duvida que é empreza muito ardua a qualquer entendimento, e muito mais ardua á vontade que não estiver muito sacrificada e muito unida com Deus». [1]

Teve, sobretudo, que soffrer a constante opposição dos portuguezes, que, afinal, sublevando-se, investiram contra os collegios dos padres no Maranhão e no Pará, sendo n'esta ultima cidade preso o proprio padre Antonio Vieira que foi com os seus companheiros remettido para a Europa, aonde chegou nos fins de 1661.

---

[1] *Sermões*, t. v. pag. 337.

Era por essa occasião que terminava a minoridade de D. Affonso VI, e que terminava, tendo sua mãe, a rainha regente, expulsado da côrte os Contis, indignos validos do monarcha. Antonio Vieira foi em todo este assumpto o braço direito da rainha regente, e tão pouco julgava que tinha que receiar do joven soberano que não hesitou, por indicação da rainha mãe, em lhe apresentar no acto em que elle tomava posse do governo, um papel que assignou e em que se lhe faziam advertencias um pouco asperas.

Não contava, porém, Antonio Vieira com o ministro de D. Affonso VI, que em breve se assenhoreou do poder e não consentiu que se tomassem com o soberano que representava, as liberdades que o padre Antonio Vieira entendera dever tomar. A primeira cousa que fez, foi desterral-o para o Porto e depois para Coimbra, quando Vieira já imaginava que seria desterrado para o Brazil ou para Angola. Isto lançou-o completamente na opposição e o padre Antonio Vieira passou a ser um dos que trabalharam mais ardentemente para que triumphasse a conspiração urdida pelo infante D. Pedro contra el-rei seu irmão.

Emquanto, porém, não chegava esse triumpho, Antonio Vieira viu-se desamparado do valimento do governo e esse desamparo em que se encontrou deu largas aos seus inimigos que o não pouparam. Foi então que a inquisição de Coimbra lhe intentou o famoso processo, que terminaria desastrosamente para elle se não fosse a sua immensa popularidade.

«Vieira foi perseguido, diz o seu biographo André de Barros, porque era bom; porque era e tinha sido valido; porque era varão unico em talentos, raro em sabedoria e porque a todos fazia sombra; *e esta foi a culpa das culpas*»! [1]

---

[1] Barros livr., v, pag. 371.

O padre Antonio Vieira havia muito que incorrêra nos odios da inquisição: as suas opiniões bem conhecidas a respeito dos christãos-novos, o seu trato com os herejes da Hollanda não o tinham posto em cheiro de santidade perante o Santo Officio. Umas tendencias extravagantes da sua potente imaginação e do seu subtilissimo espirito, que se comprazia em advinhações, nigromancias, explicações propheticas das Escripturas, aggravaram ainda a sua situação em presença d'esse terrivel tribunal. Os livros que serviram de base ao processo foram: *As Esperanças de Portugal — Quinto Imperio do Mundo*, *A Historia do Futuro* e o preciosissimo manuscripto latino, ainda hoje inedito, *Clavis Prophetarum*, ou *De Regno Christi in terris consummato*, e o padre Antonio Vieira, longe de confessar o erro e de pedir que lh'o desculpassem, quiz á viva força defender o seu livro, as suas explicações e o seu Sebastianismo, porque Antonio Vieira era sebastianista tambem, e foi um dos grandes propagandistas das trovas de Bandarra.

Durou largo tempo o processo, terminando por uma sentença severa que condemnava Antonio Vieira a não tornar a prégar e a conservar-se recluso n'uma casa que para isso lhe destinaram e que foi primeiro um recolhimento, proximo de Coimbra, depois o Noviciado da Cotovia, em Lisboa. Mas tanto isto era perseguição politica, ou resultado da situação politica em que se achava o padre, que apenas se deu a ignobil revolução do palacio que levou o infante D. Pedro ao throno e ao thalamo de D. Affonso VI, Antonio Vieira viu em primeiro logar a sua pena commutada em seis mezes de reclusão e logo depois completamente perdoada.

Não encontrou, comtudo, Antonio Vieira no principe D. Pedro o favor e o valimento que esperava, e por isso vendo que a sentença da Inquisição conti-

nuava a pesar sobre elle com toda a sua influencia, entendeu dever sahir de Lisboa para que fosse esquecendo o seu conflicto com a Inquisição.

Partiu, pois, para Roma, onde foi recebido pelos Jesuitas com as maximas honras e as maiores distincções. Prégou alguns dos seus mais admiraveis sermões na egreja portugueza, e, como muitos personagens dos mais notaveis em Roma lamentavam, que tão notavel orador prégasse n'uma lingua que nem todos entendiam, Antonio Vieira, depois de se habilitar convenientemente, prégou em italiano. Era uma empreza difficil, por prégar em lingua estranha, sobretudo quando um dos principaes meritos do orador era a vernaculidade incomparavel da sua linguagem. Pois foi extraordinario o seu triumpho!

Accoriam a ouvil-o principes, prelados, cardeaes toda a nobreza romana, o povo em tanto concurso que, por muitas vezes, foi preciso guardar com soldados as portas dos templos! O Sermão das Quarenta Horas que ahi prégou em 1673, principalmente, foi um triumpho incomparavel. N'esse maravilhoso Sermão «só purpuras de eminentissimos Cardeaes, escreve o padre André de Barros, se contaram dezenove: coisa ou nunca, ou raramente vista». [1]

Uma das pessoas que mais se deixaram captivar pelo talento assombroso do jesuita portuguez, foi a rainha abdicataria da Suecia, Christina, que residia em Roma, depois de se ter convertido á fé catholica e que instou muito com Antonio Vieira para que elle acceitasse o logar de seu confessor. Antonio Vieira escusou-se, muito lisongeado com o convite, mas do que elle não podia consolar-se, era de não continuar a figurar, como até ahi, na politica. Sollicitou por

---

[1] Barros. Livr. III, pag. 238.

muitas vezes dos seus amigos de Lisboa, que conseguissem do Regente que o incumbisse de algum negocio diplomatico, exactamente como fazia D. João IV. Nada conseguiu. D. Pedro, não sabemos porque, nunca se mostrou affecto ao padre Vieira, apesar d'elle haver trabalhado immenso a seu favor. Voltou-se Vieira então para a rainha de Inglaterra, D. Catharina, que sempre lhe fôra muito affeiçoada, mas D. Catharina estava indignadissima, por causa da revolução do palacio que expulsára do throno D. Affonso VI e, por conseguinte, não podia sympathisar com o papel desempenhado n'essa occasião pelo padre Vieira.

Foi em 1674 que o padre Vieira regressou a Portugal, depois de ter recebido em Roma as mais lisongeiras manifestações de apreço e de enthusiasmo. No seu regresso foi incumbido de tratar em Florença o casamento do herdeiro do grão-ducado de Toscana com a princeza herdeira de Portugal, negocio em que não foi feliz.

Cinco annos passou, ainda, em Portugal, conservando e ampliando cada vez mais a sua reputação de orador sagrado, mas sem tornar a representar na politica o papel brilhante que tanto ambicionava. Resolveu-se, então, a partir para a Bahia; dois annos ainda se demorou comtudo em Lisboa, custando-lhe a arrancar-se da patria e mais, ainda, a perder a esperança de voltar a desempenhar um papel importante no theatro politico de Portugal.

Foi em 1681 a sua partida. Tinha já então 73 annos, e parecia que devia estar cançado da vida agitadissima que levára, mas é certo que apesar dos achaques de que frequentemente se queixava, parecia conservar-se, ainda, em pleno vigor e em pleno viço da mocidade, carteando-se com um grande numero de altos personagens da côrte portugueza, e intervindo em todos os manejos politicos da terra em que vivia.

Era velho costume, que difficilmente conseguiriam desarreigar-lhe do espirito. Demais era seu irmão, Bernardo Vieira Ravasco, Secretario do governo da Bahia, e isso naturalmente o incitava a occupar-se da politica. Fazia mal, comtudo, sabendo que não podia contar com o infante regente D. Pedro, como contára com D. João IV, tanto mais que o governador da Bahia, que chegára pouco tempo depois de Antonio Vieira, era Antonio de Sousa de Menezes, conhecido pela alcunha de *Braço de prata*, homem brutal e violento, que não hesitava diante da gloria do eminente orador.

Deu-se na Bahia um triste caso que foi o assassinio de um funccionario portuguez por um seu inimigo Antonio de Brito que era muito parcial do Secretario Bernardo Vieira Ravasco, e muito protegido pelo padre Antonio Vieira. Resultou d'este incidente irritar-se o governador muito seriamente, e accusar Bernardo Vieira Ravasco de incitador do crime e o padre Antonio Vieira de seu cumplice.

O padre Antonio Vieira teve com Antonio de Sousa de Menezes uma entrevista violenta. Succedia que na Bahia todos estavam a favor do Secretario, seu irmão. Não succedia, porém, o mesmo em Lisboa onde Bernardo Vieira Ravasco foi, inclusivamente, pronunciado.

Partiu para Lisboa o filho do Secretario, Gonçalo Vieira Ravasco, afim de sollicitar justiça d'el-rei, ou antes do Regente. Logo o recebeu D. Pedro, e disse-lhe em formaes palavras, e *ex-abrupto* que estava muito pouco satisfeito com seu tio, porque este lhe descompozera o seu governador.

No momento em que se communicou ao padre Antonio Vieira o que el-rei dissera, teve elle uma syncope, e depois ficou doente. Andava tão costumado ao favor da côrte, e em tão elevado apreço

tinha o valimento dos reis que não se podia conformar com a ideia de ter perdido as boas graças do soberano. Escreveu queixoso a todos os seus amigos da côrte, lamentando o ser tão mal tratado por um soberano, a quem prestára tantos serviços, antes d'elle subir ao throno, e que tanto auxiliára n'esse empenho. Mostrou-se mesmo amargamente resentido, mas era tão invencivelmente cortezão, que, chegando á Bahia a noticia da morte da rainha que fôra mulher dos dois irmãos, e tendo sido convidado Antonio Vieira para prégar o sermão das exequias, annuiu immediatamente. Diz o padre André de Barros, a proposito d'esta fraqueza do grande orador «que as plantas aromaticas quanto mais rescendem tanto mais pisadas são».

Vivia o padre Antonio Vieira n'uma quinta chamada do Tanque a alguma distancia da cidade, quando recebeu de Roma a noticia de que fôra pelo Geral nomeado Visitador da Ordem no Brazil. Teve, então, de se recolher ao collegio da cidade, abandonando a sua presada quinta do Tanque.

Dois annos exerceu elle, segundo o costume, o cargo de Visitador, e depois, já quasi no tumulo, soffreu uma ultima indignidade. Reunindo-se a Congregação para se eleger um dos padres, que devia ir como procurador a Roma, foi accusado o padre Vieira de ter andado sollicitando votos. Deram-lhe como provado o crime e o Superior do collegio não hesitou em reprehender o grande homem, o venerando velho, em presença de todos! Appellou para Roma de tal decisão o padre Antonio Vieira, e Roma deu-lhe razão, mas, quando chegou a resolução final, que dava plenissima satisfação ao grande homem ultrajado, já elle não existia.

O padre Antonio Vieira morreu com perto de 90 annos, na Bahia, no dia 18 de Julho de 1697. Então fizeram-se-lhe na Bahia e em Lisboa as mais

pomposas exequias. Todos conheceram a falta immensa que fazia aquelle vulto gigante, lamentando-o todos, e os que tinham visto até ahi, apenas, o dado enorme vulto aos pequenos defeitos que ensombravam, como pequenas maculas, o sol d'aquelle engenho, prestaram homenagem ao que havia no seu genio de grande e de sublime.

*

* *

Esta simples e singela biographia do grande e illustre Vieira, não póde finalisar d'uma fórma mais digna e honrosa para a memoria do venerando biographado, do que rematando-a com as proprias palavras do jesuita André de Barros. (*Vida do Padre Antonio Vieira*, livr. v, pag. 66), traçando o perfil do homem genial, em estylo elegante e elevado, em vernacula e louçã prosa portugueza:

«Foi o padre Antonio Vieira de não pequena estatura, como se até no corporal quizesse formar a natureza mais que ordinaria habitação áquelle grande espirito. O rosto comprido e magestoso; nariz aquilino; bocca proporcionada; muita barba; o cabello na edade vigorosa preto, todo branco na velhice; a côr morena; os olhos sobre-maneira vivos, que parecia scintillavam.

O seu genio era humanissimo, urbano e cortez; o engenho quasi sem egual; a memoria um real archivo de erudição, tão feliz em tomar como em reter o que lia. A discripção nadava-lhe tão formosa na bocca como é admirada na penna; na conversação não era um só homem, era muitos homens, e por isso dizemos, que era um Vieira, porque é dizer tudo. Se se fallava em sciencias maiores, era doutissimo; se em lettras humanas, historicas, poeticas, mathematicas, era sublime e exquisita a sua erudição; ainda nas ar-

tes mechanicas, na nautica, na sciencia bellica, nos systemas ou dictames politicos, era assombroso.

Se se mettia a conversação em materias mais alegres e divertidas, era tal a viveza e jucundidade, e o enleio em que mettia os corações e os entendimentos, que arrebatava tudo.

Quando esteve no collegio de Coimbra, e nos dias em que se sahia a exercicio para desafogo do trabalho dos estudos, logo ao sahir da porta da cerca para o campo, se escolhia materia sobre que se havia de fallar. Trazia sobre ella o padre Vieira historias, contos e ditos, tão raros e tão varios, e de tão exquisito sal, que os companheiros, sobre não poderem conter a affluencia do riso, julgavam que coisas tão proprias e nascidas para a materia que se propôz, eram extemporaneos partos d'aquelle fecundissimo e agudissimo engenho, não casos succedidos realmente, mas de repente inventados para allivio dos que com elle caminhavam.

Assim foi em tudo admiravel o padre Antonio Vieira, tão exemplar e sério nas virtudes theologicas e moraes, que até na que ensina a moderação ou modo nas recreações, que os gregos chamaram eutrapélia, era eminente.

Foi magnanimo, generoso e forte; de coração sublime e talhado para altas empresas; no adverso constante, no prospero modesto. Foi liberal em gráu heroico, dando logo tudo quanto pessoas grandes da côrte ou parentes do Brazil lhe mandaram. Foi prudente, de profundo juizo, grave, affavel, compassivo, despresador do mundo, e dotado de altos espiritos e elevadas ideias. Emfim, ajuntou n'elle a liberalidade divina prendas e talentos com mão tão larga, que é contado entre aquelles illustres heroes, com que, de seculo em seculo, costuma sahir a Omnipotencia».

Padre Gonçalo Alves.

DEDICATORIA

AO

PRINCIPE D. PEDRO

SENHOR:

A obediencia com que V. A. foi servido mandar-me dar á estampa os meus Sermões, é a que põe aos reaes pés de V. A. esta primeira parte d'elles, tão differentes na materia e logares em que foram recitados, como foi varia e perpetua a peregrinação de minha vida. Se V. A. por sua benignidade e grandeza, se dignar de os passar pelos olhos, entenderei que com a Corôa e Estados d'El-rei, que está no céu, passou tambem a V. A. o agrado com que sua magestade e o principe D. Theodosio (em quanto Deus quiz) os ouviam. Mas porque os affectos se não herdam com os imperios ainda será maior a mercê que receberei da clemencia de V. A. se estas folhas, que offereço cerradas e mudas, se conservarem no mesmo silencio, a que os meus annos me tem reduzido. Então ficará livre a rudeza d'estes discursos da forçosa temeridade com que os exponho á suprema censura do juizo de V. A. tanto mais para temer por sua agudeza e comprehensão, quanto o mundo presente o admira sobre todos os que o passado tem conhecido. Deus nos guarde, e conserve a real pessoa de V. A. por muitos annos, para que nas gloriosas acções de V. A. se desempenhe a nossa esperança do que em tantos dotes da natureza e graça nos está promettendo.

Collegio de Santo Antão, em 21 de julho, de 1677.

ANTONIO VIEIRA.

Prologo do Auctor

Leitor:

Da folha que fica atraz (se a leste) haverás entendido a primeira razão, ou obrigação, porque começo a tirar da sepultura estes meus borrões, que sem a voz que os animava, ainda resuscitados são cadaveres.

A esta obrigação, que chamei primeira, como vassallo, se ajuntou outra tambem primeira, como religioso, que foi a obediencia ao maior de meus Prelados, o reverendissimo P. João Paulo Oliva, Preposito Geral de nossa Companhia. Se conheces a eminencia d'esta grão cabeça pela lição de seus escriptos (como não pódes deixar de a conhecer pela fama, sendo o oraculo do pulpito Vaticano em quatro successivos Pontificados) esta só approvação te bastará para que me comeces a lêr com melhor conceito d'aquelle que formarás depois de lido. Assim lisongea aos paes o amor dos filhos, e assim honram os summamente grandes aos pequenos.

Sobre estas duas razões acrescèntavam outros outras, para mim de menos momento. E não era a menor d'ellas a corrupção com que andam estampados debaixo do meu nome, e traduzidos em differentes linguas muitos Sermões, ou suppostos totalmente, não sendo meus; ou sendo meus na substancia, tomados só de memoria, e por isso informes; ou, finalmente, impressos por copias defeituosas e depravadas, com que em todos ou quasi todos, vieram a ser maiores os erros dos que eu conheci sempre nos proprios originaes.

Este conhecimento (ingenuamente te confesso) foi a total razão, porque nunca me persuadi a sahir á luz com semilhante genero de Escriptura, de que o mundo está tão cheio. Nem me animava a isto (posto que muitos m'o allegassem) o rumo particular, que segui sem outro exemplo, porque só dos que são dignos de imitação se fizeram os exemplares. Se chegar a receber a ultima fórma um livro que tenho ideado com titulo de *Prégador e ouvinte christão*, n'elle verás as regras, não sei se da arte, se do genio, que me guiaram por este novo caminho. Entretanto, se quizeres saber as causas porque me apartei do mais seguido e ordinario, no sermão do *Semen est verbum Dei*, as acharás: o qual por isso se põe em primeiro logar, como prologo dos demais.

Se gostas da affectação e pompa de palavras, e do estylo que chamam culto, não lêas. Quando este estylo mais florescia, nasceram as primeiras verduras do meu (que perdoarás quando as encontrares) mas

valeu-me tanto sempre a clareza, que só porque me entendiam, comecei a ser ouvido; e o começaram tambem a ser os que reconheceram o seu engano, e mal se entendiam a si mesmos.

O nome de *Primeira Parte*, com que sáe este Tomo, promette outras. Se me perguntas quantas serão? Só te póde responder com certeza o Auctor da vida. Se esta durar á proporção da materia, a que se acha nos meus papeis, bastante é a formar doze corpos d'esta mesma, e ainda maior estatura. Em cada um d'elles irei mettendo dois ou tres sermões dos já impressos, restituidos á sua original inteireza: e os que se não reimprimirem entre os demais, suppõe que não são meus.

Os que de presente tens nas mãos (e mais ainda os seguintes) serão todos diversos, e não continuados, esperando tu por ventura, que sahisse com os que chamas Quaresmaes, Santoraes, e Mariaes inteiros, como se usa. Mas o meu intento não é fazer Sermonarios, e estampar os sermões que fiz. Assim como foram prégados ao acaso, e sem ordem, assim t'os offereço. Porque has-de saber que, havendo trinta e sete annos, que as voltas do mundo me arrebataram da minha provincia do Brazil, e me trazem pelas da Europa, nunca pude professar o exercicio de prégador, e muito menos o de prégador ordinario, por não ter logar certo, nem tempo; já applicado a outras occupações em serviço de Deus e da patria, já impedido de minhas frequentes enfermidades, por occasiões das quaes deixei de recitar alguns sermões, não poucos,

que já tinha prevenidos, e tambem, agora, se darão á estampa.

Além d'esta diversidade geral acharás, ainda, n'elles outra maior, pelas diversas occasiões em que os successos extraordinarios da nossa edade, e os das minhas peregrinações por differentes terras e mares, me obrigaram a fallar em publico. E assim uns serão panegyricos, outros gratulatorios, outros apologeticos, outros politicos, outros bellicos, outros nauticos, outros funeraes, outros, totalmente, asceticos; mas todos quanto a materia o permittia (e mais do que em taes casos se costuma) moraes.

O meu primeiro intento era dividir estas materias e reduzil-as a tomos particulares, havendo numero em cada uma para justo volume; mas como seriam necessarios muitos mais dias para esta separação, e para estender e vestir os que estão só em apontamentos; por não dilatar o teu desejo (o qual tanto mais te agradeço, quanto menos m'o deves) irão sahindo diante, e á desfilada, os que estiverem mais promptos. E creio te não será menos grata esta mesma variedade para alternar assim, e allumiar o fastio, que costuma causar a similhança.

Por fim não te quero empenhar com a promessa de outras obras; porque se bem entre o pó das minhas memorias, ou dos meus esquecimentos se acham (como na officina de Vulcano) muitas peças meio forjadas; nem ellas se pódem já bater por falta de forças, e muito menos aperfeiçoar e polir, por estar embotada a lima com o gosto, e gastada com o tempo.

Só sentirei que este me falte para pôr a ultima mão aos quatro livros latinos de *Regno Christi in terris consummato*, por outro nome, *Clavis Prophetarum*, em que se abre nova estrada á facil intelligencia dos Prophetas, e tem sido o maior emprego de meus estudos. Mas porque estes vulgares são mais universaes, o desejo de servir a todos, lhes dá por agora a preferencia.

Se tirares d'elles algum proveito espiritual (que é o que só pretendo) roga-me a Deus pela vida; e se ouvires que sou morto, lê o ultimo sermão d'este livro, [1] para que te desenganes d'ella, e tomarás o conselho que eu tenho tomado. Deus te guarde.

---

[1] Refere-se ao Sermão da Quarta-Feira de Cinza, prégado em Roma, na egreja de Santo Antonio dos Portuguezes, no anno de 1673.

Inscripção da Lapide Commemorativa, collocada no templo do antigo Collegio da Bahia

---

A' MEMORIA DO

PADRE ANTONIO VIEIRA

NASCIDO EM LISBOA EM 6 DE FEVEREIRO DE 1608

FALLECIDO NESTE COLLEGIO EM 18 DE JULHO DE 1697

NO 2.º CENTENARIO DA SUA MORTE

MANDOU COLLOCAR AQUI ESTA LAPIDE

O INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO DA BAHIA

EM 18 DE JULHO DE 1897

SERMÕES

SERMÃO

DA

SEXAGESIMA

Prégado na Capella Real, no Anno de 1655 *

Semen est Verbum Dei.
Luc., VIII.

I

E se quizesse Deus que este tão illustre e tão numeroso auditorio sahisse hoje tão desenganado da prégação, como vem enganado com o prégador! Ouçamos o Evangelho, e ouçamol-o todo, que todo é do caso que me levou e trouxe de tão longe.

Ecce exiit qui seminat, seminare. [1] Diz Christo, que sahiu o prégador evangelico a semear a palavra divina.

Matth., XIII, 3.

* Este sermão magistral, foi prégado por Vieira, no seu regresso das Missões longinquas do Maranhão, na Capella Real, em 1655. O grande orador verbera n'elle os desvarios da linguagem dos prégadores do seu tempo. E' uma das peças mais brilhantes da eloquencia vieirense, onde fica definitivamente traçada a theoria da unidade oratoria que deve resplandecer na prégação apostolica.

As comparações e allegorias que revestem este sermão, resumem os symbolos mais perfeitos, os exemplos mais classicos que até hoje se têm apresentado da alliança que deve existir n'um sermão entre a variedade e a unidade.

Abre este sermão a serie de toda a grandiosa obra oratoria do P.e Vieira, não só porque a particular natureza do seu assumpto assim parece determinal-o, mas, principalmente, porque o proprio Vieira assim o entendeu fazer na primeira publicação dos seus sermões, por elle mesmo revista.

O Revisor.

Bem parece este texto dos livros de Deus. Não só faz menção do semear, mas faz tambem caso de sahir: *Exiit*, porque no dia da messe hão nos de medir a semeadura, e hão nos de contar os passos. O mundo, aos que lavraes com elle, nem vos satisfaz o que dispendeis, nem vos paga o que andaes. Deus não é assim. Para quem lavra com Deus até o sahir é semear, porque tambem das passadas colhe fructo. Entre os semeadores do Evangelho ha uns que sáem a semear, ha outros que semeam sem sahir. Os que sáem a semear, são os que vão prégar á India, á China, ao Japão: os que semeam sem sahir, são os que se contentam com prégar na patria. Todos terão sua razão, mas tudo tem sua conta. Aos que teem a seara em casa, pagar-lhes-hão a semeadura: aos que vão buscar a seara tão longe, hão lhes de medir a semeadura, e hão lhes de contar os passos. Ah dia do juizo! Ah prégadores! Os de cá, achar-vos-heis com mais paço; os de lá, com mais passos: *Exiit seminare.*

Mas d'aqui mesmo vejo que notaes (e me notaes) que diz Christo, que o semeador do Evangelho sahiu, porém não diz que tornou, porque os prégadores evangelicos, os homens que professam prégar e propagar a fé, é bem que sáiam, mas não é bem que tornem. Aquelles animaes de Ezechiel, [1] que tiravam pelo carro triumphal da gloria de Deus, e significavam os prégadores do Evangelho, que propriedades tinham? *Nec revertebantur, cum ambularent:* [2] Uma vez que iam não tornavam. As rédeas porque se governavam era o impeto do espirito, como diz o mesmo texto; mas esse espirito tinha impulsos para os levar, não tinha regresso para os trazer; porque sahir para tornar, melhor é não sahir. Assim arguís com muita razão, e eu tambem assim o digo. Mas pergunto: E se esse semeador evangelico, quando sahiu, achasse o campo tomado; se se armassem contra elle os espinhos; se se levantassem contra elle as pedras, e se lhe fechassem os caminhos, que havia de fazer?

Todos estes contrarios que digo, e todas estas contradicções experimentou o semeador do nosso Evangelho. Começou elle a semear (diz Christo), mas com

[1] *Ezech.*, I, 12.
[2] *S. Greg.*, in *Ezequiel.*

pouca ventura. Uma parte do trigo cahiu entre espinhos, e afogaram-no os espinhos: *Aliud cecidit inter spinas, et simul exortæ spinæ suffocaverunt illud.* Outra parte cahiu sobre pedras, e seccou-se nas pedras por falta de humidade: *Aliud cecidit super petram, et natum aruit, quia non habebat humorem.* Outra parte cahiu no caminho, e pisaram-no os homens e comeram-no as aves: *Aliud cecidit secus viam, et conculcatum est, et volucres cœli comederunt illud.* Ora vêde como todas as creaturas do mundo se armaram contra esta sementeira. Todas as creaturas quantas ha no mundo se reduzem a quatro generos: creaturas racionaes, como os homens: creaturas sensitivas, como os animaes: creaturas vegetativas, como as plantas: creaturas insensiveis, como as pedras: e não ha mais. Faltou alguma d'estas que se não armasse contra o semeador? Nenhuma. A natureza insensivel o perseguiu nas pedras, a vegetativa nos espinhos, a sensitiva nas aves, a racional nos homens. E notae a desgraça do trigo, que onde só podia esperar razão, alli achou maior aggravo. As pedras seccaram-no, os espinhos afogaram-no, as aves comeram-no, e os homens? Pisaram-no: *Conculcatum est. Ah hominibus* (Diz a Glossa). Quando Christo mandou prégar os Apostolos pelo mundo, disse-lhes d'esta maneira: *Euntes in mundum universum, prædicate omni creaturæ:* [1] Ide, e prégae a toda a creatura. Como assim, Senhor? Os animaes não são creaturas? As arvores não são creaturas? As pedras não são creaturas? Pois hão os Apostolos de prégar ás pedras? Hão de prégar aos troncos? Hão de prégar aos animaes? Sim: diz S. Gregorio, depois de Santo Agostinho. Porque como os Apostolos iam prégar a todas as nações do mundo, muitas d'ellas barbaras e incultas, haviam de achar os homens degenerados em todas as especies de creaturas: haviam de achar homens homens, haviam de achar homens brutos, haviam de achar homens troncos, haviam de achar homens pedras. E quando os prégadores evangelicos vão prégar a toda a creatura, que se armem contra elles todas as creaturas? Grande desgraça!

Mas ainda a do semeador do nosso Evangelho não

---

1 *Marc.*, XVI, 15.

foi a maior. A maior é a que se tem experimentado na seara aonde eu fui, e para onde venho. Tudo o que aqui padeceu o trigo, padeceram lá os semeadores. Se bem advertirdes, houve aqui trigo mirrado, trigo afogado, trigo comido, e trigo pisado. Trigo mirrado: *Natum aruit, quia non habebat humorem;* trigo afogado: *Exortæ spinæ suffocaverunt illud;* trigo comido: *Volucres cœli comederunt illud;* trigo pisado: *Conculcatum est.* Tudo isto padeceram os semeadores evangelicos da missão do Maranhão de doze annos a esta parte. Houve missionarios afogados, porque uns se afogaram na bocca do grande rio das Amazonas: houve missionarios comidos, porque a outros comeram os barbaros na ilha dos Aroans: houve missionarios mirrados, porque taes tornaram os da jornada dos Tocantins, mirrados da fome e da doença, onde tal houve, que andando vinte e dois dias perdido nas brenhas, matou sómente a sede com o orvalho que lambia das folhas. Vêde se lhe quadra bem o *Natum aruit, quia non habebat humorem?* E que sobre mirrados, sobre afogados, sobre comidos, ainda se vejam pisados e perseguidos dos homens: *Conculcatum est?* Não me queixo, nem o digo, Senhor, pelos semeadores; só pela seara o digo, só pela seara o sinto. Para os semeadores, isto são glorias: mirrados sim, mas por amor de Vós mirrados: afogados sim, mas por amor de Vós afogados: comidos sim, mas por amor de Vós comidos: pisados e perseguidos sim, mas por amor de Vós perseguidos e pisados.

Agora torna a minha pergunta. E que faria n'este caso, ou que devia fazer o semeador evangelico vendo tão mal logrados seus primeiros trabalhos? Deixaria a lavoura? Desistiria da sementeira? Ficar-se-ia ocioso no campo, só porque tinha lá ido? Parece que não. Mas se tornasse muito depressa a casa a buscar alguns instrumentos com que alimpar a terra das pedras e dos espinhos, seria isto desistir? Seria isto tornar atraz? Não por certo. No mesmo texto de Ezechiel, com que arguistes, temos a prova. Já vimos como dizia o texto, que aquelles animaes da carroça de Deus, quando iam não tornavam: *Nec revertebantur, cùm ambularent.* [1] Lêde agora dois versos

[1] *Ezech.*, I, 12.

mais abaixo, e vereis que diz o mesmo texto, que aquelles animaes tornavam, á similhança de um raio ou corisco: *Ibant, et revertebantur in similitudinem fulguris coruscantis.* [1] Pois se os animaes iam e tornavam, á similhança de um raio, como diz o texto, que quando iam não tornavam? Porque quem vae, e volta como um raio, não torna. Ir, e voltar como raio, não é tornar, é ir por diante. Assim o fez o semeador do nosso Evangelho. Não o desanimou, nem a primeira, nem a segunda, nem a terceira perda: continuou por diante no semear, e foi com tanta felicidade, que n'esta quarta e ultima parte do trigo se restauraram com vantagem as perdas do demais: nasceu, cresceu, espigou, amadureceu, colheu-se, mediu-se, achou-se que por um grão multiplicára cento: *Et fecit fructum centuplum.*

Oh que grandes esperanças me dá esta sementeira! Oh que grande exemplo me dá este semeador! Dá-me grandes esperanças a sementeira, porque ainda que se perderam os primeiros trabalhos, lograr-se-hão os ultimos. Dá-me grande exemplo o semeador, porque depois de perder a primeira, a segunda e a terceira parte do trigo, aproveitou a quarta e ultima, e colheu d'ella muito fructo. Já que se perderam as tres partes da vida, já que uma parte da edade a levaram os espinhos, já que outra parte a levaram as pedras, já que outra parte a levaram os caminhos, e tantos caminhos, esta quarta e ultima parte, este ultimo quartel da vida, porque se perderá tambem? Porque não dará fructo? Porque não terão tambem os annos o que tem o anno? O anno tem tempo para as flôres, e tempo para os fructos. Porque não terá tambem o seu outomno a vida? As flôres, umas cáem, outras seccam, outras murcham, outras leva-as o vento; aquellas poucas que se pegam ao tronco e se convertem em fructo, só essas são as venturosas, só essas são as discretas, só essas são as que duram, só essas são as que aproveitam, só essas são as que sustentam o mundo. Será bem que o mundo morra á fome? Será bem que os ultimos dias se passem em flôres? Não será bem, nem Deus quer que seja, nem ha de ser. Eis aqui porque eu dizia ao principio, que vindes enganados com o prégador. Mas para que possaes ir desenganados com

---

[1] *Ezech.*, I, 12.

o sermão, tratarei n'elle uma materia de grande pezo e importancia. Servirá como de prólogo aos sermões que vos hei de prégar, e aos mais que ouvirdes esta Quaresma.

II

Semen est Verbum Dei.

O trigo que semeou o prégador evangelico, diz Christo, que é a palavra de Deus. Os espinhos, as pedras, o caminho, e a terra boa, em que o trigo cahiu, são os diversos corações dos homens. Os espinhos são os corações embaraçados com cuidados, com riquezas, com delicias; e n'estes afoga-se a palavra de Deus. As pedras são os corações duros e obstinados; e n'estes secca-se a palavra de Deus, e se nasce, não cria raizes. Os caminhos são os corações inquietos e perturbados com a passagem e tropel das coisas do mundo, umas que vão, outras que veem, outras que atravessam, e todas passam; e n'estes é pisada a palavra de Deus, porque ou a desattendem, ou a desprezam. Finalmente, a terra boa são os corações bons, ou os homens de bom coração; e n'estes prende e fructifica a palavra divina, com tanta fecundidade e abundancia, que se colhe cento por um: *Et fructum fecit centuplum.*

Este grande fructificar da palavra de Deus, é o em que reparo hoje; e é uma duvida ou admiração que me traz suspenso e confuso depois que subo ao pulpito. Se a palavra de Deus é tão efficaz e tão poderosa, como vemos tão pouco fructo da palavra de Deus? Diz Christo que a palavra de Deus fructifica cento por um, e já eu me contentára com que fructificasse um por cento. Se com cada cem sermões se convertera e emendára um homem, já o mundo fôra santo. Este argumento de fé, fundado na auctoridade de Christo, se aperta ainda mais na experiencia, comparando os tempos passados com os presentes. Lêde as historias ecclesiasticas, e achal-as-heis todas cheias dos admiraveis effeitos da prégação da palavra de Deus. Tantos peccadores convertidos, tanta mudança de vida, tanta reformação de costumes; os grandes desprezando as riquezas e vaidades do mundo; os reis renunciando os

sceptros e as corôas; as mocidades e as gentilezas mettendo-se pelos desertos e pelas covas; e hoje? Nada d'isto. Nunca na egreja de Deus houve tantas prégações, nem tantos prégadores como hoje. Pois se tanto se semêa a palavra de Deus, como é tão pouco o fructo? Não ha um homem que em um sermão entre em si e se resolva, não ha um moço que se arrependa, não ha um velho que se desengane, que é isto? Assim como Deus não é hoje menos Omnipotente, assim a sua palavra não é hoje menos poderosa, do que d'antes era. Pois se a palavra de Deus é tão poderosa; se a palavra de Deus tem hoje tantos prégadores, porque não vemos hoje nenhum fructo da palavra de Deus? Esta tão grande e tão importante duvida, será a materia do sermão. Quero começar prégando-me a mim. A mim será, e tambem a vós; a mim para aprender a prégar; a vós para que aprendaes a ouvir.

III

Fazer pouco fructo a palavra de Deus no mundo, póde proceder de um de tres principios: ou da parte do prégador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deus. Para uma alma se converter por meio de um sermão ha de haver tres concursos: ha de concorrer o prégador com a doutrina, persuadindo; ha de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo; ha-de concorrer Deus com a graça, alluminando. Para um homem se vêr a si mesmo são necessarias tres coisas: olhos, espelho e luz. Se tem espelho e é cego, não se póde vêr por falta de olhos; se tem espelho e olhos, e é de noite, não se póde vêr por falta de luz. Logo ha mister luz, ha mister espelho, e ha mister olhos. Que coisa é a conversão de uma alma senão entrar um homem dentro em si, e vêr-se a si mesmo? Para esta vista são necessarios olhos, é necessaria luz, e é necessario espelho. O prégador concorre com o espelho, que é a doutrina; Deus concorre com a luz, que é a graça; o homem concorre com os olhos, que é o conhecimento. Ora supposto que a conversão das almas por meio da prégação depende d'estes tres concursos: de Deus, do prégador, e do ouvinte; por qual d'elles havemos de entender que falta? Por parte do ouvinte ou por parte do prégador, ou por parte de Deus?

Primeiramente por parte de Deus não falta, nem póde faltar. Esta proposição é de fé, definida no Concilio Tridentino, e no nosso Evangelho a temos. Do trigo que deitou á terra o semeador, uma parte se logrou, e tres se perderam. E porque se perderam estas tres? A primeira perdeu-se, porque a afogaram os espinhos; a segunda, porque a seccaram as pedras; a terceira, porque a pisaram os homens, e a comeram as aves. Isto é o que diz Christo; mas notae o que não diz. Não diz que parte alguma d'aquelle trigo, se perdesse por causa do sol ou da chuva. A causa porque ordinariamente se perdem as sementeiras, é pela desigualdade e pela intemperança dos tempos, ou porque falta ou sobeja a chuva, ou porque falta ou sobeja o sol. Pois porque não introduz Christo na parabola do Evangelho algum trigo que se perdesse por causa do sol ou da chuva? Porque o sol e a chuva são as influencias da parte do céo, e deixar de fructificar a semente da palavra de Deus, nunca é por falta do céo, sempre é por culpa nossa. Deixará de fructificar a sementeira, ou pelo embaraço dos espinhos, ou pela dureza das pedras, ou pelos descaminhos dos caminhos; mas por falta das influencias do céo, isso nunca é, nem póde ser. Sempre Deus está prompto de sua parte, com o sol para aquentar, e com a chuva para regar; com o sol para allumiar, e com a chuva para amollecer, se os nossos corações quizerem: *Qui solem suum oriri facit super bonos, et malos, et pluit super justos, et injustos.* [1] Se Deus dá o seu sol e a sua chuva aos bons e aos máus; aos máus que se quizerem fazer bons, como a negará? Este ponto é tão claro que não ha para que nos determos em mais prova. *Quid debui facere vineæ meæ, et non feci?* [2] Disse o mesmo Deus por Isaias.

Sendo pois certo que a palavra divina não deixa de fructificar por parte de Deus; segue-se, que ou é por falta do prégador, ou por falta dos ouvintes. Por qual será? Os prégadores deitam a culpa aos ouvintes, mas não é assim. Se fôra por parte dos ouvintes, não fizera a palavra de Deus muito grande fructo, mas não fazer nenhum fructo, e nenhum effeito, não é por

---

[1] *Matth.*, v, 45.
[2] *Isai.*, v, 4.

parte dos ouvintes. Provo. Os ouvintes, ou são máus ou são bons; se são bons, faz n'elles grande fructo a palavra de Deus; se são máus, ainda que não faça n'elles fructo, faz effeito. No Evangelho o temos. O trigo que cahiu nos espinhos, nasceu, mas afogaram-no: *Simul exortæ spinæ suffocaverunt illud.* O trigo que cahiu nas pedras, nasceu tambem; mas seccou-se: *Et natum aruit.* O trigo que cahiu na boa terra, nasceu e fructificou com grande multiplicação: *Et natum fecit fructum centuplum.* De maneira que o trigo que cahiu na boa terra, nasceu e fructificou; o trigo que cahiu na má terra, não fructificou, mas nasceu; porque a palavra de Deus é tão fecunda que nos bons faz muito fructo, e é tão efficaz que nos máus, ainda que não faça fructo, faz effeito; lançada nos espinhos, não fructificou, mas nasceu até nos espinhos; lançada nas pedras, não fructificou, mas nasceu até nas pedras. Os peiores ouvintes que ha na Egreja de Deus, são as pedras e os espinhos. E porque? Os espinhos por agudos, as pedras por duras. Ouvintes de entendimentos agudos, e ouvintes de vontades endurecidas, são os peiores que ha. Os ouvintes de entendimentos agudos são máus ouvintes, porque veem só a ouvir subtilezas, a esperar galanterias, a avaliar pensamentos, e ás vezes tambem a picar a quem os não pica. *Aliud cecidit inter spinas:* O trigo não picou os espinhos, antes os espinhos o picaram a elle: e o mesmo succede cá. Cuidaes que o sermão vos picou a vós, e não é assim; vós sois quem picaes o sermão. Por isto são máus ouvintes os de entendimentos agudos Mas os de vontades endurecidas ainda são peiores, porque um entendimento agudo póde-se ferir pelos mesmos fios, e vencer-se uma agudeza com outra maior; mas contra vontades endurecidas nenhuma coisa aproveita a agudeza, antes damna mais, porque quanto as settas são mais agudas, tanto mais facilmente se despontam na pedra. Oh! Deus nos livre de vontades endurecidas, que ainda são peiores que as pedras. A vara de Moysés abrandou as pedras, e não pôde abrandar uma vontade endurecida: *Percutiens virga bis silicem, et egressæ sunt aquæ largissimæ.* [1] *Induratum est cor*

---

[1] *Num.*, xx, 11.

Pharaonis. [1] E com os ouvintes de entendimentos agudos, e os ouvintes de vontades endurecidas serem os mais rebeldes, é tanta a força da divina palavra, que apesar da agudeza nasce nos espinhos, e apesar da dureza nasce nas pedras. Pudéramos arguir ao lavrador do Evangelho, de não cortar os espinhos, e de não arrancar as pedras antes de semear, mas de industria deixou no campo as pedras e os espinhos, para que se visse a força do que semeava. E' tanta a força da divina palavra, que sem cortar nem despontar espinhos, nasce entre espinhos. E' tanta a força da divina palavra, que sem arrancar nem abrandar pedras, nasce nas pedras. Corações embaraçados como espinhos, corações sêccos e duros como pedras, ouvi a palavra de Deus e tende confiança; tomae exemplo n'essas mesmas pedras, e n'esses espinhos. Esses espinhos e essas pedras agóra resistem ao semeador do céo; mas virá tempo em que essas mesmas pedras o acclamem, e esses mesmos espinhos o coroem. [2] Quando o semeador do céo deixou o campo, sahindo d'este mundo, as pedras se quebraram para lhe fazerem acclamações, e os espinhos se teceram para lhe fazerem corôa. E se a palavra de Deus até dos espinhos e das pedras triumpha; se a palavra de Deus até nas pedras, até nos espinhos nasce; não triumphar dos alvedrios hoje a palavra de Deus, nem nascer nos corações, não é por culpa, nem por indisposição dos ouvintes.

Suppostas estas duas demonstrações; supposto que o fructo e effeitos da palavra de Deus, não fica, nem por parte de Deus, nem por parte dos ouvintes, segue-se por consequencia clara que fica por parte do prégador. E assim é. Sabeis, christãos, porque não faz fructo a palavra de Deus? Por culpa dos prégadores. Sabeis, prégadores, porque não faz fructo a palavra de Deus? Por culpa nossa.

[1] *Exod.*, VII, 13.

[2] Et petræ scissæ sunt (*Matt.*, XXXVII, 51). Coronam de spinis posuerunt super caput ejus (*Ibid.*, 29).

IV

Mas como em um prégador ha tantas qualidades, e em uma prégação tantas leis, e os prégadores pódem ser culpados em todas, em qual consistirá esta culpa? No prégador pódem-se considerar cinco circumstancias: a pessoa, a sciencia, a materia, o estylo, a voz. A pessoa que é, a sciencia que tem, a materia que trata, o estylo que segue, a voz com que falla. Todas estas circumstancias temos no Evangelho. Vamol-as examinando uma por uma, e buscando esta causa.

Será por ventura o não fazer fructo hoje a palavra de Deus, pela circumstancia da pessoa? Será porque antigamente os prégadores eram santos, eram varões apostolicos e exemplares, e hoje os prégadores são eu e outros como eu? Boa razão é esta. A definição do prégador é a vida e o exemplo. Por isso Christo no Evangelho não o comparou ao semeador, senão ao que semêa. Reparae. Não diz Christo: Sahiu a semear o semeador, senão, sahiu a semear o que semêa: *Ecce exiit qui seminat, seminare.* Entre o semeador e o que semêa ha muita differença: Uma coisa é o soldado, e outra coisa o que peleja; uma coisa é o governador, e outra o que governa. Da mesma maneira, uma coisa é o semeador, e outra o que semêa; uma coisa é o prégador, e outra o que prégа. O semeador e o prégador é nome; o que semêa e o que prégа é acção; e as acções são as que dão o ser ao prégador. Ter nome de prégador, ou ser prégador de nome, não importa nada; as acções, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem o mundo. O melhor conceito que o prégador leva ao pulpito, qual cuidaes que é? E' o conceito que de sua vida teem os ouvintes. Antigamente convertia-se o mundo, hoje porque se não converte ninguem? Porque hoje prégam-se palavras e pensamentos, antigamente prégavam-se palavras e obras. Palavras sem obras, são tiro sem bala; atroam, mas não ferem. A funda de David derribou ao gigante, mas não o derribou com o estalo, senão com a pedra: *Infixus est lapis in fronte ejus.* [1] As vozes da harpa de David lançavam fóra os

[1] *1. Reg.*, XVII, 49.

demonios do corpo de Saül, mas não eram vozes pronunciadas com a bocca, eram vozes formadas com a mão: *David tollebat citharam, et percutiebat manu sua.* [1] Por isso Christo comparou o prégador ao semeador. O prégar, que é fallar, faz-se com a bocca; o prégar, que é semear, faz-se com a mão. Para fallar ao vento, bastam palavras; para fallar ao coração, são necessarias obras. Diz o Evangelho, que a palavra de Deus fructificou cento por um. Que quer isto dizer? Quer dizer, que de uma palavra nasceram cem palavras? Não. Quer dizer, que de poucas palavras nasceram muitas obras. Pois palavras que fructificam obras, vêde se pódem ser só palavras? Quiz Deus converter o mundo, e que fez? Mandou ao mundo do seu Filho feito homem. Notae. O Filho de Deus em quanto Deus, é palavra de Deus, não é obra de Deus: *Genitum, non factum.* O Filho de Deus em quanto Deus e Homem, é palavra de Deus e obra de Deus juntamente: *Verbum caro factum est.* [2] De maneira que até de sua palavra desacompanhada de obras, não fiou Deus a conversão dos homens. Na união da palavra de Deus com a maior obra de Deus, consistiu a efficacia da salvação do mundo. Verbo Divino é palavra divina; mas importa pouco que as nossas palavras sejam divinas, se forem desacompanhadas de obras. A razão d'isto é, porque as palavras ouvem-se, as obras vêem-se; as palavras entram pelos ouvidos, as obras entram pelos olhos, e a nossa alma rende-se muito mais pelos olhos que pelos ouvidos. No céo ninguem ha que não ame a Deus, nem possa deixar de o amar. Na terra ha tão poucos que o amem, todos o offendem. Deus não é o mesmo, e tão digno de ser amado no céo como na terra? Pois como no céo obriga e necessita a todos a o amarem, e na terra não? A razão é, porque Deus no céo é Deus visto; Deus na terra é Deus ouvido. No céo entra o conhecimento de Deus á alma pelos olhos: *Videbimus eum sicut est;* [3] na terra entra-lhe o conhecimento de Deus pelos ouvidos: *Fides ex auditu;* [4] e o que entra

---

1 *I. Reg.*, XVI, 23.
2 *Joan.*, I, 14.
3 *Joan.*, III, 2.
4 *Rom.*, X, 16.

pelos ouvidos crê-se, o que entra pelos olhos necessita. Vissem os ouvintes em nós o que nos ouvem a nós, e o abalo e os effeitos do sermão seriam muito outros.

Vae um prégador prégando a Paixão, chega ao pretorio de Pilatos, conta como a Christo o fizeram rei de zombaria, diz que tomaram uma purpura e lh'a puzeram aos hombros, ouve aquillo o auditorio muito attento. Diz que teceram uma corôa de espinhos e que lh'a pregaram na cabeça, ouvem todos com a mesma attenção. Diz mais que lhe ataram as mãos e lhe metteram n'ellas uma canna por sceptro, continua o mesmo silencio e a mesma suspensão nos ouvintes. Corre-se n'este passo uma cortina, apparece a imagem do *Ecce Homo*, eis todos prostrados por terra, eis todos a bater nos peitos, eis as lagrimas, eis os gritos, eis os alaridos, eis as bofetadas, que é isto? Que appareceu de novo n'esta egreja? Tudo o que descobriu aquella cortina, tinha já dito o prégador. Já tinha dito d'aquella purpura, já tinha dito d'aquella corôa e d'aquelles espinhos, já tinha dito d'aquelle sceptro e d'aquella canna. Pois se isto então não fez abalo nenhum, como faz agora tanto? Porque então era *Ecce Homo* ouvido, e agora é *Ecce Homo* visto, a relação do prégador entrava pelos ouvidos, a representação d'aquella figura entra pelos olhos. Sabem, padres prégadores, porque fazem pouco abalo os nossos sermões? Porque não prégamos aos olhos, prégamos só aos ouvidos. Porque convertia o Baptista tantos peccadores? Porque assim como as suas palavras prégavam aos ouvidos, o seu exemplo prégava aos olhos. As palavras do Baptista prégavam penitencia: *Agite pœnitentiam:* [1] Homens, fazei penitencia; e o exemplo clamava: *Ecce Homo:* eis aqui está o homem que é o retrato da penitencia e da aspereza. As palavras do Baptista prégavam jejum, e reprehendiam os regalos e demasias da gula: e o exemplo clamava: *Ecce Homo:* eis aqui está o homem que se sustenta de gafanhotos e mel silvestre. As palavras do Baptista prégavam composição e modestia, e condemnavam a soberba e a vaidade das galas; e o exemplo clamava: *Ecce Homo:* eis aqui está o homem ves-

[1] *Math.*, III, 2.

tido de pelles de camello, com as cordas e cilicio á raiz da carne. As palavras do Baptista prégavam desapegos e retiros do mundo, e fugir das occasiões e dos homens; e o exemplo clamava: *Ecce Homo:* eis aqui o homem que deixou as côrtes e as cidades, e vive n'um deserto e n'uma cova. Se os ouvintes ouvem uma coisa e veem outra, como se hão-de converter? Jacob punha as varas manchadas diante das ovelhas quando concebiam, e d'aqui procedia que os cordeiros nasciam manchados. [1] Se quando os ouvintes percebem os nossos conceitos, teem diante dos olhos as nossas manchas, como hão de conceber virtudes? Se a minha vida é apologia contra a minha doutrina, se as minhas palavras vão já refutadas nas minhas obras, se uma coisa é o semeador, e outra o que semêa, como se ha de fazer fructo?

Muito boa e muito forte razão era esta de não fazer fructo a palavra de Deus; mas tem contra si o exemplo e experiencia de Jonas. [2] Jonas fugitivo de Deus, desobediente, contumaz, e, ainda depois de engulido e vomitado, iracundo, impaciente, pouco caritativo, pouco misericordioso, e mais zeloso e amigo da propria estimação que da honra de Deus e salvação das almas, desejoso de vêr subvertida a Ninive, e de a vêr subverter com seus olhos, havendo n'ella tantos mil innocentes, comtudo este mesmo homem com um sermão converteu o maior rei, a maior côrte, e o maior reino do mundo, e não de homens fieis, senão de gentios idolatras. Outra é logo a causa que buscamos. Qual será?

V

Será por ventura o estylo que hoje se usa nos pulpitos? Um estylo tão empeçado, um estylo tão difficultoso, um estylo tão affectado, um estylo tão encontrado a toda a arte e a toda a natureza? Boa razão é tambem esta. O estylo ha de ser muito facil e muito natural. Por isso Christo comparou o prégar ao semear: *Exiit qui seminat, seminare.* Com-

[1] Factumque est ut oves intuerentur virgas et parerent maculosa. (*Genes.*, xxx, 39).

[2] *Jonæ.*, 1, 2, 3 e 4.

para Christo o prégar ao semear, porque o semear é uma arte que tem mais de natureza que de arte. Nas outras artes tudo é arte; na musica tudo se faz por compasso, na architectura tudo se faz por regra, na arithmetica tudo se faz por conta, na geometria tudo se faz por medida. O semear não é assim. E' uma arte sem arte: cáia onde cahir. Vede como semeava o nosso lavrador do Evangelho. Cahia o trigo nos espinhos e nascia: *Aliud cecidit inter spinas, et simul exortæ spinæ.* Cahia o trigo nas pedras e nascia: *Aliud cecidit super petram, et ortum.* Cahia o trigo na terra boa e nascia: *Aliud cecidit in terram bonam, et natum.* Ia o trigo cahindo e nascendo.

Assim ha de ser o prégar. Hão de cahir as coisas e hão de nascer; tão naturaes que vão cahindo, tão proprias que venham nascendo. Que differente é o estylo violento e tyrannico que hoje se usa? Vêr vir os tristes passos da Escriptura, como quem vem ao martyrio; uns veem acarretados, outros veem arrastados, outros veem estirados, outros veem torcidos, outros veem despedaçados, só atados não veem! Ha tal tyrannia? Então no meio d'isto, que bem levantado está aquillo! Não está a coisa no levantar, está no cahir: *Cecidit.* Notae uma allegoria propria da nossa lingua. O trigo do semeador, ainda que cahiu quatro vezes, só de tres nasceu; para o sermão vir nascom quéda, ha de cahir com cadencia, ha de cahir com quéda, ha de cahir com cadencia, ha de cair com caso. A quéda é para as coisas, a cadencia para as palavras, o caso para a disposição. A quéda é para as coisas, porque hão de vir bem trazidas e em seu logar; hão de ter quéda: a cadencia é para as palavras, porque não hão de ser escabrosas, nem dissonantes, hão de ter cadencia: o caso é para a disposição, porque ha de ser tão natural e tão desaffectada que pareça caso e não estudo: *Cecidit, cecidit, cecidit.*

Já que fallo contra os estylos modernos, quero allegar por mim o estylo do mais antigo prégador que houve no mundo. E qual foi elle? O mais antigo prégador que houve no mundo foi o céo. *Cœli enarrant gloriam Dei, et opera manuum ejus annuntiat firmamentum*, diz David. [1] Supposto que o céo é prégador,

[1] *Psal.*, XVIII, 1.

deve de ter sermões e deve de ter palavras. Sim tem, diz o mesmo David, tem palavras e tem sermões. e mais muito bem ouvidos. *Non sunt loquellæ, nec sermones, quorum non audiantur voces eorum.* [1] E quaes são estes sermões e estas palavras do céo? As palavras são as estrellas, os sermões são a composição, a ordem, a harmonia e o curso d'ellas. Vêde como diz o estylo de prégar do céo, com o estylo que Christo ensinou na terra? Um e outro é semear; a terra semeada de trigo, o céo semeado de estrellas. O prégar ha de ser como quem semêa, e não como quem ladrilha, ou azuleja. Ordenado, mas como as estrellas: *Stellæ manentes in ordine suo.* [2] Todas as estrellas estão por sua ordem; mas é ordem que faz influencia, não é ordem que faça lavor. Não fez Deus o céo em xadrez de estrellas, como os prégadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte está branco, da outra ha de estar negro; se de uma parte está dia, da outra ha de estar noite; se de uma parte dizem luz, da outra hão de dizer sombra; se de uma parte dizem *desceu*, da outra hão dizer *subiu*. Basta que não havemos de vêr n'um sermão duas palavras em paz? Todas hão de estar sempre em fronteira com o seu contrario? Aprendamos do céo o estylo da disposição, e tambem o das palavras. Como hão de ser as palavras? Como as estrellas. As estrellas são muito distinctas e muito claras. Assim ha de ser o estylo da prégação, muito distincto e muito claro. E nem por isso temaes que pareça o estylo baixo; as estrellas são muito distinctas, e muito claras e altissimas. O estylo póde ser muito claro e muito alto; tão claro que o entendam os que não sabem, e tão alto que tenham muito que entender n'elle os que sabem. O rustico acha documentos nas estrellas para sua lavoura, e o mareante para a sua navegação, e o mathematico para as suas observações e para os seus juizos. De maneira que o rustico e o mareante, que não sabem lêr nem escrever, entendem as estrellas, e o mathematico que tem lido quantos escreveram não alcança a entender quanto n'ellas ha.

[1] *Psal.*, XVIII, 4.
[2] *Juizes*, V, 20.

Tal póde ser o sermão: estrellas, que todos as vêem, e muito poucos as medem.

Sim, Padre; porem esse estylo de prégar, não é prégar culto. Mas fosse! Este desventurado estylo que hoje se usa, os que o querem honrar chamam-lhe culto, os que o condemnam chamam-lhe escuro, mas ainda lhe fazem muita honra. O estylo culto não é escuro, é negro, e negro boçal e muito cerrado. E' possivel que somos portuguezes, e havemos de ouvir um prégador em portuguez, e não havemos de intender o que diz? Assim como ha Lexicon para o grego, e Calepino para o latim, assim é necessario haver um vocabulario do pulpito. Eu ao menos o tomára para os nomes proprios, porque os cultos teem desbaptizados os santos, e cada auctor que allegam é um enigma. Assim o disse o Sceptro Penitente, assim o disse o Evangelista Apelles, assim o disse a Aguia de Africa, o Favo de Claraval, a Purpura de Belem, a Bocca de Oiro. Ha tal modo de allegar! O Sceptro Penitente dizem que é David, como se todos os sceptros não foram penitencia: o Evangelista Apelles, que é S. Lucas; o Favo de Claraval, S. Bernardo, a Aguia de Africa, Santo Agostinho: a Purpura de Belem, S. Jeronymo; a Bocca de Oiro, S. Chrysostomo. E quem quitaria ao outro, cuidar que a Purpura de Belem é Herodes, que a Aguia de Africa é Scipião, e que a Bocca de Oiro é Midas? Se houvesse um advogado que allegasse assim a Bartholo e Baldo, havieis de fiar d'elle o vosso pleito? Se houvesse um homem que assim fallasse na conversação, não o havieis de ter por nescio? Pois o que na conversação seria necedade como ha de ser discripção no pulpito?

Boa me parecia tambem esta razão: mas como os cultos pelo polido e estudado se defendem com o grande Nazianzeno, com Ambrozio, com Chrysologo, com Leão; e pelo escuro e duro, com Clemente Alexandrino, com Tertulliano, com Bazilio de Seleucia, com Zeno Veronense, e outros, não podemos negar a reverencia a tamanhos auctores, posto que desejaramos, nos que se prezam de beber d'estes rios, a sua profundidade. Qual será logo a causa de nossa queixa?

VI

Será pela materia ou materias que tomam os prégadores? Usa-se hoje o modo que chamam de apostillar o Evangelho, em que tomam muitas materias, levantam muitos assumptos, e quem levanta muita caça e não segue nenhuma, não é muito que se recolha com as mãos vazias. Boa razão é tambem esta. O sermão ha de ter um só assumpto e uma só materia. Por isso Christo disse, que o lavrador do Evangelho não semeára muitos generos de sementes, senão uma só: *Exiit, qui seminat, seminare semen.* Semeou uma semente só, e não muitas, porque o sermão ha de ter uma só materia, e não muitas materias. Se o lavrador semeára primeiro trigo, e sobre o trigo semeára centeio, e sobre o centeio semeára milho grosso e miudo, e sobre o milho semeára cevada, que havia de nascer? Uma matta brava, uma confusão verde. Eis que o que acontece aos sermões d'este genero. Como semêam tanta variedade, não pódem colher coisa certa. Quem semêa misturas, mal póde colher trigo. Se uma náu fizesse um bordo para o norte, outro para o sul, outro para léste, outro para oeste, como poderia fazer viagem? Por isso nos pulpitos se trabalha tanto, e se navega tão pouco. Um assumpto vae para um vento, outro assumpto vae para outro vento, que se ha de colher senão vento? O Baptista convertia muitos em Judéa, mas quantas materias tomava? Uma só materia: *Parate viam Domini;* [1] a preparação para o reino de Christo. Jonas converteu os Ninivitas, mas quantos assumptos tomou? Um só assumpto: *Adhuc quadraginta dies, et Ninive subvertetur:* [2] a subversão da cidade. De maneira, que Jonas em quarenta dias prégou um só assumpto, e nós queremos prégar quarenta assumptos em uma hora? Por isso não prégamos nenhum. O sermão ha de ser d'uma só côr, ha de ter um só objecto, um só assumpto, uma só materia.

Ha-de tomar o prégador uma só materia, ha-de definil-a para que se conheça, ha-de dividil-a para que

---

[1] *Math.*, III, 3.
[2] *Jonæ.*, III, 4.

se distinga, ha-de proval-a com a Escriptura, ha-de declaral-a com a razão, ha-de confirmal-a com o exemplo, ha-de amplifical-a com as causas, com os effeitos, com as circumstancias, com as conveniencias que se hão-de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, ha-de responder ás duvidas, ha-de satisfazer ás difficuldades, ha-de impugnar e refutar com toda a força da eloquencia os argumentos contrarios, e depois d'isto ha-de colher, ha-de apertar, ha-de concluir, ha-de persuadir, ha-de acabar. Isto é sermão, isto é prégar, e o que não é isto, é fallar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma materia, e continuar e acabar n'ella. Quereis vêr tudo isto com os olhos? Ora vêde. Uma arvore tem raizes, tem troncos, tem ramos, tem folhas, tem varas, tem flôres, tem fructos. Assim ha-de ser o sermão: ha-de ter raizes fortes e solidas, porque ha-de ter um só assumpto e tratar uma só materia. D'este tronco hão-de nascer diversos ramos, que são diversos discursos, mas nascidos da mesma materia, e continuados n'ella. Estes ramos não hão-de ser seccos, senão cobertos de folhas, porque os discursos hão-de ser vestidos e ornados de palavras. Ha-de ter esta arvore varas, que são a reprehensão dos vicios, ha-de ter flôres, que são as sentenças, e por remate de tudo ha-de ter fructos, que é o fructo e o fim a que se ha-de ordenar o sermão. De maneira que ha-de haver fructos, ha-de haver flôres, ha-de haver varas, ha-de haver folhas, ha-de haver ramos, mas tudo nascido e fundado em um só tronco, que é uma só materia. Se tudo são troncos, não é sermão, é madeira. Se tudo são ramos, não é sermão, são ramalhas. Se tudo são folhas, não é sermão, são verças. Se tudo são varas, não é sermão, é feixe. Se tudo são flôres, não é sermão, é ramalhete. Serem tudo fructos, não póde ser; porque não ha fructos sem arvore. Assim que n'esta arvore, a que podemos chamar arvore da vida, ha-de haver o proveitoso do fructo, o formoso das flôres, o rigoroso das varas, o vestido das folhas, o estendido dos ramos, mas tudo isto nascido e formado de um só tronco, e esse não levantado no ar, senão fundado nas raizes do Evangelho: *Seminare semen*. Eis aqui como hão-de ser os sermões, eis aqui como não são. E assim não é muito que se não faça fructo com elles.

Tudo o que tenho dito podera demonstrar largamente, não só com os preceitos dos Aristoteles, dos Tullios, dos Quintilianos, mas com a pratica observada do principe dos oradores evangelicos S. João Chrysostomo, de S. Bazilio Magno, S. Bernardo, S. Cypriano, e com as famosissimas orações de S. Gregorio Nazianzeno, mestre de ambas as Egrejas. E posto que n'estes mesmos Padres, como em Santo Agostinho, S. Gregorio e muitos outros, se acham os Evangelhos apostillados com nomes de sermões e homilias, uma coisa é expôr e outra prégar, uma ensinar e outra persuadir. E d'esta ultima é que eu fallo, com a qual tanto fructo fizeram no mundo Santo Antonio de Padua e S. Vicente Ferrer. Mas nem por isso entendo que seja, ainda, esta a verdadeira causa que busco.

VII

Será, por ventura, a falta de sciencia que ha em muitos prégadores? Muitos prégadores ha que vivem do que não colheram, e semèam o que não trabalharam. Depois da sentença de Adão, a terra não costuma dar fructo, senão a quem come o seu pão com o suor do seu rosto. Boa razão parece tambem esta. O prégador ha-de prégar o seu e não o alheio. Por isso diz Christo que semeou o lavrador do Evangelho o trigo seu: *Semen suum.* Semeou o seu e não o alheio porque o alheio e o furtado não é bom para semear, ainda que o furto seja de sciencia. Comeu Eva o pomo da sciencia, e queixava-me eu antigamente d'esta nossa mãe, já que comeu o pomo, porque lhe não guardou as pevides. Não seria bem que chegasse a nós a arvore, já que nos chegaram os encargos d'ella? Pois porque o não fez assim Eva? Porque o pomo era furtado, e o alheio é bom para comer, mas não é bom para semear; é bom para comer, porque dizem que é saboroso; não é bom para semear, porque não nasce. Alguem terá experimentado que o alheio lhe nasce em casa, mas esteja certo, que se nasce, não ha-de deitar raizes, e o que não tem raizes, não póde dar fructo. Eis aqui porque muitos prégadores não fazem fructo, porque prégam o alheio, e não o seu: *semen suum.* O prégar é entrar em batalha com os vicios; e armas alheias, ainda que sejam as de Achilles, a

ninguem deram victoria. [1] Quando David sahiu á campo com o gigante, offereceu-lhe Saül as suas armas, mas elle não as quiz acceitar. Com armas alheias ninguem póde vencer, ainda que seja David. As armas de Saül só servem a Saül, e as de David a David, e mais aproveita um cajado e uma funda propria, que a espada e a lança alheia. Prégador que peleja com as armas alheias, não hajaes medo que derribe gigante.

Fez Christo aos Apostolos pescadores de homens, [2] que foi ordenal-os de prégadores; e que faziam os Apostolos? Diz o texto que estavam: *Reficientes retia sua:* refazendo as rêdes suas; eram as rêdes dos Apostolos, e não eram alheias. Notae: *Retia sua:* não diz que eram suas porque as compraram, senão que eram suas porque as faziam, não eram suas porque lhes custaram o seu dinheiro, senão porque lhes custavam o seu trabalho. D'esta maneira eram as rêdes suas, e porque d'esta maneira eram suas, por isso eram rêdes de pescadores que haviam de pescar homens. Com rêdes alheias ou feitas por mão alheia, pódem-se pescar peixes, homens não se pódem pescar. A razão d'isto é, porque n'esta pesca de entendimentos, só quem sabe fazer a rêde, sabe fazer o lanço. Como se faz uma rêde? Do fio e do nó se compõe a malha; quem não enfia nem ata, como ha de fazer rêde? E quem não sabe enfiar nem sabe atar, como ha-de pescar homens? A rêde tem chumbada que vae ao fundo, e tem cortiça que náda em cima da agua. A prégação tem umas coisas de mais pezo e de mais fundo, e tem outras mais superficiaes e mais leves, e governar o leve e o pezado, só o sabe fazer quem faz a rêde. Na bocca de quem não faz a prégação, até o chumbo é cortiça. As razões não hão-de ser enxertadas, hão-de ser nascidas. O prégar não é recitar. As razões proprias nascem do entendimento, as alheias vão pegadas á memoria, e os homens não se convencem pela memoria, senão pelo entendimento.

Veiu o Espirito Santo sobre os Apostolos, e quando as linguas desciam do céo, cuidava eu que se lhes

---

1 Patroclo com as armas de Achilles foi vencido e morto.
2 Faciam vos fieri piscatores hominum. (*Math.*, IV, 21).

haviam de pôr na bocca: mas ellas foram-se pôr na cabeça. Pois porque na cabeça e não na bocca que é o logar da lingua? Porque o que ha-de dizer o prégador, não lhe ha-de sahir só da bocca; ha-lhe de sahir pela bocca, mas da cabeça. O que sáe só da bocca, pára nos ouvidos; o que nasce do juiso penetra e convence o entendimento. Ainda têm mais mysterio estas linguas do Espirito Santo. Diz o texto que não se puzeram todas as linguas sobre os Apostolos, senão cada uma sobre cada um; *Apparuerunt dispertitæ linguæ tanquam ignis, seditque supra singulos eorum.* [1] E porque cada um sobre cada um, e não todas sobre todos? Porque não servem todas as linguas a todos, senão a cada um a sua. Uma lingua só sobre Pedro, porque a lingua de Pedro não serve a André; outra lingua só sobre André, porque a lingua de André não serve a Filippe: outra lingua só sobre Filippe, porque a lingua de Filippe não serve a Bartholomeu, e assim dos mais. E senão vêde-o no estylo de cada um dos Apostolos, sobre que desceu o Espirito Santo. Só de cinco temos Escripturas; mas a differença com que escreveram, como sabem os doutos, é admiravel. As pennas todas eram tiradas das azas d'aquella pomba divina; mas o estylo tão diverso, tão particular e tão proprio de cada um, que bem mostra que era seu. Matheus facil, João mysterioso, Pedro grave, Jacob forte, Thadeu sublime, e todos com tal valentia no dizer, que cada palavra era um trovão, cada clausula um raio, e cada razão um triumpho. Ajuntae a estes cinco, S. Lucas e S. Marcos, que tambem alli estavam, e achareis o numero d'aquelles sete trovões que ouviu S. João no Apocalypse: *Locuta sunt septem tonitrua voces suas.* [2] Eram trovões que fallavam e dearticulavam as vozes, mas essas vozes eram suas: *Voces suas;* suas e não alheias, como notou Ansberto: *Non alienas, sed suas.* Emfim prégar o alheio é prégar o alheio, e com o alheio nunca se fez coisa boa.

Comtudo, eu não me firmo de todo n'esta razão, porque do grande Baptista sabemos que prégou o que tinha prégado Isaias, como notou S. Lucas, e não com

---

[1] *Act.*, II, 3.
[2] *Apoc.*, X, 3.

outro nome senão de sermões: *Prædicans baptismum pœnitentiæ in remissionem peccatorum, sicut scriptum est in libro sermonum Isaiæ prophetæ.* [1] Deixo o que tomou S. Ambrosio de S. Basilio, S. Prospero e Beda de Santo Agostinho, Theofilacto e Euthymio de S. João Chrysostomo.

VIII

Será finalmente a causa, que tanto ha buscamos, a voz com que hoje fallam os prégadores? Antigamente prégavam bradando, hoje prégam conversando. Antigamente a primeira parte do prégador era boa voz, e bom peito. E verdadeiramente, como o mundo se governa tanto pelos sentidos, pódem ás vezes mais os brados que a razão. Boa era tambem esta, mas não a podemos provar com o semeador, porque já dissemos que não era officio de bocca. Porém o que nos negou o Evangelho no semeador metaphorico, nos deu no semeador verdadeiro, que é Christo. Tanto que Christo acabou a parabola, diz o Evangelho que começou o Senhor a bradar: *Hæc dicens clamabat.* [2] Bradou o Senhor, e não arrazoou sobre a parabola, porque era tal o auditorio, que fiou mais dos brados que da razão.

Perguntaram ao Baptista, quem era? Respondeu elle: *Ego vox clamantis in deserto.* [3] Eu sou uma voz que anda bradando n'este deserto. D'esta maneira se definiu o Baptista. A definição do prégador cuidava eu que era: voz que arrazoa, e não voz que brada. Pois porque se definiu o Baptista pelo bradar, e não pelo arrazoar: não pela razão, senão pelos brados? Porque ha muita gente n'este mundo com quem pódem mais os brados que a razão, e taes eram aquelles a quem o Baptista prégava. Vêde-o claramente em Christo. Depois que Pilatos examinou as accusações que contra elle se davam, lavou as mãos e disse: *Ego nullam causam invenio in homine isto:* [4] eu nenhuma

---

1 *Luc.*, III, 3.
2 *Luc.*, VIII, 8.
3 *Joan.*, I, 23.
4 *Luc.*, XXIII, 14.

causa acho n'este homem. N'este tempo todo o povo, e os escribas bradavam de fóra, que fosse crucificado: *At illi magis clamabant, crucifigatur.* [1] De maneira que Christo tinha por si a razão, e tinha contra si os brados. E qual póde mais? Puderam mais os brados que a razão. A razão não valeu para o livrar, os brados bastaram para o pôr na cruz. E como os brados no mundo pódem tanto, bem é que brademos alguma vez os prégadores, bem é que gritem. Por isso Isaias chamou aos prégadores nuvens: *Qui sunt isti, qui ut nubes volant?* [2] A nuvem tem relampago, tem trovão e tem raio: relampago para os olhos, trovão para os ouvidos, raio para o coração: com o relampago allumia, com o trovão assombra, com o raio mata. Mas o raio fere a um, o relampago a muitos, o trovão a todos. Assim ha-de ser a voz do prégador: — um trovão do céo, que assombre e faça tremer o mundo.

Mas que diremos á oração de Moysés? *Concrescat ut pluvia doctrina mea: fluat ut ros eloquium meum.* [3] Desça minha doutrina como chuva do céo, e a minha voz e as minhas palavras como orvalho que se destilla brandamente e sem ruido? Que diremos ao exemplo ordinario de Christo, tão celebrado por Isaias: *Non clamabit neque audietur vox ejus foris?* [4] Não clamará, não bradará, mas fallará com uma voz tão moderada que se não possa ouvir fóra. E não ha duvida que o praticar familiarmente, e o fallar mais ao ouvido que aos ouvidos, não só concilia maior attenção, mas naturalmente e sem força se insinua, entra, penetra e se mette na alma.

Em conclusão que a causa de não fazerem hoje fructo os prégadores com a palavra de Deus, nem é a circumstancia da pessoa: *Qui seminat;* nem a do estylo: *seminare;* nem a da materia: *semen;* nem a da sciencia: *suum;* nem a da voz: *Clamabat.* Moysés tinha fraca voz; [5] Amós tinha grosseiro estylo; [6] Salomão

---

1 *Matth.*, XXVII, 23.
2 *Isai.*, LX, 8.
3 *Deut.*, XXXII, 2.
4 *Isaï.*, XLII, 2.
5 *Exod.*, IV, 10 (*Voce gracili*, segundo os Setenta).
6 *Amós*, I, 1.

multiplicava e variava os assumptos;[1] Balaão não tinha exemplo de vida; [2] o seu animal não tinha sciencia, e comtudo todos estes fallando, persuadiam e convenciam. Pois se nenhuma d'estas razões que discorremos, nem todas ellas juntas são a causa principal nem bastante do pouco fructo que hoje faz a palavra de Deus, qual diremos, finalmente, que é a verdadeira causa?

IX

As palavras que tomei por thema o dizem: *Semen est Verbum Dei.* Sabeis (christãos) a causa por que se faz, hoje, tão pouco fructo com tantas prégações? E' porque as palavras dos prégadores são palavras, mas não são palavras de Deus. Fallo do que ordinariamente se ouve. A palavra de Deus (como dizia) é tão poderosa e tão efficaz, que não só na boa terra faz fructo, mas até nas pedras e nos espinhos nasce. Mas se as palavras dos prégadores não são palavras de Deus, que muito que não tenham a efficacia e os effeitos de palavra de Deus? *Ventum seminabant, et turbinem colligent,* [3] diz o Espirito Santo: quem semêa ventos, colhe tempestades. Se os prégadores semeam vento, se o que se prega é vaidade, se não se prega a palavra de Deus, como não ha a Egreja de Deus de correr tormenta em vez de colher fructo?

Mas dir-me-heis: Padre, os prégadores de hoje não prégam do Evangelho, não prégam das Sagradas Escripturas? Pois como não prégam a palavra de Deus? Esse é o mal. Prégam palavras de Deus, mas não prégam a palavra de Deus: *Qui habet sermonem meum, loquatur sermonem meum vere,* [4] disse Deus por Jeremias. As palavras de Deus prégadas no sentido em que Deus as disse, são palavras de Deus; mas prégadas no sentido que nós queremos, não são palavras de Deus, antes pódem ser palavras do demonio. Tentou o demonio a Christo a que fizesse das pedras pão

---

1 *Ecclesiastes*, I.
2 *Num.*, XXII e XXIII.
3 *Osee*, VIII, 7.
4 *Jerem.*, XXIII, 28.

Respondeu-lhe o Senhor: *Non in solo pane vivit homo sed in omni verbo, quod procedit de ore Dei.* [1] Esta sentença era tirada do capitulo oitavo do Deuteronomio. Vendo o demonio que o Senhor se defendia da tentação com a Escriptura, leva-o ao Templo, e allegando o logar do Psalmo noventa, diz-lhe d'esta maneira: *Mitte te deorsum; scriptum est enim, quia angelis suis Deus mandavit de te, ut custodiant te in omnibus viis tuis.* [2] Deita-te d'ahi abaixo, porque promettido está nas Sagradas Escripturas, que os anjos te tomarão nos braços para que te não faças mal. De sorte que Christo defendeu-se do diabo com a Escriptura, e o diabo tentou a Christo com a Escriptura. Todas as Escripturas são palavra de Deus; pois se Christo toma a Escriptura para se defender do diabo, como toma o diabo a Escriptura para tentar a Christo? A razão é porque Christo tomava as palavras da Escriptura em seu verdadeiro sentido, e o diabo tomava as palavras da Escriptura em sentido alheio e torcido: e as mesmas palavras, que tomadas em verdadeiro sentido são palavras de Deus, tomadas em sentido alheio, são armas do diabo. As mesmas palavras que tomadas no sentido em que Deus as disse são defeza, tomadas no sentido em que Deus as não disse, são tentação. Eis aqui a tentação com que então quiz o diabo derribar a Christo, e com que hoje lhe faz a mesma guerra do pinaculo do Templo. O pinaculo do Templo é o pulpito, porque é o logar mais alto d'elle. O diabo tentou a Christo no deserto, tentou-o no monte, tentou-o no Templo: no deserto tentou-o com a gula, no monte tentou-o com a ambição, no Templo tentou-o com as Escripturas mal interpretadas, e essa é a tentação de que mais padece hoje a Egreja, e que em muitas partes tem derribado d'ella, senão a Christo, a sua fé.

Dizei-me, prégadores, (aquelles com quem eu fallo indignos verdadeiramente de tão sagrado nome) dizei-me: esses assumptos inuteis que tantas vezes levantaes, essas emprezas ao vosso parecer agudas que proseguis, achastel-as alguma vez nos Prophetas do Testamento Velho, ou nos Apostolos e Evangelistas

---

[1] *Matth.*, IV, 4.
[2] *Matth.*, IV, 6.

do Testamento Novo, ou no auctor de ambos os Testamentos, Christo? [1] E' certo que não, porque desde a primeira palavra do Genesis até á ultima do Apocalypse, não ha tal coisa em todas as Escripturas. Pois se nas Escripturas não ha o que dizeis e o que prégaes, como cuidaes que prégaes a palavra de Deus? Mais. N'esses logares, n'esses textos que allegaes para prova do que dizeis, é esse o sentido em que Deus os disse? E' esse o sentido em que os entendem os Padres da Egreja? E' esse o sentido da mesma grammatica das palavras? Não por certo; porque muitas vezes as tomaes pelo que toam, e não pelo que significam, e talvez nem pelo que toam. Pois se não é esse o sentido das palavras de Deus, segue-se que não são palavras de Deus. E se não são palavras de Deus, que nos queixamos de que não façam fructo as prégações? Basta que havemos de trazer as palavras de Deus a que digam o que nós queremos, e não havemos de querer dizer o que ellas dizem! E então vêr cabecear o auditorio a estas coisas, quando deviamos de dar com a cabeça pelas paredes de as ouvir! Verdadeiramente não sei de que mais me espante, se dos nossos conceitos, se dos vossos applausos! Oh que bem levantou o prégador! Assim é; mas que levantou? Um falso testemunho ao texto, outro falso testemunho ao santo, outro ao entendimento e ao sentido de ambos. Então que se converta o mundo com falsos testemunhos da palavra de Deus? Se a alguem parecer demasiada a censura, oiça-me.

Estava Christo accusado diante de Caifaz, e diz o Evangelista S. Matheus, que por fim vieram duas testemunhas falsas: *Novissime venerunt duo falsi testes.* [2] Estas testemunhas referiram que ouviram dizer a Christo, que se os Judeus destruissem o Templo, elle o tornaria a reedificar em tres dias. Se lêrmos

---

[1] D. Hieronymus in Prologo Galeato: Sola scripturarum ars est quam sibi passim omnes venditant, et cum aures populi sermone composito mulserint, hoc legem Dei putant; nec scire dignantur, quid Prophetæ, quid Apostoli senserint; sed ad sensum suum incongrua aptant testimonia; quasi grande sit, et non vitiosissimum dicendi genus, depravare sententias, et ad voluntatem suam scripturam trahere repugnantem.

[2] *Matth.*, XXVI, 60.

o Evangelista S. João, acharemos que Christo verdadeiramente tinha dito as palavras referidas. Pois se Christo tinha dito que havia de reedificar o Templo dentro em tres dias, e isto mesmo é o que referiram as testemunhas, como lhes chama o Evangelista testemunhas falsas: *Duo falsi testes?* O mesmo S. João deu a razão: *Loquebatur de templo corporis sui.* [1] Quando Christo disse que em tres dias reedificaria o Templo, fallava o Senhor do templo mystico de seu corpo, o qual os judeus destruiram pela morte, e o Senhor o reedificou pela resurreição; e como Christo fallava do templo mystico, e as testemunhas o referiram ao Templo material de Jérusalem, ainda que as palavras eram verdadeiras, as testemunhas eram falsas. Eram falsas porque Christo as dissera em um sentido, e elles as referiram em outro; e referir as palavras de Deus em differente sentido do que foram ditas, é levantar falso testemunho a Deus, é levantar falso testemunho ás Escripturas. Ah, Senhor, quantos falsos testemunhos vos levantam! Quantas vezes oiço dizer que dizeis o que nunca dissestes! Quantas vezes oiço dizer que são palavras vossas, o que são imaginações minhas, que me não quero excluir d'este numero! Que muito logo que as nossas imaginações e as nossas vaidades e as nossas fabulas não tenham a efficacia de palavra de Deus!

Miseraveis de nós, e miseraveis dos nossos tempos, pois n'elles se veiu a cumprir a prophecia de S. Paulo: *Erit tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt.* [2] Virá tempo, diz S. Paulo, em que os homens não soffrerão a doutrina sã: *Sed ad sua desideria coacervabunt sibi magistros prurientes auribus;* mas para seu appetite terão grande numero de prégadores feitos a montão, e sem escolha, os quaes não façam mais que adular-lhes as orelhas: *A veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur:* Fecharão os ouvidos á verdade, e abril-os-hão ás fabulas. Fabula tem duas significações: quer dizer fingimento, e quer dizer comedia; e tudo são muitas prégações d'este tempo. São fingimento, porque são subtilezas e pensamentos aereos sem fundamento de verdade; são co-

---

[1] *Joan.*, II, 21.
[2] 2.ª ad. *Timoth.*, IV, 3.

media, porque os ouvintes veem á prégação como á comedia; e ha prégadores que veem ao pulpito como comediantes. Uma das felicidades que se contava entre as do tempo presente, era acabarem-se as comedias em Portugal; mas não foi assim. Não se acabaram, mudaram-se; passaram-se do theatro ao pulpito. Não cuideis que encareço em chamar comedia a muitas prégações das que hoje se usam. Tomára ter aqui as comedias de Plauto, de Terencio, de Seneca, e vereis se não achaveis n'ellas muitos desenganos da vida e vaidade do mundo, muitos pontos de doutrina moral, muito mais verdadeiros e muito mais solidos, do que hoje se ouvem nos pulpitos. Grande miseria por certo, que se achem maiores documentos para a vida nos versos de um poeta profano e gentio, que nas prégações de um orador christão, e muitas vezes, sobre christão, religioso!

Pouco disse S. Paulo em lhes chamar comedia, porque muitos sermões ha, que não são comedia, são farça. Sóbe talvez ao pulpito um prégador dos que professam ser mortos ao mundo, vestido ou amortalhado em um habito de penitencia, (que todos, mais ou menos asperos, são de penitencia; e todos, desde o dia que os professamos, mortalhas) a vista é de horror, o nome de reverencia, a materia de compuncção, a dignidade de oraculo, o logar e a expectação de silencio; e quando este se rompeu, que é o que se ouve? Se n'este auditorio estivesse um estrangeiro que nos não conhecesse, e visse entrar este homem a fallar em publico n'aquelles trajos, e em tal logar, cuidaria que havia de ouvir uma trombeta do céo; que cada palavra sua havia de ser um raio para os corações, que havia de prégar com o zelo e com o fervor de um Elias que com a voz, com o gesto, e com as acções, havia de fazer em pó e em cinza os vicios. Isto havia de cuidar o estrangeiro. E nós, que é o que vemos? Vemos sahir da bocca d'aquelle homem, assim n'aquelles trajos, uma voz muito affectada e muito polida, e logo começar com muito desgarro, a quê? A motivar desvelos, a acreditar empenhos, a requintar finezas, a lisonjear precipicios, a brilhar auroras, a derreter crystaes, a desmaiar jasmins, a toucar primaveras, e outras mil indignidades d'estas. Não é isto farça a mais digna de riso, se não fôra tanto para chorar? Na comedia o rei veste como rei e falla como rei, o la-

caio, o rustico veste como rustico e falla como rustico, mas um prégador, vestir como religioso e fallar, como... não o quero dizer por reverencia do logar. Já que o pulpito é theatro, e o sermão comedia, sequer, não faremos bem a figura? Não dirão as palavras com o vestido e com o officio? Assim prégava S. Paulo, assim prégavam aquelles patriarchas que se vestiram e nos vestiram d'estes habitos? Não louvamos e não admiramos o seu prégar; não nos prezamos de sermos seus filhos? Pois porque os não imitamos? Porque não prégamos como elles prégavam? N'este mesmo pulpito prégou S. Francisco Xavier, n'este mesmo pulpito pregou S. Francisco de Borja, e eu que tenho o mesmo habito, porque não prégarei a sua doutrina, já que me falta o seu espirito?

X

Dir-me-heis o que a mim me dizem, e o que já tenho experimentado, que se prégarmos assim, zombam de nós os ouvintes, e não gostam de ouvir. Oh boa razão para um servo de Jesus Christo! Zombem, e não gostem embora, e façamos nós nosso officio. A doutrina de que elles zombam, a doutrina que elles desestimam, essa é a que lhes devemos prégar, e por isso mesmo, porque é a mais proveitosa e a que mais hão mister. O trigo que cahiu no caminho comeram-no as aves. Estas aves, como explicou o mesmo Christo, são os demonios, que tiram a palavra de Deus dos corações dos homens: *Venit diabolus, et tollit verbum de corde eorum.* Pois porque não comeu o diabo o trigo que cahiu entre os espinhos? ou o trigo que cahiu nas pedras, senão o trigo que cahiu no caminho? Porque o trigo que cahiu no caminho: *Conculcatum est ab hominibus.* Pisaram-no os homens; e a doutrina que os homens pisam, a doutrina que os homens desprezam, essa é a de que o diabo se teme. D'esses outros conceitos, d'esses outros pensamentos, d'essas outras subtilezas que os homens estimam e prézam, d'essas não se teme, nem se acautela o diabo, porque sabe que não são essas as prégações que lhe hão-de tirar as almas das unhas. Mas d'aquella doutrina que cáe: *Secus viam;* d'aquella doutrina que parece commum: *Secus viam;* d'aquella doutrina que parece

trilhada: *Secus viam;* d'aquella doutrina que nos põe em caminho, e em via da nossa salvação, (que é a que os homens pisam, e a que os homens desprezam) essa é a de que o demonio se receia e se acautela, essa é a que procura comer e tirar do mundo; e por isso mesmo essa é a que deviam prégar os prégadores, e a que deviam buscar os ouvintes. Mas se elles não o fizerem assim, e zombarem de nós, zombemos nós tanto de suas zombarias como dos seus applausos. *Per infamiam, et bonam famam,* [1] diz S. Paulo. O prégador ha-de saber prégar com fama e sem fama. Mais diz o Apostolo. Ha-de prégar com fama e com infamia. Prégar o prégador para ser afamado, isso é mundo; mas infamado, e prégar o que convém, ainda que seja com descredito de sua fama, isso é ser prégador de Jesus Christo.

Pois o gostarem ou não gostarem os ouvintes! Oh que advertencia tão digna! Que medico ha que repare no gosto do enfermo, quando trata de lhe dar saude? Sárem, e não gostem: salvem-se, e amargue-lhes, que para isso somos medicos das almas. Quaes vos parece que são as pedras sobre que cahiu parte do trigo do Evangelho? Explicando Christo a parabola, diz, que as pedras são aquelles que ouvem a prégação com gosto: *Hi sunt, qui cum gaudio suscipiunt verbum.* Pois será bem que os ouvintes gostem, e que no cabo fiquem pedras? Não gostem, e abrandem-se; não gostem, e quebrem-se; não gostem, e fructifiquem. Este é o modo com que fructificou o trigo que cahiu na boa terra: *Et fructum afferunt in patientia,* conclue Christo. De maneira que o fructificar não se ajunta com o gostar, senão com o padecer; fructifiquemos nós, e tenham elles paciencia. A prégação que fructifica, a prégação que aproveita, não é aquella que dá gosto ao ouvinte, é aquella que lhe dá pena. Quando o ouvinte a cada palavra do prégador treme; quando cada palavra do prégador é um torcedor para o coração do ouvinte; quando o ouvinte vae do sermão para casa confuso e attonito, sem saber parte de si, então é a prégação qual convém, então se póde esperar que faça fructo: *Et fructum afferunt in patientia.*

Emfim, para que os prégadores saibam como hão-

---

[1] 2.ª ad. *Corinth.*, VI, 8.

de prégar; e os ouvintes, a quem hão-de ouvir, acabo com um exemplo do nosso reino, e quasi dos nossos tempos. Prégavam em Coimbra dois famosos prégadores, ambos bem conhecidos por seus escriptos: não os nomeio, porque os hei-de desigualar. Altercou-se entre alguns doutores da Universidade, qual dos dois fosse maior prégador; e como não ha juiso sem inclinação, uns dizem este; outros, aquelle. Mas um lente, que entre os mais tinha maior authoridade, concluiu d'esta maneira: entre dois sugeitos tão grandes não me atrevo a interpor juiso: só direi uma differença, que sempre experimento. Quando oiço um, sáio do sermão muito contente do prégador; quando oiço outro, sáio muito descontente de mim. Com isto tenho acabado. Algum dia vos enganastes tanto commigo, que sahieis do sermão muito contentes do prégador; agora quizera eu desenganar-vos tanto, que sahireis muito descontentes de vós. Semeadores do Evangelho, eis aqui o que devemos pretender nos nossos sermões, não que os homens sáiam contentes de nós, senão que sáiam muito descontentes de si; não que lhes pareçam bem os nossos conceitos, mas que lhes pareçam mal os seus costumes, as suas vidas, os seus passatempos, as suas ambições, e emfim, todos os seus peccados. Com tanto que se descontentem de si, descontentem-se embora de nós. *Si hominibus placerem, Christi servus non essem*, [1] dizia o maior de todos os prégadores, S. Paulo. Se eu contentára aos homens, não seria servo de Deus. Oh contentemos a Deus, e acabemos de não fazer caso dos homens! Advirtamos que n'esta mesma egreja ha tribunas mais altas que as que vemos: *Spectaculum facti sumus Deo, angelis, et hominibus.* [2] Acima das tribunas dos reis, estão as tribunas dos anjos, está a tribuna e o tribunal de Deus, que nos ouve, e nos ha-de julgar. Que conta ha-de dar a Deus um prégador no dia do juiso? O ouvinte dirá: não m'o disseram; mas o prégador? *Væ mihi, quia tacui.* [3] Ai de mim que não disse o que convinha! Não seja mais assim por amor de Deus, e de nós. Estamos ás portas da Quaresma, que é o

[1] *Galat.*, I, 10.
[2] 1.ª ad. *Corinth.*, IV, 9. (No texto lê-se *mundo* e não *Deo.*)
[3] *Isai.*, VI, 5.

tempo em que principalmente se semêa a palavra de Deus na Egreja, e em que ella se arma contra os vicios. Préguemos, e armemo-nos todos contra os peccados, contra as soberbas, contra os odios, contra as ambições, contra as invejas, contra as cubiças, contra as sensualidades. Veja o céo que ainda tem na terra quem se põe da sua parte. Saiba o inferno que ainda ha na terra quem lhe faça guerra com a palavra de Deus: e saiba a mesma terra, que ainda está em estado de reverdecer, e dar muito fructo: *Et fecit fructum centuplum.*

FESTAS MOVEIS

ADVENTO

SERMÃO

DA

Primeira Dominga do Advento

Prégado na Capella Real, no Anno de 1650 *

Tunc videbunt Filium hominis venientem in nubibus cœli cum potestate magna, et majestate.

Luc., xxi.

I

Abrasado, finalmente, o mundo, e reduzido a um mar de cinzas tudo o que o esquecimento d'este dia edificou sobre a terra (Dou principio a este sermão sem principio, porque já disse Quintiliano que as grau-

---

* Este admiravel sermão, extraordinario de vehemencia oratoria e independencia apostolica, é um verdadeiro modelo de eloquencia sagrada.

O seu exordio *ex-abrupto* lembra os rasgos mais sublimes do genio romano ou hellenico, encarnado em Cicero, Demosthenes, Eschines. Resplandecem n'este sermão magistral, fulminante, sublime, os mais formosos exemplos da argumentação deductiva, uma das operações mais essenciaes da argumentação oratoria. O P.e Antonio Honorati, na sua obra *O Chrysostomo Portuguez*, diz "que este sermão é verdadeiramente temeroso, como pede o assumpto. Ha n'elle rasgos que são o *non plus ultra* da eloquencia.„

des acções não hão mister exordio: ellas per si mesmas, ou suppõem a attenção ou a conciliam. Tambem passo em silencio a narração portentosa dos signaes que precederão ao Juiso, porque esta parte do Evangelho pertence aos que hão-de ser vivos n'aquelle tempo, e não a nós; e o dia de hoje é muito de tratar cada um só do que lhe pertence). Abrasado pois o mundo, e consumido pela violencia do fogo tudo o que a soberba dos homens, e o esquecimento d'este dia levantou e edificou na terra: quando já não se verão n'este formoso e dilatado mappa senão umas poucas cinzas, reliquias de sua grandeza, e desengano de nossa vaidade, soará no ar uma trombeta espantosa, não metaphorica, mas verdadeira (que isso quer dizer a repetição de S. Paulo: *Canet enim tuba):* [1] e obedecendo aos imperios d'aquella voz o céo, o inferno, o purgatorio, o limbo, o mar, a terra, abrir-se-hão em um momento as sepulturas, e apparecerão no mundo os mortos vivos. Parece-vos muito, que a voz de uma trombeta haja de achar obediencia nos mortos? Ora reparae em outro milagre maior, e não vos parecerá grande este. Entrae pelos desertos do Egypto, da Thebaida, da Palestina; penetrae o mais interior e retirado d'aquellas soledades: que é o que vêdes? N'aquella cova vereis mettido um Hilarião, n'aquella outra um Macario, na outra mais apartada um Pacomio: aqui um Paulo, alli um Jeronymo, acolá um Arsenio: da outra parte, uma Maria Egypciaca, uma Thaïs, uma Pelagia, uma Theodora. Homens, mulheres, que é isto? Quem vos trouxe a esse estado? Quem vos antecipou a morte? Quem vos amortalhou n'esses cilicios? Quem vos enterrou em vida? Quem vos metteu n'essas sepulturas? Quem? Responderá por todos S. Jeronymo: *Semper mihi videtur insonare tuba illa terribilis, surgite mortui, venite ad judicium.* Sabeis quem nos vestiu d'estas mortalhas, sabeis quem nos fechou n'estas sepulturas? A lembrança d'aquella trombeta temerosa que ha-de soar no ultimo dia: levantae-vos, mortos, e vinde a Juiso. Pois se a voz d'esta trombeta só imaginada, (pesae bem a consequencia) se a voz d'esta trombeta só imaginada, bastou para enterrar os vivos, que muito que quando soar verdadeiramente seja po-

[1] *1.ª ad Corinth.*, xv, 52.

derosa para desenterrar os mortos? O meu espanto não é este. O que me espanta, e o que deve assombrar a todos, é que haja de bastar esta trombeta para resuscitar os mortos, e que não baste para espertar os mortaes! Credes, mortaes, que ha-de haver Juiso? Uma de duas é certa: ou o não credes, ou o não tendes. Virá o dia final, e então sentirá nossa insensibilidade sem remedio o que agora pudera ser com proveito. Quanto melhor fôra chorar agora e arrepender agora como faziam aquelles, e aquellas penitentes do ermo, do que chorar e arrepender depois, quando para as lagrimas não ha-de haver misericordia, nem para os arrependimentos perdão. Agora vivemos como queremos; e ainda mal, porque depois havemos de resuscitar como não quizeramos.

II

Grandes coisas e lastimosamente grandes haverá que vêr e considerar n'aquelle acto da resurreição universal! Mas entre todas as considerações a que me parece mais propria d'este logar, e mais digna de sentimento, é esta. E quanta gente bem nascida se verá n'aquelle dia mal resuscitada! Entre a resurreição natural e a sobrenatural ha uma grande differença: que na resurreição natural cada um resuscita como vive. Na resurreição natural nasce Pedro e resuscita principe: *Sedebitis in regeneratione judicantes duodecim tribus Israël.* [1] Oh que grande consolação esta para aquelles a quem não alcançou a fortuna dos altos nascimentos! Bem me parecia a mim que não podia faltar Deus a dar uma grande satisfação no dia do Juiso á desigualdade com que nascem os homens, sendo todos da mesma natureza. Não se faz aggravo na desigualdade do nascer, a quem se deu a eleição de resuscitar. A resurreição é um segundo nascimento com alvedrio.

Tanta propriedade considerou Job n'este segundo nascimento, que até outro pae, outra mãe disse que tinhamos na sepultura: *Putredini dixi pater meus es tu:*

[1] *Math.*, XIX, 28.

mater mea et soror mea, vermibus. [1] Temos outro pae e outra mãe na sepultura em que jazem nossos ossos, porque alli somos outra vez gerados, d'alli sahimos outra vez nascidos. Notae agora: *Statutum est hominibus semel mori.* [2] Quiz Deus que morressemos uma só vez, e que nascessemos duas, porque como o morrer bem dependia de nosso alvedrio, bastava uma só morte; mas como o nascer bem não estava na nossa mão, eram necessarios dois nascimentos, para que podessemos emendar no segundo tudo o que nos faltasse no primeiro. Bem pudera Deus fazer que nascessem os homens todos eguaes, mas ordenou sua providencia, que houvesse no mundo esta mal soffrida desigualdade, para que a mesma dôr do primeiro nascimento nos excitasse á melhoria do segundo. Homens humildes e despresados do povo, boa nova. Se a natureza, ou a fortuna foi escassa comvosco no nascimento, sabei que ainda haveis de nascer outra vez, e tão honradamente como quizerdes: então emendareis a natureza, então vos vingareis da fortuna.

Que maior vingança da fortuna que as mudanças tão notaveis, que se verão n'aquelle dia! Virão n'aquelle dia as almas do grande e do pequeno buscar seus corpos á sepultura, e talvez á mesma egreja: e que succederá pela maior parte? O pequeno achará seus ossos em um adro sem pedra nem letreiro, e resuscitará tão illustre como as estrellas. O grande, pelo contrario, achará seu corpo embalsamado em caixas de porphyro, aos hombros de leões, ou elephantes de marmore, com soberbos e magnificos epitaphios, e resuscitará mais vil que a mesma vileza. Oh que metamorphose tão triste, mas que verdadeira! Vêde se ha-de dar Deus boa satisfação aos homens da desigualdade com que hoje nascem. O ser bem nascido, que é uma vaidade que se acaba com a vida, é verdade que o não poz Deus na nossa mão; mas o ser bem resuscitado, que é aquella nobreza que ha-de durar por toda a eternidade, essa deixou Deus no alvedrio de cada um. No nascimento somos filhos de nossos paes, na resurreição seremos filhos de nossas obras. E que seja mal resuscitado por culpa sua quem foi bem nascido sem

[1] *Job.*, XVII, 14.
[2] *Heb.*, IX, 27.

merecimento seu! Lastima grande. Resuscitar bem sobre haver nascido mal, é emendar a fortuna; resuscitar mal sobre haver nascido bem, é peior que degenerar da natureza. Que resuscite bem David sobre nascer de Jessé, grande gloria do filho de um pastor: mas que resuscite mal Absalão sobre nascer de David, grande affronta do filho d'um rei! Se os homens se presam tanto de ser bem nascidos, como fazem tão pouco caso de ser bem resuscitados? Nenhuma coisa trazem na bocca os grandes mais ordinariamente, que as obrigações com que nasceram. E aposto eu que mui poucos sabem quaes são estas obrigações! Nascer bem é obrigação de resuscitar melhor. Estas são as obrigações com que nascestes.

O mais bem nascido homem que houve, nem póde haver, foi Christo, ninguem teve melhor pae, nem melhor mãe; e foi notar Santo Agostinho, que se Christo nasceu bem, resuscitou melhor: *Gloriosior est ista nativitas, quam illa: illa corpus mortale genuit, ista redidit immortale.* Christo, diz Santo Agostinho, nasceu mais nobremente no segundo nascimento, que no primeiro: no primeiro nascimento nasceu mortal e passivel; no segundo, que foi a sua resurreição, nasceu impassivel e immortal. Eis aqui as obrigações dos bem nascidos — nasceram a segunda vez melhor do que nasceram a primeira. Se Deus puzera na mão do homem o nascer, quem bouvera, por bom que fosse, que não se fizesse muito melhor? Pois este é o caso em que estamos. Se havemos de tornar a nascer, porque não trabalharemos muito por nascer muito honradamente? Não nascer honrado no primeiro nascimento, tem a desculpa de que Deus nos fez: *Ipse fecit nos.* [1] Não nascer honrado no segundo, nenhuma desculpa tem a gloria de sermos nós os que nos fizemos: *Ipsi nos.* Que gloria será n'aquelle dia para um homem poder tomar para si em melhor sentido o elogio do grande Baptista: *Inter natos mulierum non surrexit major:* [2] Entre os nascidos das mulheres nenhum resuscitou maior. Ser o maior dos nascidos, em quanto nascido, é pequeno louvor e de pouca dura, ser o maior dos nascidos, em quanto resuscitado, isso

[1] *Psal.*, LXLIX, 3.
[2] *Matth.*, XI, 11.

é verdadeiramente o ser maior. Na nossa mão está se o quizermos ser. N'esta vida o mais venturoso póde nascer filho do rei: na outra vida todos os que quizerem pódem nascer filhos do mesmo Deus: *Dedit eis potestatem filios Dei fieri.* [1] E que não sejam isto considerações, senão verdades e fé catholica! Bemdito seja aquelle Senhor, que é nossa resurreição, e nossa vida: *Ego sum resurrectio et vita.* [2]

III

Unidas as almas aos corpos, e restituidos os homens á sua antiga inteireza, os bem resuscitados alegres, os mal resuscitados tristes, começarão a caminhar todos para o logar do Juiso. Será aquella a vez primeira em que o genero humano se verá a si mesmo, porque se ajuntarão alli os que são, os que foram, os que hão-de ser, e todos pararão no valle de Josaphat. Se o dia não fôra de tanto cuidado, muito seria para vêr os homens grandes de todas as edades juntos. Mas vejo que me estão perguntando, como é possivel, que uma multidão tão excessiva como a de todo o genero humano, os homens que se continuaram desde o principio até agora, e os que se irão multiplicando successivamente até ao fim do mundo: como é possivel que aquelle numero innumeravel, aquella multidão quasi infinita de homens caiba em um valle? A duvida é boa, queira Deus que o seja a resposta. Primeiramente digo que n'isto de logares ha grande engano, cabe muito mais nos logares do que nós cuidamos.

No primeiro dia da creação creou Deus o céo e a terra e os elementos, e é certo em boa philosophia, que não ficou nenhum vacuo no mundo, tudo estava cheio. Com isto ser assim, e parecer que não havia já logar para caber mais nada, ao terceiro dia vieram as hervas, as plantas, e as arvores; e com serem tantas em numero e tão grandes, couberam todas. Ao quarto dia veiu o sol, e sendo aquelle immenso planeta cento e sessenta e seis vezes maior que a terra, coube tambem o sol: vieram no mesmo dia as estrellas tantas

---

[1] *Joan.*, I, 12.
[2] *Ibid.*, XI, 25.

mil, e cada uma de tantas mil leguas, e couberam as estrellas. Ao quinto dia vieram as aves ao ar, e couberam as aves: vieram os peixes ao mar, e com haver n'elles tantos monstros de disforme grandeza, couberam os peixes. No sexto dia vieram os animaes tantos e tão grandes á terra, e couberam os animaes: finalmente veiu o homem, e foi o homem o primeiro que começou a não caber; mas se não coube no paraiso, coube fóra d'elle. De sorte que, como dizia, n'isto de logares vae grande engano: cabe n'elles muito mais do que nos parece. E senão, passemos a um exemplo moral, e vejamol-o em qualquer logar da republica. O dia é do Juiso, seja o logar de um Julgador.

Antigamente em um logar d'estes que é o que cabia? Cabia o doutor com os seus textos, e umas poucas apostillas, muito usadas, e por isso muito honradas. Cabia mais uma mula mal pensada, se a casa estava muito longe do Limoeiro. Cabiam os filhos honestamente vestidos; mas a pé e com a arte debaixo do braço. Cabia a mulher com poucas joias, e as criadas, se passavam da unidade, não chegavam ao plural dos gregos. Isto é o que cabia n'aquelle logar antigamente: e feitas boas contas, parece que não podia caber mais. Andaram os annos, o logar não cresceu, e tem mostrado a experiencia, que é muito mais sem comparação o que cabe no mesmo logar. Primeiramente cabem umas casas, ou paços, que os não tinham tão grandes os condes do outro tempo: cabe uma livraria de Estado, tamanha como a Vaticana, e talvez com os livros tão fechados como ella os tem: cabe um coche com quatro mulas, cabem pagens, cabem lacaios, cabem escudeiros: cabe a mulher em quarto apartado, com donas, com aias, e com todos os outros arremedos da fidalguia: cabem os filhos com cavallos e criados, e talvez com o jogo e com outras mocidades de preço: cabem as filhas maiores com dotes e casamentos de marca, as segundas nos mosteiros com grossas tenças: cabem tapeçarias, cabem baixellas, cabem commendas, cabem beneficios, cabem moios de renda; e sobre tudo cabem umas mãos muito lavadas, e uma consciencia muito pura, e infinitas outras coisas, que só na memoria e no entendimento não cabem. Não é isto assim? Lá n'essas terras por onde eu agora andei, assim é. Pois se tudo isto cabe em um logar tão

pequeno, que grande serviço fazemos nós á fé em crèr que caberemos todos no valle de Josaphat? Havemos de caber todos, e se vierem outros tantos mais, para todos ha-de haver valle e milagre.

De mais d'esta razão geral, que ha da parte do logar, ha outras duas da parte das pessoas; uma da parte dos bons, outra da parte dos máus. Os bons poderão alli caber em muito pouco logar, porque terão o dote da subtileza. Entre os quatro dotes gloriosos ha um que se chama subtileza, o qual communica tal propriedade aos corpos dos bemaventurados, que todos quantos se hão-de achar no dia do Juiso pódem caber n'este logar onde eu estou, sem me tirarem d'elle. Cá no mundo tambem ha este dote da subtileza, mas com mui differentes propriedades. A subtileza do céo introduz a um sem afastar a outro; as subtilezas do mundo todo seu cuidado é afastarem os outros para se introduzirem a si. Por isso não ha logar que dure, nem logar que basta. Muito é que Jacob e Esaü não coubessem em uma casa; mais é que Lot e Abrahão não coubessem em uma cidade; muito mais é que Saül e David não coubessem em um reino: mas o que excede toda a admiração é que Caim e Abel não coubessem em todo o mundo. E porque não cabiam dois homens em tão immenso logar? Peior é a causa que o caso. Caim não cabia com Abel, porque Abel cabia com Deus. Em um homem cabendo com seu Senhor, logo os outros não cabem com elle. Alguma vez será isto soberba dos Abeis, mas ordinariamente é inveja dos Cains. Se é certo que com a morte se acaba a inveja, facilmente caberemos todos no dia do Juiso. Quereis caber todos? Não acrescenteis logares, diminui invejas. Este é o dote da subtileza dos bons.

Da parte dos máus tambem não ha-de haver difficuldade em caber no valle; porque ainda que os máus são tantos, e hoje tão grandes e tão inchados, n'aquelle dia hão-de estar todos muito pequeninos. Que no tempo do diluvio coubessem na arca de Noë todos os animaes do mundo em suas especies, crê-o a fé, porque o diz a Escriptura; mas não o comprehende o entendimento, porque o não alcança a razão. Como póde ser, que coubessem em tão pequeno logar tantos animaes, tão grandes, e tão féros? O leão, para quem toda a Lybia era pouca campanha; a aguia, para quem todo o ar era pouca esphera; o touro, que não cabia na

praça; o tigre, que não cabia no bosque; o elephante, que não cabia em si mesmo. Que todos estes animaes e tantos outros de igual fereza e grandeza coubessem juntos em uma arca tão pequena? Sim, cabiam todos, porque ainda que a arca era pequena, a tempestade era grande. Alagava Deus n'aquelle tempo a terra com diluvio universal, que foi a maior calamidade que padeceu o mundo; e nos tempos dos grandes trabalhos e calamidades até o instincto faz encolher os animaes, quanto mais a razão aos homens. Caberão os homens no valle de Josaphat, assim como couberam os animaes na arca de Noë: *Sicut fuit in diebus Noë, sic erit in consummatione sæculi.* [1] Diz o texto que só com os signaes do fim do mundo hão-de andar todos os homens seccos e mirrados: *Arescentibus hominibus præ timore.* Se aos homens os ha-de apertar tanto o receio, quanto os estreitará o Juiso?! Oh como nos encolheremos todos n'aquelle dia! Oh como estarão pequenos alli os maiores gigantes! A maior maravilha do dia do Juiso, não é haver de caber todo o mundo em todo o valle de Josaphat, a maravilha maior será que caberão então em uma pequena parte do valle muitos que não cabiam em todo o mundo. Um Nabuchodonosor, um Alexandre Magno, um Julio Cesar, para quem era estreita a redondeza da terra, caberão alli em um cantinho.

Uma das coisas notaveis que diz Christo do dia do Juiso é que cahirão as estrellas do céo: *Stellæ cadent de cælo.* [2] Se dermos vista aos mathematicos, hão-de achar grande difficuldade n'este texto (eu lhes darei a razão natural d'elle quando m'a peçam). Todas as estrellas, menos duas, são maiores que a terra, e algumas ha que são quarenta, oitenta, e cento e dez vezes maiores. Pois se as estrellas são maiores que a terra, como hão-de cahir e caber cá em baixo? Hão-de caber, porque hão-de cahir. Não sabeis que os levantados e os cahidos não teem a mesma medida? Pois assim lhes ha-de succeder ás estrellas. Agora que estão levantadas occupam grandes espaços do céo: como estiverem cahidas, hão-de caber em poucos palmos da terra. Não ha coisa que occupe menor logar que um

---

1 *Luc.*, III, 36.
2 *Matth.*, XXIV, 29.

cahido. A terra em comparação do céo é um ponto; o centro em comparação da terra é outro ponto; e Lucifer, que levantado não cabia no céo, cahido cabe no centro da terra. Ah Luciferes do mundo! Aquelles que levantados nas azas da prosperidade humana em nenhum logar cabeis hoje, cahidos e derribados n'aquelle dia, cabereis em muito pouco logar. Estaremos todos alli encolhidos e sumidos dentro em nós mesmos, cuidando na conta que havemos de dar a Deus; e quando não houvera outra razão, esta só bastava para não faltar logar a ninguem. Dêem os homens em cuidar na conta que hão-de dar a Deus, e eu vos prometto que sobejem logares. O que importa é que o logar seja bom, que quanto a logar, valle de Josaphat haverá para todos.

IV

Presente emfim no valle todo o genero humano, correr-se-hão as cortinas do céo, e apparecerá o Supremo Juiz sobre um throno de resplandecentes nuvens, acompanhado de todas as gerarchias dos anjos, e muito mais de sua propria Magestade. A primeira coisa que fará será mandar apartar os máus dos bons; e os ministros d'esta execução serão os anjos: *Exibunt angeli, et separabunt malos de medio justorum.* [1] Para se entender melhor esta separação, havemos de suppor com o propheta Zacharias, que antes d'ella não hão-de estar os homens alli juntos confusamente; mas para maior grandeza e distincção do acto, hão-de estar repartidos todos por seus estados: *Familia et familia seorsum.* [2] A uma parte hão-de estar os papas; a outra os imperadores; a outra os reis; a outra os bispos; a outra os religiosos; e assim dos demais estados do mundo. Separados todos por esta ordem, conforme o logar que tiveram n'esta vida, então se começará a segunda separação, segundo o estado que hão-de ter na outra, e que ha-de durar para sempre.

Sahirão pois os anjos; vêde que suspensão e que tremor será o dos corações dos homens n'aquella hora. Sahirão os anjos e irão primeiramente ao logar dos

---

1 *Matth.*, XIII, 49.
2 *Zach.*, XII, 12.

papas: *Et separabunt.* (Faz horror só imaginar, que em uma dignidade tão divina, e em homens eleitos pelo Espirito Santo ha-de haver tambem que separar). *Et separabunt malos de medio justorum.* E separação os pontifices máus d'entre os pontifices bons. Eu bem creio que serão muito raros os que se hão-de condemnar; mas haver de dar conta a Deus de todas as almas do mundo, é um peso tão immenso que não será maravilha que sendo homens levasse alguns ao profundo. Todos n'esta vida se chamaram padres santos; mas o dia do Juiso mostrará que a santidade não consiste no nome senão nas obras. N'esta vida beatissimos, na outra malaventurados: Oh que grande miseria!

Sahirão após estes outros anjos e irão ao logar dos bispos e arcebispos: *Et separabunt malos de medio justorum.* Lá vae aquelle porque não deu esmolas; aquelle porque enriqueceu os parentes com o patrimonio de Christo; aquelle porque tendo uma esposa procura outra melhor dotada; aquelle porque faltou com o pasto da doutrina a suas ovelhas; aquelle porque proveu as egrejas nos que não tinham mais merecimento que o de serem seus criados; aquelle porque na sua diocese morreram tantas almas sem sacramentos; aquelle por não residir; aquelle por simonias; aquelle por irregularidades; aquelle por falta do exemplo de vida, e tambem algum por falta da sciencia necessaria; empregando o tempo e o estudo em divertimentos, ou da côrte e não de prelado, ou do campo e não de pastor. Valha-me Deus, que confusão tão grande! Mas que alegres e que satisfeitos estarão n'este passo, um S. Bernardino de Senna, um S. Boaventura, um S. Domingos, um S. Bernardo, e muitos outros varões santos e sisudos, que quando lhes offereceram as mitras, não quizeram subir á alteza da dignidade, porque reconheceram a do precipicio. Pelo contrario, que taes levarão os corações aquelles miseraveis condemnados? Quantas vezes dirão dentro em si mesmos e a vozes: Maldito seja o dia em que nos elegeram; e maldito quem nos elegeu: maldito seja o dia em que nos confirmaram, e maldito quem nos confirmou. Se um homem mal póde dar conta de sua alma, como a dará boa de tantas? Se este peso deu em terra com os maiores atlantes da Egreja, quem não temerá e fugirá d'elle?

Grande desconsolação é, hoje, para as egrejas de Portugal não terem bispos; mas póde ser que no dia do Juiso seja grande consolação para os bispos de Portugal não chegarem a ter egrejas. De um sacerdote que não quiz aceitar um bispado, conta S. Jeronymo, que apparecendo depois da morte a um seu tio religioso que assim lh'o aconselhára, lhe disse estas palavras: *Gratias, pater, tibi refero ex dissuasione episcopatus:* Dou-vos, padre, muitas graças porque me persuadistes, que não aceitasse aquelle bispado: *Nam scito, quia nunc essem de numero damnatorum si fuissem de numero episcoporum:* Porque sabereis, que hoje havia eu de ser do numero dos condemnados, se então fôra do numero dos bispos. Oh quantos sem saberem o que fazem, debaixo do nome lustroso de uma mitra, andam feitos pretendentes de sua condemnação! A este e a muitos outros que não quizeram aceitar bispados, revelou Deus que se haviam de condemnar, se chegassem a ser bispos. E quem vos disse a vós que estaveis privilegiado d'esta condicional? De chegardes a ser bispo, póde ser que não dependa a salvação de outras almas; e de não chegardes a o ser, póde ser que dependa a salvação da vossa. O mais seguro é encolher os hombros e deixar governar a Deus.

Do logar dos bispos passarão os anjos ao logar dos religiosos: e entrando n'aquella multidão infinita das Ordens Regulares, sem embargo de resplandecerem n'ellas como soes as maiores santidades do mundo, comtudo haverá muito que separar; começarão por Judas: *Et separabunt malos de medio justorum.* Não o digo por me tocar: mas por todas as razões me parece que será este o mais triste espectaculo do dia do Juiso. Que vão os homens ao inferno pelo caminho do inferno, desgraça é, mas não é maravilha: porém ir ao inferno pelo caminho do céo, é a maior de todas as miserias. Que o rico avarento, vestindo purpuras e hollandas, e gastando a vida em banquetes, seja sepultado nos fogos eternos, por seu preço leva o inferno: *Recepisti bona in vita tua.* [1] Mas que o religioso, amortalhado em um sacco, com os jejuns, com as suas penitencias, com a sua clausura, com a sua

[1] *Luc.*, XVI, 25.

vontade sujeita a outrem, por ter os olhos nas migalhas dos do mundo, como Lazaro, vá parar nas mesmas penas? Brava desventura! O secular distrahido, que lhe não veiu nunca á memoria a conta que havia de dar a Deus, que a não dê boa e se perca, não podia parar n'outra coisa o seu descuido: mas que o mesmo religioso que por estes pulpitos vos vem prégar o Juiso, possa ser e haja de ser um dos condemnados d'aquelle dia! Triste estado é o nosso, se nos não salvamos. Mas d'aqui podeis vós tambem inferir que se isto passa no porto, que será no pégo! Se nós (fallo dos melhores que eu) se nós sobre tanto meditar na outra vida, nos perdemos, o vosso descuido e o vosso esquecimento, onde vos ha-de levar? Se as Cartuxas, se os Bussacos, se as Arrabidas hão-de tremer no dia do Juiso; as côrtes e a vossa côrte em que estado se achará?

V

Em todos os estados da côrte haverá mais que separar que em nenhuns outros. Mas deixando por agora os demais, em que cada um se póde prégar a si mesmo: chegarão, finalmente, os anjos ao logar dos reis. Não se verão alli sitiaes, nem outros apparatos de magestade, mas todos sós, e acompanhados sómente de suas obras, estarão em pé como réos. Conhecer-se-hão distinctamente quaes foram os reis de cada reino: quaes os de Hungria, quaes os de França, quaes os de Inglaterra, quaes os de Castella, quaes os de Portugal. E d'esta maneira irão os anjos tirando de cada corôa aquelles que foram máus reis: *Et separabunt malos de medio justorum.* Espero eu em Deus que n'este dia ha-de ser o nosso reino singular entre os do mundo, e que só d'elle não hão-de achar os anjos que apartar. Se eu estudára só pelo meu desejo, e pela minha esperança, assim o havia de crêr; mas quando leio as Escripturas, acho muito que temer, e muito que duvidar. Dos reis, como dos outros homens, nós não sabemos quaes se salvam, nem quaes se perdem. Só uma nação houve antigamente, da qual nos consta do texto sagrado, quantos foram os reis que se salvaram e quantos os que se perderam. Tremo de o dizer, mas é bem que se saiba distinctamente. No povo hebreu, em tempo que era povo de

Deus, houve tres reinos. O primeiro foi o reino das Doze Tribus, teve tres reis, e durou cento e vinte annos: o segundo foi o reino de Judá, teve vinte reis, e durou trezentos e noventa e quatro annos; o terceiro foi o reino de Israël, teve dezenove reis, e durou duzentos e quarenta e dois annos. Saibamos, agora, quantos reis foram os que se salvaram, e quantos os que se perderam n'estes reinos.

No reino das Doze Tribus, de tres reis perdeu-se Saül, salvou-se David, de Salomão não se sabe. No reino de Judá, de vinte reis salvaram-se cinco, perderam-se treze, de dois é incerto. No reino de Israël, nem estas tão pequenas excepções teve a desgraça; foram os reis dezenove e todos os dezenove se condemnaram. No dia do Juiso não se poderá cumprir n'este reino o *Separabunt malos de medio justorum:* chegarão os anjos alli, não terão que separar, levarão a todos. Oh desgraçados sceptros! Oh desgraçadas corôas! Oh desgraçados paes! Oh desgraçada descendencia! Desde Jeroboão a Ozeas dezenove reis coroados: dezenove reis condemnados.

Pois por certo que não foi por falta de doutrina, nem de auxilios; tinham estes reis conhecimento do verdadeiro Deus; tinham um povo, que era o povo escolhido de Deus; tinham templo, tinham sacerdotes, tinham sacrificios, viam milagres, ouviam prophecias, recebiam favores do céo, e quando era necessario não lhes faltavam tambem castigos; e nada d'isto bastou. Muito arriscada coisa deve ser o reinar, pois em tantos tempos e em tantos reis, se salvam, ou tão poucos, ou nenhum. Julguem lá, agora, os principes quaes serão as causas d'isto, que Deus não é injusto. Examinem muito escrupulosamente suas consciencias, e olhem a quem as communicam; considerem muito de proposito sobre os damnos publicos e particulares de seus vassallos, e vejam, pondo de parte todo o affecto, se suas orações, ou suas omissões, pódem ser a causa: persuadam-se que hão-de apparecer como qualquer outro homem diante do tribunal da Justiça Divina, onde se lhes ha-de pedir rigorosissima conta, dia por dia, e hora por hora, de quanto fizeram e de quanto deixaram de fazer. Cuide, finalmente, e pese, como convém, cada um dos principes, quão grande desventura e confusão sua será n'aquelle cadafalso universal do dia do Juiso, se depois de tanta

magestade e adoração n'esta vida, vier um anjo e o tomar pela mão, e o tirar para sempre do numero dos que se hão-de salvar: *Separabunt malos de medio justorum.*

Por este modo se irá continuando a separação dos máus em todos os estados do mundo: e n'aquelles em que por razão do sangue e do amor é mais natural a união, será mais lastimoso o apartamento. Verdadeiramente, todas as outras circumstancias d'aquelle acto terão muito de rigorosas, esta parecerá cruel. Apartar-se-hão alli os paes dos filhos; irá para uma parte Abrahão e para outra Ismaël: apartar-se-hão os irmãos dos irmãos; irá para uma parte Jacob e para outra Esaü: apartar-se-hão as mulheres dos maridos: irá para uma parte Esther e para outra Assuero: apartar-se-hão os amigos dos amigos; (seja o exemplo incerto, já que ha tão poucos de verdadeira amizade) irá para uma parte Jonathas e para outra David. Assim se apartarão para nunca mais os que se amam n'esta vida, e os que tinham tantas razões para se amarem tambem na outra. Para nunca mais! Oh que lastimosa palavra! Se apartar-se de uma terra para outra terra, com esperança de se tornar a vêr, causa tanta dôr nos que se amam; se apartar-se d'esta vida para a outra vida, com probabilidade de se verem eternamente, é um transe tão rigoroso; que dôr será apartarem-se para nunca mais, com certeza de se não verem em quanto Deus fôr Deus, aquelles a quem a natureza e o amor tinham feito quasi a mesma coisa! Certo que tem assaz duro coração quem só pelo não metter n'estes apertos não ama a Deus com todo elle.

VI

Feita a separação dos máus e bons, e socegados os prantos d'aquelle ultimo apartamento, que serão tão grandes como a multidão, e tão lastimosos como a causa; posto todo o Juiso em silencio e suspensão, começará a se fazer o exame das culpas. N'este passo me havia eu de descer do pulpito, e subir a elle: Quem? Não um anjo, não um propheta, não um Apostolo, mas algum dos condemnados do inferno, como

queria o rico avarento que viesse prégar a seus irmãos. *Delicta quis intelligit?* [1] Quem ha n'este mundo que entenda nem conheça os peccados? Isto dizia David, aquelle propheta tão alumiado do céo. Só um condemnado do inferno, só quem foi julgado por Deus, só quem assistiu ao rigor d'aquelle tribunal tremendo, só quem viu o exame inexcrutavel com que alli se penetram e se apuram as consciencias, só quem viu a anatomia tão miuda, tão delicada, tão exquisita, que alli se faz do menor peccado e da menor circumstancia, só quem viu a subtileza não imaginada com que alli se pesam atomos, se medem instantes, se partem indivisiveis: só este, e nem ainda este bastantemente, poderá declarar o que n'aquelle dia ha-de ser.

Muitas vezes me resolvi a deixar totalmente este ponto, contentando-me com confessar, que não sei nem me atrevo a fallar n'elle; porque ninguem possa dizer no dia do Juiso que eu o enganei. Mas como a materia é tão importante, e a principal obrigação d'este dia, já que se não póde dizer tudo, nem parte, ao menos quizera que Deus me ajudasse a vos metter hoje na alma dois escrupulos, que me parecem os mais necessarios ao auditorio a quem fallo. Peccados de omissão, e peccados de consequencia. Estes são os dois escrupulos que vos quizera hoje advertir e intimar da parte de Deus.

Sabei, christãos, sabei principes, sabei ministros, que se vos ha-de pedir estreita conta do que fizestes; mas muito mais estreita do que deixastes de fazer. Pelo que fizeram, se hão-de condemnar muitos, pelo que não fizeram, todos. As culpas por que se condemnam os réos são as que se conteem nos relatorios das sentenças: lêde, agora, o relatorio da sentença do dia do Juiso e notae o que diz: *Discedite à me, maledicti, in ignem æternum:* [2] Ide, malditos, ao fogo eterno. E porque? *Non dedistis mihi manducare, non dedistis mihi potum, non collegistis me, non cooperuistis me, non visitatis me.* [3] Cinco cargos, e todos omissões: porque não déstes de comer, porque não déstes de beber, porque não recolhestes, porque não visitas-

---

1 *Psal.*, XVIII, 13.
2 *Math.*, XXV, 41.
3 *Ibid.*, 42 e 43.

tes, porque não vestistes. Em summa, que os peccados que ultimamente hão-de levar os condemnados ao inferno, são os peccados de omissão. Não se espantem os doutos de uma proposição tão universal como esta; porque assim é verdadeira em todo o rigor da theologia. O ultimo peccado e a ultima disposição por que se hão-de condemnar os precitos, é a impenitencia final; e a impenitencia final é peccado de omissão. Vêde que coisas são omissões, e não vos espantareis do que digo. Por uma omissão perde-se uma inspiração, por uma inspiração perde-se um auxilio, por um auxilio perde-se uma contrição, por uma contrição perde-se uma alma; dae conta a Deus de uma alma, por uma omissão.

Desçamos a exemplos mais publicos. Por uma omissão perde-se uma maré, por uma maré perde-se uma viagem, por uma viagem perde-se uma armada, por uma armada perde-se um estado: dae conta a Deus de uma India, dae conta a Deus de um Brazil, por uma omissão. Por uma omissão perde-se um aviso, por um aviso perde-se uma occasião, por uma occasião perde-se um negocio, por um negocio perde-se um reino: dae conta a Deus de tantas casas, dae conta a Deus de tantas vidas, dae conta a Deus de tantas fazendas, dae conta a Deus de tantas honras, por uma omissão. Oh que arriscada salvação! Oh que arriscado officio é o dos principes e o dos ministros! Está o principe, está o ministro divertido, sem fazer má obra, sem dizer má palavra, sem ter máu nem bom pensamento: e talvez n'aquella mesma hora, por culpa de uma omissão, está commettendo maiores damnos, maiores estragos, maiores destruições, que todos os malfeitores do mundo em muitos annos. O salteador na charneca com um tiro matta um homem; o principe e o ministro com uma omissão, matam de um golpe uma monarchia. Estes são os escrupulos de que se não faz nenhum escrupulo; por isso mesmo são as omissões os mais perigosos de todos os peccados.

A omissão é o peccado que com mais facilidade se commette, e com mais difficuldade se conhece, e o que facilmente se commette e difficultosamente se conhece, raramente se emenda. A omissão é um peccado que se faz não fazendo: e peccado que nunca é má obra, e algumas vezes póde ser obra boa; ainda os muito escrupulosos vivem muito arriscados em este peccado.

Estava o propheta Elias em um deserto mettido em uma cova, apparece-lhe Deus e diz-lhe: *Quid hic agis Elia?* [1] E bem Elias, vós aqui? Aqui, Senhor! Pois aonde estou eu? Não estou mettido em uma cova? Não estou retirado do mundo? Não estou sepultado em vida? *Quid hic agis?* E que faço eu? Não me estou disciplinando, não estou jejuando, não estou contemplando e orando a Deus? Assim era. Pois se Elias estava fazendo penitencia em uma cova, como o reprehende Deus e lh'o estranha tanto? Porque ainda que eram boas obras as que fazia, eram melhores as que deixava de fazer. O que fazia era devoção, o que deixava de fazer era obrigação. Tinha Deus feito a Elias propheta do povo de Israël, tinha-lhe dado officio publico; e estar Elias no deserto, quando havia de andar na côrte; estar mettido em uma cova, quando havia de apparecer na praça; estar contemplando no céo, quando havia de estar emendando a terra, era muito grande culpa.

A razão é facil; porque no que fazia Elias salvava a sua alma, no que deixava de fazer perdiam-se muitas: não digo bem; no que fazia Elias, parecia que salvava a sua alma, no que deixava de fazer, perdia a sua e as dos outros porque faltava á doutrina; a sua, porque faltava á obrigação. E' muito bom exemplo este para a côrte e para os ministros que tomam a occupação por escusa da salvação. Dizem que não tratam de suas almas porque se não pódem retirar. Retirado estava Elias e perdia-se, mandam-no vir para a côrte para que se salve. Não deixe o ministro de fazer o que tem de obrigação, e póde ser que se salve melhor em um conselho, que em um deserto. Tome por disciplina a diligencia, tome por cilicio o zelo, tome por contemplação o cuidado, e tome por abstinencia o não tomar, e elle se salvará.

Mas porque se perdem tantos? Os menos máus perdem-se pelo que fazem, que estes são os menos máus: os peiores perdem-se pelo que deixam de fazer, que estes são os peiores; por omissões, por negligencias, por descuidos, por desattenções, por divertimentos, por vagares, por dilações, por eternidades. Eis aqui um peccado de que não fazem escrupulo os minis-

[1] *3.º dos Reg.*, XIX, 9.

tros, e um peccado por que se perdem muitos. Mas percam-se elles embora, já que assim o querem: o mal é que se perdem a si e perdem a todos; mas de todos hão-de dar conta a Deus. Uma das coisas de que se devem accusar e fazer grande escrupulo os ministros, é dos peccados do tempo. Porque fizeram o mez que vem o que se havia de fazer o passado: porque fizeram ámanhã o que se havia de fazer hoje: porque fizeram depois, o que se havia de fazer agora: porque fizeram logo o que se havia de fazer já. Tão delicadas como isto hão-de ser as consciencias dos que governam, em materias de momento. O ministro que não faz grande escrupulo de momentos não anda em bom estado: a fazenda póde-se restituir, a fama, ainda que mal, tambem se restitue, o tempo não tem restituição alguma.

E a que mandamento pertencem estes peccados do tempo? Pertencem ao setimo; porque ao setimo mandamento pertencem os damnos que se fazem ao proximo e á republica: e a uma republica não se lhe póde fazer maior damno que furtar-lhe instantes. Ah omissões, ah vagares, ladrões do tempo! Não haverá uma justiça exemplar para estes ladrões? Não haverá quem enforque estes ladrões do tempo, estes salteadores da occasião, estes destruidores da republica? Mas porque na Ordenação não ha pena contra estes delinquentes; e porque elles ás vezes se acolhem a sagrado, por isso a sentença do dia do Juiso ha-de cahir, principalmente, sobre as omissões.

VII

Peccados de consequencia é o segundo escrupulo. Ha uns peccados que acabam em si mesmos; ha outros que depois de acabados ainda duram em suas consequencias. Dizia Job a Deus: *Vestigia pedum meorum considerasti:* [1] Considerastes, Senhor, as pégadas de meus pés. Não diz que lhe considerou os passos, senão as pégadas; porque os passos passam, as pégadas fi-

[1] *Job.*, XIII, 27.

cam. O que fica dos peccados é o que Deus mais particularmente examina. Não só se nos ha-de pedir conta dos passos, senão das pégadas. Não só se nos ha-de pedir conta dos peccados senão das consequencias. Oh que terrivel conta será esta! Converteu Christo Senhor nosso a Zacheu, que era um mercante rico, e as resoluções de sua conversão foram estas: *Ecce dimidium bonorum meorum do pauperibus et si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum:* [1] Senhor, eu dou ametade de meus bens aos pobres, e da outra ametade pagarei quatro vezes em dobro tudo o que houver tomado.

Aqui reparo: as leis da justa restituição mandam que se pague o alheio em tanta quantidade como se tomou. Pois porque quer Zacheu que da sua fazenda se paguem e se acrescentem tres tantos mais: *Et si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum?* Se para a restituição basta uma parte, as outras tres a que fim se dão? Eu o direi: dá-se uma parte para satisfação do peccado, as outras tres para satisfação das consequencias. Entrou Zacheu em exame escrupuloso de sua consciencia sobre o que tinha roubado, e fez estas contas: se eu não roubára a Fulano tivera elle a sua fazenda; se a tivera não perdera o que perdeu, adquirira o que não adquiriu, não padecera o que padeceu. Ah sim! Pois para que a minha satisfação seja igual á minha culpa, dê-se a cada um quatro vezes tanto como lhe eu houver defraudado. Com a primeira parte se pagará o que lhe tomei, com a segunda o que perdeu, com a terceira o que não adquiriu, com a quarta o que padeceu. Eis aqui o que fez Zacheu. E que se seguiu d'aqui? *Hodie salus huic domui facta est:* hoje se poz em estado de salvação esta casa. E se a casa de Zacheu para se pôr em estado de salvação paga tres vezes mais do que tomou: em que estado de salvação estarão tantas casas de Portugal, onde se deve tanto, e se gasta tanto, e se esperdiça tanto, e nenhuma coisa se paga? Ora o caso é que muita gente deve de se condemnar. Porque na vida poucos pagam, na hora da morte os mais escrupulosos mandam pagar o capital; das consequencias, nem na vida, nem na morte ha quem faça caso.

---

[1] *Luc.*, XIX, 8.

E se isto passa na justiça commutativa, onde, emfim, ha numero, ha peso, e ha medida; que será na distributiva, e na vindicativa? Se isto lhe succede á justiça na mão das balanças; que será na mão da espada? Quaes serão as consequencias de um voto injusto em um tribunal? Quaes serão as consequencias de um voto apaixonado em um conselho? Ajude-me Deus a saber-vol-as representar, pois é materia tão occulta e de tanta importancia. Consulta-se em um conselho o logar d'um vice-rei, d'um general, d'um governador, d'um prelado, d'um ministro superior da fazenda ou justiça: e que succede? Vota o conselheiro no parente, porque é parente, vota no amigo, porque é amigo, vota no recommendado, porque é recommendado: e os mais dignos e os mais benemeritos, porque não teem amisade, nem parentesco, nem valia, ficam de fóra. Acontece isto muitas vezes? Queira Deus que alguma vez deixe de ser assim. Agora quizera eu perguntar ao conselheiro que deu este voto e que o assignou, se lhe remordeu a consciencia, ou se soube o que fazia? Homem cégo, homem precipitado, sabes o que fazes? Sabes o que firmas? Sabes que ainda que o peccado que commetteste contra o juramento de teu cargo seja um só, as consequencias que d'elle se seguem são infinitas e maiores que o mesmo peccado? Sabes que com essa pena te escreves réo de todos os males que fizer, que consentir, e que não estorvar esse homem indigno por quem votaste, e de todos os que d'elle se seguirem até o fim do mundo? Oh grande miseria! Miseravel é a republica onde ha taes votos, miseraveis são os povos onde se mandam ministros feitos por taes eleições; mas os conselheiros que n'elles votaram são os mais miseraveis de todos: os outros levam o proveito, elles ficam com os encargos. Ide comigo.

Se o que elegestes furta (não o ponhamos em condicional, porque claro está que ha-de furtar) furta o que elegestes, e furta por si e por todos os seus, como costumam os similhantes; e Deus ha-de-vos pedir a conta a vós, porque o vosso voto foi causa de todos aquelles roubos. Provê o que elegestes os officios de paz e guerra, nos que teem mais que peitar, deixando os que merecem e os que serviram; e vós haveis de dar a conta a Deus, porque o vosso voto foi causa de todas aquellas injustiças. Opprime o que elegestes os po-

bres, choram as viuvas, padecem os orphãos, clamam os innocentes; e Deus vos ha-de condemnar a vós, porque o vosso voto foi causa de todas aquellas oppressões, de todas aquellas tyrannias. Matam-se os homens no governo dos que elegestes, arruinam-se as casas, deshonram-se as familias, vive-se como em Turquia; e vós o haveis de ir pagar ao inferno, porque o vosso voto foi causa de todos aquelles homicidios, de todas aquellas affrontas, de todos aquelles escandalos. Quebram-se as immunidades da Egreja, maltratam-se os ministros do Evangelho, impedem-se as conversões da gentilidade para a propagação da fé; e vós haveis de penar por isso eternamente, porque o vosso voto foi causa de todos aquelles sacrilegios, de todas aquellas impiedades, e da perda irreparavel de tantos milhares de almas. Estas são as consequencias da parte do indigno que elegestes.

E da parte dos benemeritos que deixastes de fóra, quaes serão? Ficarem os mesmos benemeritos sem o prémio devido a seus serviços: ficarem seus filhos e netos sem remedio e sem honra, depois de seus paes e avós lh'a terem ganhado com o sangue, porque vós lh'a tirastes: ficar a republica mal servida: os bons escandalisados: os principes murmurados: o governo odiado: o mesmo conselho em que assistis, ou presidis, infamado: o merecimento sem esperança: o premio sem justiça: o descontentamento com desculpa: Deus offendido, o rei enganado, a patria destruida. São pesadas e pesadissimas consequencias estas? Pois todas ellas nascem d'aquelle voto, ou d'aquella eleição de que vós por ventura ficastes sem escrupulo, e de que recebestes as graças (e talvez a propina) com muita alegria. Dir-me-heis que não advertistes taes coisas. Boa escusa para um conselheiro sabio! Se o não advertistes, peccastes, porque o devereis advertir. Tomara poder confirmar tudo o que tenho dito em particular com exemplos das Escripturas; mas bastará por todos um, que em materias de peccados de consequencia é verdadeiramente formidavel.

Matou Caim a Abel, e diz a Escriptura conforme o texto original: *Vox sanguinum fratris tui clamantium ad me:* [1] Caim, a voz do sangue de teu irmão Abel

---

1 *Genes.*, IV, 10.

está bradando a mim. Notavel dizer! O sangue de Abel era um, como era um o mesmo Abel morto. Pois se Abel morto, e o sangue de Abel derramado era um, como diz Deus que clamaram contra Caim muitos sangues: *Vox sanguinum?* Declarou o mysterio o paraphraste caldaico temerosamente: *Vox sanguinum generationum, quæ futuræ erant de fratre tuo, clamat ad me:* Se Caim não matara a Abel haviam de nascer de Abel quasi tantas outras gerações como nasceram de Adão, com que dobradamente se propagasse o genero humano: e o sangue ou sangues de todos estes homens que haviam de nascer de Abel, e não nasceram, eram os que clamaram a Deus, e pediam vingança contra Caim; porque matando Caim, e arrancando da terra a arvore de que elles haviam de nascer, o mesmo damno lhes fez, que se os matara. De sorte que Caim parecia homicida de um só homem, e era homicida de um genero humano: o peccado era um, as consequencias infinitas. Pois se Deus castiga nos peccados até as consequencias possiveis: se os possiveis hão-de apparecer e resuscitar no dia do Juiso contra vós, não porque foram, nem porque deixaram de ser, senão porque haviam de ser: se os possiveis teem sangue e vozes que clamam ao céo; que clamores serão os do verdadeiro sangue derramado de verdadeiras veias? Que vozes serão as de verdadeiras lagrimas, choradas de verdadeiros olhos? Que gemidos serão os de verdadeira dôr, sahidos de verdadeiros corações? Que serão as viudezes, as orphandades, os desamparos? Que serão as oppressões, as destruições, as tyrannias? E que serão as consequencias de tudo isto, multiplicadas em tantas pessoas, continuadas em tantas edades, e propagadas em tantas descendencias, ou futuras, ou possiveis, até ao fim do mundo! Ha quem faça escrupulo d'isto?

Agora entendereis com quanta razão disse S. João Chrysostomo: *Miror, an fieri possit, ut aliquis ex rectoribus sit salvus.* E' uma das mais notaveis sentenças que se acham escriptas nos Santos Padres. Torno a repetil-a: *Miror, an fieri possit, ut aliquis ex rectoribus sit salvus.* Admiro-me (diz o grande Chrysostomo) e cheio de espanto considero comigo: se será possivel que algum dos que governam se salve! Esta proposição, e a supposição em que ella se funda, está julgada commumente por hyperbole e encarecimento

rhetorico. Eu, comtudo, digo que não é hyperbole, nem encarecimento, senão verdade moralmente universal em todo o rigor theologico. Impossivel moral chamam os theologos áquillo que muito difficultosamente póde ser, e que nunca ou quasi nunca succede.

N'este sentido disse S. Paulo: *Impossibile est, eos qui semel illuminati, et prolapsi sunt, renovari ad pœnitentiam.* [1] E no mesmo sentido disse Christo Senhor nosso: *Facilius est camelum perforamen acus transire, quam divitem intrare in regnum cælorum.* [2] D'onde os Apostolos tiraram a mesma admiração que S. João Chrysostomo, e inferiram a mesma impossibilidade: *Auditis autem his discipuli mirabantur valde dicentes: quis ergo poterit salvus esse?* E o Senhor confirmou a sua illação, dizendo que humanamente era impossivel, como elles diziam, mas que para Deus tudo é possivel: *Apud homines hoc impossibile est: apud Deum autem omnia possibilia sunt.* Que foi o mesmo que distinguir o impossivel moral e humano, do impossivel absoluto, que até em respeito da omnipotencia divina não é possivel. E como os que governam, pelas obrigações de seus mesmos officios, e pelas omissões que n'elles commettem, e pelos damnos que por varios modos causam a tantos, os quaes damnos não param alli, mas se continuam e multiplicam em suas consequencias, teem tão difficultosa a salvação; por isso S. Chrysostomo, fallando liza, sincera, e moralmente, sem encarecimento nem hyperbole, disse que elle se admirava muito e não podia entender como era possivel que algum dos que governam se salve: *Miror, an fieri possit, ut aliquis ex rectoribus sit salvus.*

E para que nós nos não admiremos, e os que governam ou desejam governar tenham tanto medo dos seus officios como dos seus desejos, reduzindo a verdade d'esta sentença á evidencia da pratica, argumento assim: todo o homem que é causa gravemente culpavel de algum damno grave, se o não restitue, quando póde, não se póde salvar: todos ou quasi todos os que governam, são causas gravemente culpaveis de graves

---

[1] *Hebr.*, VI, 4, 5 e 6

[1] *Math.*, XIX, 25.

damnos, e nenhum ou quasi nenhum restitue o que póde: logo nenhum ou quasi nenhum dos que governam, se póde salvar. Colhe bem a consequencia? Pois ainda mal, porque a segunda premissa, de que só se podia duvidar, está tão provada na experiencia. Eu vi governar muitos, e vi morrer muitos: nenhum vi governar que não fosse causa culpavel de muitos damnos, nenhum vi morrer, que restituisse o que podia: Sou obrigado, *secundum præsentem justitiam*, a crêr que todos estão no inferno. Assim o creio dos mortos, assim o temo dos vivos.

VIII

Pedida e tomada a conta a todo o genero humano, olhará o Senhor para a mão direita, e com o rosto cheio de gloria e alegria, dirá aos bons: *Venite, benedicti Patris mei, possidete paratum vobis regnum à constitutione mundi.* [1] Vinde, bemditos de meu Pae, e possui o reino que vos está aparelhado desde o principio do mundo. Quem serão os venturosos sobre que ha-de cahir esta ditosa sentença? Bemdito seja Deus, que todos os que estamos presentes o podemos ser se quizermos. Como se darão então por bem empregados todos os trabalhos da vida, e quão verdadeiramente parecerá então jugo suave a lei de Christo, que hoje julgamos por difficultosa e pesada! Mas ainda mal porque muitos dos que aqui estamos... não me atrevo a o dizer, entendei-o vós. *Multi sunt vocati, pauci vero electi:* [2] *Arcta via est, quæ ducit ad vitam, et pauci sunt, qui inveniunt eam.* [3] Voltando-se depois o Senhor (não digo bem) não se voltando o Senhor para a mão esquerda; com rosto severo e não compassivo (o que me não atrevera eu a crêr se o não disseram as Escripturas) dirá d'esta maneira para os máus: *Discedite*

---

1 *Matth.*, XXV, 34.
2 *Ibid.*, XXII, 14.
3 *Ibid.*, VII, 14.

à me, meledicti, in ignem æternum, qui paratus est diabolo, et angelis ejus. Ide, malditos, ao fogo eterno, que estava aparelhado, não para vós, senão para o demonio e seus anjos: mas já que assim o quizestes, ide. Abriu-se a terra, cahiram todos, tornou-se a cerrar para toda a eternidade. Eternidade. Eternidade. Eternidade.

SERMÃO

DA

Primeira Dominga do Advento

Prégado na Capella Real, no Anno de 1652

Amen dico vobis, non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant.

Luc., xxi.

I

Muitas coisas sabemos d'este grande dia, todas grandes e temerosas, e duas só ignoramos. Sabemos que antes do dia do Juiso, o sol, que sohia fazer o dia, se ha-de escurecer e esconder totalmente com o mais horrendo e assombroso eclipse que nunca viram os mortaes. Sabemos que a lua, não por interposição da terra, mas contra toda a ordem da natureza, se ha-de mostrar entre as trevas medonhamente desfigurada, e toda coberta de sangue. Sabemos que as estrellas do firmamento, desencaixadas das orbes celestes, hão-de cahir: e como no mundo inferior não teem onde caber, lá hão-de estalar a pedaços, com horrivel estrondo, e exhalar-se em vapores ardentes. Sabemos que o mar ha-de sahir furiosamente de si, e atroar os ouvidos attonitos com pavorosos roncos, e levantando ondas immensas até ás nuvens, já não ha-de bater como d'antes as praias; mas sorver inteiras as ilhas, e afogar os montes. Sabemos que

---

1 É este sermão, commenta o P.e Antonio Honorati, dos mais extensos, mais praticos e ricos de doutrina; e em varios pontos não é menos grandioso que o precedente.

depois d'estes tristissimos signaes (a que o Evangelho chama principios das dôres) entre trovões, relampagos e raios, ha-de chover um diluvio de fogo, com que se ha-de accender o ar, seccar o mar, e abrasar a terra; e que n'esta universal confusão de fumo e labaredas, ha-de arder e consumir-se em todos os tres elementos, tudo o que até então respirava e vivia n'elles. Sabemos que assim hão-de acabar todos os homens, e que assim ha-de acabar com elles tudo o que a sua ambição e vaidade fabricou em tantas vidas e seculos; e que este ha-de ser emfim, o fim do nosso mundo, lastimoso, mas não lastimavel, porque já não haverá quem se lastime d'elle. N'este vastissimo deserto, e n'este profundissimo silencio de tudo o que foi, sabemos que se ouvirá em um e outro hemispherio o som de uma trombeta, a cuja voz portentosa se levantarão d'aquelle sepulchro universal todos os mortos, vivos: mas não sahirão na mesma, senão em muito diversas figuras; porque cada um trará no semblante o retrato de sua propria fortuna. Tornado a povoar assim o mundo, com todos os que hoje são, com todos os que foram, e com todos os que hão-de ser, sabemos que de repente se ha-de abrir no céo uma grande porta, e que a primeira coisa que todos verão sahir por ella, cercada de resplandores bastantes a escurecer o sol (se ainda houvera sol) será a mesma sagrada Cruz em que o Redemptor do mundo padeceu, reservada só ella do incendio, e reunida de todas as partes da christandade, onde esteve dividida e adorada. Sabemos que a esta celestial bandeira, seguirão repartidos em nove numerosissimos exercitos, todas as jerarchias dos anjos, e que signaladamente se divisarão entre elles os que tiveram por officio guardar os homens, uns com rosto alegre, outros severo, segundo o feliz ou infeliz estado d'aquelles a quem guardaram. Sabemos que por fim d'este infinito, e pomposissimo acompanhamento, apparecerá em throno magestoso de luzidissimas nuvens, o supremo e universal Juiz, Christo Jesus, a cuja vista se abaterão, prostrados com profundissimo acatamento, toda a multidão immensa do genero humano resuscitado, adorando agora com bem differentes affectos, uns a Magestade que crêram e serviram, outros a que não quizeram crêr, outros a que não quizeram servir. Parado em proporcionada distancia o tremendo consistorio,

e assentados de um e outro lado, como assessores, os doze Apostolos; sabemos que sahirão d'elle como ministros inferiores de justiça muitos anjos em fórma visivel, os quaes entrando por aquella immensidade de homens (já despidos e desenganados todos dos falsos respeitos que se lhes guardavam na vida) sem confusão nem resistencia os apartarão uns dos outros, e os bons e ditosos serão collocados á mão direita, e os máus e malaventurados postos á esquerda. De uma parte estará a esperança alentando, e da outra o receio tremendo, e no meio d'esta suspensão e terror (de que até os mesmos anjos se não darão por seguros) sabemos que em um momento se abrirão os processos, e ficarão manifestas e patentes as vidas de todos, sem haver obra, palavra, omissão, nem pensamento, por mais secreto e occulto, que alli não seja publico; vendo todos as consciencias de todos, todos a de cada um, e cada um a sua. Sabemos que convencidos d'esta evidencia, ninguem haverá que replique, ninguem que embargue, ninguem que appelle, nem para a Mãe de misericordia, nem para a misericordia do Filho e suas Chagas; porque havendo-se dado á mesma misericordia tantos annos, aquelle dia tantas vezes prégado e não temido, será todo de justiça. Sabemos, finalmente, que pronunciada a sentença por aquella mesma sacratissima bocca que tantas vezes nos exhortou á penitencia dos peccados, que tanto tempo nos esperou pela emenda, e nos esteve rogando com o perdão: sabemos, digo, que os da mão direita com o mesmo e maior apparato (porque já as almas bemaventuradas irão revestidas de seus corpos gloriosos) marcharão em triumpho para o céo, dando-se mil parabens e vivas; e os miseraveis condemnados, lançando sobre si infinitas maldições, e vendo sem remedio o que por sua culpa perderam, abrindo-se de repente a terra, cahirão precipitados no inferno; e tornando-se outra vez a cerrar, ficarão sepultados, e ardendo n'elle, para em quanto Deus fôr Deus.

Estas são as grandes coisas que sabemos se hão-de vêr n'aquelle grande e temeroso dia, todas certas e infalliveis, porque todas, sem affectação nem hyperbole, são tiradas das Sagradas Escripturas, no sentido natural, proprio e litteral d'ellas. Mas entre estas coisas tão sabidas, e tão prégadas n'este dia, ha outras duas, como dizia ao principio, as quaes só ignoramos,

e não sabemos. E que duas coisas ignoradas são estas? São tambem importantes, e de que dependa a felicidade ou infelicidade eterna; a salvação ou condemnação dos que vivemos? Agora o vereis. A primeira coisa que ignoramos, é quando ha-de ser o dia do Juiso: a segunda, quaes de nós são os que se hão-de vêr á direita, e quaes á esquerda. Estas duas coisas tão ignoradas, quero que leveis hoje sabidas: e ellas serão os dois pontos do meu discurso. No primeiro vos direi de certo quando ha-de ser o dia do Juiso: no segundo, tambem de certo, quaes se hão-de vêr á mão direita, e quaes á esquerda n'aquelle dia. A materia é tão grande e tão importante, que por si mesma se recommenda, e não é necessario pedir attenção: graça sim a Deus, e muita graça, para que nossas almas se deixem penetrar d'estes dois raios de luz, e tirem d'elles um ultimo desengano, de que tanto necessita a nossa cegueira.

II

Amen dico vobis, non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant.

A questão do dia do Juiso, e fim do mundo, póde-se excitar de dois modos, e em dois sentidos: ou mais largamente quanto aos annos, ou mais estreita e determinadamente quanto ao dia. Quanto aos annos, ha varias e mui diversas opiniões. Alguns teem para si, que se ha-de acabar o mundo no anno da conjunção maior, ou perfeitamente maxima, isto é, quando os orbes celestes, depois de acabarem inteiramente seu curso, tornarem outra vez a ficar no mesmo posto, composição e assento em que foram creados. O fundamento é, porque não parece conveniente, nem conforme á providencia do Auctor da natureza, que fabricasse esta grande machina, com tantos, tão diversos, e tão concertados movimentos, para ficar parada no meio da carreira, e não dar, sequer, uma volta ou passeio inteiro, em que se visse e lograsse a consonancia e symetria de sua admiravel architectura; sendo certo que toda foi creada para louvor e gloria do supremo Artifice. E segundo esta sentença, e seus auctores,

ainda restam de vida, ou duração ao mundo, mais de nove mil annos.

A segunda opinião prova, ou quer provar, que o curso do mundo desde o dia de sua creação até o do Juiso, ha-de ser de oito mil annos completos. Funda-se n'aquelle logar do propheta Habacuc, em que diz que Deus se havia de manifestar aos homens no meio dos annos: *In medio annorum notum facies.* [1] E constando, segundo a mais verdadeira e exacta chronologia, que o mysterio da Encarnação do Verbo, em que Deus se manifestou aos homens, foi quatro mil annos depois da creação, segue-se que do anno do nascimento de Christo a outros quatro mil, ha-de ser o fim do mundo. E segundo esta opinião, ainda o mundo ha-de durar dois mil e trezentos e cincoenta annos, tempo em que será já tão outro, que de tudo quanto hoje ha n'elle, apenas se conserve algum vestigio, gastados, como vêmos, em menor antiguidade os marmores, e consumidos os bronzes.

A terceira e communissima sentença, é que assim como o mundo foi creado em seis dias, ha-de durar sómente seis mil annos, conforme aquella regra, de que mil annos para com Deus são um dia: *Mille anni ante oculos tuos tanquam dies.* [2] E assim como ao sexto dia da creação se seguiu o setimo, em que diz a Escriptura, que descançou Deus de tudo o que tinha obrado, e depois d'este dia não se conta outro; assim ao sexto millenario da duração do mundo, se ha-de seguir o setimo, sem fim, no descanço da eternidade. Este modo de dizer se tem commummente por tradição antiquissima, continuada desde o principio do mesmo mundo. E verdadeiramente assim o demonstra a conspiração com que vêmos concordes no mesmo parecer os mais doutos homens dos Gentios, dos Hebreus, dos Gregos, dos Latinos. Dos Gentios, Hydaspes, Mercurio Trismegisto, e as Sibyllas: dos Hebreus, Rabbi Isaac, Rabbi Elias, e Rabbi Moysés Gerundense: dos Gregos, S. Hyppolito, S. Justino, S. Irineu, S. Cyrillo, S. Chrysostomo: dos Latinos, Tertulliano, Lactancio, S. Jeronymo, S. Agostinho, S. Hylario. Acrescenta-se ao pezo de tanta auctoridade,

---

[1] *Habac.*, III, 2.
[2] *Psal.*, LXXXIX, 4.

ser conforme este numero á distribuição natural da Providencia Divina: pois sabemos que a lei da natureza durou dois mil annos, a escripta outros dois mil, e parece que segundo a proporção e correspondencia das mesmas leis, deve durar a da graça outro tanto tempo. Por estes e outros fundamentos, muitos e graves auctores modernos, como Bellarmino, Genebrardo, Feuardencio, Pico Mirandulano, Bongo, Cornelio, e outros, teem esta sentença por mui provavel, e como tal a seguem. Na supposição d'ella, e de que o mundo não ha-de durar mais que seis mil annos; desde o anno presente, em que estamos, até o ultimo, não lhe restam de duração mais que trezentos e cincoenta: e d'aqui pódem inferir os que hoje edificam tão magnificamente em todas as côrtes, Roma, Pariz, e na nossa Lisboa, que tudo isto que fazem, e em que tanto se cançam, é em ir ajuntando lenha para o fogo do dia do Juiso.

O cardeal Cuzano, grande philosopho e theologo, em um tratado particular que compoz d'esta materia, ainda estreita muito mais este prazo. Toma por fundamento aquella prophecia de S. Paulo, em que diz que a Egreja ha-de crescer, segundo a medida da edade de Christo: *In mensuram ætatis plenitudinis Christi.* [1] E dando a cada anno da vida de Christo um anno de remissão, ou redempção (que na Lei Velha se chamava, Anno Jubileu, e vinha de cincoenta em cincoenta annos) vem a concluir por boa arithmetica, que o fim do mundo ha-de ser no anno de mil e setecentos: d'aqui a quarenta e nove. [2] Segundo esta conta, muitos dos que hoje são vivos, se pódem achar presentes a toda a tragedia do dia do Juiso, e vêr os horrendos signaes que o hão-de preceder. Oh, se houvesse alguns que se persuadissem a isto! Que pouco cuidado lhes dariam outros futuros, que tão pouco importam: e que pouco se cançariam a si e aos principes, em requerer commendas e rendas para muitas vidas!

Mas passando do anno ao dia, ainda o desengano é mais breve e mais certo, e mais para persuadir o desprezo de tudo. Christo Senhor nosso, disse a seus

---

[1] *Ephes.*, IV, 13.

[2] Começa o seu computo este auctor desde o dia da Encarnação de Christo.

Discipulos, que o segredo d'aquelle dia é reservado só ao Padre, e que nem os anjos no céo o sabem, nem Elle o sabia em fôro que o pudesse revelar: *De die autem illa, et hora nemo scit, neque angeli in cælo, neque Filius, nisi Pater.* [1] Comtudo, eu me não arrependo, nem me desdigo do que prometti. Prometti de vos dizer com certeza quando ha-de ser o dia do Juiso. E quando cuidaes que ha-de ser? Não vos quero ter suspensos. E' hoje, foi hontem, ha-de ser ámanhã, e não amanhece nem anoitece dia, que não seja certamente o dia do Juiso. Que coisa é o dia do Juiso? E' um dia em que se ha-de acabar o mundo: é um dia em que Christo nos ha-de vir julgar: é um dia em que havemos de dar conta de toda a nossa vida; e em que os bons hão-de ir para o céo, e os máus para o inferno. Não é esta a essencia e substancia do dia do Juiso? Sim. Pois isto é o que se faz hoje, o que se fez hontem, o que se ha-de fazer ámanhã, e todos os dias. Acaba-se o mundo todos os dias; porque para quem morre acabou-se o mundo. Vem Christo a julgar todos os dias; porque no ponto em que cada um expira, logo o vem julgar, e julga, não outrem, senão o mesmo Christo. Toma-se conta, e estreitissima conta de toda a vida, todos os dias; porque no dia da morte, e no mesmo instante d'ella, se toma e dá esta conta. Finalmente, vão os bons para o céo, e os máus para o inferno, todos os dias; porque todos os dias os que morrem, ou são absoltos, e vão para o céo, ou condemnados, e vão para o inferno. Vamos agora ao Evangelho, e vejamos como este mesmo Juiso, e na mesma fórma em que o tenho declarado, é o que hoje nos prega Christo.

III

Tinha Christo Senhor nosso prégado o mesmo Evangelho, que ouvistes; tinha annunciado a seus Discipulos os signaes tremendos que hão-de preceder ao Juiso, e o poder e magestade com que o mesmo

1 *Math.*, XXIV, 36.

Senhor ha-de vir em Pessoa a julgar o mundo, e conclue com as palavras que tomei por thema: *Amen dico vobis, quia non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant:* De verdade vos prometto e affirmo, que não ha-de passar a presente geração, sem que tudo o que vos tenho dito se cumpra. Este é um dos difficultosos logares de toda a historia evangelica. Uma geração em phrase da Escriptura, quer dizer uma edade, ou um seculo; porque o mais que chega a durar a vida humana são cem annos. N'este sentido diz o Ecclesiastico pelas mesmas palavras do nosso texto: *Generatio prætorit, generatio advenit:* [1] e David em muitos logares: *A generatione in generationem.* E o mesmo Deus com maior distincção e declaração, revelando o tempo do captiveiro do Egypto: *Affligent eos quadringentis annis, generatione autem quarta revertentur huc.* [2] D'onde consta com evidencia, que uma geração é um seculo, ou cem annos, pois quatrocentos annos são quatro gerações. Isto supposto, vem a dizer Christo, por conclusão do que acabava de ensinar e revelar ácerca do dia do Juiso, que tudo se havia de cumprir n'aquelle mesmo seculo, e dentro d'aquelles cem annos. Aqui está a difficuldade. D'aquelle tempo para cá teem passado mais de mil e seiscentos annos, e já temos contado dezesseis seculos, e estamos no seculo dezesete, e o dia do Juiso ainda não chegou. Além d'esta demonstração, segundo as opiniões que acima referimos, o mundo provavelmente ainda ha-de durar, ou muitos ou alguns seculos, antes do dia do Juiso; pois, como diz o Senhor, e com tão particular asseveração, que tudo se havia de cumprir dentro do mesmo seculo, que então corria, e que se não havia de acabar aquelle seculo sem que viesse o dia do Juiso: *Non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant?* Assim o disse, e affirmou a Verdade eterna, e assim se cumpriu n'aquelle seculo, e cumprirá nos seguintes; porque nenhum homem houve n'aquelle seculo, que dentro do mesmo seculo não tivesse o seu dia do Juiso. Como as vidas e edades, geralmente, não passam de cem annos, nenhum homem ha que não acabe a vida dentro do

[1] *Eccles.*, I, 4.
[2] *Gen.*, XI, 16.

mesmo seculo a que pertence, e nenhum ha que não seja julgado no tribunal de Christo, e tenha o seu dia do Juiso no mesmo seculo. Os que morrem hoje, teem o seu dia do Juiso hoje; os que morreram, hontem, tiveram o seu dia do Juiso hontem; os que morrerem ámanhã, e d'aqui a vinte annos, ámanhã, e d'aqui a vinte annos, terão o seu dia do Juiso; mas sempre dentro do mesmo seculo e da mesma edade ou geração: *Non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant.*

Bem sei que os doutos terão esta exposição por nova, e bem sabem elles tambem, quão duras e difficultosas são as que até agora se teem dado. Eu a tenho por adequada, genuina e litteral; mas não por minha, senão do mesmo Christo. Porque, como consta do Evangelista S. Matheus, [1] n'este mesmo discurso applicou o Senhor ao dia da morte tudo o que tinha dito do Juiso, exhortando aos mesmos com quem fallava, que se aparelhassem para ella. Aquelles com quem o Divino Mestre fallava quando disse: *Amen dico vobis:* [2] eram os Apostolos, os quaes todos haviam de morrer e morreram n'aquelle seculo; e por isso muito acommodadamente a elles lhes disse o Senhor, que dentro do mesmo seculo se havia de cumprir tudo: *Non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant.*

Não faltará, porém, quem replique, e parece que com bom fundamento: Christo Senhor nosso tinha dito que antes do Juiso havia de haver signaes no sol, na lua e nas estrellas: *Erunt signa in sole, et luna, et stellis.* Tinha dito que havia de vir a julgar em throno de magestade, e que assim o haviam de vêr: *Tunc videbunt Filium hominis venientem cum potestate magna, et majestate.* E n'aquelle seculo, nem nos seguintes, não se viu coisa alguma d'isto; logo não se verifica que n'aquelle seculo se havia de cumprir tudo: *Non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant?* Aqui vereis qual é o tudo do dia do Juiso, e que é o que Christo chama tudo. O tudo do dia do Juiso, é a conta da vida que o mesmo Christo ha-de tomar: é a sentença, que ha-de dar, segundo os merecimentos d'ella; é o céo, ou inferno para sempre, a que cada um

---

[1] *Math.*, XXIV, 44.
[2] *Math.*, XXIV, 33.

ha-de ser julgado: o demais são accidentes, e apparatos do Juiso universal, e não a substancia do mesmo Juiso, a qual se não distingué dos Juisos particulares. D'esta substancia, e d'este tudo do Juiso universal, é que fallou o Senhor na sua conclusão: e porque esta substancia e este tudo se não distingue dos Juisos particulares que se fazem na morte, por isso disse que tudo se havia de cumprir dentro d'aquelle seculo, como verdadeiramente se cumpriu. E se quizermos reparar na propriedade das palavras: *Donec omnia fiant*, ainda acharemos n'ellas mais particular energia. Porque no dia do Juiso final, não se ha-de fazer coisa alguma de novo, senão declarar sómente o que já está feito. Os Juisos particulares que se fizeram na morte, esses mesmos são os que se hão-de publicar no Juiso universal; e o Juiso não se faz quando se publica a sentença, senão quando se dá: logo no dia da morte é que propriamente se faz o Juiso, e tudo isto que se faz agora e não depois, é o que o Senhor disse que se havia de fazer dentro d'aquelle seculo: *Non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant.*

Para tirar toda a duvida, oiçamos ao mesmo Christo em caso muito mais apertado, e que a podia fazer maior. No capitulo quinto de S. João, falla o Senhor do dia do Juiso final, com maiores e mais intrinsecas circumstancias; porque faz menção da resurreição universal dos mortos, e da sentença tambem universal dos bons, e dos máus, segundo o merecimento de suas obras: *Omnes qui in monumentis sunt, audient vocem Filii Dei: et procedent qui bona fecerunt, in resurrectionem judicii.* [1] E declarando o mesmo Senhor quando ha-de ser este tempo, diz que ha-de vir, e que agora é: *Venit hora et nunc est.* Póde haver proposição mais encontrada? Ha-de vir o dia do Juiso, e já agora é? Se o dia do Juiso estava tão longe — se ha mil e seiscentos annos que ainda não veiu; e se ainda não sabemos quando ha-de ser aquelle dia ou aquella hora, como diz o oraculo de Christo que já é: *Venit hora, et nunc est?* Admiravel e litteralmente S. Jeronymo: [2] e se eu lhe pedira

[1] *Joan.*, v, 29 e 30.
[2] *Hier. in Joel.*, II.

o commento, não o pudéra escrever com mais ajustadas palavras: *Quia quod in die judicii futurum est omnibus, singulis in die mortis completur.* Diz o Senhor, que o dia do Juiso ha-de vir, e que já é; porque ainda que o dia do Juiso ha-de ser depois, e muito depois; o dia da morte é já agora: e o que se ha-de cumprir em todos no dia do Juiso, cumpre-se em cada um no dia da morte: *Singulis in die mortis completur.* Notae o *Completur.* As outras prophecias cumprem-se a seu tempo, esta do dia do Juiso tem o seu cumprimento antes de tempo; porque aquillo mesmo que se faz agora, é o que se diz que ha-de ser então. Então hão se de examinar as obras, então ha se de pronunciar a sentença, então hão-de sahir uns absoltos, outros condemnados: e tudo isto que então se ha-de fazer no dia do Juiso, é o que se faz ou está já feito agora no dia da morte. Por isso diz o Senhor, que aquelle dia está por vir, e já é: *Venit hora, et nunc est. Nunc*, agora. Estes dois adverbios de tempo, *então* e *agora*, sempre são oppostos; mas no dia do Juiso, comparado com o da morte, ainda que a morte seja dois mil annos antes que o Juiso, não teem opposição. O *agora* é *então*, e o *então* é *agora.* No nosso Evangelho diz o mesmo Senhor: *Tunc videbunt: então verão:* E aquelle *então* é *agora:* aquelle *tunc* é *nunc: Tunc videbunt, et nunc est.*

E não obsta que no dia do Juiso universal haja de haver outras circumstancias muito notaveis, que não ha no Juiso particular do dia da morte. Por isso havendo referido Christo n'este mesmo texto, essas mesmas circumstancias, affirma comtudo absolutamente, que já agora é o que ha-de ser então, porque falla o Senhor (como eu dizia) da substancia do Juiso, que no final e no particular é a mesma, e não dos accidentes, apparatos e circumstancias, em que o final será muito diverso. Mas acrescentemos á auctoridade de S. Jeronymo a de Santo Agostinho, que na interpretação das Escripturas, são as duas maiores. Movido d'estas mesmas circumstancias Esychio, bispo de Jérusalem, [1] e da difficuldade de outros textos do Evangelho, em que parece se encon-

[1] Esychius Epist. 79. Aug. Epist. 78 e 80.

tram ou equivocam as coisas do Juiso futuro com as do tempo presente, e não se satisfazendo da solução que elle lhes dava, consultou a Santo Agostinho. E que responderia aquelle grande doutor e oraculo da Egreja? A verdade entre todos os que a alcançam é a mesma. Respondeu Santo Agostinho o mesmo que tinha dito S. Jeronymo, mas com palavras e termos muito proprios de Agostinho. Allega aquelle texto de Christo por S. Marcos: *Quod autem vobis dico, omnibus dico:* e pergunta, porque diz e prega Christo a todos, o que só pertence aos que forem vivos no dia do Juiso? *Cur itaque omnibus dicit, quod ad eos solos pertineat, qui tunc erunt?* E responde com estas divinas palavras: *Tunc enim unicuique veniet dies ille, cum venerit ei dies, ut talis hinc exeat, qualis judicandus est illo die.* Avisa (diz Agostinho) e acautela Christo a todos para o dia do Juiso, quando a cada um vier aquelle dia, no qual sahirá d'este mundo tal, qual ha-de ser julgado no ultimo dia. No ultimo dia, que é o do Juiso, cada um ha-de ser julgado tal, qual fôr julgado no dia da morte; logo no dia da morte vem a cada um o dia do Juiso. Ainda se explica no mesmo logar o mesmo Santo Agostinho por outros termos mais claros e egualmente seus: *In quo quemque statu invenerit suus novissimus dies, in hoc eum comprehendet mundi novissimus dies: quoniam qualis in die isto quisque moritur, talis in die illo judicabitur.* Affirma Christo, diz outra vez Agostinho, que o que ha-de ser no dia do Juiso, tambem ha-de ser agora, e já agora é; porque haveis de advertir, que o novissimo do Juiso se divide em dois novissimos: o novissimo do mundo, que é o ultimo dia do mundo, e o novissimo da vida, que é o ultimo dia da vida; e qual fôr este primeiro novissimo, tal ha-de ser o segundo: logo já é o que ha-de ser; porque não ha-de ser outra coisa, senão o que é. Se o Juiso do ultimo dia do mundo houvera de ser diverso do Juiso do ultimo dia da vida, então eram propriamente dois Juisos: um futuro, outro presente; mas como são verdadeiramente um só Juiso, dividido ou multiplicado em dois dias, feito em um, e repetido no outro; mais propriamente é já agora no dia em que se faz, do que ha-de ser depois no dia em que se repete. Por isso diz a Summa Verdade, que ha-de vir, e que já é: *Venit hora et nunc est.*

De maneira, senhores, que o conceito que ordinariamente fazemos do dia do Juiso, é muito enganoso, e muito errado. Consideramos o dia do Juiso como uma coisa medonha e espantosa; mas que está lá muito longe, como as serpes nas arêas da Lybia, ou os crocodilos no Nilo, e por isso nos não faz medo. Não é assim: o dia do Juiso não está longe: está tão perto como o dia de ámanhã, e como o dia de hoje, e como esta mesma hora em que estamos: *Venit hora, et nunc est.* O valle de Josaphat não está só em Jérusalem, nem entre o Monte Sion e o Olivete; está em Lisboa, está n'este mesmo logar, e em todos os do mundo. Se vos tomar a morte no mar, ou na campanha, ou na vossa cama; o mar, a campanha, a vossa cama, é o valle de Josaphat: e esse dia, qualquer que fôr, é o vosso dia do Juiso, ou mais cedo, ou mais tarde; mas dentro d'este mesmo seculo em que nascemos: *Non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant.*

IV

Temos visto quando ha-de ser certamente o dia do Juiso; e como é hoje, ámanhã, e todos os dias; porque o Juiso que se faz no dia da morte, é o mesmo, e não outro que o Juiso final. Agora descendo ás circumstancias de um e outro Juiso: se acaso vos parece que as do Juiso final são mais espantosas e horriveis, digo que, tambem, n'este conceito vos enganaes. Muito mais rigorosas, muito mais terriveis, e muito mais para temer, são as circumstancias do dia do Juiso de agora, do que hão-de ser as do que vulgarmente se chama dia do Juiso.

Primeiramente, o que faz grande horror na consideração do Juiso final, é que n'aquelle dia se ha-de acabar este mundo, a que estamos tão pegados. E não cuidamos nem advertimos, que tambem no dia da morte se acaba o mundo. Que importa que o mundo se acabe para mim, ou para todos? Que importa que o mundo se acabe para mim, ou eu para elle? S. Paulo descrevendo este mundo, para nos desaffeiçoar de suas vaidades, diz que é como um theatro, em que as figuras cada uma entra a representar o seu papel, e passa: *Præterit enim figura hujus mun-*

di. [1] Não diz o Apostolo, que passa o mundo, senão as figuras; porque as figuras vão-se, e o theatro fica. Allude á sentença do Espirito Santo: *Generatio prætérit, generatio advenit, terra autem in æternum stat.* [2] Uns nascem, outros morrem: uns veem a este mundo, outros sáem d'elle, e o mundo como theatro d'estas representações, sempre está no mesmo logar, e não se move. Comtudo, S. João na sua primeira Epistola diz, que não só nós, os amadores do mundo, somos os que passamos, senão que tambem o mesmo mundo passa: *Et mundus transit, et concupiscentia ejus.* [3] Pois se o mundo sempre está e permanece firme, e ainda que nós passemos, elle não se move; como diz S. João, que tambem o mundo passa: *Et mundus transit?* Por ventura encontra-se a doutrina dos dois Salomões da Egreja, Paulo e João? Não. Ambos por differentes termos dizem a mesma verdade. Como nós, os que vivemos n'este mundo, passamos, e não permanecemos, ainda que o mundo permaneça, tambem elle passa: *Et mundus transit.* Não passa o mundo para si, mas passa para nós. Tanto que nós passamos d'esta vida, tambem elle passou: tanto que nós acabamos, tambem elle acaba. Para os que cá ficam, dura e permanece; para nós acabou juntamente comnosco. E senão perguntae aos que morreram, se ha para elles mundo, ou alguma coisa do mundo? Se navegavam, acabou-se para elles o mar: se lavravam, acabou-se a terra: se negociavam, acabaram-se os tratos: se militavam, acabaram-se as guerras: se estudavam, acabaram-se os livros; se governavam o secular ou ecclesiastico, acabaram-se as varas, os tribunaes, as corôas, as mitras, as purpuras, as thiaras; tudo se acabou n'aquelle momento. Nem para os reis, nem para os papas, que foram senhores do mundo, ha já mundo, porque como elles acabaram e passaram, tambem o mundo passou e acabou para elles.

Copernico, insigne mathematico do proximo seculo, inventou um novo systêma do mundo, em que demonstrou, ou quiz demonstrar (posto que erradamente), que não era o sol o que se movia e rodeava

---

1 *1.ª ad. Corint.*, VII, 31.
2 *Eccl.*, I, 4.
3 *1.ª Epist. de Joan.*, II, 17.

o mundo, senão que esta mesma terra em que vivemos, sem nós o sentirmos, é a que se move, e anda sempre á roda. De sorte, que quando a terra dá meia volta, então descobre o sol, e dizemos que nasce, e quando acaba de dar a outra meia volta, então lhe desapparece o sol, e dizemos que se põe. E a maravilha d'este novo invento, é que na supposição d'elle corre todo o governo do universo, e as proporções dos astros e medidas dos tempos, com a mesma pontualidade e certeza com que até agora se tinham observado e estabelecido na supposição contraria. O mesmo passa sem erro, e com verdade, n'esta passagem nossa, e do mundo. Escolhei das duas opiniões qual quizerdes. Ou seja o sol o que se move, ou nós os que nos movemos; ou o sol se ponha para nós, ou nós para elle, os effeitos são os mesmos. Ou no dia do Juiso o occaso seja do mundo, ou no dia da morte seja meu; ou o mundo então acabe para todos, ou eu agora acabe para o mundo, tudo vem a ser o mesmo, porque tudo acaba. Assim como o mundo hoje ainda não é para os que hão-de nascer, porque elles ainda não são, assim o mesmo mundo já não é para nós, quando morremos, porque já não somos.

D'aqui se segue com evidencia, que tambem hoje, ámanhã, e cada dia, é o fim do mundo. Agora vêde com a mesma evidencia, quanto mais para temer, e quanto mais para desconsolar é este primeiro fim do mundo no dia da morte, do que ha-de ser o ultimo no dia do Juiso. Seneca disse que é grande consolação acabar juntamente com o mundo: *Solatium est grande cum universo unà rapi.* Disse mais Seneca do que entendeu, porque não teve conhecimento do dia do Juiso. Mas em que consiste esta consolação? Consiste em que no dia do Juiso, se o mundo acaba para mim, acaba tambem para todos. No mal, que é de todos, perde-se a comparação; e onde não ha comparação, não ha miseria: *Nemo miser, nisi comparatus.* Na morte d'agora não é assim. Acaba-se o mundo para mim, mas para os outros não acaba. Aquelles morrem, quando já ninguem póde viver: eu morro, e deixo os outros vivendo. Isto é padecer a morte propria, e mais a vida alheia. No dia do Juiso não ha-de haver esta dôr, porque ninguem se poderá queixar de se lhe acabar o mundo e a vida, quando

igualmente se ha-de acabar para todos, ainda para os que nasceram no mesmo dia. Então, diz S. João no Apocalypse, que se ha-de ouvir a voz de um anjo, o qual diga e apregôe, que se acabou o tempo para sempre: *Quia tempus non erit amplius.* O tempo não é outra coisa senão a duração do mundo. Assim como o tempo não é outra coisa senão a duração do mundo. Assim como o tempo começou com o mundo, assim ha-de acabar com elle. E acabar um homem o seu mundo, quando se acaba o mundo: acabar os seus dias, quando se acaba o tempo; como póde ser materia de sentimento, quando era o mais a que podia aspirar o desejo? E isto é o que succederá aos que acabarem a vida no dia do Juiso. Mas que se acabe o mundo, e o tempo, e os dias para mim, quando ha mundo, e tempo, e annos para os outros? Esta é uma grande differença de dôr com que agora acaba o mundo para nós, ou nós para elle. Vamos a outra.

Uma das grandes penas com que Deus ameaçava pelo propheta Amós os ricos e poderosos d'aquelle tempo (como pudéra tambem ameaçar os do nosso) era que edificavam palacios magnificos, e casas de prazer para delicia; mas que não as haviam de lograr: *Domos quadro lapide ædificabitis, et non habitabitis in eis: vineas plantabitis amantissimas, et non bibetis vinum earum.* [1] Esta razão de magoa corre egualmente em um e outro fim do mundo. Assim os que morrerem então, como os que morrem agora, nenhuma coisa hão-de lograr do que com tanto gosto e gasto, e com tanto esquecimento do fim da vida, trabalham, ajuntam, e edificam para ella. Mas esta mesma magoa ha-de ser muito menor para os do dia do Juiso. Aquelle rico do Evangelho, que fazia conta de viver muitos annos, e morreu na mesma noite, perguntou-lhe a voz do céo: *Et quæ parasti, cujus erunt?* [2] E tudo isto que ajustaste, de quem ha-de ser? Os que acabarem com o mundo no dia do Juiso, estão livres d'esta pena; porque não hão-de ter a dôr de que outros logrem o que elles trabalharam: *Non ædificabunt, et alius habitabit: non plantabunt, et alius*

---

[1] *Amós.*, v, 11.
[2] *Luc.*, xii, 20.

metet, diz o propheta Isaias, e o conta por uma grande felicidade. [1] Mas esta não a pódem ter os que morrem em quanto dura o mundo, e tanto menos, quanto mais tiverem d'elle. Perguntae a essas casas, a essas quintas, a essas herdades prezadas; perguntae a essas salas e galerias douradas; a esses jardins, a essas estatuas, a essas fontes, a essas alamedas e bosques artificiaes, cujos fructos são sómente a sombra: perguntae-lhes de quem foram, e de quem são, e de quem hão-de ser? Isto é o que succede aos que acabam o seu mundo antes que o mundo se acabe. Sabem o que deixam, mas não sabem para quem: *Et ignorat cui congregabit ea.* [2] Ou para o prodigo, que o ha-de dissipar, ou para o estranho, que o não ha-de agradecer, ou para o poderoso, que com violencia o ha-de occupar, ou para o inimigo, que com o vosso ha-de triumphar e crescer, ou para um pleito eterno, em que tudo se ha-de consumir. Quanto mais estimariam os que assim acabam, que se sepultasse com elles tudo o que possuiam, como se ha-de sepultar com os do dia do Juiso?

Mais. Um dos maiores rigores que tem a morte, é ser apartamento: apartamento e despedida geral de todos os que amaveis e vos amavam. Assim o ponderou el-rei Agag, vendo-se condemnado á morte pelo propheta Samuël: *Siccine separat amara mors?* [3] E' possivel, morte amarga, que assim me apartas? Assim. Apartava-o da mulher, dos filhos, dos vassallos, dos amigos, e de tudo o que amava, ou de quem era amado na vida. E a este apartamento chamou com razão a maior amargura da morte: *Amara mors.* A morte do dia do Juiso não tem esta amargura, nem esta dôr; porque ainda que seja morte, não é apartamento. Todos então hão-de ir juntos, sem ter de quem levar saudades, nem a quem as deixar. O dia do Juiso, diz Christo, que ha-de ser como o diluvio de Noë: *Sicut fuit in diebus Noë.* E considerou discretamente Santo Agostinho, que n'aquella desgraça geral do diluvio, morriam os homens com uma grande consolação, que era não deixar n'este mundo quem os

---

1 *Isai.*, LXV, 22.
2 *Psal.*, XXXVIII, 7.
3 *1.º dos Reg.*, XV, 32.

chorasse. Esta mesma consolação hão-de ter no dia do Juiso todos os que então morrerem. Porém os que morrem agora, não só teem a desconsolação contraria, mas muitas vezes dobrada. Apartam-se dos amigos e dos inimigos, e não só deixam depois de si quem chore sua morte, senão tambem que se alegre com ella, que não é menor sentimento: *Delectasti inimicos meos super me.*

Finalmente, no dia do Juiso ha se de acabar a vida com o mundo; mas com o mesmo mundo se hão-de acabar tambem os encargos da vida; porém no dia da morte acaba-se o mundo para a vida, mas não se acaba para os encargos. Os encargos da vida, que mais inquietam e affligem na morte, hão se de acabar com o mundo: porque então não ha-de haver requerimentos de credores nem satisfação de criados, nem acommodamento de filhos nem disposição da casa, nem dividas, nem restituições, nem nomeação de herdeiros, e testamenteiros, nem testamentos, nem codicillos, nem mandas ou demandas (tantas quantas são as clausulas), nem sepultura, nem funeraes, nem tantas outras perturbações e embaraços, que primeiro afogam a alma, do que ella sáia do corpo. Tudo isto, e infinitas outras coisas de afflicção, de molestia, de escrupulo e de risco da salvação concorrem e se atravessam na hora da morte. Mas nenhuma d'ellas ha-de haver no dia do Juiso; porque todas acabam com o mundo, que totalmente acaba; e não como agora, que acaba para a vida, e não para os encargos d'ella. Vêde se é mais trabalhoso e mais estreito este dia. Por isso dizia David: *Omnis consummationis vidi finem: latum mandatum tuum nimis:* [1] Olhei, Senhor, para o dia em que se ha-de acabar o mundo, e então me pareceu a vossa lei muito larga; porque todas as estreitezas, apertos, e angustias, em que agora nos põe a lei de Deus na hora da morte, no dia do Juiso, em que tudo acaba com o mundo, tambem ellas cessam e se acabam.

---

[1] *Psal.*, CXVIII, 96.

V

E se é mais para desconsolar e temer o modo com que o mundo se acaba agora para cada um, ao que o fim com que no dia do Juiso se ha-de acabar para todos, tambem da parte do modo e circumstancias com que Christo agora nos vem julgar, é muito mais temeroso e tremendo o dia da morte, do que ha-de ser o dia do Juiso.

Para entendimento d'esta grande verdade, que por mal considerada o não parece, havemos de saber e suppor, que os Adventos de Christo não são só dois, como ordinariamente se cuida, senão tres. O primeiro Advento, é o que hoje começa a celebrar a Egreja, no qual veiu o Filho de Deus a remir o mundo, e começou no dia da Encarnação. O segundo Advento, é o que tambem hoje prégа o Evangelho, no qual ha-de vir a julgar o mesmo mundo, e ha-de ser no dia do Juiso. E estes são os dois Adventos, dos quaes sómente faz menção o Symbolo, quando diz: *Et iterum venturus est;* porque são geraes e visiveis. O terceiro Advento é particular e invisivel, no qual vem o mesmo Christo julgar na hora da morte a cada um de nós, e este Juiso se faz no instante em que a alma se aparta do corpo. E porque esta doutrina, ou nome de terceiro Advento vos não faça novidade (como já fez) oiçamos a Escriptura.

O Apostolo S. Thiago, [1] exhortando os christãos d'aquelle tempo a se absterem de pleitos, em que sempre se offende a caridade, diz assim: *Quoniam adventus Domini appropinquavit, nolite ingemiscere, fratres, in alterutrum, ut non judicemini. Ecce Judex ante januam assistit.* Não vos queixeis, irmãos, uns dos outros, e se em alguma coisa vos sentis aggravados, não vos demandeis em Juiso; porque o Advento do Senhor é chegado, e o Juiz está á porta. Não póde haver palavras, nem mais parecidas, nem mais encontradas com o texto de S. Matheus na mesma historia do nosso Evangelho. Umas e outras fallam no Advento do Senhor. S. Thiago: *Quoniam Adventus Domini*

[1] *Epistola de S. Thiago* — v, 8 e 9.

appropinquavit. S. Matheus: *Et videbunt Filium hominis venientem.* Umas e outras dizem, que está á porta: S. Thiago: *Ecce Judex ante januam assistit.* S. Matheus: *Scitote quia prope est in januis.* [1] Mas S. Matheus refere, que tudo isto se ha-de verificar depois dos signaes e prodigios que hão-de preceder ao dia do Juiso: *Cum videntis hæc omnia.* E S. Thiago não falla do dia do Juiso, senão do mesmo tempo seu, em que escrevia: *Ecce.* Que Advento é logo este não futuro, senão presente, de que falla S. Thiago: *Quoniam Adventus Domini appropinquavit?* E' o terceiro Advento, que eu dizia. O Advento de que falla S. Matheus, é o Advento geral, em que Christo no dia do Juiso ha-de vir julgar a todos; o Advento de que falla S. Thiago, é o Advento particular, em que o mesmo Christo no dia da morte, vem julgar a cada um. N'aquelle Advento ha-de estar o Juiso á porta depois que os homens virem os signaes que o hão-de preceder: *Cum videritis hæc omnia, scitote quia prope est in januis.* Porém n'este outro Advento (porque todos os dias, e todas as horas morrem, e pódem morrer os homens) todos os dias, e todas as horas está o Juiso á porta: *Ecce Judex ante januam assistit.* [2] Do mesmo Juiso e do mesmo Advento falla S. Paulo, quando diz: *Tempus resolutionis meæ instat.* Vem-se chegando o tempo da minha morte: *Reposita est mihi corona justitiæ.* Já me está apparelhada a corôa merecida: *Quam reddet mihi Dominus in illa die Justus Judex:* A qual me ha-de dar n'aquelle mesmo dia o Senhor, como Justo Juiz. E só a vós, Paulo, ha-de dar esta corôa o Justo Juiz no dia da morte? Não: *Non solum autem mihi, sed et iis, qui diligunt Adventum ejus.* Não só a mim, senão a todos os que amam o seu Advento. De sorte, que além dos dois Adventos geraes, um em que veiu remir, outro em que ha-de vir julgar a todos, tem Christo Senhor nosso outro terceiro Advento, em que no dia da morte vem julgar a cada um.

Sobre o modo d'este Advento, ou d'esta vinda, teem para si graves auctores, e entre elles o padre Soares, [3] que vem Christo julgar-nos na hora da morte, não por

---

1 *Math.*, XXIV, 33.
2 *2. Timoth.*, IV, 6.
3 Suar. tom. II in 3. p. disp. 52. sec. 2.

presença e assistencia real de sua propria Pessoa, como ha-de ser no Juiso Universal; mas só por modo intellectual, em fórma que intenda claramente o que morre, que está julgado e julgado por Christo. Outros com o papa Innocencio III, [1] seguem o contrario; e dizem que na morte de cada um o vem Christo julgar real e presencialmente no mesmo logar onde morre. Este segundo modo de dizer, é muito mais verosimil, por ser mais conforme ás Escripturas Sagradas, as quaes se devem intender no sentido e propriedade natural, que significam as palavras: e o vir propriamente, é vir em Pessoa. Logo n'este sentido se hão-de entender as Escripturas, tantas e tão expressas, as quaes todas dizem que vem Christo ao Juiso particular. Só no cap. XII de S. Lucas, diz o mesmo Senhor cinco vezes, que ha-de vir, e falla da hora da morte: *Ut cum venerit, et pulsaverit: Beati servi, quos cum venerit Dominus: Quod si venerit in secunda vigilia: Quod si in tertia vigilia venerit: Et vos estote parati, quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.* [2] E se queremos que o diga o mesmo Christo mais vezes; aos criados dos talentos, a quem tomou conta: *Negotiamini, dum venio:* [3] ás Virgens, a quem abriu e fechou as portas do céo: *Ecce sponsus venit:* [4] ao bispo de Sardes, a quem ameaçava com a morte: *Veniam ad te tanquam fur, et nescies qua hora veniam.* [5] E finalmente aos Discipulos, quando se despediu d'elles: *Si abiero, et præparavero vobis locum, iterum venio, et accipiam vos ad me ipsum.* [6] Onde se deve notar, que se o ir n'este caso foi em realidade, como havia de ser o vir por entendimento? O *iterum* demostra, que o ir e o vir, era pelo mesmo modo. Quanto mais, que se não havia de vir, bastava dizer: *Accipiam vos ad me*, e o *venio* era superfluo e improprio. Segue-se logo, que no dia da morte, da qual o Senhor fallava, não só vem de qualquer modo, senão propria e realmente, assim como propria e realmente tinha ido para o céo.

---

1 Innoc. lib. 2. de contemp. mundi.
2 *Luc.*, XII, 36, 37, 38 e 40.
3 *Luc.*, XIX, 13.
4 *Math.*, XXV. 6.
5 *Apoc.*, 2, 3.
6 *Joan.*, XIV, 3.

Nem as razões do auctor allegado, posto que tão eximio, provam o contrario. A primeira é, que para Christo dar esta sentença, não é necessario que venha em Pessoa. Mas tambem não é necessario o Juiso Universal, porque já todos estão julgados: e comtudo é certo que ha-de haver este Juiso, e que ha-de vir Christo a elle em Pessoa, só porque elle o diz. A segunda razão é, porque se assim fosse, andaria Christo como em perpetuo movimento, e estaria no mesmo tempo em diversos logares. Mas assim como o mesmo Christo sem esse inconveniente ou incommodo, se faz presente no Santissimo Sacramento, tão repetidamente e em logares tão diversos, e assim como vem á casa, e á cama dos que estão para morrer, para os confortar como Viatico; porque não virá ao mesmo logar ou logares, para os julgar como Juiz? Em fim, é certo e de fé, que Christo vem fazer este Juiso, posto que o modo não esteja definido.

Mas de qualquer sorte que o Senhor venha, as circumstancias com que vem julgar na hora da morte, é sem duvida (como dizia) que são muito mais temerosas e tremendas, que as do dia do Juiso. As circumstancias que fazem horrendo o dia do Juiso, são a escuridão total que então ha-de succeder do sol, o sanguinolento da lua, a ruina das estrellas, os bramidos do mar, e toda aquella discordia e estrago da natureza, com que se ha-de confundir o universo. Porém todas estas coisas, verdadeiramente grandes e espantosas e nunca vistas, ainda que na primeira apprehensão parecem muito para temer, bem consideradas em si mesmas, e em seus effeitos e fins, antes são muito para socegar, e aquietar os animos, que para os intimidar ou perturbar. O Propheta Rei, fallando dos effeitos do Juiso final, não como futuros, mas como já passados, a modo prophetico, diz uma coisa admiravel: *Terra tremuit, et quievit, cum exurgeret in judicium Deus.* [1] Quando Deus veiu a juiso, a terra tremeu, e aquietou-se. Que a terra trema quando Deus vem a juiso, e quando todos os outros elementos confusos e perturbados, e o mesmo céo e seus planetas padecem um fracasso tão geral, que ella faça um grande abalo, e que não só tema e trema, mas

[1] *Psal.*, LXXV, 9.

se esconda debaixo dos abysmos, como quando foi creada, e se summa dentro em si mesma, faz a terra o que deve. que o caso é para isso: *Cum exurgeret in judicium Deus.* Mas se a terra n'este mesmo caso tremeu: *Terra tremuit;* como logo se socegou, e aquietou: *Et quievit?* Tremeu á primeira vista dos horrores do Juiso, e aquietou-se logo, porque todos aquelles prodigios e estrondos do Juiso universal, tomados de repente e na primeira apprehensão, são temerosos, são horriveis, são tremendos: *Terra tremuit.* Mas bem considerados os fins e effeitos d'elles, antes são para socegar esse mesmo temor, e para aquietar os animos, que para os inquietar e perturbar: *Tremuit et quievit.*

E qual é a razão d'este segundo effeito, tão diverso do primeiro? O Evangelho o diz: *Erunt signa in sole, et luna, et stellis.* Todas essas mudanças do céo, toda essa escuridade dos astros, toda essa perturbação dos elementos, são signaes: *Erunt signa.* Signaes de que se chega o fim do mundo, signaes de que está perto o dia do Juiso, signaes para que todos estejam notificados e advertidos (que por isso se põem os mesmos signaes no céo, onde possam ser vistos de todos). E um Juiso em que Deus antes de vir nos manda diante notificar, e nos avisa primeiro, não é tanto para temer. Muito mais temeroso é o Juiso particular sem esses assombros, do que o universal com elles. Porque os assombros e terrores do Juiso universal, são signaes e avisos para os homens, e o Juiso particular a que nada d'isso precede, é Juiso sem aviso, Juiso sem signal. Pinta o propheta David a Deus armado de arco e settas, e as settas não só embebidas já no arco, senão hervadas de venenos mortaes, e abrasadas em fogo: *Arcum suum tetendit, et paravit illum, et in eo paravit vasa mortis, sagittas suas ardentibus effecit.* [1] E que é o que faz ou intenta Deus assim armado, e com as settas já postas no arco? Umas vezes quer livrar a seus amigos, outras quer derribar e destruir a seus inimigos. Se quer livrar os amigos, bate primeiro com as settas no arco, e dá signal: se quer destruir os inimigos, dispara sem dar signal, e executa o golpe; e antes d'elles o sentirem, se vêem cahidos

[1] *Psal.*, VII, 13 e 14.

a seus pés. Uma e outra coisa disse o mesmo David admiravelmente: *Dedisti metuentibus te significationem, ut fugiant à facie arcus, et liberentur dilecti tui.* [1] *Sagittæ tuæ acutæ, populi sub te cadent, in corda inimicorum regis.* [2] De maneira que a demonstração certa de Deus estar propicio ou irado; de querer salvar, ou não querer salvar, é dar signal primeiro, ou não dar signal. Se quer salvar, dá signal; e isto é o que será no dia do Juiso: *Erunt signa.* Se não quer salvar, não dá signal; e isto é o que acontece no Juiso de agora.

Os do Juiso universal não pódem deixar de estar muito prevenidos, e com grandes disposições para a salvação; porque hão-de morrer avisados de todos aquelles signaes do sol, da lua, do mar, e de todos os elementos. Porém nós como morremos? O sol está muito claro, o céo sem nuvem, a lua como uma prata, o mar como leite, e no meio d'esta serenidade do mundo e nossa, dá a morte sobre nós, e põe-nos a Juiso: *Cum dixerint pax, et securitas, repentinus eis superveniet interitus.* [3] Quando estiverem mais descuidados, e se derem por mais seguros (diz S. Paulo), então virá sobre elles a morte repentinamente. Todos os homens, ou quasi todos (ainda que nós o não imaginemos assim) morrem de repente. Cuidamos que só morrem de repente aquelles que subitamente cáem mortos, aquelles que matou o raio, a bala, a estocada, o desastre, a apostema que rebentou, o bocado que se atravessou na garganta, a apoplexia, a peste, o terremoto, o naufragio, e tantos outros accidentes, ou naturaes, ou violentos, ou casuaes, a que anda exposta a vida, e nos deveram trazer em perpetuo temor. Estes só cuidamos que morrem de repente, e é engano. Todos os que morrem quando o não cuidavam, morrem de repente. Os que morrem por via natural, uns morrem de velhice, outros de enfermidade: e que velho ha tão decrepito, que não cuide que ha-de escapar da doença, como outros escaparam, por mais aguda que seja? Os maiores e mais poderosos, são os mais infelizes, e os mais enganados

---

1 *Psalm.*, LIX, 6.
2 *Ibid.*, XLIV, 6.
3 *1.ª ad. Thessal.*, V, 3.

n'esta parte, porque não se lhes dá o desengano, senão a tempo em que já não ha tempo, e quando as que deveram ser prevenções para o Juiso, por falta de juiso, já não são prevenções. Oh quanto mais ditosos são os que hão-de morrer e acabar com o mundo no dia do Juiso! *Erunt signa.* Aquelles hão-de vêr os signaes no céo muito antes da morte: cá tambem se ouvem os signaes na parochia, mas depois que morrestes.

Bem pudéra Deus ordenar, que no mesmo dia e na mesma hora em que hão-de apparecer aquelles signaes tremendos, se executasse tambem o Juiso. Mas tem decretado sua misericordiosa Providencia, que entre os signaes, e o dia do Juiso, haja mais dias, e mais tempo, no qual os homens que então viverem, se preparem para a conta que se lhes ha-de tomar. E esta é outra segunda, e mui consideravel circumstancia, em que o Juiso particular agora é mais horrendo e formidavel para cada um, do que será então para todos o Juiso universal. No Juiso universal tomará Deus conta, mas dará tempo: no Juiso particular toma conta, e não dá tempo; porque toma o tempo, e depois a conta. Um dos textos mais notaveis da Escriptura Sagrada, é dizer Deus, que como tomar tempo, então ha-de julgar os homens, e vêr se são justos ou injustos: *Cum accepero tempus, ego justitias iudicabo.* [1] Deus para julgar não ha mister tempo; porque todas as nossas obras, palavras, e pensamentos, desde sua eternidade lhe são e foram sempre presentes. Pois que tempo é este que Deus toma quando ha-de julgar os homens, e como o toma? O tempo que Deus toma, é o que muitos haviam mister na morte para ajustar suas contas. E o modo com que Deus toma este tempo, é não lh'o dando, ou privando-os d'elle, por seus justos juisos, quando lhes vem tomar conta na hora em que menos o cuidam: *Qua hora non putatis.* Assim commenta o texto Lorino, e pudéra citar a S. Boaventura, cuja é esta interpretação tão subtil como verdadeira. Quando Deus pede conta e dá tempo, ainda os que teem más contas, as pódem dar boas, como aconteceu áquelle rendeiro do Evangelho, a quem o pae de familias disse: *Redde rationem*

---

1 *Psal.*, LXXIV, 3.

villicationis. [1] E como teve tempo de cuidar o que faria, achou traça de as ajustar. Porém quando Deus toma conta, toma juntamente o tempo: *Cum accepero tempus.* Então é muito difficultoso dar boa conta, então nenhum que viveu mal a póde dar boa. E isto é o que succede geralmente aos que morrem agora.

Aos que hão-de morrer no dia do Juiso, avisa Christo no nosso Evangelho com esta comparação: *Videtis ficulneam, et omnes arbores, cum jam producunt ex se fructus, scitis quia prope est æstas.* [2] Quando vêdes que nas arvores começam a arrebentar e brotar os fructos, conheceis que o verão está perto: pois da mesma maneira, quando virdes os signaes que vos tenho dito, sabei que está perto o dia do Juiso: *Sic et vos cum videritis hæc omnia, scitote quia prope est regnum Dei.* De sorte que entre os signaes do dia do Juiso, e o mesmo dia, ha-de dar Christo de espaço, quanto vae da primavera ao verão ou do verão ao estio, e dos fructos verdes aos maduros. E a nós, quando na morte nos vem julgar, quanto espaço nos dá ou promette o mesmo Christo? O que deu aos servos da parabola, quando lhes mandou que esperassem por sua vinda: *Lucernæ ardentes in manibus vestris: et vos similes hominibus expectantibus Dominum suum.* [3] Haveis de estar sempre esperando por mim, com as tochas acezas nas mãos. E não bastará, Senhor, que as tochas estejam prevenidas, e o lume apparelhado, senão já accezas: *Ardentes?* Não bastará que estejam arrimadas e promptas, senão já nas mãos: *In manibus?* Não, diz Christo: hão-de estar accezas; porque vos não prometto o espaço que é necessario para as accender: e hão-de estar nas mãos, porque vos não seguro o momento que é necessario para as tomar. Tanto vae d'aquelle vir a este vir, e d'aquelle Juiso a este Juiso. Lá ha se de esperar o tempo que basta para os fructos verdes amadurecerem: cá não se espera por fructos maduros, nem ainda verdes, porque se cortam as flores ainda antes

1 *Luc.*, XVI, 2.
2 *Math.*, XXIV, 32.
3 *Luc.*, XII, 35.

de estarem abertas: *Flores apparuerunt: tempus putationis advenit.* [1]

Esta differença dos signaes que então ha-de haver, e agora não ha, é a que faz a differença dos effeitos muito mais para temer no Juiso de cada dia, que no do fim do mundo. Que effeitos ha-de causar nos homens a vista d'aquelles signaes? O Evangelista o refere por bem extraordinarios termos: *Arescentibus hominibus præ timore, et expectatione, quæ supervenient universo orbi.* [2] Andarão os homens attonitos e mirrados com o temor e expectação do que ha-de ser no dia do Juiso. Attonitos; porque ninguem ha-de ter advertencia nem coração para cuidar n'outra coisa: mirrados; pela extrema abstinencia com que hão-de passar aquelles dias, mais rigorosa que a dos Ninivitas. Tudo ha-de ser orar, chorar, bater nos peitos, fazer penitencia, pedir misericordia, e apparelhar para a conta: não havendo homem capaz d'este nome, que se haja de lembrar então do que foi nem do que é, senão do que ha-de ser, e do que está para vir: *Quæ superventura sunt universo orbi.* Parece-vos, christãos, que farão bem estes homens n'aquelle caso, e que terão justa causa de o fazer? Ninguem haverá que o negue, se é que tem fé. E nós que o temos, porque não fazemos o mesmo, ou alguma parte d'isto? Direis que aquelles homens pelos signaes do céo saberão certamente que está perto o dia do Juiso. E sabe algum de nós que o seu dia do Juiso está mais longe? Não sabemos todos com a mesma certeza, que o nosso dia do Juiso póde estar ainda mais perto; e que póde ser ámanhã ou hoje, e n'esta mesma hora, em que Christo está julgando muitos milhares de homens? Aos Ninivitas, que eram gentios, e ao seu rei, que era Sardanapalo, o mais máu rei, e o mais máu homem que houve no mundo, deu Deus de prazo quarenta dias: *Adhuc quadraginta dies.* [3] E assim o rei, como toda a côrte, no mesmo ponto, sem esperar mais, se converteram com tão extraordinaria penitencia. Que seria se Deus lhes não segurasse nem um só dia?

---

[1] *Cant.*, II, 12.
[2] *Luc.*, XXI, 26.
[3] *Jon.*, II, 4.

Pois este é o nosso caso, e este o estado e contingencia em que nos achamos todos, e cada um.

Ouvi o desengano de uma caveira, que era ou tinha sido de um vivo que morreu quando não cuidava:

> *Fleres, si scires unum tua tempora mensem:*
> *Rides, cum non sit forsitan una dies.*

Se soubesseis que vos não restava de vida mais que um mez, havieis de chorar: e rides, e andaes alegre e contente, podendo ser que vos não reste um dia inteiro. Quem dissera a el-rei Balthasar, quando com tanta festa e alegria estava brindando aos seus idolos nos proprios vasos sagrados de oiro e prata que Nabucodonosor seu pae tinha roubado ao templo de Jérusalem: quem lhe dissera que a mesma noite d'aquella cêa fatal, era a ultima da sua vida, e da sua corôa? N'este banquete, em que eram mil os convidados, diz o texto, que cada um bebia conforme a sua idade; porém a morte, que não guarda esta ordem, nem conta os annos, sendo poucos os de Balthasar, e o primeiro de seu reinado, lhe appareceu de repente com a balança do Juiso na mão: *Appensus es in statera.* [1] E na mesma noite executou a sentença, e lhe tirou a vida: *Eadem nocte interfectus est Balthasar.* Isto é o que succedeu aquella noite, e isto o que succede cada dia, sem haver quem se desengane. Somos como aquelles incredulos, dos quaes refere Christo Senhor nosso, que á vista dos signaes do dia do Juiso, todos seus cuidados hão-de ser banquetes, festas, bodas, fabricas e edificios, como se os alicerces da terra estivessem muito seguros, quando já as abobadas do céo estarão cahindo a pedaços: *Stellæ de cælo cadent.* Santo Agostinho diz que tudo isto causará n'aquelles loucos a falta de fé: e eu não sei o que diga da nossa, nem do nosso entendimento. Muito mais loucos somos, e muito mais incredulos do que elles hão-de ser. Elles não crerão o que ha-de succeder uma só vez no mundo, sem outro exemplo nem experiencia: e nós acabamos de crêr o que vêmos e experimentamos cada hora, em tantos e tão formidaveis exem-

---

[1] *Dan.*, v, 27.

plos. Mas por isso são, tambem, mais tremendas as circumstancias do Juiso presente, sabendo de certo, que é hoje para uns, ámanhã para outros, e que para os que nascemos e vivemos n'este seculo, não ha-de passar d'elle: *Non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant.*

VI

D'este primeiro e largo discurso, e da resolução d'elle, se póde colher facilmente a do segundo, em que vos prometti mostrar quaes hão-de ser no dia do Juiso os que hão-de ficar á mão direita, e quaes á esquerda. E para que este ponto tão importante se entenda com maior clareza, vejamos primeiro quantos hão-de ser, e depois veremos quaes.

Os theologos disputam quanto é o numero dos que se salvam; e fazem duas distincções: uma considerando e comprehendendo todos os homens do mundo, fieis e infieis: outra separando sómente os fieis e catholicos. Na primeira consideração, é certo que o numero dos que se condemnam é incomparavelmente maior. Todos sabeis que no dia em que morreu S. Bernardo, morreram sessenta mil, e só quatro se salvaram. Dos catholicos, segundo muitos textos da Escriptura, parece que commummente se salvam ametade. De dois, um: *Unus assumetur, et unus relinquetur:* [1] e dez, cinco: *Quinque ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes.* [2] Esta é a mais provavel, e mais bem fundada sentença, e se confirma efficazmente do texto proximamente allegado. Na parabola das dez Virgens, fallava Christo Senhor nosso, propria e litteralmente do dia do Juiso; e não do Juiso de todos, senão particularmente dos catholicos. Por isso sahiram todas com alampadas accezas, em que é significado o lume da fé. E porque fé sem obras não basta para a salvação, por isso tambem aquellas a que faltou o oleo, ficaram fóra do céo, e só entraram as que o levavam prevenido. Mas se o intento de Christo era acautelar-nos aos catholicos, e metter-nos um grande temor do dia do Juiso, como consta de toda a para-

1 *Math.*, XXIV, 40.
2 *Ibid.*, XXV, 2.

bola; porque não introduziu n'ella o Senhor, que de dez se salvasse só uma ou duas, e se condemnassem oito ou nove; senão que se salvaram cinco, e se condemnaram outras cinco? A razão verdadeira, é porque só Christo Senhor nosso, conhece o numero dos que se hão-de salvar: *Cui soli cognitus est numerus electorum in superna felicitate locandus.* E posto que para o seu intento, e para o nosso temor servia mais diminuir o numero dos que se salvam; segundo, porém, a sua presciencia, e a verdade da sua doutrina, não o podia alterar nem diminuir. Diz, pois, que de dez se salvaram cinco, e se perderam cinco; porque das almas catholicas de quem fallava, ametade commummente são as que se salvam, e ametade as que se perdem .

Conforme esta doutrina, que é de muitos santos (e não a mais estreita, senão larga e favoravel) se eu prégara hoje em outro auditorio, dissera que ametade dos ouvintes pertenciam á mão direita, e ametade á esquerda. Consideração verdadeiramente tristissima e tremenda, que de homens christãos e catholicos, alumiados com a fé, creados com o leite da Egreja, e assistidos com tantos sacramentos e auxilios, se salve só ametade! Que de dez homens que crêem em Christo, e por quem morreu Christo, se percam cinco? Que de cento se condemnem cincoenta? Que de mil vão arder eternamente no inferno quinhentos! A quem não fará tremer esta consideração? Mas se olharmos para a pouca christandade, e pouco temor de Deus, com que se vive, antes devemos dar graças á Divina Misericordia, que admirar-nos d'esta justiça.

Isto era o que eu havia de dizer, se prégara, como digo, em outro auditorio; mas porque o dia é de desenganos, e o auditorio presente tão diverso, não cuidem nem se persuadam os que me ouvem, que esta regra é geral para todos, posto que sejam ou se chamem catholicos. Assim como n'esta vida ha grande differença dos grandes e poderosos, aos que o não são, assim a ha-de haver no dia do Juiso. Elles teem hoje a mão direita: mas como o mundo então ha-de dar uma tão grande volta, muito é de temer que fiquem muitos á esquerda. Dos outros salvar-se-ha ametade; e dos grandes e poderosos quantos? Salvar-se-ha a terça parte? Salvar-se-ha a decima? Praza á Di-

vina Misericordia que assim seja! O que só digo (e não me atrevêra a o dizer, se não fôra oraculo expresso, e sentença infallivel da Suprema Verdade) o que só digo é, que serão muito poucos, e muito raros, e por grande maravilha. Oiçam os grandes e poderosos, não a outrem, senão ao mesmo Deus, no capitulo sexto da Sabedoria: *Præbete aurem vos qui continetis multitudinem, quoniam data est à Domino potestas vobis.* [1] Vós, principes, vós, ministros, que tendes debaixo de vosso mando os povos; vós, a quem o Senhor deu esse poder, para mandar e governar a republica: *Præbete aurem:* dae-me ouvidos. E que hão-de ouvir a Deus os que tão mal ouvem aos homens? Um pregão do dia do Juiso muito mais portentoso e temeroso que o que ha-de chamar a elle os mortos: *Judicium durissimum his, qui præsunt, fiet: exiguo enim conceditur misericordia: potentes autem potenter tormenta patientur.* O Juiso com que Deus ha-de julgar aos que mandam e governam, ha-de ser um Juiso durissimo; porque aos pequenos conceder-se-ha misericordia; porém os grandes e poderosos serão poderosamente atormentados: *Potentes potenter tormenta patientur.* Eis aqui em que hão-de vir a parar os poderes, que tanto se invejam. Os poderosos agora não temem outro poder, porque elles pódem tudo; porém quando vier o Juiso durissimo, então verão se ha quem póde mais que elles: *Potentes potenter patientur.*

Mas se esse poder é dado por Deus aos poderosos: *Quoniam data est à Domino potestas vobis;* como é causa esse mesmo poder, de que os poderosos se condemnem, e sejam poderosamente atormentados? Não é o poder a causa; mas é a occasião. Ordinariamente tantos são os peccados, como as occasiões: quanto mais e maiores occasiões, tanto mais e maiores peccados: e não ha maior nem mais terrivel occasião que o poder. Tentação e poder? Tentado e poderoso? Tudo quanto tenta e intenta o diabo em um poderoso, tudo leva ao cabo, ou seja nos peccados de homem, ou nos de ministro. Nos peccados de homem, se se ajunta o poder com o appetite, não ha honra, não ha honestidade, não ha estado, nem ainda pro-

[1] *Sap.*, VI, 5 e 6.

fissão, por sagrada que seja, que se não emprehenda, que se não conquiste, que se não sujeite, que se não descomponha. E nos peccados de ministros, se o poder se ajunta com a ambição, com a soberba, com o odio, com a vingança, com a inveja, com o respeito, com a adulação, não ha lei humana, nem divina, que se não atropelle, não ha merecimento que se não aniquile, não ha capacidade que se não levante, não ha pobreza, nem miseria, nem lagrimas que se não acrescentem, não ha injustiça que se não approve, não ha violencia, não ha crueldade, não ha tyrannia que se não execute. E como estes são os abusos, os excessos, e as durezas do poder, justissimo é que o Juiso do Omnipotente seja durissimo, e que os poderosos (pois assim são poderosos) sejam poderosamente atormentados: *Potentes potenter tormenta patientur.*

Eu não nego que esta regra possa ter suas excepções. Nem a mesma Sabedoria Divina o nega, antes concede, aponta, e louva muito a excepção; mas ella é tal que confirma mais a mesma regra. Ouvi outra vez, não a outrem, senão a mesma Sabedoria Divina, fallando n'este mesmo caso, no cap. 31 do Ecclesiastes: *Qui potuit transgredi, et non est transgressus, facere mala, et non fecit: quis est hic, et laudabimus eum? Fecit enim mirabilia in vita sua.* [1] Poderoso que póde quebrar as leis sem ninguem lhe ir á mão, nem pedir conta, e não as quebrou: poderoso que póde viver mal, e fazer com liberdade o que lhe pede o seu appetite, e não o fez: *Quis est hic, et laudabimus eum?* Que homem é este, para que o canonizemos? *Fecit enim mirabilia in vita sua:* porque faz milagres na sua vida. Não fallo nos milagres d'estes poderosos; porque d'estes estão cheias as certidões juradas, e, o que peior é, as historias impressas. Se os ouvirmos, e lhes tomarmos o depoimento, todos são rectissimos e santissimos: não ha n'elles paixão, nem interesse, nem vingança, nem má vontade; senão zelo, justiça, piedade, amor do bem commum, e todas as virtudes de um ministro christão e perfeito. Mas o tribunal divino, que se não governa pelo que elles dizem, senão pelo que fazem, e estes são os autos por onde os ha-de julgar: vêde, e pon-

---

[1] *Eccles.*, XXXI, 9 e 10.

derae bem o que diz: *Quis est hic?* Quem é este? Não diz: *Qui sunt hi?* Quem são estes? Não falla de muitos, ou de alguns, senão de um só, e unicamente. E porque? Porque poderoso que possa quebrar as leis, e as não quebra: *Qui potuit transgredi, et non est transgressus:* poderoso que póde viver mal, e fazer mal, e o não faça: *Facere mala, et non fecit;* este tal, se acaso no mundo se acha algum, é um: *Quis est hic?* E esse um, não ordinariamente, nem sempre, senão por milagre: *Fecit enim mirabilia in vita sua.* Assim o diz e pondera Deus, que sabe tudo, e bastava saber o que todos sabem. E como são tão poucos e tão raros os grandes e poderosos que façam o que devem, devendo não só dar conta das suas almas, e das suas vidas, senão tambem, e muito estreita, de todas aquellas que teem debaixo do seu governo, ou do seu dominio; vêde se serão muitos os que no dia do Juiso se achem á mão direita!

VII

Mas porque esta regra não é para todos os estados, nem para todas as pessoas, concluamos com uma universal, que comprehenda a todos, e pela qual possa conhecer cada um o logar que ha-de ter no dia do Juiso. Christo Senhor nosso deu hoje signaes para se conhecer ao longe o dia do Juiso: bem será que saibamos nós tambem algum signal por onde possamos conhecer o logar que n'elle havemos de ter, e que seja hoje, pois o nosso Juiso está mais perto. Para esta demonstração temos um famoso texto da mesma Sabedoria Divina, tantas vezes allegada n'este ponto; porque em materia tão grave e tão solida, não convém, nem se requer menor auctoridade. No cap. XI do Ecclesiastes, diz assim: *Si ceciderit lignum ad austrum, aut aquilonem, in quocumque loco ceciderit, ibi erit.* [1] Se a arvore cahir para a parte austral, ou para a parte aquilonar, no logar onde cahir, ahi ficará para sempre. Esta arvore é cada um de nós; cáe, ou ha-de cahir na hora da morte; e para onde cahir n'aquelle momento, ahi ha-de ficar para sempre, por-

[1] *Eccles.*, XI, 3.

que d'aquelle momento depende a eternidade. Sendo porém quatro as partes universaes do mundo, para onde póde cahir uma arvore; o norte que é o Aquilo, o sul que é o Austro, o leste que é o Levante, o oeste que é o Poente: faz menção o texto sómente da parte austral, que é a direita do mundo, e da parte aquilonar, que é a esquerda; porque o homem só póde cahir para uma d'estas duas partes, ou para a mão direita, com os que se salvam, ou para a esquerda, com os que se condemnam.

Mas como poderá esse homem adivinhar este grande segredo? Como poderá conhecer desde agora o logar que ha-de ter no dia do Juiso; e se ha-de ficar á mão direita, ou á esquerda? Tambem d'isto quiz a Providencia Divina, que tivessemos um signal muito claro, e muito certo: e esse é o mysterio com que o Espirito Santo o reduziu todo á similhança da arvore, quando cáe: *In quocumque loco ceciderit lignum.* Uma arvore antes de se cortar não se conhece muito facil e muito naturalmente para que parte ha-de cahir? Pois assim o póde conhecer cada um de si, dentro em si mesmo. E se não intendeis ainda, e me perguntaes o modo; ouvi-o de bocca de Bernardo, o qual com grande propriedade e clareza o ensina por estas palavras: *Quo vero casura sit arbor, si scire volueris; ramos ejus attende: unde major est copia ramorum, et ponderosior, inde casuram ne dubites.* [1] Se quereis saber para onde ha-de cahir a arvore, quando fôr cortada, olhae para ella, e vêde para onde inclina com o pezo dos ramos. Se inclina para a parte direita, para a parte direita ha-de cahir: e pelo contrario, se o pezo a tem dobrado para a parte esquerda, da mesma maneira ha-de cahir para a parte esquerda, e uma e outra coisa é sem duvida: *Ne dubites.* Olhe agora cada um, e olhe bem para a sua alma, para a sua vida, e para as suas obras, que estas são os ramos da arvore. Se vir que são de fé, de piedade, de temor de Deus, de obediencia a seus preceitos, de religião, de oração, de mortificação das proprias paixões, de verdade, de justiça, de caridade, emfim, de pureza de consciencia, de frequencia dos Sacramentos e das outras virtudes e obrigações de christão,

[1] Bern. serm. 49. inter parvos.

intenda, que perseverando, ha-de cahir sem duvida para a mão direita. Mas se as obras, pelo contrario, são de liberdade e soltura de vida, de ambição, cubiça, de soberba, de inveja, de odio, de vingança, de sensualidade, de esquecimento de Deus e da salvação, sem uma muito resoluta e verdadeira emenda, e perseverança n'ella, intenda da mesma maneira, que a arvore ha-de cahir para a mão esquerda, e que tem certa a condemnação.

Dir-me-heis, ou dir-vos-ha o diabo, que entre a arvore e o homem ha uma grande differença; porque a arvore depois que está robusta e crescida, não se póde dobrar; mas o homem, que é arvore com alvedrio e uso de razão, ainda que agora esteja tão inclinada com o pezo dos vicios para a mão esquerda, em qualquer hora que se quizer voltar para a direita com o arrependimento dos peccados e emenda d'elles, o póde fazer. Assim é, ou assim poderá ser alguma vez, e assim o insinuou o mesmo S. Bernardo, acrescentando ás palavras referidas: *Si tamen fuerit tunc excisa.* Mas no dia do Juiso veremos que todos os catholicos que estão no inferno, os levou lá esta mesma confiança, ou esta mesma tentação.

S. Pedro, fallando da certeza ou incerteza da salvação, e do modo com que não só a poderemos conhecer, mas fazer certa, diz estas notaveis sentenças no primeiro capitulo da sua segunda epistola: *Quapropter fratres magis satagite, ut per bona opera certam vestram vocationem, et electionem faciatis. Hæc enim facientes, non peccabitis aliquando. Sic enim abundanter ministrabitur vobis introitus in æternum Regnum Domini nostri, et Salvatoris Jesu Christi.* [1] Se duvidaes, christãos (diz S. Pedro), e estaes incertos de vossa salvação, applicae-vos com todo o cuidado a fazer boas obras, e logo a fareis certa. A palavra, *certam*, no original Grego, em que escreveu S. Pedro, ainda tem mais apertada significação, porque quer dizer: *firmam, stabilem, immutabilem*, isto é, tão certa, firme e segura, que se não possa mudar. E porque seguram tanto as boas obras a certeza da salvação, que a fazem infallivel e immutavel? O mesmo principe dos Apostolos dá immediatamente a razão: *Hæc enim*

[1] *2. Petr.*, I, 10 e 11.

facientes, non peccabitis aliquando. Porque fazendo boas obras com cuidado e diligencia, que digo, jámais cahireis em peccado grave. D'onde se seguirá, que certamente se vos abrirão com largueza as portas do céo, e entrareis a gosar o reino eterno de nosso Senhor e Salvador, Jesu Christo: *Se enim abundanter ministrabitur vobis introitus in æternum Regnum Domini nostri, et Salvatoris Jesu Christi.* Commentando este texto o padre Cornelio à Lapide (auctor doutissimo e eruditissimo, e que nas Sagradas Escripturas busca sempre o sentido genuino e solido) depois de disputar theologicamente a materia, reduz á fórma syllogistica toda a sentença do Apostolo, e diz assim: *Hic est syllogismus sancti Petri. Quicumque non peccat, seque purum a peccato conservat, hic certam facit suam vocationem, et electionem, tum ad gratiam, tum consequenter ad gloriam: atqui qui satagit, studetque bonis operibus, hic non peccat: ergo qui satagit, studetque bonis operibus, certam facit suam vocationem et electionem.* Quer dizer: aquelle que se conserva sem peccado, sem duvida faz certa a sua salvação: aquelle que se emprega com diligencia em boas obras, conservar-se-ha sem peccado: logo aquelle que se empregar assim em boas obras, faz certa a sua salvação.

A menor, ou segunda proposição d'este syllogismo, como verdadeiramente é notavel, assim parece tambem difficultosa, se não fôra revelação canonica, e definição expressa de S. Pedro, com a clausula mais universal que póde ser: *Hæc enim facientes, non peccabitis aliquando.* Eu bem sei que as boas obras só pódem merecer *de congruo* a perseverança e graça final. Mas essa mesma congruencia, a qual tem o effeito dependente da aceitação e vontade divina, depois de S. Pedro declarar que o dito effeito é certo, fica fóra de toda a duvida e contingencia. Sendo, pois, assim (como parece que não póde deixar de ser) toda a consequencia das tres proposições do Apostolo corre formalmente; porque a terceira segue-se com certeza da segunda, e a segunda da primeira. A primeira assenta o fundamento das boas obras: *Ut per bona opera certam vestram vocationem, et electionem faciatis.* A segunda mostra o effeito das mesmas boas obras, que é a perseverança: *Hæc enim facientes, non peccabitis aliquando.* E a terceira conclue com o fim

e premio da mesma perseverança, que é a salvação e Reino do Céo: *Sic enim abundanter ministrabitur vobis introitus in æternum Regnum Domini nostri.*

Comtudo, vindo ao rigoroso exame d'esta certeza, e da qualidade, ou qualificação d'ella; a sentença commum dos theologos é, que d'este texto de S. Pedro só se convence certeza moral, quanta podemos ter naturalmente sem revelação. Comparada, porém, qualquer revelação não canonica, com as boas obras, eu antes quizera a certeza das obras, que a da revelação; porque a revelação não me póde salvar sem boas obras, e as boas obras pódem-me salvar sem revelação. Outros querem, que a certeza de que falla o Apostolo, seja maior que moral; porque com certeza sómente moral, póde ser a salvação incerta. [1] Mas a incerteza da salvação com boas obras, em opinião que eu muito venero, tambem é certeza. Perguntou uma vez meu padre Santo Ignacio ao padre Diogo Laines (aquelle tão celebrado theologo do Papa no Concilio Tridentino) qual de duas escolheria, se Deus as puzesse na sua eleição: ou ir logo para o céo com certeza, ou ficar servindo a Deus n'este mundo com incerteza da salvação? Laines respondeu que escolheria ir logo para o céo: Santo Ignacio, porém, lhe disse, que elle antes elegeria ficar servindo a Deus, posto que com incerteza de se salvar: *Malle se beatitudinis incertum vivere, et interim Deo inservire, quam certum ejusdem gloriæ statim mori.* [2] Assim o refere a Egreja na lenda do mesmo santo, approvando e canonisando esta sua resolução. Mas se esta resolução, ao que parece, era tão arriscada; como a louva e põe por exemplo a Egreja? E como elegeu tambem esta parte um espirito tão allumiado como o de Santo Ignacio, trocando a certeza da salvação pela incerteza? Porque a incerteza da salvação sobre servir a Deus, e fazer boas obras (como era n'este caso) é uma incerteza tal, que vem a ser maior certeza. Assim o julgou e declarou logo o mesmo Santo Ignacio, cujo juiso e espirito foi um dos maiores oraculos da sua edade, e o será de todas.

Mas porque a doutrina geral, em materia de tanto

[1] Apud Lorinum, et Cornelium ibi.
[2] In off. S. Ignat. lect.

pezo, não deve ser heroica, senão vulgar, e alheia de toda a duvida ou controversia; concluo o que prometti com duas sentenças dos dois principes da theologia e philosophia: — S. Thomaz e Aristoteles. S. Thomaz no articulo oitavo da Questão 23 diz assim: *Unde prædestinatis conandum est ad bene operandum, et orandum, quia per hujusmodi prædestinationis effectus certitudinaliter impletur.* [1] Tinha dito que na ordem da predestinação divina se conteem tambem as nossas boas obras, por meio das quaes se alcança a salvação, e sem as quaes se não póde alcançar; e conclue que todos se devem applicar com toda a efficacia ao exercicio das ditas boas obras, porque por ellas conseguirão o effeito e fim da predestinação, e isto não em duvida, senão *certitudinaliter*, com toda a certeza. [2] Digo com toda, porque o Doutor Angelico não limita nem distingue gráu, ou qualidade d'ella. Mas porque alguns de seus interpretes querem que falle sómente de certeza moral, que é o que commummente e quasi sempre succede; esta, quando menos, é a certeza com que cada um póde conhecer hoje o logar da mão direita ou esquerda, que ha-de ter no dia do Juiso. E porque em negocio de salvar ou não salvar, não é necessaria maior certeza para o justo receio e cuidado de cada um, tambem esta deve parecer bastante a todos, para o desempenho da minha promessa. Porque, como diz Aristoteles no livro primeiro das Ethicas, nenhum sabio deve procurar, nem desejar maior certeza, que a que póde ter a materia de que se tracta: *Disciplinati est enim in tantum certitudinem inquirere secundum unumquodque genus, in quantum natura rei recipit.* [3]

O que resta é que cada um olhe attentamente, e com a devida consideração, para a arvore da sua vida; e que examine e veja sem engano do amor proprio, se os ramos das suas obras pezam para a mão direita, ou para a esquerda: *Ad Austrum, aut ad Aquilonem.* E para que esta vista seja tão clara e certa, como quem vê de muito perto, e não de longe, só lembro por fim a todos, o que a todos prégava S. João Baptista: *Jam*

---

[1] *D. Thom.*, p. 1, q. 23, art. 8.
[2] Vasq. Disput. 92.
[3] Arist., 1, *Ethic.*

securis ad radicem arboris posita est. [1] Para qualquer parte que a arvore penda, e qualquer que ella seja, já o machado está posto ás raizes. Cada dia e cada hora é um golpe que a morte está dando á vida. E reparem os que a fazem tão delicada, que para derrubar as arvores grossas, são necessarios muitos golpes; para as delgadas, basta um. Christo Senhor e Redemptor nosso, que tanto deseja, e tanto fez e padeceu por nossa salvação, nos desenganou hoje, que o nosso Juiso não ha-de passar dos cem annos: *Non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant.* Mas advirtamos que não nos promette que havemos de chegar a esses cem annos, nem aos noventa, nem aos oitenta, nem a dez, nem a um, nem a meio; antes nos aviza que o dia póde ser este dia, e a hora esta hora. O mesmo Senhor por sua misericordia nol-a conceda a todos tão feliz, que todos n'aquelle dia nos achemos á sua mão direita, e nos leve comsigo a gosar d'aquella gloria, que se não alcança senão por boas obras, ajudadas da sua graça. Amen.

[1] *Luc.*, III, 9.

SERMÃO

DA

Primeira Dominga do Advento*

Cœlum et terra transibunt: verba autem mea non transibunt.

Luc., xxi.

I

Passará o céo e a terra, mas o que dizem as minhas palavras não passará. Com esta notavel, e não usada sentença conclue Christo Redemptor nosso, a narração do Evangelho que acabamos de ouvir. Diz que ha-de vir julgar e pedir conta ao mundo no ultimo dia d'elle: e porque antes de o mundo ser julgado ha-de ser abrazado primeiro, e convertido em cinzas; sobre o incendio, que o ha-de consumir, cahe a primeira parte da conclusão: *Cœlum et terra transibunt;* [1] e sobre a conta que depois promette ha-de tomar a todo o genero humano, cahe a segunda: *Verba autem*

---

* Este sermão grandioso, sublime, immortal, assombra-nos pela erudição vastissima do extraordinario orador e, ainda, pelo desassombro com que Vieira trata directamente das contas terribilissimas que, no dia do Juiso, todos havemos de dar a Christo Senhor nosso. O sermão está, pois, dividido em duas partes: a primeira contém um resumo eloquentissimo da historia universal, da decadencia dos imperios antigos e a segunda trata do assumpto terrivel do Julgamento Divino.

Não se lê este sermão sem crispações de nervos, sem temor, tremor e espanto. O padre Antonio Honorati diz "que é elle um dos melhores de todos quantos prégou Vieira.„

[1] *Luc.*, xxi, 33.

mea non transibunt. Estes são os dois maiores portentos, que no theatro universal do Juiso verão n'aquelle dia homens e anjos. Alli se verá o principio do mundo junto com o fim, e o fim junto com o principio: o principio com o fim, em tudo o que passou, e o fim com o principio, em tudo o que não ha-de passar. Parece difficultosa esta união em tanta distancia de seculos; mas esse é, e será um dos maiores milagres d'aquelle dia, porque tudo o que passou, e deixou de ser, e desappareceu com o tempo, como se não tivera passado, ou tornára a ser de novo, ha-de apparecer com a conta. Se olharmos para todas as coisas quantas houve, ha, e ha-de haver no mundo, então se verá, que todas passaram, *transibunt.* Mas se olharmos para essas mesmas coisas, as quaes como resuscitadas com o genero humano hão-de ser citadas com elle para apparecer em Juiso; então se verá tambem, e com maior assombro, que nenhuma d'ellas passou, *non transibunt.* Estas duas verdades, pois, cuja fé o mesmo Supremo Juiz com tanta expressão nos ratifica; estes dois desenganos, a que tão mal nos persuadimos os mortaes em quanto vivemos: e estas duas considerações do que passou, e do que não ha-de passar, *transibunt et non transibunt*, serão hoje os dois pólos, ou pontos do meu discurso. No primeiro, veremos que tudo passa: no segundo, que nada passa. No primeiro, que tudo passa para a vida: no segundo, que nada passa para a conta. Em dia tão grande não póde o sermão ser breve. Aos ouvintes não peço attenção, mas paciencia. Deus, a quem tomo por testemunha de que procurei não lhe dar conta do que hoje disser, se sirva de nos assistir a todos com sua graça em materia que tanto toca a todos.

II

Tudo passa, e nada passa. Tudo passa para a vida, e nada para a conta. A verdade e desengano de que tudo passa (que é o nosso primeiro ponto) posto que seja por uma parte tão evidente, que parece não ha mister prova, é por outra tão difficultoso, que nenhuma evidencia basta para o persuadir. Lêde os Philosophos, lêde os Prophetas, lêde os Apostolos, lêde os

Santos Padres, e vereis como todos empregaram a penna, e não uma senão muitas vezes, e com todas os forças da eloquencia, na declaração d'este desengano, posto por si mesmo tão claro.

Sabiamente fallou quem disse que a perfeição não consiste nos verbos, senão nos adverbios: não em que as nossas obras sejam honestas e boas, senão em que sejam bem feitas. E para que esta condicional tão importante se estendesse tambem ás coisas naturaes e indifferentes, inventou o Apostolo S. Paulo um notavel adverbio. E qual foi? *Tanquam non*, como senão: *Ut qui habent uxores, tanquam non habentes sint: et qui flent, tanquam non flentes: et qui gaudent, tanquam non gaudentes: et qui emunt, tanquam non possidentes: et qui utuntur hoc mundo, tanquam non utantur.* [1] Sois casado? (diz o Apostolo) pois empregae todo o vosso cuidado em Deus, como se o não fôreis. Tendes occasiões de tristezas? pois chorae, como se não choráreis. Não são de tristeza, senão de gosto? pois alegrae-vos, como se não vos alegráreis. Comprastes o que havieis mister, ou desejaveis? pois possui-o, como se não possuireis. Finalmente usaes de alguma outra coisa d'este mundo? pois usae d'ella, como se não usáreis. De sorte que quanto ha, ou póde haver n'este mundo, por mais que nos toque no amor, na utilidade, no gosto, a tudo quer S. Paulo que acrescentemos um, como se não, *tanquam non*. Como se não houvera tal coisa, como se não fôra nossa, como se não nos pertencêra. E porque? Vêde a razão: *Præterit enim figura hujus mundi.* [2] Porque nenhuma coisa d'este mundo pára, ou permanece; todas passam. E como todas passam e são como se não fôram, assim é bem que nós usemos d'ellas, como se não usaramos: *Tanquam non utantur*. Por isso a essas mesmas coisas não lhes chamou o Oraculo do terceiro céo coisas, senão apparencias, e ao mundo não lhe chamou mundo, senão figura do mundo: *Præterit enim figura hujus mundi.*

Considerae-me o mundo desde seus principios, e vêl-o-heis sempre, como nova figura no theatro, apparecendo e desapparecendo juntamente, porque sem-

[1] *1.ª ad Corinth.*, VII, 29.
[2] *Ibid.*, 31.

pre passando. A primeira scena desde theatro foi o paraiso terreal, no qual appareceu o mundo vestido de immortalidade, e cercado de delicias; mas quanto durou esta apparencia? Estendeu Eva o braço á fructa vedada, e no brevissimo espaço em que o bocado fatal passou pela garganta do homem, passou tambem com elle o mundo do estado da innocencia ao da culpa, da immortalidade á morte, da patria ao desterro, das flôres aos espinhos, do descanço aos trabalhos, e da felicidade summa ao summo da infelicidade e miseria. Oh miseravel mundo, que se paráras assim, e te contentáras com comer o teu pão com o suor do teu rosto, fôras menos miseravel! Mas não serias mundo, se de uma miseria grande não passasses sempre, e por tua natural inclinação, a outra maior. Os homens n'aquella primeira infancia do mundo todos vestiam de pelles, todos eram de uma côr, todos fallavam a mesma lingua, todos guardavam a mesma lei. Mas não foi muito o tempo em que se conservaram na harmonia d'esta natural irmandade. Logo variaram e mudaram as pelles com tanta differença de trajos, que cada dia, dos pés á cabeça, apparecem com nova figura. Logo variaram e mudaram as linguas com tanta dissonancia e confusão, como a da torre de Babel. Logo variaram e mudaram as côres com a diversidade das terras e climas, e com a mistura do sangue, posto que todo vermelho. Logo variaram e mudaram as leis, não com as de Platão, Solon, ou Lycurgo, mas com a do mais imperioso e violento legislador, que é o proprio alvedrio. Tudo mudaram, ou tudo se mudou, porque tudo passa.

As vidas n'aquelle principio costumavam ser de sete, de oito, de novecentos, e quasi de mil annos; e que brevemente se acabou este bom costume? Então o viver muitos seculos era natureza, hoje chegar, não a um seculo, mas perto d'elle, é milagre. Tardaram em passar até Noë, e tambem passaram. Com aquellas vidas não só cresciam os annos, senão tambem os corpos: e dos filhos de Deus, que eram os descendentes de Seth, e das filhas dos homens, que eram as descendentes de Caïn, nasceram os gigantes, de quem diz a Escriptura: *Erant gigantes super terram.* [1]

[1] *Genes.*, VI, 4.

Alguns ossos que ainda duram d'estes que o mesmo texto sagrado chama varões famosos, demonstram pela symetria humana, que não podiam ser menos que de vinte, e mais covados: e ainda na historia das batalhas de David temos memoria de outros quatro, posto que de muito menor estatura. Mas, emfim, acabou a era dos gigantes; porque tudo n'esta vida, e mais depressa o que é grande, acaba e passa.

Diminuidos os homens nos corpos e nas edades, quando tinham a morte mais perto da vista, (quem tal crêra)! então crescêram mais na ambição e soberba. E sendo todos iguaes e livres por natureza, houve alguns que entraram em pensamento de se fazer senhores dos outros por violencia, e o conseguiram. O primeiro que se atreveu a pôr corôa na cabeça, foi Membroth, que tambem com o nome de Nino, ou Belo, deu principio aos quatro imperios, ou monarchias do mundo. O primeiro foi o dos Assyrios e Chaldeos; e onde está o imperio chaldaico? O segundo foi o dos Persas; e onde está o imperio Persiano? O terceiro foi o dos Gregos; e onde está o imperio Grego? O quarto, e maior de todos, foi o dos Romanos; e onde está o imperio Romano? Se alguma coisa permanece d'este, é só o nome: todos passaram, porque tudo passa. Em tres famosas visões representou Deus estes mesmos imperios a um rei, e a dois prophetas. A primeira visão foi a Nabucodonosor na estatua de quatro metaes; a segunda a Zacharias em quatro carroças de cavallos de differentes côres: a terceira a Daniel em um conflicto dos quatro ventos principaes, que no meio do mar se davam batalha. Pois se todas estas visões eram de Deus, e todas representavam os mesmos imperios, porque variou tanto a sabedoria divina as figuras, e sobre a primeira da estatua, tão clara e manifesta, acrescentou outras duas tão diversas em tudo? Porque a estatua, na dureza dos metaes de que era composta, e no mesmo nome de estatua, parece que representava estabilidade e firmeza: e porque nenhum d'aquelles imperios havia de perseverar firme e estavel, mas todos se haviam de mudar successivamente, e ir passando de umas nações a outras; por isso os tornou a representar na variedade das carroças, na inconstancia das rodas, e na carreira e velocidade dos cavallos. Mas não parou aqui a energia da representação, como não encarecida ainda bastantemente. A

estatua estava em pé, e as carroças podiam estar paradas. E porque aquelles imperios correndo mais precipitadamente que á redea solta, não haviam de parar no mesmo passo, nem por um só momento, e sempre se haviam de ir mudando, e passando; por isso, finalmente, os representou Deus na causa mais inquieta, mudavel, e instavel, quaes são os ventos, e muito mais quando embravecidos e furiosos: *Et ecce quatuor venti cœli pugnabant in mari magno.* [1]

III

Em quanto passaram estes quatro imperios, que foi a terceira, quarta, quinta e sexta edade do mundo, entrando, tambem, pela setima; quem haverá que possa comprehender quanto passou no mesmo mundo? Quando começou o primeiro imperio, então começou tambem a idolatria, digno castigo do céo, que pois os homens se fizeram adorar, chegassem os mesmos a adorar paus e pedras. Os reis, porém, que eram, ou tinham sido os idolatras, canonisados depois pela adulação e lisonja, ou na vida, ou depois da morte, vinham tambem elles a ser idolos. Assim Saturno, assim Jupiter, assim Mercurio, assim Apollo, assim Marte, assim Venus, assim Diana; e posto que todos estes deixaram os seus nomes gravados nas estrellas, ellas permanecem, mas elles passaram. Passaram os idolos, e tambem passaram os oraculos com que n'elles respondia o pae da mentira, porque ao som da verdade do Evangelho todos emmudecêram.

Então começaram as guerras: e que direi dos exercitos innumeraveis, das batalhas campaes e maritimas, das victorias e triumphos de umas nações, e da ruina, abatimento e servidão de outras, tão varia e alternada sempre? Só digo, que assim a gloria e alegria dos vencedores, como a dôr e affronta dos vencidos, tudo passou, porque tudo passa. O exercito de Xerxes, que foi o maior que viu o mundo, constava de cinco mil náus, e cinco milhões de combatentes; e porque de uma e outra parte fez continente o Hellesponto, e cavou

[1] *Dan.*, VII, 2.

e fez navegavel o monte Atho, disse d'elle Marco Tullio, que caminhava os mares a pé, e navegava os montes: *Tantis classibus Xerxes in Græciam transiit, ut Hellesponto juncto, Athoque monte perfosso, maria ambularit, terramque navigarit, maria pedibus peragrans, classibus montes.* [1] Mas todo aquelle immenso e formidavel apparato, que visto fez tremer o mar e a terra, tão brevemente passou e desappareceu sendo desbaratado e vencido, que só ficou d'elle este dito. O mesmo Themistocles, que com muito desigual poder o desfez e pôz em fugida, tambem passou, como na Grecia e fóra d'ella passaram todos os famosos capitães e suas victorias. Passou Pyrrho, passou Mithridates, passou Filippe de Macedonia: passaram Heitor e Achilles, passaram Annibal e Scipião, passaram Pompeo e Julio Cesar, passou o grande Alexandre, nome singular e sem parelha, e até Hercules, ou fosse um, ou muitos, todos pasaram, porque tudo passa.

Costumam as Letras seguir-se as Armas, porque tudo leva após si o maior poder; e assim floresceram variamente, e em diversas partes no tempo d'estes imperios, todas as sciencias e artes. Floresceu a philosophia, floresceu a mathematica, floresceu a theologia, floresceu a astrologia, floresceu a medicina, floresceu a musica, floresceu a oratoria, floresceu a poetica, floresceu a historia, floresceu a architectura, floresceu a pintura, floresceu a estatuaria; mas assim como as flôres se murcham e se seccam, assim passaram todos os auctores mais celebrados das mesmas sciencias e artes. Na estatuaria passou Phidias e Lysippo; na pintura passou Timantes e Apelles; na architectura passou Meliagenes e Democrates; na musica passou Orpheu e Amphion; na historia Thucydides e Livio; na eloquencia Demosthenes e Tullio; na poetica, Homero e Virgilio; na astrologia, Anaxagoras e Ptolomeu; na medicina, Esculapio e Hyppocrates; na mathematica, Euclides e Archimedes; na philosophia, Platão e Aristoteles; na theologia, Mercurio Trismegisto e Apollonio Tyaneo; e por junto em todas as sciencias passaram no mesmo tempo os sete sabios da Grecia, porque, ou junto ou dividido, tudo passa. Só a ethica e a moral, como tão necessarias á vida e á virtude, pa-

[1] Cicero, *lib. 2, de finibus.*

rece que não haviam de passar; mas os Platonicos, os Peripateticos, os Epicureos, os Cynicos, os Pythagoricos, os Estoicos, os Academicos, elles, e suas escolas e seitas, todos passaram.

Nenhuma coisa é mais propria d'esta consideração em que vamos, que os jogos e espectaculos publicos, que os homens inventaram a titulo de passatempo, como se o mesmo tempo não passára mais velozmente que tudo quanto passa. Uns jogos foram os Circenses, outros os Dyonisios, outros os Juvenaes, outros os Nemeos, outros os Maratoneos, todos cheios de differentes divertimentos, em que, ou se perdia a honestidade, como nos de Venus; ou o Juiso, como nos de Baccho; mas nenhuns mais indignos dos olhos humanos e piedade natural, que os Gladiatorios. Sahia toda Roma ao amphitheatro, a que? a vêr e festejar como se matavam homens a homens; cahiam uns, e sobrevinham outros, e outros, sem estar o posto vago um só momento, acclamando a cabeça do mundo, com applausos mais carniceiros que crueis, assim no dar, como no receber das feridas, tanto a intrepideza dos mortos, como a furia dos matadores. Os jogos seculares se chamavam assim, porque se celebravam uma só vez de seculo a seculo; e dizia o pregão publico que convidava para elles: *Venite ad ludos, quos nemo vidit unquam, nec visurus est:* Vinde vêr os jogos, que ninguem viu, nem ha-de tornar a vêr. E com este desengano da vida passada e desesperação da futura, os iam todos vêr, e se chamavam jogos. Os Olympicos foram os mais celebres e famosos de todos, em que de cinco em cinco annos, concorria todo o mundo a uma cidade do mesmo nome, ou levar, ou vêr quem levava uma corôa de louro. Por estes jogos, mais que pelo curso do sol, se contavam e distinguiam os annos. Mas como toda a competencia era a correr, e o que mais corria era o que triumphava, não podiam deixar de passar as Olympiadas, como passaram todos os outros jogos d'aquelles tempos, ou todos os passatempos d'aquelles jogos.

Só uma coisa ha que não póde passar, porque o que nunca foi, não póde deixar de ser, e taes parece que foram as fabulas que n'este mesmo tempo se inventaram e fingiram. Mas se ellas não passaram em si mesmas, passaram n'aquelles casos e coisas que deram occasiões a se fingirem. Na sêcca universal que

abrazou todo o mundo, passou a fabula de Phaetonte; no diluvio particular que inundou grande parte d'elle, passou a fabula de Deucalion; no estudo com que el-rei Atlante contemplava o curso e movimento das estrellas, passou a fabula de trazer o céo aos hombros; na especulação contínua de todas as noites, com que Endymion observava os effeitos do planeta mais visinho á terra, passou a fabula dos seus amores com a lua. E porque tambem os nossos vicios, a nossa fraca virtude, e a nossa mesma vida passam como fabula; o amor e complacencia de nós mesmos passou na fabula de Narciso; a riqueza sem juiso, na fabula de Midas; a cobiça insaciavel, na fabula de Tantalo; a inveja do bem alheio, na fabula e abutre de Ticio; a inconstancia da fortuna mais alta, na fabula e roda de Ixion; o perigo de acertar com o meio da virtude, e não declinar aos vicios dos extremos, na fabula de Scylla e Carybdes; e finalmente a certeza da morte, e incerteza da vida, pendente sempre de um fio, passou e está continuamente passando na fabula das Parcas. Assim envolvêram e misturaram os sabios d'aquelle tempo o que ha com o que não ha, e o certo com o fabuloso; para que nem o louvor nos desvaneça, nem a calumnia nos desanime, pois o verdadeiro e o falso, a verdade e a mentira, tudo passa.

Mas não é justo que n'esta passagem de tudo o que passou no tempo dos quatro imperios profanos do mundo, passemos nós em silencio aquella republica sagrada, que alcançou a todos quatro, e por ser fundada por Deus, parece que tinha direito a não passar. Nasceu a republica hebrea no captiveiro do Egypto; e quem então lhe levantasse figura, facilmente lhe podia prognosticar os tres captiveiros e transmigrações com que foi arrancada da patria. Uma vez captiva por Salmanasar, em que passou desterrada aos Assyrios; outra vez captiva por Nabucodonosor, em que passou desterrada aos Babylonios; e a terceira é ultima vez captiva por Tito e Vespasiano, em que passou desterrada a todas as terras e nações do mundo. Começou no famoso triumvirato de Abrahão, Isaac, e Jacob, tantas vezes nomeado e honrado por bocca do mesmo Deus; mas nem por isso deixaram de passar todos tres. Succedeu-lhe José, o que sonhou as suas felicidades e as adorações de seu pae e irmãos; e posto que todas se cumpriram, todas passaram como se fo-

ram sonho. Teve o mesmo povo tres estados de governo: o dos Juizes, o dos Reis, o dos Capitães; e se bem subindo e descendo, as varas se trocaram com os sceptros, e os sceptros com os bastões, nenhum d'aquelles estados foi estavel, todos passaram. Nos Juizes passou a espada de Gedeão, o arado de Sangar, e a queixada de Samsão. Nos Reis passou a valentia de David, a sabedoria de Salomão, e a piedade e religião de Josias. Nos Capitães passou o braço invencivel de Judas Machabeu, vencedor de tantas batalhas: passou a façanha immortal de Eleázaro, que mettendo-se debaixo do elephante, cavou a sua propria sepultura: e passou mais glorioso que todos o honrado e zeloso testamento do velho Mathathias, digno de ser escripto em bronzes. E porque não fiquem totalmente em silencio as heroinas da mesma nação, quatro houve n'ella insignes na formosura: Sára, Rachel, Esther, e Judith, todas porém fataes a quem as amou. Sára a um peregrino com perigos; Rachel a um pastor com trabalhos; Esther a um rei com desgostos; e Judith a um general com a morte. Este acabou miseravelmente a vida; mas as formosuras antes de se acabarem as vidas, já tinham passado. Floresceram no mesmo povo, além de outros egualmente verdadeiros, dezeseis prophetas canonicos, quatro maiores, e doze menores; mas em espaço de tres seculos os maiores e menores, desde Oseas a Malachias, todos passaram. Passaram os milagres da vara, passaram os da serpente de metal, passaram os de Elias e Eliseu: e porque só faltava passar a Lei de Moysés e o Sacerdocio de Arão, a Lei e o Sacerdocio tambem passaram, porque tudo passa.

Agora quizera eu perguntar ao mundo, se como me enche a memoria de tantas coisas, que todas passaram, me mostrará alguma aos olhos que não passasse? As sete fabricas a que a fama deu o nome de maravilhas, acrescentaram alguns como oitava o amphitheatro romano. Mas a maravilha oitava, ou nona, é que todas essas maravilhas, que pareciam eternas, passaram. A primeira maravilha foram as pyramides do Egypto, a segunda os muros de Babylonia, a terceira a torre de Faro, a quarta o colosso de Rhodes, a quinta o mausoleo de Caria, a sexta o Templo de Diana Ephesina, a setima o simulacro de Jupiter Olympico. E deixando o amphitheatro, de que só se vêem as rui-

nas, as pyramides cahiram, os muros arrasaram-se, o colosso desfez-se, o mausoleu sepultou-se, a torre sumiu-se, o farol apagou-se, o templo ardeu, e o simulacro como simulacro, desvaneceu-se em si mesmo. Tem mais que dizer, ou que oppôr o mundo? Só póde appellar para as mais fortes e bem fundadas cidades, côrtes e metropóles dos mais poderosos imperios: argumento verdadeiramente de grande boato, antes de se lhe tomar o peso. Ninive, côrte de Nino, foi a maior cidade do mundo: andava-se de porta a porta, não menos que em tres dias de caminho; edificada de proposito com arrogancia de que nenhuma outra a egualasse, como não egualou. Mas onde está essa Ninive? Ecbatanis, côrte de Arfaxad, e cidade que o texto sagrado chama potentissima, era cercada de sete ordens de muros, todos de pedras quadradas, cada uma com vinte e sete palmos por todas as faces, e as portas com a prodigiosa altura de cem covados. Mas onde está essa Ecbatanis? Susa, côrte de Assuero, e metropole de cento e vinte e sete provincias, cujo palacio representava um céo estrellado, fundado sobre columnas de oiro e pedras preciosas, e cujos muros eram de marmores brancos e jaspes de differentes côres; bem se deixa vêr quão forte e inexpugnavel seria, pois defendia tão grande monarcha, dominava tantos reinos e guardava tantos thesouros. Mas onde está essa Susa? Se houvessemos de fazer a mesma pergunta ás ruinas de Thebas, de Memphis, de Bactra, de Carthago, de Corintho, de Sebaste, e da mais conhecida de todas, Jérusalem, necessario seria dar volta a toda a redondeza da terra. De Troya disse Ovidio: *Jam seges est ubi Troia fuit.* [1] E o mesmo podemos dizer das planicies, valles e montes, d'onde se levantavam ás nuvens aquelles vastissimos corpos de casas, muralhas e torres. De umas se não sabem os logares onde estiveram; d'outras se lavram, semeam, e plantam os mesmos logares, sem mais vestigios de haverem sido, que os que encontram os arados, quando rompem a terra. Para que os homens compostos de carne e sangue se não queixem da brevidade da vida, pois tambem as pedras morrem: e para que ninguem se atreva a negar, que tudo quanto houve, passou, e tudo quanto é, passa.

[1] *In Heroid.*

IV

A razão d'este curso, ou precipicio geral com que tudo passa, não é uma só, senão duas: uma contraria a toda a estabilidade, e outra repugnante ao mesmo ser. E quaes são? O tempo, e antes do tempo, o nada. Que coisa mais veloz, mais fugitiva, e mais instavel que o tempo? Tão instavel, que nenhum poder, nem ainda o divino o póde parar. Por isso os quatro animaes, que tiravam pela carroça da gloria de Deus n'este mundo, não tinham rédeas. Descreveu o tempo no palacio do sol o mais engenhoso de todos os poetas, e dividindo-o em suas partes, disse assim elegantemente:

> *A dextra, lævaque dies, et mensis, et annus,*
> *Sæculaque, et positæ spatiis æqualibus horæ:*
> *Verque novum stabat cinctum florente corona:*
> *Stabat nuda æstas, et spicea serta gerebat.*
> *Stabat et Autumnus calcatis sordidus uvis;*
> *Et glacialis Hyems canis hirsuta capillis.* [1]

Elegantemente, torno a dizer, mas falsa e impropriamente. Aquelle *stabat* tantas vezes repetido, é o que tirou toda a similhança de verdade á engenhosa pintura. Porque nem a primavera com as suas flôres, nem o estio com as suas espigas, nem o outono com os seus fructos, nem o inverno com os seus frios e neves, por mais tolhido e entorpecido que pareça, pódem estar parados um momento. Passam as horas, passam os dias, passam os annos, passam o seculos, e se houvesse hieroglifico com que se podessem pintar, haviam de ser todos com azas, não só correndo e fugindo, mas voando e desapparecendo. Nem escusa esta impropriedade estar o sol assentado: *Sedebat in solio Phœbus;* porque o sol póde parar, como no tempo de Josuë, ou tornar atraz, como no tempo de Ezechias; mas o tempo em nenhum tempo, póde deixar de ir por diante sempre, e com a mesma velocidade. Bem emendou esta sua impropriedade o mesmo poeta, quando depois disse:

---

[1] *Metamorph.*, lib. 4.

Ipsa quoque assiduo labuntur tempora motu
Non secus ac flumen, neque enim consistere flumen
Aut levis hora potest. [1]

E como o tempo não tem, nem póde ter consistencia alguma, e todas as coisas desde seu principio nasceram juntamente com o tempo, por isso nem elle, nem ellas pódem parar um momento, mas com perpetuo moto, e revolução insuperavel passar, e ir passando sempre.

A segunda razão ainda é mais natural e mair forte: o nada. Todas as coisas se resolvem naturalmente, e vão buscar com todo o peso e impeto da natureza o principio d'onde nasceram. O homem porque foi formado da terra, ainda que seja com dispendio da propria vida, e summa repugnancia da vontade, sempre vae buscar a terra, e só descança na sepultura. Os rios esquecidos da doçura de suas aguas, posto que as do mar sejam amargosas, como todos nasceram do mar, todos vão buscar o mesmo mar, e só n'elle se desafogam, e param como em seu centro. Assim todas as coisas d'este mundo, por grandes e estaveis que pareçam, tirou-as Deus com o mesmo mundo do não ser ao ser; e como Deus as creou do nada, todas correm precipitadamente, e sem que ninguem lhes possa ter mão, ao mesmo nada de que foram creadas. Vistes a torrente formada da tempestade subita, como se despenha impetuosa, e com ruido; e tanto que cessou a chuva, tambem ella se seccou, e sumiu subitamente, e tornou a ser o nada que d'antes era? Pois assim é tudo, e somos todos, diz David: *Ad nihilum devenient tanquam aqua decurrens.* [2] Sonhastes no ultimo quarto da noite, quando as representações da fantazia são menos confusas, que possuieis grandes riquezas, que gosaveis grandes delicias, e que estaveis levantado a grandes dignidades; e quando depois acordastes, vistes com os olhos abertos, que tudo era nada? Pois assim passam a ser nada em um abrir de olhos todas as apparencias d'este mundo, diz o mesmo propheta: *Velut somnium surgentium, Domine, imaginem ipso-*

[1] *Metamorph.*, lib. 4.
[2] *Psal.*, LVII, 8.

rum ad nihilum rediges. [1] De sorte que estas são as duas razões porque todas as coisas passam. Passam, porque voam com o tempo, e passam, porque vão caminhando para o nada d'onde sahiram. Por isso, como diz o Espirito Santo, quando umas passaram, ou tem passado, é necessario que venham outras para tambem passar: *Generatio præterit, et generatio advenit: terra autem in æternum stat.*

Mas se bem se repara n'esta mesma sentença, sendo tão poucas as suas palavras, assim como umas confirmam, assim outras parece que impugnam, e destroem quanto vinhamos dizendo. Porque se a terra está sempre firme, e estavel: *terra autem in æternum stat;* segue-se que ao menos a mesma terra não passa, e que ha no mundo alguma coisa, que não passe. Concederemos pois esta excepção ao nosso assumpto, e diremos que passam as figuras, como diz S. Paulo, mas que a terra, que é o theatro, não passa? Não digo, nem concedo tal. A terra toda não passa, mas passam, e sempre estão passando todas as partes d'ella. A terra compõe-se de reinos, os reinos compõem-se de cidades, as cidades compõem-se de casas e campos, e principalmente de homens, e tudo isto, que tudo é terra (e toda a terra) perpetuamente está passando. Daniel revelando a Nabuchodonosor a intelligencia da sua estatua, disse que Deus muda os tempos, e as edades, e conforme ellas passa os reinos de uma parte para outra: *Ipse mutat tempora, et ætates: transfert regna, atque constituit.* [2] Assim passou o reino do mesmo Nabuco para a Persia, o dos Persas para a Grecia, o dos Gregos para Roma, e o dos Romanos para tantos outros, quantos hoie corôam outras cabeças, as quaes se devem lembrar d'aquella infallivel sentença: *Regnum à gente in gentem transfertur propter injustitias.* [3] O nosso reino não sendo no sitio original dos maiores, quantas vezes passou a outras gentes? Passou aos Suevos, passou aos Alanos, passou aos Carthaginezes, passou aos Romanos, passou aos Arabes, e Sarracenos e, dentro da mesma Hespanha, tambem passou, e tornou a passar. Os terremotos,

[1] *Psal.*, LXXII, 20.
[2] *Daniel*, II, 21.
[3] *Eccl.*, X, 8.

que se geram do ar violentado nas entranhas da terra, são muito raros, mas os que se fazem na superficie d'ella, sempre a trazem em perpetuo movimento.

E se os grandes reinos e imperios não são estaveis, e passam; que serão as cidades particulares, para que não é necessario, que a roda da fortuna dê toda a volta? Não fallo d'aquellas que acabaram como de morte súbita, abrazadas até á ultima cinza no incendio de uma noite, como Troya e Lugduno. D'esta disse judiciosamente Seneca: *Quando una nox fuit inter urbem marinam, et nullam, nihil privatim, nihil publicè stabile est: tam hominum, quàm urbium fata volvuntur.* [1] Deixadas pois estas, que subitamente passaram do ser ao não ser; só fallo das que por seus passos contados vieram de um dominio a outro dominio. E quantas vezes as pombas de Babylonia, quantas os leões de Jérusalem, quantas as Aguias de Roma e de Constantinopla viram sobre suas muralhas outras bandeiras? O maior theatro de Marte no nosso seculo, e por ventura, que em nenhum outro, foram as guerras belgicas; e na grande provincia de Hollanda, excepta Dorth, por isso chamada a Virgem, nenhuma cidade houve, que não fosse conquistada e alternasse o dominio. Que direi dos confins sempre incertos, e tão frequentemente mudados, de Hespanha com França, de França com Germania, de Germania com a Turquia, e da Turquia com Italia? Annos ha, que a antiga Creta, hoje Candia, sem ser das ilhas errantes do Archipelago, tem posto em duvida o mundo para onde ha-de ir, e se ha-de reconhecer as Cruzes, ou as meias Luas.

E quanto ás casas, membros menores de que se compõem innumeravelmente as cidades; quem poderá comprehender o inextricavel labyrintho, com que, á maneira de peixes no mar, se andam sempre movendo, e passando de um dono para outro dono? Ouçamos a familiar evidencia com que o grande juiso de Santo Agostinho demonstrou a um d'elles esta perpetua instabilidade. Introduz um rico, que, jactancioso de ser senhor da sua casa, dizia: *Domum meam habeo;* e pergunta-lhe o santo assim: *Quam domum tuam? Quam Pater meus mihi dimisit. Et unde ille*

---

[1] Seneca, *Epist.* 91.

habuit? Avus noster illam reliquit. Recurre ad Proavum, inde ad Abavum, et jam nomina non potes dicere. Pater tuus hic eam dimisit, transivit per illam, sic et tu transibis. [1] Esta casa de que vos jactaes ser senhor, porque é vossa? Porque a herdei de meu pae; e vosso pae de quem a houve? De meu avô; e de quem a houve vosso avô? De meu bisavô; e vosso bisavô de quem? De meu trisavô. Já não tendes palavras com que proseguir de quem mais foi, e a quem mais passou essa casa, que chamaes vossa. Pois assim como ella passou, e vossos antepassados passaram por ella, assim ella e vós tambem haveis de passar. Por este modo sem firmeza, nem estabilidade alguma, estão sempre passando n'este mundo as casas, as quintas, as herdades, os morgados: uns, porque os faz passar a morte, outros, porque os manda passar a justiça, outros, porque os convida a passar a riqueza dos que os compram, outros, porque os obriga a necessidade dos que os vendem, outros, porque a força e poder os rouba e senhorea por violencia: em summa, que não ha pedra, nem telha, nem planta, nem raiz, nem palmo de terra na terra, que não esteja sempre passando, porque tudo passa.

V

D'este tudo que está sempre passando, é o homem não só a parte principal, mas verdadeiramente o tudo do mesmo tudo. E vendo o homem com os olhos abertos e, ainda os cégos, como tudo passa, só nós vivemos como se não passáramos. Somos como os que navegando com vento e maré, e correndo velocissimamente pelo Téjo acima, se olham fixamente para a terra, parece-lhes que os montes, as torres, e a cidade é a que passa; e os que passam, são elles. E' o que disse o poeta: *Montes, urbesque recedunt.* Mas dêmos volta a esta mesma comparação, e veremos na terra outro genero de engano ainda maior. A maior ostentação de grandeza e magestade que se viu n'este mundo, e uma das tres que Santo Agostinho desejára

[1] August. Comm. *in Psalm.*, 122.

vêr foi a pompa e magnificencia dos triumphos romanos. Entravam por uma das portas da cidade, n'aquelle tempo vastissima, encaminhados longamente ao Capitolio: precediam os soldados vencedores com acclamações: seguiam-se, representadas ao natural, as cidades vencidas, as montanhas inaccessiveis escaladas, os rios caudalosos vadeados com pontes: as fortalezas e armas dos inimigos, e as machinas com que foram expugnadas: em grande numero de carros os despojos e riquezas, e todo o raro e admiravel das regiões novamente sujeitas: depois de tudo isto a multidão dos captivos, e talvez os mesmos reis manietados; e por fim em carroça de oiro e pedraria, tirada por elephantes, tigres, ou leões domados, o famoso triumphador, ouvindo a espaços aquelle glorioso e temeroso pregão: *Memento te esse mortalem.* Em quanto esta grande procissão (que assim lhe chama Seneca) caminhava, estavam as ruas, as praças, as janellas e os palanques, que para este fim se faziam, cobertos de infinita gente, todos a vêr. E se Diogenes então perguntasse, quaes eram os que passavam, se os do triumpho, se os que o estavam vendo, não ha duvida, que pareceria a pergunta digna de riso. Mas o certo é que tanto os da procissão e do triumpho, como os que das janellas e palanques os estavam vendo, uns e outros egualmente passavam, porque a vida e o tempo nunca páram: e ou indo, ou estando, ou caminhando ou parados, todos sempre com egual velocidade passamos.

Declarou esta verdade tão mal advertida com uma similhança muito propria Santo Ambrosio elegantemente: *Et si non videmur ire corporaliter, progredimur. Nam sicut in navibus dormientes ventis aguntur in portus; sic vitæ nostræ spatio defluente, ad proprium unusquisque finem, cursu labente deducimur. Tu enim dormis, et tempus tuum ambulat.* [1] Todos vamos embarcados na mesma náu, que é a vida, e todos navegamos com o mesmo vento, que é o tempo; e assim como na náu uns governam o leme, outros mareiam as velas; uns vigiam, outros dormem; uns passeiam, outros estão assentados; uns cantam, outros jogam, outros comem, outros nenhuma coisa fa-

[1] Ambr. *in Psal.* I, vers. 1.

zem, e todos egualmente caminham ao mesmo porto; assim nós, ainda que o não pareça, insensivelmente vamos passando sempre, e avisinhando-se cada um ao seu fim; porque tu, conclue Ambrosio, dormes, e o teu tempo anda: *Tu dormis, et tempus tuum ambulat.* Disse pouco em dizer que o tempo anda, porque corre e vôa; mas advertiu bem em notar que nós dormimos; porque tendo os olhos abertos para vêr que tudo passa, só para considerar que nós tambem passamos, parece que os temos fechados.

Dito foi do grande philosopho Heraclito, allegado e celebrado por Socrates: *Non posse quemquam bis in eumdem fluvium descendere:* [1] que nenhum homem podia entrar duas vezes em um rio; e porque? Porque quando entrasse a segunda vez, já o rio, que sempre corre e passa, é outro. E d'aqui infiro eu, que o mesmo succederia se não fôsse rio, senão lago ou tanque aquelle em que o homem entrasse; porque ainda que a agua do lago e do tanque não corre, nem se muda, corre porém, e sempre se está mudando o homem, que nunca permanece no mesmo estado: *Et nunquam in eodem statu permanet.* [2] Assim o disse Job, e quem o não disser assim de todo o homem, e de si mesmo, não se conhece. Admira-se Philo Hebreu, de que perguntando Deus a Adão onde estava: *Adam, ubi es?* [3] elle não respondesse. Mas logo escusa ao mesmo, Adão, e a qualquer outro homem a quem Deus fizesse a mesma pergunta; porque como póde responder onde está, quem não está? Se dissera, estou aqui (como subtilmente argue Santo Agostinho) entre a primeira syllaba e a segunda já o estou não seria estou, nem o aqui seria o mesmo logar; porque como tudo está passando, tudo se teria mudado. Por isso conclue o mesmo Philo, que se Adão houvesse de responder propria e verdadeiramente onde estava, haveria de dizer: *nusquam*, em nenhuma parte; porque em nenhuma parte está aquillo que nunca está, mas sempre passa: *Ad quod propric respondere poterat, nusquam: eo quod humana res nunquam in eodem statu maneat.* [4]

---

[1] Socrat., in Cratil.
[2] *Job.*, XIV, 2.
[3] *Genes.*, III, 9.
[4] Philus.

Considerando este continuo passar do homem (não fóra de si, senão onde verdadeiramente parece que está e permanece, que é dentro em si mesmo) diziam os sabios da Grecia, como refere Euzebio Cesariense, que todo o homem que chega a ser velho, morre seis vezes. E como? Passando da infancia á puericia, morre a infancia; passando da puericia á adolescencia, morre a puericia; passando da adolescencia á juventude, morre a adolescencia; passando da juventude á edade de varão, morre a juventude; passando da edade de varão á velhice, morre a edade de varão; e, finalmente, acabando de viver por tanta continuação e successão de morte, com a ultima, que só chamamos morte, morre a velhice. Assim o consideravam aquelles sabios, mais larga e menos sabiamente do que deveram, aos quaes por isso emendou S. Paulo, dizendo que morria todos os dias: *Quotidie morior.* [1] E já póde ser que da communicação que Seneca teve com S. Paulo, ensinou elle esta mesma lição ao seu discipulo, quando lhe diz: *Singulos dies, singulas vitas puta.* Se o sol, que sempre é o mesmo, todos os dias tem um novo nascimento, e um novo occaso, quanto mais o homem por sua natural inconstancia tão mudavel, que nenhum é hoje o que foi hontem, nem ha de ser ámanhã o que é hoje! Desenganemos-nos pois todos, e diga, ou diga-se cada um com el-rei Ezechias: *De mane usque ad vesperam finies me.* [2] E seja a ultima conclusão d'este largo discurso: que então definiremos bem e conheceremos o que é esta vida e este mundo, quando entendermos que não só estamos n'elle em perpetua passagem, mas em perpetuo passamento.

VI

Assim passamos todos, e assim passa tudo para a vida; desengano verdadeiramente não só triste, mas tristissimo, se este superlativo e outros de maior horror não foram mais devidos ao que, e depois de tudo passar, se segue. Depois da vida segue-se a conta;

[1] *1.ª ad Corinth.*, XV, 31.
[2] *Isai.*, XXXVIII, 12.

e sendo a conta que se ha-de dar, de tudo o que passou na vida; tristissima e terribilissima consideração é que, passando tudo para a vida, nada passe para a conta. O que faz, e ha-de fazer difficultosa a conta são os peccados da vida, e de toda a vida. E que confusão será n'aquelle dia tão cheio de horror e assombro, olhar para a vida, e para os peccados de toda ella, e vêr que a vida passou e os peccados não passaram!

D'este passar e não passar, não só temos os documentos da Escriptura, mas grandes e manifestos exemplos da mesma natureza. Christo, Redemptor e Juiz universal nosso, comparou o dia do Juiso a uma rêde lançada no mar: *Sagenæ missæ in mare.* [1] O mar é este mundo; a rêde é a comprehensão da sciencia e justiça divina; os que n'ella andam nadando já presos, ou com maior ou menor largueza, são todos os homens. E assim como na rêde, quando a malha é muito estreita, só a agua póde passar e nenhuma outra coisa; assim passa sómente por ella a vida, e tudo o mais (que são os peccados) fica dentro, e nada passa. Oh quão apertada e estreita é esta malha da rêde de Deus; e quão facil de passar, ainda por ella, a vida, que, como agua, sempre está passando! *Omnes morimur, et quasi aqua dilabimur.* O mesmo Christo comparou este passar e não passar ao crivo, quando disse a seus Discipulos: *Satanas expetivit vos ut cribraret sicut triticum.* [2] Assim como no crivo (diz S. João Chrysostomo, commentando estas palavras) assim como no crivo dando uma e muitas voltas passa o grão, e só fica a palha, assim n'este mundo (que todo é furado) com a volta que dão os dias e os annos, passa a vida e os gostos d'ella: *Et in novissimo nihil remanet, nisi solum peccatum*, e no fim, e para o fim só fica o peccado. De outro crivo falla David, que é o das nuvens, por onde se côa a agua da chuva, o qual mais altamente nos inculca este mesmo documento: *Cribrans aquas de nubibus cælorum.* [3] Desce a nuvem como esponja a beber no mar, e sendo a agua do mar salgada e amargosa, passada porém pela nuvem, o

[1] *Math.*, XIII, 47.
[2] *Luc.*, XXII, 31.
[3] *2.º Livr. dos Reg.*, XXII, 12.

que lá fica é o amargoso, e o que cá desce, o dôce. Por isso com grande propriedade este passar e não passar se compara na nuvem ao crivo, e na vida e na conta á nuvem. O que passa por ella e cá logramos, é o dôce da vida; o que fica lá em cima e não vemos, é o amargoso da conta.

Não podia Job faltar a ennobrecer este mesmo assumpto, como tão proprio das suas experiencias, com alguma similhança que mais ainda nol-o declare. Diz que observou Deus todos os seus caminhos, e considerou as pégadas dos seus pés: *Observasti omnes semitas meas, et vestigia pedum meorum considerasti.* [1] E porque considera Deus não os passos, senão as pégadas? Porque os passos passam, as pégadas ficam; os passos pertencem á vida que passou, as pégadas á conta, que não passa. Mas que differentemente não passa Deus pelo que nós tão facilmente passamos! Nós deixamos as pégadas de traz das costas, e Deus tem-n'as sempre diante dos olhos, com que as nota e observa: as pégadas para nós apagam-se, como formadas em pó, para Deus não se apagam, como gravadas em diamante. Tal é a consideração dos peccados, que na nossa memoria logo se perde, e na sciencia divina sempre está presente. Os Setenta, em logar de pégadas, trasladaram raizes: *Et radices pedum meorum considerasti.* Assim como os pés se chamam plantas, assim ás pégadas lhes quadra bem o nome de raizes. E porque deu este nome Job ás pégadas dos seus passos? Não só porque os passos passam, e as pégadas ficam; mas porque ficam como raizes fundas e firmes, e que sempre permanecem. As pégadas estão manifestas e vêem-se; as raizes estão escondidas, e não se vêem: e assim tem Deus guardados invisivelmente todos os nossos peccados, os quaes no dia da conta rebentarão como raizes, e brotarão nos castigos, que pertencem á natureza de cada um. Isto é o que tanto cuidado dava a Job.

Finalmente, o Apostolo S. Paulo, prégando contra os que abusam da paciencia e benignidade de Deus, e em vez de se aproveitarem do espaço que lhes dá para a penitencia, gastam a vida em accumular peccados sobre peccados: não vês (diz) ó homem, que desprezas as ri-

---

[1] *Job.*, XIII, 27.

quezas do soffrimento e longanimidade divina, e que pelo contrario, segundo a dureza do teu coração, enthesouras para ti a ira e vingança, que te espera no dia do Juizo? *An divitias bonitatis ejus, et patientiæ et longanimitatis contemnis? Secundum autem duritiam tuam, et revelationis justi judicii Dei?* [1] De maneira que ao peccar sobre peccar chama S. Paulo enthesourar: *thesaurizas tibi;* porque ainda que a vida e os dias em que peccamos passam, os peccados que n'elles commettemos, não passam, mas ficam depositados nos thesouros da ira divina. Falla o Apostolo por bocca do mesmo Deus, o qual diz no Deuteronomio: *Nonne hæc condita sunt apud me, et signata in thesauris meis? Mea est ultio, et ego retribuam in tempore.* [2] Estes thesouros, pois, que agora estão cerrados, se abrirão a seu tempo, e se descobrirão para a conta no dia do Juiso, que isso quer dizer, *in die iræ, et revelationis justi judicii Dei.* Considerae-me um homem rico, e que tem mais rendas cada anno do que ha mister para se sustentar; que faz este homem? Uma parte do que tem gasta, e outra parte enthesoura. Pois isto é o que fazemos todos. Todos gastamos, e todos enthesouramos; todos gastamos o que passa, e todos enthesouramos o que não passa; o que gastamos, é o da vida; o que enthesouramos, o da conta.

Infinita materia seria, se agora houveramos de reduzir á pratica uma e outra parte d'esta demonstração, e pôl-as ambas em theatro. Mas por isso nos detivemos tanto no primeiro ponto do nosso discurso. Não vimos n'elle, desde o principio do mundo, como tudo passou? Não vimos, como todos os que em tantos seculos viveram, passaram? Pois esse tudo que então passou para a vida, é o nada que não passou para a conta; e esses todos que então morreram, e agora estão sepultados, são os que resuscitados n'este mesmo dia hão-de apparecer vivos diante do tribunal divino, para dar essa conta estreitissima de quanto fizeram. N'este tribunal viu S. João assentado sobre um throno de admiravel magestade o Supremo Juiz, e com aspecto tão terrivel, que affirma fugiu d'elle o céo e a terra: *Et vidi thronum magnum candidum, et sedentem su-*

[1] *Rom.*, II, 4 e 5.
[2] *Deut.*, XXXII, 34 e 35.

per eum, à cujus conspectu fugit terra, et cœlum. [1] Diz mais, que viu a todos os mortos, grandes e pequenos, em pé, como réos, diante do mesmo throno: *Et vidi mortuos magnos et pusillos stantes in conspectu throni.* [2] E finalmente conclue, que então appareceram e se abriram um livro e muitos livros, e que pelo que estava escripto n'estes livros foram julgados todos, cada um conforme suas obras: *Et libri aperti sunt; et alius liber apertus est, qui est vitæ; et judicati sunt mortui ex his quæ scripta erant in libris secundum opera ipsorum.* [3] D'esta distincção que o Evangelista faz de livro a livros, se vê claramente, que o livro era da vida, *liber qui est vitæ*, e que os livros eram da conta, porque pelos livros foram julgados os mortos: *Et judicati sunt mortui ex his quæ scripta erant in libris.* Assim entendem litteralmente estes textos como sôam, Beda e outros Padres. Mas por que razão o livro da vida, era livro, e os livros da conta, livros? Porque livro da vida contém os dias da mesma vida, que são poucos, e os livros da conta conteem os peccados commettidos nos mesmos dias, que são muitos. Assim que postos á vista no tremendo tribunal, de uma parte o livro, e da outra os livros, então se verão juntas e concordes as duas combinações do nosso assumpto: no livro, como tudo passa para a vida: nos livros, como nada passa para a conta.

VII

Este nada, do qual dizemos que nada passa para a conta, é o que agora havemos de examinar. Pergunto: se nada passa para a conta, parece que tambem o nada póde ser chamado a Juiso? E se acaso fôr chamado, escapará da conta o nada por ser nada? Creio que todos estão dizendo, que sim. Mas é certo, e de fé, que tambem o nada, por mais qualificado que seja, ha-de ser chamado a Juiso, e porque nada passa para a conta, nem o mesmo nada ha-de passar sem ella, e mui ri-

[1] *Apoc.*, XX, 11.
[2] *Ibid.*, 12.
[3] *Ibid.*

gorosa. Ninguem foi mais qualificado na lei da natureza que Job, e ninguem mais qualificado na lei da graça que S. Paulo: e que dizia de si um e outro? Job dizia, que nada tinha feito contra Deus: *Quia nihil impium fecerim.* [1] S. Paulo dizia, que nada havia na sua consciencia, de que ella o accusasse: *Nihil mihi conscius sum.* [2] E este nada de Job, e este nada de S. Paulo escaparam por ventura da conta e do Juiso? Elles mesmo confessam, que de nenhum modo. Job dizia, que Deus o tinha posto a questão de tormento, como réu, para averiguar se o que elle tinha por nada, verdadeiramente era nada: *Ut quæras iniquitatem meam, et peccatum meum scruteris, et scias, quia nihil impium fecerim.* [3] E S. Paulo dizia, que elle se não dava por justificado do que na sua consciencia reputava por nada, porque d'esse nada não havia elle de ser o juiz, senão Deus: *Nihil mihi conscius sum, sed non in hoc justificatus sum; qui autem judicat me, Dominus est.* [4] Eis aqui quão manifesta e provada verdade é, que nada passa para a conta, pois até do mesmo nada a ha-de tomar Deus, e tão estreita.

Mas qual é, ou póde ser a razão porque onde dois homens tão grandes, tão qualificados e tão santos, como Job e S. Paulo, não reconhecem nada de culpa, lh'a haja de arguir Deus, e pedir-lhes conta? A primeira razão, e da parte de Deus (a qual só póde ignorar quem o não conhece) é, porque ainda nas coisas mais interiores nossas, conhece Deus muito mais de nós, do que nós de nós. Quando Christo na meza da ultima Cêa revelou aos Apostolos, que um d'elles o havia de entregar: *Amen dico vobis, quia unus vestrum me traditurus est,* [5] diz o Evangelista, que muito tristes todos com tal noticia, começou cada um a perguntar: *Nunquid ego sum, Domine?* [6] Por ventura, Senhor, sou eu esse? Pedro, André, João e os demais, excepto Judas, bem sabia cada um de si, que não era o traidor, nem tal coisa lhe passára pelo pensamento; pois porque se

---

Job., x, 7.

[1] *1.ª ad Corinth.*, IV, 4.

[2] *Job.*, x, 6 e 7.

[3] *1.ª ad Corinth.*, IV, 4.

[4] *Math.*, XXVI, 21.

[5] *Ibid.*, 22.

não deixam estar muito seguros na boa fé da sua lealdade, mas pondo em duvida o de que não duvidavam, pergunta cada um a Christo se é elle o traidor: *Nunquid ego sum?* Porque ainda que a propria consciencia os não accusava, sabiam todos que sabia Christo mais de cada um d'elles, do que elles de si. Elles conheciam-se, como homens, Christo conhecia-os, como Deus. Esse foi o erro e engano de S. Pedro, que estava á mesma meza! Pedro disse, que se fosse necessario daria a vida por Christo; Christo pelo contrario disse, que tres vezes o havia de negar n'aquella noite. E porque foi esta a verdade? Porque Pedro fallou pelo que ignorava de si, e Christo pelo que conhecia d'elle. *Hoc illi Christus prænuntiabat, quod in se ipse ignorabat*, diz Santo Agostinho. E como o juiz d'aquelle dia conhece mais de nós, do que nós de nós, não é muito que elle nos condemne pelo que nós ignoramos, e que no seu juiso seja culpa, o que no nosso parece innocencia.

A segunda razão, e da parte nossa é, porque assim como Deus sabe tanto de nós, assim nós sabemos muito pouco de Deus; e por isso as nossas razões não pódem alcançar as suas. Um dia, depois de Christo entrar triumphante em Jérusalem, vindo de Bethania para a mesma cidade, *esuriit*, [1] teve fome; e como visse ao longe uma figueira verde e copada, encaminhou os passos até ella, para vêr se acaso tinha algum fructo: *Si quid forte inveniret in ea.* [2] Mas porque não achou mais que folhas, lançou-lhe o Senhor maldição de que eternamente não désse fructo: *Nunquam ex te fructus nascatur in sempiternum;* [3] e no mesmo momento se seccou a arvore desde as folhas até ás raizes. E' porém muito de notar n'este caso, como nota S. Marcos, que não era tempo de figos: *Non enim erat tempus ficorum.* [4] Pois se não era tempo de aquella arvore ter fructo, porque a amaldiçôa Christo, e a sécca, não só para aquelle anno, senão para sempre? Podia haver causa, ou desculpa mais natural de não ter fructo, que não ser tempo d'elle? Da arvore a que

---

[1] *Marc.*, XI, 12.
[2] *Ibid.*, XIII.
[3] *Math.*, XXI, 19.
[4] *Marc.*, XI, 13.

é comparado o justo, diz David, que dará o seu fructo no seu tempo: *Et fructum suum dabit in tempore suo.* [1] Pois se é louvor nas melhores arvores darem a seu tempo o seu fructo, como foi culpa n'esta não se achar n'ella fructo, quando não era tempo? O mesmo Evangelista S. Marcos diz que esta sentença de Christo foi resposta que o Senhor deu á arvore: *Et respondens dixit ei: Jam non amplius in æternum ex te fructum quisquam manducet.* [2] Se a sentença de Christo foi resposta que deu á arvore, signal é que a ouviu primeiro, e ella allegou de sua justiça. Reparem aqui os juizes, ou condemnadores, que nem a um tronco irracional e insensivel condemna Deus sem o ouvir. Mas que é o que allegou a arvore? Allegou o mesmo texto do Evangelista; e estava como dizendo mudamente ao Senhor: Eu bem tomára estar carregada de fructos maduros e sazonados, para os offerecer a meu Creador; porém a causa e impedimento natural de me achar sem elles, é por não ser ainda chegado o tempo: *Non erat tempus ficorum.* E que sem embargo d'esta réplica, ao parecer tão justificada, a condemnasse Christo, e com condemnação eterna: *in sempiternum!* Assim foi. Mas com que fundamento, ou justiça? Entre todos os expositores da Escriptura, mais letrados e de maior engenho, nenhum houve até agora que désse satisfação cabal a esta duvida. E a razão de se lhe não achar razão, é porque as razões dos homens não alcançam as de Deus, e onde não sabe descobrir culpa o juiso humano, a póde achar o divino. Porque não comprehende o homem a Deus? porque Deus é incomprehensivel. Pois tambem por isso os juisos humanos não comprehendem os divinos, porque os divinos são incomprehensiveis: *Quam incomprehensibilia judicia ejus!* [3]

Sobre estes dois principios tão manifestos, um da sciencia de Deus para comnosco, outro da nossa ignorancia para com Deus, fica satisfeita e emmudecida toda a admiração de que Deus haja de julgar até o que reputamos por nada, e n'esse mesmo nada haja de arguir, e achar culpas de que pedir e tomar conta no

[1] *Psal.*, I, 3.
[2] *Marc.*, XI, 14.
[3] *Rom.*, XI, 33.

dia do Juiso. Só resta um escrupulo, que ainda não acaba de se aquietar, e não menos que ácerca da justiça com que Deus nos haja de castigar pelo que não conhecemos. E' verdade que Deus sabe de nós o que nós ignoramos de nós, mas essa mesma ignorancia nossa não só parece que nos desculpa, mas nos livra de ser peccado o que não conhecemos como tal. Sem vontade não ha culpa, sem conhecimento não ha vontade: como logo póde ser peccado, e castigado como peccado o que eu não conheço? Bem tinha decifrado esta theologia o auctor do nosso proverbio: Quem ignorantemente pecca, ignorantemente vae ao inferno. Uma só ignorancia escusa do peccado, que é a invencivel. Mas esta poucas vezes se acha. Os demais não só peccam no peccado, mas na ignorancia com que o não conhecem. Não peccaram gravissimamente os Judeus na morte de Christo? E com tudo diz S. Pedro que elles e os seus principes o fizeram ignorantemente: *Scio quia per ignorantiam fecistis, sicut et Principes vestri.* [1] E o mesmo Christo quando disse: *Pater, ignosce illis, non enim sciunt quid faciunt;* [2] juntamente allegou por elles a ignorancia, e pediu para elles o perdão. Se a ignorancia os livrara do peccado, não tinham necessidade de perdão; mas pediu-lhe o Senhor o perdão, quando lhe confessou a ignorancia, porque tão fóra estiveram de ficar isentos do peccado, pela ignorancia com que o commetteram, que antes a mesma ignorancia lhes acrescentou um peccado sobre outro peccado. Um peccado, porque tiraram a vida ao Messias não conhecido, e outro peccado, porque o não conheceram, tendo tanta obrigação como evidencia para o conhecer.

Isto mesmo é o que se vê hoje entre os que conhecem e adoram a Christo; e não por acontecimento raro, senão commummente; nem só nas vidas, senão tambem nas mortes. Quantos peccados vemos, e quão grandes, nem emendados na vida, nem confessados na morte, os quaes não só Deus, mas todo o mundo está conhecendo, e só os mesmos que os commettem os não conhecem! Não os conhecem, porque a largueza e relaxação da vida escurece a consciencia e cega a alma;

---

[1] *Act.*, III, 17.
[2] *Luc.*, XXIII, 34.

não os conhecem, porque o amor proprio sempre escusa e aligeira o que nos condemna; não os conhecem, porque os interesses e conveniencias d'este mundo trazem comsigo o esquecimento do outro; não os conhecem, porque os não querem examinar, nem consultar com quem deviam; não os conhecem, finalmente, porque com ignorancia affectada os não querem conhecer para os não emendar: *Noluit intelligere, ut benè ageret.* [1] Vêde agora se castigará Deus justamente no dia do Juiso os peccados não conhecidos, se por commettidos merecem um castigo, e por não conhecidos outro maior? Porém se até áquelle dia estarão desconhecidos e sepultados nas trevas d'esta maliciosa e ignorante ignorancia, então resuscitarão, sahirão á luz, porque o mesmo Juiz universal, como diz S. Paulo, com os resplendores de sua presença alumiará as consciencias de todos os homens, e descobrirá manifestamente a cada um tudo o que n'ellas estava escondido e ás escuras: *Quoadusque veniat Dominus, qui et illuminabit abscondita tenebrarum.* [2] Por meio d'esta luz, desenganadas então, e assombradas as mesmas consciencias do muito que verão sahir debaixo do nada, que não viam ou não quizeram vêr, nenhuma terá que estranhar, nem replicar á sentença, ainda que seja de eterna condemnação, e todas dirão convencidas: *Justus es, Domine, et rectum judicium tuum.* [3]

VIII

Oh que grande mercê de Deus fôra, se hoje, que estamos na representação do mesmo dia do Juiso, o mesmo Soberano Juiz nos communicara um raio d'aquella luz, para que viramos agora o que então havemos de vêr, e com os peccados conhecidos nos presentarámos antes ao tribunal de sua misericordia, que depois ao de sua justiça! Mas bemdita seja a bondade do mesmo Senhor, que não só nos deixou communicado na sua doutrina um raio d'aquella luz, senão tres,

---

[1] *Psal.*, XXXV, 4.
[2] *1.ª ad Corinth.*, IV, 5.
[3] *Psal.*, CXXXVIII, 137.

se nós lhe não cerramos os olhos. Sendo a materia de tudo o que passou para a vida, e não ha-de passar para a conta, tão immensa á capacidade humana, só a sabedoria divina a poderá comprehender; e assim o fez Christo Senhor nosso, reduzindo-a, repartindo-a em tres parabolas, nas quaes nos ensinou em summa toda a conta que nos ha-de pedir, e de quê. A primeira parabola é dos officios, a segunda dos talentos, a terceira das dividas. E este mesmo numero e ordem seguiremos para maior distincção e clareza.

Quanto aos officios, diz a primeira parabola, (que é a do Villico) que houve um homem rico, o qual deu a superintendencia das suas herdades a um criado, com nome de administrador d'elles. E porque não teve boa informação de seus procedimentos, o chamou á sua presença, e lhe pediu conta, dizendo: *Redde rationem villicationis tuæ; jam enim non poteris villicare.* [1] Dae conta da vossa administração, porque desde esta hora estaes excluido d'ella. Esta circumstancia de ser a conta a ultima, e não se poder emendar, é uma das mais rigorosas do dia do Juiso. Vindo pois ao sentido da parabola: o homem rico é Deus; as suas herdades são as egrejas e as provincias; o administrador no espiritual é o papa, no temporal é o rei, e abaixo d'estes dois supremos todos os outros ministros ecclesiasticos e seculares, que repartidamente têm inferior jurisdicção sobre os mesmos subditos. A todos estes, pois, ha-de pedir Deus estreita conta, não só quanto ás pessoas, senão tambem, e muito mais, quanto aos officios. Quanto á pessoa, ha-de dar cada um conta de si, e quanto aos officios, ha-de dar a mesma conta de todos aquelles que governou e lhe foram sujeitos. De sorte que o papa ha-de dar conta de toda a christandade, o rei de toda a monarchia, o bispo de toda a diocese, o governador de toda a provincia, o parocho de toda a freguezia, o magistrado de toda a cidade, e o cabeça da casa de toda a familia. Oh, se os homens souberam o peso que tomam sobre si, quando com tanta ancia e negociação pretendem e procuram os officios, ou seculares ou ecclesiasticos, como é certo que haviam de fugir e

[1] *Luc.*, XVI, 2.

benzer-se d'elles! Mas não os procuram pelo peso, senão pela dignidade, pelo poder, pela honra, pela estimação, e, mais que tudo hoje, pelo interesse. Porém quando no dia do Juiso se lhes tomar a conta pelo peso, então verão onde os leva a balança.

Se é tão difficultoso dar boa conta da alma propria, que é uma, quão difficil e quão impossivel será dal-a boa de tantas mil? Como é certo, que não temos fé, nem sabemos a que nos obriga! Vêdes quantas almas ha n'esta cidade, quantas almas ha n'esta provincia, quantas almas ha em todo o reino? Pois sabei, se o ignoraes, ou não advertis, que de todas essas almas hão-de dar conta a Deus os que governam a cidade, a provincia e o reino. Porque assim como sobre todos e cada um tem poder e mando, assim em todos e cada um são obrigados a lhes fazer guardar as leis, não só humanas, senão tambem as divinas. Não é isto encarecimento meu, senão doutrina solida e de fé, pronunciada por bocca de S. Paulo: *Obedite præpositis vestris, et subjacete eis; ipsi enim pervigilant, quasi rationem pro animabus vestris reddituri.* [1] Obedecei, diz o Apostolo, a vossos superiores, e sêde-lhes muito sujeitos, porque a sua obrigação é zelar e vigiar sobre as vossas vidas, como aquelles que hão-de dar conta a Deus de vossas almas. Vêde quanto maior é a sujeição dos superiores que a dos subditos. Quantos são os subditos que estão sujeitos ao superior, tantas são as almas de que está sujeito o superior a dar conta a Deus. E posto que este oraculo bastava para nenhum homem que tem fé querer tomar sobre si uma tal sujeição, ouvi agora o que nunca ouvistes. Nem todas as sentenças de Christo estão escriptas no Evangelho, algumas ficaram sómente impressas na tradição de seus Discipulos, entre as quaes é tão notavel como terrivel esta: *Omne peccatum, quod remissus, et indisciplinatus admiserit frater, ad negligentem protinus revertitur seniorem.* [2] Quer dizer: todos os peccados que commettem os subditos, se escrevem e carregam logo no livro das culpas do superior, porque ha-de dar conta d'elles. De modo que segundo esta

[1] *Hebr.*, XIII, 17.

[2] Refertur à Huberto Phalesio inter alias collectas ab Affliginiensi Abbate in Monasticis disquisitionibus.

sentença e revelação do mesmo Christo, todos os homicidios, todos os adulterios, todos os furtos, todos os sacrilegios e mais peccados que os vassallos commettem na vida e reinado de um rei, e as ovelhas e subditos na vida e governo de um prelado, todos estes peccados se lançam logo e escrevem nos livros de Deus, debaixo do titulo do tal Rei e debaixo do titulo do tal Prelado, para se lhes pedir conta d'elles no dia do Juiso.

Ponhamos agora este Rei, e depois poremos tambem este Prelado diante do tribunal divino, e vejamos que respondem a estes cargos. O Rei é a cabeça dos vassallos; e quem ha-de dar conta dos membros, senão a cabeça? O Rei é a alma do reino; e quem ha-de dar conta do corpo, senão a alma? Pedirá, pois, conta Deus a qualquer rei, não digo dos peccados seus e da pessoa, senão dos alheios e do officio. E que responderá já não rei, mas réo? Parece que poderá dizer: Eu, Senhor, bem conhecia que era obrigado a evitar os peccados dos meus vassallos, quanto me fosse possivel, mas a minha côrte era grande, o meu reino dilatado, a minha monarchia estendida pela Africa, pela Asia e pela America; e como eu não podia estar em tantas partes, e tão distantes, na côrte tinha provido os tribunaes de presidentes e conselheiros, no reino de ministros de justiça e letras, nas conquistas de vice-reis e governadores, instruidos de regimentos muito justos e approvados. E isto é tudo o que fiz e pude fazer. Tambem poderá metter n'esta conta o seu proprio palacio, e aquelles de que se servia mais familiar e interiormente. Mas sobre todos cáe a replica. E esses que elegestes, (dirá Deus) porque os elegestes? Não foram alguns por affeição, e outros por intercessão, e outros por adulação, e outros por ruim e apaixonada informação? E os que ficaram de fóra com mais conhecido merecimento, porque os excluistes? Mas dado que todos fossem eleitos com os olhos em mim, e justamente, depois que na administração de seus officios conhecestes que não procediam como eram obrigados, porque os não removestes logo, porque os dissimulastes e conservastes, e, o que peior é, porque os despachastes de novo, e com mais auctorisados postos? Se o que assolou uma provincia o deixastes continuar na mesma assolação, e depois o promovestes a outro governo maior, como não fostes cum-

plice das suas injustiças, e das culpas que elle em vez de remediar acrescentou com as suas, e com o exemplo d'ellas? Se as suas tyrannias vos foram manifestas, como as deixastes sem castigo, e os damnos dos offendidos sem restituição? Quantas lagrimas de orphãos, quantos gemidos de viuvas, quantos clamores de pobres chegavam ao céo no vosso reinado, porque para supprir superfluidades vãs, e doações inofficiosas, vossos ministros, (por isso premiados e louvados) com impiedade mais que deshumana, não os despojavam, mas despiam? Isto é o que poderá replicar Deus, emmudecendo, e não tendo que responder o triste rei. E qual será a sua sentença? No dia do Juiso se ouvirá. O certo é que David, rei santo antes de peccador e depois de peccador exemplo de penitencia, o de que pedia perdão a Deus, era dos peccados occultos e dos alheios: *Ab occultis meis munda me, et ab alienis parce servo tuo.* [1] Mas os peccados occultos n'aquelle dia serão manifestos, e dos alheios, por ter sido rei, se lhe pedirá tão estreita conta como dos proprios.

Entre agora o Prelado a dar conta, e a ouvir em estatua o processo que depois da resurreição lhe será notificado em carne. Oh que espectaculo será apparecer descorôado da mitra, e despido dos paramentos pontificaes diante da magestade de Christo Jesus, aquelle a quem o mesmo Senhor auctorisou com o nome e poderes de seu Vigario, e cuja humana e divina Pessoa representou n'esta vida! *O pastor, et Idolum!* [2] lhe dirá Christo: Tu que foste pastor no nome, e como idolo te contentaste com a adoração exterior que não merecias, dá conta. Não t'a peço das miserias occultas, senão das publicas e escandalosas de tuas mal guardadas e despresadas ovelhas. Eram miseraveis no temporal, e não trataste de remediar suas pobrezas, e eram muito mais miseraveis no espiritual, e não cuidaste de curar nem de preservar seus peccados. Se as rendas, que com tanta cubiça recolhias, e com tanta avareza guardavas, eram o meu patrimonio, que eu adquiri, não menos que com o meu sangue, porque o não distribuiste aos meus verdadeiros acredores, que são os pobres? Porque o des-

[1] *Psal.*, XVIII, 13.
[2] *Zach.*, XI, 17.

pendeste em carroças, criados, e cavallos regalados, estando elles morrendo de fome, e em vestir as tuas paredes de oiro e seda, andando elles despidos e tremendo de frio? Se o zelo de teus ministros visitava as vidas dos pequeninos, tratando mais de se aproveitar das condemnações, que de lhes emendar as consciencias; os peccados monstruosos dos grandes, que tão soberba e escandalosamente viviam na face do mundo, como os deixaste triumphar com perpetua immunidade, como se foram superiores ás leis da minha Egreja?

Confesso, Senhor, responderá o Prelado, que em uma e outra coisa faltei, mas não sem causa. O que dispendi com minha casa e pessoa, foi para satisfazer aos olhos do vulgo, que só se leva d'estes exteriores, e para conservar a auctoridade do officio e veneração da dignidade. E se contra os peccados dos grandes me não atrevi, foi porque os seus poderes são inexpugnaveis: e julguei por menos inconveniente não entrar com elles em batalha, que com affronta e desprezo das mesmas leis da Egreja, ficar no fim da peleja vencido: e finalmente, Senhor, em uma e outra omissão segui o exemplo universal, e o que usam n'este officio os que com mais poderosas armas, e com maiores jurisdicções que a minha, costumam em toda a parte fazer o mesmo. O' ignorante, ó covarde, replicará Christo. Tão ignorante e covarde, como se não tiveras lido as Escripturas, nem os Canones, e exemplos da mesma Egreja. Por ventura Pedro, e Paulo, e os outros Apostolos que me imitaram a mim, e os seus verdadeiros successores, que os imitaram a elles, conciliavam a auctoridade das pessoas e do officio, ainda entre gentios, com os apparatos exteriores? Não sabes que esse mesmo povo, com cujos olhos te escusas, se por dares tudo aos pobres, te vissem desacompanhado, só, e a pé pelas ruas, e ainda com os pés descalços, então se ajoelhariam todos diante de ti, e te adorariam? E quanto á covardia de te não atreveres com os grandes, tendo a teu lado a espada de Pedro: contra quem se atrevia David, que foi o exemplar dos meus pastores? Entre as feras tomava-se com os leões, e entre os homens com os gigantes. Que fera mais fera que a imperatriz Eudoxia, e vê como a não temeu Chrysostomo; e que leão mais corôado que o imperador Theodosio, e vê

como o humilhou e poz a seus pés Ambrosio. Finalmente, se não seguiste o valor d'estes, senão o que chamas costume dos outros, agora verás em ti e n'elles, que se elles o costumam fazer assim, eu tambem costumo mandar ao inferno os que assim o fazem. Isto baste quanto á conta dos officios, e tomem exemplo os ministros seculares na conta do rei, e os ecclesiasticos na do Prelado.

IX

Quando á conta dos talentos, esta temos na parabola dos criados, a quem o rei encommendou differentes cabedaes, para que negociassem com elles em quanto fazia certa jornada: *Negotiamini dum venio.* [1] O rei é Christo, a jornada foi a de sua subida ao céo, e a tornada ha-de ser no dia do Juiso, em que ha-de pedir conta a cada um, do que negocion com os talentos que lhe deu, e do que lucrou e ganhou com elles: *Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis.* [2] Os talentos são os meios assim universaes como particulares, com que a Providencia Divina assiste a todos os homens, e a cada um para sua salvação e perfeição: e os avanços ou ganancias, são o augmento das virtudes, merecimentos e graça, que no exercicio, agencia e industria, com que se applicam os mesmos meios, alcançam os que não são negligentes. Quão exacta pois haja de ser esta conta, e quão rigorosa para os que usarem mal do talento, na mesma historia o temos. Os criados, a quem o rei fiou os talentos, eram tres: ao primeiro entregou cinco, o qual grangeou outros cinco: ao segundo entregou dois, o qual grangeou outros dois; e ambos foram louvados: ao terceiro deu um só talento, o qual elle enterrou. E posto que na conta o offereceu outra vez, e restituiu inteiro, porque não tinha negociado com elle, nem adquirido coisa alguma, o senhor não só o lançou fóra de sua casa, e o mandou privar do talento, mas o

[1] *Luc.*, XIX, 13.
[2] *Math.*, XXV, 19.

pronunciou por máu criado: *serve nequam*, [1] que foi a sentença de sua condemnação. E se quem na conta torna a entregar o talento que Deus lhe deu, inteiro e sem defraudo, se condemna, que será dos que o desbaratam e perdem, e talvez o convertem contra si, e contra o mesmo Deus?

Para intelligencia d'esta gravissima e perigosa materia, havemos de suppôr o que se não cuida; e é que, não só são talentos os dotes da natureza, os bens da fortuna e os dons particulares da graça, senão tambem os contrarios, ou privações de tudo isto. Não só é dote da natureza a formosura, senão tambem a fealdade; não só as grandes forças, senão a fraqueza; não só o agudo entendimento, senão o rude; não só a perfeita vista, senão a cegueira; não só a saude, senão a enfermidade; não só a larga vida, senão a breve. Do mesmo modo nos bens que chamam da fortuna, não só é bem o illustre nascimento, senão o humilde; não só as dignidades altas, senão o logar e officio abatido; não só as riquezas, senão a pobreza; não só o descanço, senão os trabalhos; não só os successos prosperos, senão os adversos; não só os mandos, senão o ser mandado; nem só as victorias e triumphos, senão o ser vencido. Finalmente, nas graças, ou dons da graça, não só é graça o dom das linguas, mas o não saber fallar, ou ser mudo; não só o das letras e sciencias, senão o da ignorancia; não só o do conselho e discrição, senão o de não ter nem poder dar voto: não só o da ostentação e boato dos milagres, senão o de não ser em coisa alguma maravilhoso, senão totalmente desconhecido e desprezado.

A razão d'esta verdade interior e providencia verdadeiramente divina, é, porque todas estas coisas, posto que entre si contrarias, pódem ser meios que egualmente nos levem á salvação e promovam á virtude, principalmente sendo distribuidos por Deus e applicados conforme o genio de cada um, que por isso diz o texto, que foram dados os talentos: *Unicuique secundum propriam virtutem*. [2] Assim que, tanto se podia aproveitar Rachel da sua formosura, como Lia da sua deformidade: tanto Achitofel do seu

---

[1] *Luc.*, XIX, 22.
[2] *Math.*, XXV, 15.

entendimento, como Nabal da sua rudeza; tanto Mathusalem dos seus novecentos annos, como o moço de Naïm dos seus vinte; tanto Cresso dos seus thesouros, como Job da sua pobreza; tanto Julio Cesar da sua fortuna, como Pompeu da sua desgraça; tanto Alexandre Magno das suas victorias, como Dario e Poro de elle os ter vencido; tanto Arão da soltura e eloquencia da sua lingua, como Moysés do impedimento da sua: tanto o subtilissimo Escoto da sua sciencia, como frei Junipero da sua simplicidade; tanto S. Pedro dos seus milagres, como o Baptista de nunca fazer milagre. D'aqui se segue, que tanta conta ha-de pedir Deus ao rico da sua riqueza, como ao pobre da sua pobreza; tanta ao são da saude, como ao doente da sua enfermidade; tanta ao honrado da sua estimação, como ao affrontado da sua injuria; e tanta a todos do que deu a uns, como do que negou a outros; porque se o rico póde grangear com o seu talento por meio da esmola, o pobre tambem póde com o seu por meio da paciencia. E assim dos demais. Antes é certo que entre as coisas, que se chamam prosperas, ou adversas, mais efficazes são para o merecimento as que mortificam a natureza, que as que lisongeiam o appetite; e mais seguras para a salvação as que pezam e carregam para a humildade, que as que elevam e desvanecem para a soberba. Só souberam manejar uns e outros meios e aproveitar-se com egualdade de ambos os talentos um S. Paulo, que dizia: *Scio abundare et scio esurire.* [1] E um Job, que na mesma volta da sua primeira para a segunda fortuna, disse: *Si bona suscepimus de manu Dei, mala quare non suscipiamus?* [2] Mas estes homens quadrados nascem poucas vezes no mundo. Os dados tão firmes se assentam com poucos pontos, como com muitos; e tão direitos estão com as sortes, como com os azares.

D'esta maneira (e seja esta a unica e importantissima advertencia) d'esta maneira devemos aceitar como da mão de Deus, e contentar-nos com o talento, ou talentos, que elle foi servido dar-nos, ou sejam como os cinco, ou como os dois, ou como um sómente: e se pudera ser nenhum, ainda fôra mais seguro. Quan-

---

[1] *Philip.*, IV, 12.
[2] *Job.*, II, 10.

do o rei distribuiu os talentos aos criados, não lêmos que algum d'elles se descontentasse da repartição. Se os que Deus deu a outros, são maiores que os vossos, elles terão mais, e vós menos de que dar conta ao mesmo Deus. Mas somos como os que lançam nas rendas dos reis, que só olham para o que recebem de presente, e não para a conta, que hão-de dar de futuro. Admiravel foi n'este genero a variedade e repartição de fortunas, com que Jacob (digamol-o assim) fadou a seus filhos quando na hora da morte lhes lançou a benção. Usou dos nomes de differentes animaes, e a Judas chamou leão: *Catulus leonis Juda;* [1] a Dan serpente: *Fiat Dan coluber in via;* [2] a Benjamin lobo: *Benjamin lupus rapax;* [3] a Nephtali cervo: *Nephtali cervus emissus;* [4] a Issachar jumento: *Issachar asinus fortis.* [5] Os animaes todos teem suas inclinações, instinctos e propriedades, e todos suas como virtudes, ou vicios naturaes: o leão generoso, a serpente astuta, o lobo voraz, o cervo ligeiro, o jumento soffredor do trabalho. E debaixo d'estas metaphoras significava Jacob aos filhos os talentos de cada um, e o uso d'elles, e quaes haviam de ser as acções e successos de suas vidas e descendencias. E sendo assim, que estes mesmos irmãos soffreram tão mal ao mesmo pae fazer uma tunica a um d'elles de melhor estofa, que por isso a quizeram tingir em seu proprio sangue: como agora nenhum d'elles se queixa de o pae os vestir de tão differentes pelles e pellos, e de lhes dar ou chamar tão differentes nomes, e de tão differente nobreza, quanto vae de lobo a cervo, de serpente a leão, e de leão a jumento? Porque na differença da tunica obrava Jacob como pae em seu nome: na differença e repartição dos talentos, fallava como propheta em nome de Deus; e como a distribuição era feita por Deus e os talentos dados por elle, posto que fossem tão diversos na estimação e credito, quanto vae do imperio á servidão, e do leão ao jumento, todos abaixando a cabeça se contentaram e conformaram com a sua sorte, e ne-

---

[1] *Genes.*, XLIX, 9.
[2] *Ibid.*, 17.
[3] *Ibid.*, 27.
[4] *Ibid.*, 21.
[5] *Ibid.*, 14.

nhum houve que abrisse a bocca. para se queixar, ou mettesse os olhos debaixo das sobrancelhas para mostrar descontentamento. E que dirão a isto os que tantas vezes deixaram a religião e a mesma fé, por não terem humildade, nem paciencia para soffrer que se lhes antepuzessem os que não podiam egualar no talento?

Todo o talento é arriscado a o perder, ou não dar boa conta d'elle a presumpção humana. Os maiores pela soberba, os menores pela inveja, e os minimos pela desesperação e pusillanimidade. Da casta d'estes ultimos foi o que enterrou o talento, podendo ser melhor e mais celebrado que todos se o não enterrara. Puzeram alguns theologos em questão qual dos criados se mostrara mais industrioso, se o que com dois talentos grangeara dois, ou o que com cinco grangeara cinco; e como entre elles se não decidisse a questão, devolveu-se a uma academia de mercadores, os quaes todos resolveram, que mais industrioso fôra o que com dois negociara dois, que o que com cinco grangeara cinco; porque mais difficultoso é ganhar pouco com pouco, que muito com muito. E sobre esta, que é primeira maxima nos negociantes, provada com a experiencia, acrescentaram, que se o que teve um só talento grangeara outro, excederia sem comparação na industria ao dos dois, e ao dos cinco. Grande consolação, e verdadeira, se a quizessem aceitar os talentos medianos. Mas quem poderá curar a cegueira, e contentar a inveja dos que se vêem excedidos? Saül porque ouviu (vêde a quem)? porque ouviu que as chacotas lhe preferiam a David, tantas vezes e por tantos modos o quiz matar, e por isso perdeu a corôa. E Dedalo, aquelle famoso artifice que, preso em uma torre, inventou e formou as azas com que fugiu d'ella voando, vendo que Perdiz, seu discipulo, inventara o compasso e da imitação de uma espinha a serra, temendo que o havia de exceder no talento, o despenhou primeiro da mesma torre.

Mas ainda são mais arriscados os talentos, que na eminencia se estremam sobre todos. Que havia de ser de Saulo se o mesmo Christo descera do céo, e o derribara do cavallo para lhe enfrear o orgulho? Que havia de ser de Agostinho, de quem se rezava nas escolas catholicas: *A logica Augustini libera nos Domine;* se amollecido com as lagrimas de sua mãe, ella

(como um lyrio que se gera das lagrimas de outro) o não tornara a gerar? Succeder-lhe-hia o que ao profundissimo engenho de Tertulliano, e ao immenso de Origenes, os quaes venerados como oraculos da sua edade, e primeiros mestres da Egreja, a perderam e se perderam. Mas que muito é que o barro cáia, e se quebre, se o entendimento de Lucifer, sendo o maior que Deus creou, excedendo-o só o do mesmo Deus, antes quiz cahir do céo, que vêr-se n'elle excedido! Tanta conta tem como isto os talentos menores, e só por isso poderão dar boa conta.

X

A das dividas é a que só nos resta, ultima, maior, e mais difficultosa de todas. Esta se contém na parabola do outro rei, o qual fez o que muitos não fazem, que é tomar conta aos criados de sua casa: *Qui voluit rationem ponere cum servis suis.* [1] Do que logo se segue, no principio das contas se mostra bem, que este chamado rei, seria o mais poderoso e rico monarcha de quantos houve, ou não houve no mundo; porque o primeiro criado foi convencido de que era devedor á fazenda ou erario real de cento e vinte milhões de oiro. Tanto veem a montar os que o texto chama *decem millia talenta;* [2] porque fallando Christo com os Hebreus, e na lingua hebraica, tambem o computo e valor da divida se ha-de entender de talentos, não gregos, senão hebraicos. Mas como era possivel que um criado devesse a seu rei cento e vinte milhões? Respondo, que quando a parabola dissera dez mil vezes outros tantos, ainda diria muito menos do que queria significar. Porque este rei é Deus, e esta divida é a dos beneficios que Deus tem feito ao homem; e como o menor beneficio divino, por si mesmo, ou por seu Auctor, é de valor infinito, não ha numero em toda a arithmetica, nem preço em todas as creaturas, com que se possa comparar, quanto mais egualar.

---

[1] *Math.*, XVIII, 23.
[2] *Ibid.*, 24.

Santo Agostinho, para representar mais claro e mais patentemente esta conta, introduz ao mesmo Christo fazendo-nos por sua propria Pessoa os cargos do que lhe devemos, como fará no dia do Juiso: *Quid est quod debui ultra facere vineæ meæ, et non feci ei?* Que coisa ha, que eu devesse fazer-te, ó homem, ou devesse fazer por ti, que não tenha feito? De nada te era devedor, e como se o fôra, de quanto tenho, de quanto posso, e de quanto sou, tudo empreguei e dispendi comtigo. Creei-te quando não eras, tirando-te dos abysmos do não ser ao ser; dei-te um corpo formado com minhas mãos, o mais perfeito: dei-te uma alma tirada de minhas entranhas, e feita á minha imagem e similhança; ornei, e habilitei um e outro, com as mais excellentes potencias, e os mais nobres sentidos, para que fossem os instrumentos com que me servisses e amasses; e tu, ingrato, que fizeste? Dá conta dos cuidados, pensamentos e machinas do teu entendimento: das lembranças e esquecimentos da tua memoria; dos desejos e affeições da tua vontade. Dá conta de todos os passos de teus pés, de todas as obras de tuas mãos, de todas as vistas dos teus olhos, de todas as attenções dos teus ouvidos, de todas as palavras de tua lingua, e de tudo o mais que tu sabes, e não cabe em palavras. Depois de creado, que seria de ti, se eu com o mesmo poder e providencia te não conservára? De repente perderias o ser e tornarias ao nada d'onde sahiste. Para tua conservação, te dei não só o necessario, senão o superabundante, e tanta immensidade de creaturas no céo e na terra, todas sujeitas a ti, e occupadas em teu serviço. Dei-te um anjo, que de dia e de noite, velando e dormindo, te assistisse e guardasse, como sempre assistiu e guardou. Agora te revelo os perigos secretos e occultos, de que foste livre por seu meio: e tu lembra-te dos publicos e manifestos, que experimentaste e viste. Quantos pereceram em outros muito menores? Quantos mais moços que tu, acabaram de mortes desastradas e repentinas, sem tempo, nem logar de arrependimento e emenda, que eu sempre te concedi? Dá pois, conta da vida, dá conta da saude, dá conta dos annos, dá conta dos dias, dá conta das horas, sendo mui poucas, e contadas as que não empregaste em me offender.

Até agora te referi as dividas exteriores do poder;

agora me responderás ás interiores e pessoaes do amor, e do muito que fiz e padeci por ti. Por ti depois de te fazer á minha imagem e similhança, me fiz á tua, fazendo-me homem; por ti nasci nos desamparos de um presepio; por ti fui desterrado ao Egypto; por ti vivi trinta annos sujeito á obediencia de um official, ajudando o trabalho de suas mãos com as minhas, e acompanhando o suor do seu rosto com o meu; por ti, e para ti, sahi ao mundo a prégar o reino do céo; por ti nas peregrinações de toda a Judéa e Galiléa, sempre a pé, e muitas vezes descalço, padeci fomes, sêdes, pobrezas, sem ter logar de descanço, nem onde reclinar a cabeça; por ti recebi ingratidões por beneficios, odios por amor, perseguições por boas obras; por ti suei sangue; por ti fui preso; por ti affrontado; por ti esbofeteado; por ti cuspido; por ti açoitado; por ti escarnecido; por ti corôado de espinhos; por ti, emfim, crucificado entre ladrões, aberto em quatro fontes de sangue, atormentado e affligido de angustias e agonias mortaes, e ainda depois de morto, atravessado o coração com uma lança. De tudo isto pedi por ti perdão a Deus, e o pago que tu me déste, foi não me perdoar, tornando-me a crucificar tantas vezes, quantas gravemente peccaste, como te mandei declarar pelo meu Apostolo: *Rursum crucifigentes Filium Dei.* [1] Se as gotas de sangue que derramei por ti, tiveram conta, nem de uma só me puderas dar boa conta, ainda que padeceras por mim mil mortes; mas os milhares e os milhões foram das vezes que pizaste o mesmo sangue, sacrificando o infinito valor e merecimento d'elle, aos idolos do teu appetite.

Ainda em certo modo é maior divida, a de que agora te pedirei conta, é a da vocação. Reservei o sahires á luz d'este mundo para o tempo da lei da graça; chamei-te á fé antes de me poderes ouvir, antecipou-se o meu amor ao teu uso da razão, e fiz-te meu amigo pelo baptismo. Com o leite e doutrina da Egreja, te dei o verdadeiro conhecimento de mim, beneficio que por meus justos juisos em quatro e cinco mil annos não concedi a tantos, e de que ainda nos teus dias careceram muitos. Não tiveste juiso, nem consideração, para ponderar e pasmar, de que tendo a

[1] *Hebr.*, VI, 6.

minha justiça razões para condemnar um gentio que me não conheceu, as tivesse minha misericordia para perdoar a um christão, que conhecendo-me, tanto me offendia. Perdida a graça da primeira vocação, cahiste, e tornei-te a chamar, e dar a mão, para que te levantasses; levantado tornaste a reincidir uma, e tantas vezes, e eu, posto que tão repetidamente offendido, e com tão continuadas experiencias da pouca firmeza de teus propositos, e falsidade de tuas promessas, não cessei de te offerecer de novo meus braços, e te receber sempre com elles abertos; até que infiel, rebelde, e obstinado, cerrando totalmente os ouvidos a minhas vozes, te deixaste jazer no profundo lethargo da impenitencia final. Dá agora conta de tantas inspirações interiores minhas, de tantos conselhos dos confessores e amigos, de tantas vozes e ameaças dos prégadores, que ou não querias ouvir, ou ouvias por curiosidade e cerimonia; e tambem t'a podera pedir, de eu mesmo te não chamar efficazmente na hora da morte, porque o desmereceste na vida.

Sete fontes de graça deixei na minha Egreja, (que é o beneficio da justificação) para que n'ellas se lavassem as almas de seus peccados, e com ellas se regassem e crescessem nas virtudes. Em uma te facilitei em tal fórma o remedio para todas as culpas, que só com as confessar te prometti o perdão, que tu não quizeste aceitar, fugindo da benignidade d'aquelle sacramento como rigoroso, e amando mais as mesmas culpas, que estimando o perdão. Em outra te dei a comer minha carne e a beber meu sangue, e juntamente os thesouros infinitos de toda a minha Divindade, em penhor da gloria e bemaventurança eterna, que foi o altissimo fim para que te creei. Desprezaste o fim, não quizeste usar dos meios; e porque escolheste antes estar para sempre sem mim no inferno, que comigo no céo; tua é, e não minha, a sentença que logo ouvirás com os outros malaventurados: *Ite maledicti in ignem æternum.*

XI

Aqui parou a conta das dividas, que era a ultima e maior partida que só restava para as contas. E aqui virão a parar todos os que tão descuidados vivem de

as dar boas n'aquelle dia. O' dia de ira! ó dia de furor! ó dia de vingança! ó dia de amargura! ó dia de calamidade! ó dia de miseria! ó dia estupendo! ó dia tremendo! ó dia sobre toda a comprehensão terrivel! Assim lhe chamam, com horror, os clamores dos Prophetas, pela estreitissima conta que n'elle se nos ha-de pedir a todos. E se tudo passa para a vida, e nada passa para a conta; que cegueira, e que insania é a dos que todos seus cuidados empregam no que passa, sem memoria nem cuidado do que não ha-de passar? Póde caber em entendimento com juiso, maior loucura, que trabalhar de dia e de noite um homem, e cançar-se, e disvellar-se e matar-se, pelo que passa com a vida, e ha-de deixar com a morte, e não ser o seu unico cuidado e disvelo, tratar só do que ha-de levar comsigo, e do que só se lhe ha-de pedir conta? Ouçam estes loucos a Santo Agostinho: *Peccas propter pecuniam? hic dimittenda est. Peccas propter villam? hic dimittenda est. Peccas propter mulierem? hic dimittenda est. Et quidquid est propter quod peccas, hic dimittis, et ipsum peccatum, quod committis, tecum portas.* [1] Peccas, homem, por amor do dinheiro? e cá ha-de ficar o dinheiro. Peccas por amor da herdade? e cá ha-de ficar a herdade. Peccas por amor da mulher, ou tua, ou não tua? e cá ha-de ficar a mulher. Mas havendo de ficar cá tudo aquillo por que peccaste, o que só has-de levar comtigo é o peccado. Toda a materia dos peccados cá ha-de ficar, porque passou com a vida, e só o peccado ha-de ir comnosco, porque não passou para a conta.

Parece-me, que para desenganar a quem tem fé, basta a evidencia d'estes pontos. O que só quizera alcançar de Deus, e pedir aos que me ouvirem, é, que tomem este desengano em quanto vivem n'este mundo, e não o guardem para o inferno. Descreve o Espirito Santo no livro da Sabedoria, uma pratica que tiveram entre si no inferno os que lá foram, depois de ter gastado a vida em tudo o que passa com a mesma vida: e o que fallavam, era d'esta maneira: *Ergo erravimus à via veritatis, et sol intelligentiæ non est ortus nobis.* [2] O certo é (diziam) que errámos o caminho, e

[1] August. *Homil.*, 42.
[2] *Sapient.*, v, 6.

que andámos ás escuras, e que em tantos dias quantos vivemos, nunca nos amanheceu a luz do sol. *Quid nobis profuit superbia:* [1] que nos aproveitaram a soberba, e gloria vã das honras do mundo? *Divitiarum jactantia quid contulit nobis:* de que nos serviu a jactancia das riquezas? E os gostos, delicias e passatempos em que ellas se consomem, de que nos aproveitaram? Todas essas coisas passaram como a sombra: *Transierunt omnia illa tanquam umbra.* [2] Todas passaram como o correio, que sempre caminha, e não pára: *Tanquam nuntius percurrens.* Todas passaram como a náu, que vae cortando as ondas, e depois que passou, se lhe não acha rasto: *Et tanquam navis, quæ pertransit fluctuantem aquam; cujus, cum præterierit, non est vestigium invenire.* [3] Todos passaram como a ave, que voando e batendo o leve vento, que corta, nem signal deixa do seu caminho: *Aut tanquam avis quæ transvolat in ære verberans levem ventum, et nullum signum invenitur itineris illius.* [4] Todas passaram como a seta despedida do arco ao logar destinado, que dividindo o ar, o qual logo se cerra e une, não se póde conhecer por onde passou: *Aut tanquam saggitta emissa in locum destinatum, divisus ær in se reclusus est, ut ignoretur transitus illius.* [5] Agora, agora conhecem bem no inferno, e não acham comparação, com que bastantemente declarar a summa velocidade com que todas as coisas passam, e com a mesma pressa (dizem) passámos nós, porque apenas nascidos, logo deixámos de ser, e sem deixar signal algum de virtude, em nossos proprios vicios nos consumimos: *Sic et nos nati continuo desivimus esse: et virtutis quidem nullum signum voluimus ostendere: in malignitate autem nostra consumpti sumus.* [6]

Isto conferiam entre si n'aquella triste e tarde desenganada conversação os miseraveis condemnados, os quaes para maior dôr, levantando os olhos ao céo, e vendo lá gloriosos e triumphantes os que trataram mais

[1] *Sapient.*, 8.
[2] *Ibid.*, 9.
[3] *Ibid.*, 10.
[4] *Ibid.*, 11.
[5] *Ibid.*, 12.
[6] *Ibid.*, 13.

da estreiteza da conta, que da largueza da vida: *Pœnitentiam agentes, et præ angustia spiritus gementes;* [1] com vozes que lhes sahiam do interior angustiado, e com arrependimento e gemidos, que já não aproveitavam, *dicentes intra se*, diziam entre si e comsigo: que é o que diziam? *Hi sunt quos habuimus aliquando in derisum, et in similitudinem improperii.* [2] Aquelles são os de que nós zombavamos, rindo-nos dos seus escrupulos de consciencia, e das penitencias e rigores com que mortificavam seus corpos, quando nós só tratavamos de regalar os nossos, e satisfazer nossos apetites: e agora vemos que elles foram os prudentes e sisudos, e nós os loucos e insensatos, pois elles, pondo os olhos no fim e no premio de que nós não fizemos caso, estão gozando da gloria entre os santos, como nós padecendo as penas entre os condemnados: *Nos insensati vitam illorum æstimabamus insaniam, et finem illorum sine honore: ecce quomodo computati sunt inter filios Dei, et inter sanctos sors illorum est.* [3] Taes são as coisas que disseram, conclue o Espirito Santo, e taes os discursos que fizeram no inferno os máus quando lá se viram. *Talia dixerunt in inferno hi qui peccaverunt.* [4] Vejamos agora, e consideremos bem, os que por misericordia de Deus ainda temos tempo e vida, se é melhor aproveitar d'este desengano n'este mundo, ou guardal-o para o inferno, e se folgaremos no dia da conta de ter imitado os prudentes, que eternamente hão-de gosar a vista de Deus no céo, ou acompanhar os insensatos, que hão-de padecer as penas do inferno por toda a eternidade?

[1] *Sapient.*, v, 3.
[2] *Ibid.*
[3] *Ibid.*, 4.
[4] *Ibid.*, 14.

SERMÃO

DA

Segunda Dominga do Advento*

Joannes in vinculis.
MATTH. XI.

I

Que ha-de haver outro Juiso e outro mundo, nos ensinou a Egreja Catholica o domingo passado com a fé: o mesmo artigo (se me não engano) nos prova hoje com a razão. Diz o Evangelista S. Matheus que o Baptista, aquelle grande santo, aquelle grande Precursor de Christo, por mandado de Herodes, aquelle máu homem e aquelle máu rei, está hoje em prisões: *Joannes in vinculis. Joannes in vinculis!* O Baptista em prisões! Logo ha-de haver outro Juiso e outro mundo. Provo a consequencia. Porque se ha Deus, é justo; se é justo, ha-de dar premio a bons, e castigo a máus: no Juiso d'este mundo vemos os máus, como Herodes, levantados; os bons, como o Baptista, opprimidos: segue-se logo que ha-de haver outro Juiso e outro mundo, outro Juiso, em que se emendem estas desigualdades e injustiças; outro mundo, em que os bons tenham o premio de seus merecimentos, e os máus castigos de suas culpas. Oh, que altos são os

* Este sermão, diz o padre Antonio Honorati, "é um dos mais engenhosos e elegantes na ordem e na elocução". Desde a primeira palavra até á ultima arrebata o leitor, ao passo que o faz envergonhar-se de seus juizos temerarios e injustos. A materia é muito do genio do orador.

segredos da Providencia divina! Os nossos proprios vicios faz que sejam testemunhas de nossa fé. Um dos principaes fundamentos de nossa fé, é a immortalidade das almas; e a nossa injustiça é a mais evidente prova da nossa immortalidade. Se os homens não foram injustos, pudera-se duvidar se eram immortaes, mas permitte Deus que haja injustiças no mundo, para que a innocencia tenha corôa, e a immortalidade prova. Quem póde duvidar da immortalidade da outra vida, se vê n'esta a maldade de Herodes levantada ao throno, e a innocencia do Baptista posta em prisões: *Joannes in vinculis?*

Mas assim como as prisões do Baptista confirmam esta parte da doutrina que preguei no sermão passado, assim tambem me obrigam as mesmas prisões a retractar outra parte da mesma doutrina. Préguei que havia de haver um Juiso final, em que Deus nos ha-de julgar a todos: ainda o digo assim. Disse mais, que este Juiso de Deus havia de ser o mais rigoroso, o mais estreito, e o mais terrivel. Ainda o torno a dizer, porque verdadeiramente assim é. Porém, hoje, por muitas razões vos parecerá que ainda ha outro Juiso mais terrivel, ainda ha outro Juiso mais rigoroso, ainda ha outro Juiso mais estreito que o Juiso de Deus. E que Juiso é este? E' o Juiso que poz o Baptista em prisões, o Juiso dos homens: *Joannes in vinculis!* O Baptista em prisões! Logo o juiso dos homens é muito mais temeroso que o Juiso de Deus. Ainda esta consequencia é mais clara que a primeira. No Juiso de Deus até um ladrão se salva; no juiso dos homens até S. João Baptista se condemna: *Joannes in vinculis.* E juiso em que até a innocencia do Baptista sáe condemnada, este é o juiso temeroso, este é o juiso formidavel, este é o tremendo juiso. E esta será a materia do sermão. Que o juiso dos homens é mais temeroso que o Juiso de Deus.

II

Quem melhor que todos entendeu esta grande verdade ou novidade que tenho proposto, foi o real Propheta David. No Psalmo cento quarenta e dois, diz

David a Deus: *Non intres in judicium cum servo tuo:* [1] Senhor, não entreis em Juiso com vosso servo; no Psalmo quarenta e dois, diz o mesmo David: *Judica me, Deus, et discerne causam meam:* [2] Senhor, julgae-me vós, e decidi a minha causa. Notavel encontro de affectos: se David no primeiro Psalmo diz a Deus: Senhor, não me julgueis; como o mesmo David no segundo Psalmo diz a Deus: Senhor, julgae-me? Uma vez julgae-me, outra vez não me julgueis! Que variedade é esta? Do que acrescenta David se verá a razão da differença: *Judica me, Deus, et discerne causam meam de gente non sancta, ab homine iniquo eripe me.* Julgae-me, vós, Senhor, livrae-me de me julgarem os homens. Aqui está a differença. No primeiro caso considerava David o Juiso de Deus absolutamente, e por isso pedia a Deus que o não julgasse; porque o Juiso de Deus verdadeiramente é muito para temer. No segundo caso considerava David o Juiso de Deus por comparação ao juiso dos homens, e por isso queria que Deus o julgasse; porque comparado o rigor do Juiso de Deus com os rigores do juiso dos homens, muito mais rigoroso, e muito mais tremendo é o juiso dos homens, que o Juiso de Deus. No primeiro caso tinha David diante de si o temor do Juiso de Deus. No segundo caso tinha de uma parte o temor do Juiso de Deus, e da outra parte o temor do juiso dos homens, e posto entre temor e temor, achou que tinha mais que temer no juiso dos homens, que no Juiso de Deus. Agora entendereis o mysterio d'aquellas palavras que deixámos de ponderar no Evangelho passado: *Tunc videbunt Filium hominis venientem in nubibus cœli.* [3] Então verão o Filho do homem, que virá nas nuvens do céo. Christo é homem, e é Deus: pois porque não diz virá o Filho de Deus, senão virá o Filho do homem? Porque o intento de Christo era fazer-nos o seu Juiso temeroso e horrivel; e muito mais temeroso e muito mais horrivel ficava representado como juiso de homem, que como Juiso de Deus. E' tanto mais temeroso o juiso dos homens, que o Juiso de Deus, que quando este se quer fazer res-

---

[1] *Psal.*, CXLII, 2.
[2] *Ibid.*, XLII, 1.
[3] *Matth.*, XXIV, 30.

peitar e temer, quando se quer vestir de horror e assombro, quando se quer mostrar medonho e horrendo, chama-se juiso de homem; não achou outro nome mais féro, não achou outro nome mais atroz, não achou outro nome mais tremendo: *Tunc videbunt Filium hominis.*

Temos provado o assumpto em commum: desçamos agora ás razões particulares d'elle, que são muito varias, muito solidas, e de muita doutrina, e póde ser que vos pareçam tão grandes e tão novas como o mesmo assumpto.

III

Primeiramente o juiso dos homens é mais temeroso que o Juiso de Deus; porque Deus julga com o entendimento, os homens julgam com a vontade. Quando entre o entendimento de Deus e a vontade dos homens não houvera aquella infinita distancia, bastava só a differença que ha entre vontade e entendimento, para ser grande a desigualdade d'estes juisos. Quem julga com o entendimento, póde julgar bem, e póde julgar mal; quem julga com a vontade, nunca póde julgar bem. A razão é muito clara. Porque quem julga com o entendimento, se entende mal, julga mal, se entende bem, julga bem. Porém quem julga com a vontade, ou queira mal, ou queira bem, sempre julga mal: se quer mal, julga como apaixonado, se quer bem, julga como cego. Ou cegueira ou paixão, vêde como julgará a vontade com taes adjuntos. No Juiso divino não é assim; julga só o entendimento, e tal entendimento. Declarando o mesmo Christo Senhor nosso os seus poderes supremos de Juiz universal do mundo, diz que o Pae deu todo o Juiso ao Filho: *Pater omne judicium dedit Filio.* [1] Pergunto: e porque o não deu o Padre ao Espirito Santo? Para um Juiso perfeito requerem-se tres coisas: sciencia para examinar, justiça para julgar, poder para executar. Pois se a pessoa do Filho e a do Espirito Santo teem a mesma sabedoria, a mesma justiça, a mesma omnipotencia;

[1] *Joan.*, v, 22.

porque razão dá o Padre Eterno o officio de julgar ao Filho, e não ao Espirito Santo? A razão moral e altissima é esta. Porque o Espirito Santo procede por acto de vontade, e o Filho é gerado por acto de entendimento; e o julgar (ainda que seja Deus o que julga) pertence ao entendimento, e não á vontade. Ao Espirito Santo que procede por vontade, deu-lhe o Padre o despacho das mercês: *Dator munerum;* ao Filho que se produz por entendimento, deu-lhe o Juiso das culpas: *Omne judicium dedit Filio;* porque o dar, para que se agradeça, ha-de proceder da vontade; e o condemnar, para que se não erre, ha-o de regular o entendimento. Ainda não está dito: ouvi uma coisa grande. Quando o Padre *ab æterno* gera o Filho, gera-o por puro acto de entendimento, sem intervenção ainda da vontade; quando o Padre e o Filho produzem o Espirito Santo, produzem-no por acto da vontade, mas já com suppposição do entendimento. Pois por isso o dar se attribue á terceira pessoa, e o julgar á segunda: porque o dar ha-de ser da vontade, mas com supposição do entendimento; o julgar ha-de ser só do entendimento, sem intervenção nenhuma da vontade. Eis aqui um perfeito dictame da justiça punitiva e distributiva. O condemnar só por entendimento, sem vontade; o dar mui por vontade, mas com entendimento. E seria bem que o dar fosse só por entendimento, e que no condemnar entrasse tambem a vontade? Não, porque d'ahi nasceria o que acontece algumas vezes, que nem as mercês obrigam, nem os castigos emendam. Condemnar com vontade, é passar além de justo; dar sem vontade, é ficar áquem de liberal: no primeiro vae escrupulosa a justiça, no segundo fica desairosa a liberalidade.

De maneira que em Deus a vontade e o entendimento teem repartidos os officios: o entendimento julga, a vontade dá. Nos homens não passa assim. O entendimento está deposto de seu officio, a vontade serve a ambos: a vontade é a que dá, e a vontade é a que julga. A queixa de ser a vontade a que dá, deixemol-a aos cubiçosos e aos pretendentes; a sem-razão de ser a vontade a que julga, é a que faz o juiso humano mais formidavel que o divino. Veiu uma vez a luz a ser julgada no juiso dos homens, e vinha ella muito confiada, porque já antigamente tinha apparecido diante do Juiso de Deus, e sahiu d'elle com gran-

des approvações: *Fiat lux, et facta est lux, et vidit Deus lucem quòd esset bona.* [1] Com estas abonações do Juiso de Deus, entrou a luz no juiso dos homens: e como vos parece que sahiria d'elle? Disse-o Christo no capitulo terceiro de S. João: e foi necessario que o mesmo Christo o dissesse, para que nós o crêssemos: *Venit lux in mundum, et dilexerunt homines magis tenebras, quam lucem.* [2] Veiu a luz ao mundo, e os homens antepuzeram as trevas á luz. Ha tal semrazão! Ha tal cegueira! Ha tal maldade! Quem houvera de crêr de juisos racionaes uma sentença tão barbara como esta, se o não affirmára o mesmo Christo? Ha coisa mais formosa, ha coisa mais util, ha coisa mais necessaria no mundo, que a luz? Pelo contrario, ha coisa mais feia, ha coisa mais horrenda, ha coisa mais inutil, ha coisa mais cheia de inconvenientes, que as trevas? Não são as trevas a capa dos latrocinios, terceiras dos adulterios, as cumplices e as consentidoras dos maiores insultos, das maiores enormidades que se commettem no mundo? Pois como é possivel que homens com olhos e com entendimento, antepuzessem as trevas á luz? As mesmas palavras de Christo deram razão: *Dilexerunt homines magis tenebras, quàm lucem. Dilexerunt:* Julgaram com a vontade, e não com o entendimento: e onde a vontade é juiz, taes como estas são as sentenças. Que havia de fazer uma cega, senão condemnar a luz? *Dilexerunt magis:* amaram mais. Eis aqui todo o juiso dos homens: amaram mais, ou amaram menos. Se amaram, ainda que seja as trevas, as trevas hão-de ser melhores que a luz; se não amaram, ainda que seja a luz, a luz ha-de ser peior que as trevas. Oh quantas vezes renova o mundo esta sentença! Quantas vezes veem a juiso a luz e as trevas, e sáe condemnada a luz! Vêde que segurança póde ter o merecimento, ou que immunidade a innocencia em tal juiso! O summo merecimento e a summa innocencia o diga.

Presentado Christo ante Pilatos, tirou elle as testemunhas, examinou as accusações, e declarou a Christo por innocente: *Ego nullam causam invenio in homine isto:* [3] Eu nenhuma causa acho n'este homem. D'ahi

---

[1] *Genes.*, I, 3 e 4.
[2] *Joan.*, III, 19.
[3] *Luc.*, XXIII, 14.

a pouco levaram a Christo ao Calvario, pregaram-no em uma cruz: *Et imposuerunt super caput ejus causam ipsius scriptam:* [1] e puzeram n'ella, diz o texto, a sua causa escripta. Pois se Pilatos não achou causa em Christo: *Ego nullam causam invenio;* como lhe puzeram a causa escripta na cruz: *Imposuerunt causam ejus scriptam?* Aqui vereis quanto vae de ser julgado com o entendimento ou com a vontade. Depois que Pilatos declarou a innocencia de Christo, devolveu as accusações ao juiso da vontade dos Principes dos Sacerdotes: *Jesum verò tradidit voluntati eorum;* [2] e como Christo foi julgado no Juiso da vontade, logo lhe acharam causa para o crucificar. No juiso do entendimento, ainda que era entendimento de Pilatos, não se achou causa a Christo; no juiso da vontade, ainda que era o julgado Christo, achou-se-lhe causa. E porque acha mais a vontade sendo cega, que o entendimento sendo lynce? Porque o entendimento acha o que ha, a vontade acha o que quer. Conforme a vontade quer, assim acha. Se a vontade quer favorecer, achará merecimento em Judas, se a vontade quer condemnar, achará culpas em Christo. Que culpas tinha o Baptista contra Herodes para o metter em prisões? Mas tinha contra si a sua vontade, que era a maior culpa de todas. Bem entendia Herodes que era innocente o Baptista: mas não quero ir por aqui: ou Herodes entendia que era innocente o Baptista, ou não o entendia: se o não entendia, vêde a cegueira da vontade, que o fazia entender contra a razão: se o entendia, vêde a tyrannia da vontade, que o fazia obrar contra o que entendia. De uma maneira ou d'outra, sempre o Baptista tinha certas as prisões: *Joannes in vinculis.*

IV

A segunda razão de o juiso dos homens ser mais terrivel que o Juiso de Deus, é porque no Juiso de Deus geralmente basta só o testemunho da propria consciencia: no juiso dos homens a propria conscien-

---

[2] *Math.*, XXVII, 37.
[1] *Luc.*, XXIII, 25.

cia não vale testemunha. Vêde que grande é a fidalguia do Juiso de Deus. Appareceis diante do tribunal divino, accusam-vos os homens, accusam-vos os anjos, accusam-vos os demonios, accusam-vos vossas proprias obras, accusam-vos o céo, a terra, o mundo todo, se a vossa consciencia vos não accusa, estaes-vos rindo de todos. No juiso dos homens não é assim. Tereis a consciencia mais innocente que a de Abel, mais pura que a de José, mais justificada que a de S. João Baptista: mas se tiverdes contra vós um Caïn invejoso, um Putifar mal informado, ou um Herodes injusto, ha-de prevalecer a inveja contra a innocencia, a calumnia contra a verdade, a tyrannia contra a justiça e por mais que vos esteja saltando e bradando dentro no peito a consciencia, não vos hão-de valer seus clamores. Vêde que comparação tem este rigor com o do Juiso de Deus. Acho eu muita graça aos prégadores, que para nos representarem a terribilidade do Juiso divino, trazem aquella auctoridade ou oraculo de Deus a Samuël: *Homo videt ea, quæ parent, Dominus autem intuetur cor:* [1] os homens vêem só os exteriores, porém Deus penetra os corações: antes por isso mesmo é muito mais para temer o juiso dos homens: se os homens conheceram os corações, se aos homens se lhes pudera dar com o coração na cara, então não havia que temer seus juisos. Que maior descanço, e que maior segurança, que trazer um homem sempre comsigo no seu coração a sua defeza? Accusaes-me, condemnaes-me, infamaes-me; quereis mil testemunhas, pois eil-as aqui, e mostrar-lhes o coração: *Bona conscientia mille testes.* Sabeis vós para quem não era boa invenção a de os homens verem os corações? Para os traidores, para os hypocritas, para os lisongeiros, para os mentirosos, e para outra gente d'esta ralé; mas para os zelosos, para os verdadeiros, para os honrados, para os homens de bem, ó que grande costume, ó que grande felicidade fôra! Mas como a consciencia no juiso humano não vale testemunha, quem leva a calumnia nas obras, que importa que tenha as defezas no coração?

A maior defeza e justificação que Christo teve de sua innocencia, foi o depoimento de Pilatos, quando pedin-

[1] *1.º dos Reg.*, XVI, 7.

do agua lavou as mãos, e pronunciou que elle era innocente no sangue d'aquelle Justo: *Accepta aqua, lavit manus coram populo, dicens: Innocens ego sum à sanguine Justi hujus* [1] Reparou n'esta agua e n'este sangue S. Cyrillo Jerosolymitano, e disse com opinião singular, que aquella agua e aquelle sangue, que sahiu do lado de Christo na cruz, faziam allusão a esta agua e a este sangue: *Erant hæc duo de latere, judicanti aqua, clamantibus verò sanguis.* A agua significava a agua com que Pilatos lavou as mãos: *Accepta aqua, lavit manus:* o sangue significava o sangue que o mesmo Pilatos declarou por justo, e os accusadores tomaram sobre si: *Sanguis ejus super nos:* [2] de maneira, que assim como cá o réo ou o homiziado traz no seio os papeis de sua defeza, assim Christo metteu no coração aquella agua e aquelle sangue, em que consistiam os testemunhos authenticos de sua innocencia. Ora vêde agora sahir a Christo do Pretorio de Pilatos, acompanhado de grande tropel de justiças, e vereis, na representação d'aquella tragedia, o que cada dia acontece no mundo. O innocente caminhava para o supplicio, o pregão dizia as culpas, o coração levava as defezas. As culpas do pregão eram falsas, as defezas do coração eram verdadeiras; mas como o coração no mundo não vale testemunha, morreu crucificada a innocencia. Quantos traslados d'este processo se formam cada dia no juiso humano! Por isso os innocentes padecem, e os culpados triumpham. Quem mais innocente que José, quem mais culpado que a Egypcia? Mas a culpada mostrava os indicios na capa, e o innocente tinha as defezas no coração; por isso ella triumpha, e elle padece. Morre emfim Christo na cruz, abre-lhe uma lança o peito, fica o coração patente, e então sahiram em publico as suas defezas: *Exivit sanguis, et aqua.* [3] Pois agora depois de Christo morto? Sim, agora, que essa é a differença que ha de um Juiso a outro juiso. No Juiso depois da morte, que é o Juiso de Deus, então valem as defezas do coração; no juiso d'esta vida, que é o juiso dos homens, nenhuma valia teem. Oh desgraçada sorte

---

[1] *Math.*, XXVII, 24.
[2] *Ibid.*, 25.
[3] *Joan.*, XIX, 43.

a do coração humano! Poder ser julgado dos homens para a culpa, e não poder ser visto dos homens para a defeza! Se assim é, que muito que se não defenda a maior innocencia: *Joannes in vinculis?*

V

O terceiro motivo de maior temor, que ha no juiso dos homens, comparado com o de Deus, é que no Juiso de Deus as nossas boas obras defendem-nos, no juiso dos homens o maior inimigo que temos são as nossas boas obras. Demos revista a alguns exemplares do juiso humano, e constar-nos-ha d'esta verdade. O primeiro condemnado que houve no juiso dos homens foi Abel; e por que culpas? Porque o seu sacrificio agradou mais a Deus do que o de Caïn. Ha tal crime como este? Se Abel fôra como Caïn, elle tivera os seus dias mais bem logrados. Não ha maior delicto no mundo que o ser melhor. Ao menos eu, a quem amára das telhas abaixo, antes lhe desejara um grande delicto que um grande merecimento. Um grande delicto muitas vezes achou piedade: um grande merecimento nunca lhe faltou a inveja. Bem se vê hoje no mundo: os delictos com carta de seguro, os merecimentos homiziados. Vamos a outro exemplar. Saül condemnou tantas vezes á morte a David, e chegou a lhe tirar elle mesmo ás lançadas: e por que crimes? Porque se cantava pelas ruas de Jérusalem que David era mais valente que Saül: *Percussit Saül mille, David autem decem millia.* [1] Este premio tirou David de matar um gigante com uma funda. Mais venturosos haviam de ser os tiros se não deram tamanho estalo. Ao gigante derrubou-o a pedra, e a David o sonido. Eis aqui porque David queria que o julgasse Deus, e não os homens: no Juiso de Deus perdoam-se os peccados como fraquezas: no juiso dos homens castigam-se as valentias como peccados. Graças a Deus que já nos vamos emendando d'este. Vamos ao terceiro exemplar. Mas para que é ir mais longe, se temos o maior exemplo de todos no Evangelho?

---

[2] *1.º dos Reg.*, XVIII, 7.

Mandou o Baptista do carcere dois discipulos seus, que fossem perguntar a Christo se era elle o Messias: *Tu es, qui venturus es, an alium expectamus?* [1] Suspendeu o Senhor a resposta, porque havia ao redor grande multidão de enfermos que esperavam, e depois de os sarar a todos milagrosamente, voltou-se para os embaixadores do Baptista, e disse-lhes assim: *Ite, renuntiate Joanni quæ audistis, et vidistis.* [2] Ide, dizei a João o que ouvistes e vistes. *Cæci vident, claudi ambulant, mortui resurgunt:* Os cegos vêem, os mancos andam, os mortos resuscitam. *Et beatus qui scandalizatus non fuerit in me:* e bemaventurado o que se não escandalizar em mim. Aqui reparo: *et beatus qui scandalizatus non fuerit:* e bamaventurado o que não se escandalizar? E que tinha feito Christo para se escandalizarem os homens? Se Christo arrancára olhos e fizera cegos; se cortára pés e fizera mancos; se tirára vidas e matára homens, então tinham razão de se escandalizar de Christo; mas por sarar, por remediar, por resuscitar? Sim. Porque não ha coisa de que mais se escandalizem os homens, que de haver quem faça milagres. Antigamente escandalizavam os peccados e edificavam as virtudes: hoje as virtudes escandalizam, e queira Deus que os peccados não edifiquem. Deus vos livre de vossas boas obras, e muito mais das grandes; os peccados soffremol-os facilmente; os milagres não os podemos soffrer. E porque? Porque os peccados são offensas de Deus, e os milagres são offensa nossa. Bem seguro eu que havia mais de quatro enfermos em Jérusalem que não quizeram ser sarados, só porque Christo não fosse o milagroso. Não atirára Saül a lança contra David, que lhe tirára a enfermidade, se lhe não doera mais o milagre do que lhe agradava a saude.

Oh quanto mais seguro é ir com peccados ao Juiso de Deus, que com milagres ao juiso dos homens! Em Deus ha misericordia, na inveja não ha perdão. Que levou a Magdalena ao Juiso de Christo? Peccados: e como sahiu? Perdoada: *Remittuntur ei peccata multa.* [3] Que levou Christo ao juiso dos homens? Mila-

[1] *Math.*, XI, 3.
[2] *Ibid.*, XI, 4, 5 e 6.
[3] *Luc.*, VII, 47.

gres: e como sahiu? Condemnado: *Quia hic homo multa signa facit.* [1] Como escaparão os homens do juiso dos homens, se Deus, com milagres, não escapou? Ainda dizia mais o processo de Christo: *Ecce totus mundus post eum vadit:* [2] que era tal, que ia todo o mundo após elle. Se disseram que elle ia após o mundo, condemnassem-no muito embora; mas porque o mundo ia após elle! Eis ahi quaes são os crimes do juiso dos homens. Se fordes após o mundo, ninguem vos ha-de condemnar; se o mundo fôr após vós, não vos ha-de valer sagrado. Que disse hoje Christo do Baptista? Que se despovoavam as cidades para o buscar, para o vêr: *Quid existis in desertum videre?* [3] Que não era cana verde que se movesse com o vento: *Arundinem vento agitatam?* Que não era homem da côrte que vestisse sedas, senão cilicios: *Hominem mollibus vestitum.* Que era mais que propheta: *Plusquam prophetam.* Finalmente, que era anjo: *Ecce ego mitto angelum meum.* [4] Ah sim, meu santo Precursor, e vós tendes cinco culpas tão grandes como estas e tão provadas! Máu pleito levaes ao juiso dos homens; a vós vos tirarão dos olhos e dos ouvidos do mundo, a vós vos fecharão em um carcere: *Joannes in vinculis.*

VI

A quarta consideração de ser mais temeroso o juiso dos homens que o Juiso de Deus, é porque Deus julga o que conhece, os homens julgam o que não conhecem. Um dos maiores rigores do dia do Juiso, é que os mesmos demonios hão-de ser alli nossos accusadores: mas eu antes me quizera vêr accusado de demonios que vêr-me julgado de homens. O demonio no dia do Juiso ha-de accusar-nos de todas as nossas obras, ha-de accusar-nos de todas as nossas palavras: mas em chegando aos pensamentos ha-de tapar a bocca o de-

---

[1] *Joan.*, XI, 47.
[2] *Ibid.*, XII, 19.
[3] *Math.*, XI, 7, 8.
[4] *Ibid.*, 10.

monio, porque os peccados de pensamento são reservados só a Deus. Eis aqui até onde chega o demonio quando accusa, e o homem quando julga. Julga-vos as obras, julga-vos as palavras, e até o mais intimo pensamento vos julga e vos condemna. Ha tal temeridade de juiso? Que julgue o homem as obras que vê, que julgue as palavras que ouve, seja embora; mas que queira julgar os pensamentos, onde não chega com algum sentido do corpo, nem com alguma potencia da alma! Esta é uma das mais graves razões, por que o juiso dos homens é mais para temer que o Juiso de Deus: Deus julga os pensamentos, mas conhece-os, o homem não póde conhecer pensamentos, e julga-os.

Dir-me-heis que os homens julgam os pensamentos pelas obras, e que pelas obras, que se vêem, bem se pódem julgar os pensamentos, que se não vêem. Se assim fôra não eram tanto para temer os juisos dos homens; mas vêde quanto ao contrario das obras julgam ainda os melhores homens os pensamentos. Estava Anna, mãe de Samuël, orando no Templo com os affectos e effeitos que costumam os affligidos: e que juiso vos parece que faria o summo sacerdote Heli d'esta oração? Julgou que era intemperança, e que os movimentos que fazia Anna com a bocca, tinham a causa na mesma bocca, e não no coração lastimado d'onde sahiam: *Existimavit illam temulentam, et ait: Usquequò ebria eris?* [1] Veiu Naamão Syro á terra de Judéa para que o Propheta Eliseu o curasse da lepra: e que juiso faria el-rei Ezechias d'esta jornada de Naamão? Julgou que era mandado cautelosamente por seu rei, para que tornando-se sem a saude que viera buscar, tomasse d'aqui occasião de queixa, e da queixa passasse a rompimento de guerra, e lhe viesse conquistar o reino: *Animadvertite, et videte quòd occasiones quærat adversum me.* [2] Lançou-se Aman aos pés da rainha Esther, pedindo que lhe valesse contra a indignação d'el-rei, de cuja graça se via tão inopinadamente cahido: e que juiso faria Assuero d'esta acção de Aman? Julgou-a tanto contra toda a razão e contra o decoro, que a si mesmo se

[1] *1.º dos Reg.*, I, 13.
[2] *4.º dos Reg.*, V, 7.

devia, que em nenhum pensamento póde caber o pensamento que lhe veiu, nem ha palavras com que se possa explicar sem dissonancia: *Etiam reginam vult opprimere, me præsente, in domo mea.* [1] Eis aqui como interpretam os homens as acções, e como julgam por ellas os pensamentos. Anna orava a Deus, e a sua oração foi julgada por intemperança; Naamão buscava a saude, e a sua confiança foi julgada por hostilidade; Aman pedia perdão, e o seu arrependimento foi julgado por sacrilegio. Nem chorar o arrependido, nem curar-se o enfermo, nem orar o necessitado, está isento de ser mal julgado dos homens. Anna pedia o remedio de sua esterilidade a Deus, Naamão pedia o remedio de sua enfermidade a Eliseu, Aman pedia o remedio de sua infelicidade a Esther; e nem em Esther o ser rainha, nem em Eliseu o ser santo, nem no mesmo Deus o ser Deus, lhes valeu aos miseraveis para que escapassem. Nem com os reis, nem com os santos, nem com Deus se póde tratar sem ser mal julgado dos homens. Tão injusto é o juiso humano em interpretar intenções; tão atrevido e tão temerario é em julgar pelas obras os pensamentos!

Julgar mal uma obra boa, grande maldade é; mas julgar, ou bem ou mal, um pensamento que não póde ser conhecido, ainda é maior tyrannia. Se não conheces nem pódes conhecer o pensamento, como te atreves, homem, a julgal-o? E' tão reservado só a Deus o juiso dos pensamentos, que nem de toda a Egreja Catholica fiou Deus o julgar um pensamento: *Ecclesia non judicat de interno.* E o que Deus não fia dos Pontifices, o que não fia dos Concilios, o que não fia de toda a Egreja, que é julgar meus pensamentos, isso faz o juiso de qualquer homem. Parece-vos muito isto? Parece-vos muito que os homens julguem pensamentos, e condemnem só por pensamentos? Ora aguardae, que ainda não disse nada. E quantas vezes vos julgaram e condemnaram os homens pelo que nunca vos passou pelo pensamento? Eis aqui outra maior differença dos dois Juisos: Deus julga e condemna por pensamentos, os homens julgam e condemnam pelo que nunca passou pelo pensamento. Passou-lhe alguma hora pelo pensamento a José atrever-se á honra

[1] *Esther.*, VII, 8.

de seu senhor? Passou-lhe alguma hora pelo pensamento a Daniel querer machinar contra o imperio dos Assyrios? Passou-lhe alguma hora pelo pensamento a Christo (que tambem n'isto quiz dar-nos exemplo) querer-se fazer rei temporal, de que tantas vezes fugira? E comtudo José, por se atrever á honra de seu senhor, está em um carcere; Daniel, por machinar contra o imperio, está no lago dos leões; Christo, por se querer fazer rei, está posto em uma cruz. Com este rigor nenhuma comparação tem o Juiso de Deus. Para Deus condemnar por pensamento é necessario que haja pensamento que seja máu, é que se consinta; para o homem condemnar do mesmo modo, não é necessario que se consinta, nem que seja máu, nem que haja pensamento. Póde-se imaginar maior rigor, maior injustiça, maior crueldade, que esta? Eu cuidava que não; mas ainda passa adiante a subtileza e a crueldade do juiso dos homens. Não só vos condemnam os homens pelo que não vos passou pelo pensamento a vós, mas condemnam-vos pelo que nem lhes passou pelo pensamento a elles. Mais claro. Não só vos condemnam os homens pelo que vós nunca imaginastes, mas condemnam-vos pelo que nem elles imaginam de vós.

Chegaram os irmãos de José ao Egypto, appareceram diante d'elle, e depois que disseram quem eram e a que vinham, José, com aspecto severo, disse: Vão presos esses homens.

— Presos nós, senhor Vice-Rei (replicaram elles tremendo) e porque? *Exploratores estis:* [1] Sois espias: vindes a explorar os reinos de Pharaó meu senhor. As palavras não eram ditas, e já os dez irmãos estavam com os pés e mãos em outros tantos grilhões e algemas. Pergunto agora: Estes homens imaginaram alguma hora de vir ser espias ao Egypto, e explorar os reinos de Pharaó? Claro está que nunca tal imaginaram. Eram uns pobres lavradores que vinham fugindo á fome, comprar quatro grãos de trigo para manter a vida e deitar á terra. Pergunto mais: E José imaginava d'elles que fossem espias e exploradores? Ainda isto é mais claro e mais certo. Nunca tal imaginou José, porque conhecia mui bem que eram os filhos de

[1] *Genes.*, XLII, 9.

Jacob seu pae. Pois se estes homens nunca imaginaram em ser espias, e se a José nunca lhe passou pela imaginação que o fossem, como os manda prender? E' possivel que hão-de estar uns innocentes arrastando cadeias em uma masmorra pelo que nem elles imaginaram, nem imaginou d'elles quem alli os metteu? Assim passa. Na historia de José era aquelle rigor fingindo; mas ainda mal, porque tantas tragedias se representam no mundo, em que as mesmas injustiças são verdadeiras. Diga-o a de Naboth em Samaria, e a de Susana em Babylonia. Por ventura imaginava Jezabel que Naboth blasphemára o nome de Deus e d'el-rei? Não imaginava tal coisa. E comtudo Jezabel fez condemnar a Naboth pelo que nem elle imaginou nunca, nem ella imaginava d'elle. Por ventura os juizes de Babylonia imaginaram de Susana que violára a fé que devia a Joachim, no crime de que a accusavam? Não lhes passou tal pela imaginação. E comtudo foi condemnada e levada ao supplicio Susana pelo que nem ella imaginou, nem imaginaram d'ella os mesmos que a condemnaram. Quantas vezes julgaes, condemnaes, infamaes e destruís um innocente pelo que nem elle imaginou, nem vós imaginaes d'elle? Sabeis de certo que não fez o crime, e infamael-o, e accusael-o, e condemnael-o como se o fizera. Se condemnar por culpas duvidosas é injustiça, condemnar por innocencia conhecida, que tyrannia será? A que usa o juiso dos homens com o Baptista: *Joannes in vinculis.*

VII

A quinta razão e differença que acho entre o Juiso de Deus e o juiso dos homens, é aquella que parece fez o Juiso de Deus mais temeroso, que é o ser Juiso final. Juiso final! Oh que temerosa palavra! Mas d'ahi mesmo tiro eu quanto mais temeroso é o juiso dos homens que o Juiso de Deus. Deus não julga senão no fim, os homens não esperam pelo fim para julgar. Grão rigor! Semeou zizania o inimigo na seára do pae de familias: e que aconteceu? Vêde a differença do Senhor aos criados. Os criados muito fer-

vorosos: *Vis, imus, et colligimus ea?* [1] Senhor, quereis que vamos e arranquemos logo a zizania? O pae de familias muito repousado: *Sinite utraque crescere usque ad messem.* [2] Deixae nascer, deixae crescer, deixae amadurecer; lá virá o tempo da messe, então se conhecerá qual é o trigo, e qual a zizania. Eis aqui qual é Deus no julgar, e quaes são os homens. Deus não condemna senão no fim: os homens não esperam pelo fim para condemnar. Deus para colher espera pelo Agosto: os homens segam em Janeiro. Os que mais timoratamente procedem em julgar antes do fim, são aquelles que regulam os fins pelos principios, mas como os successos do mundo e da vida, e muito mais os que dependem do alvedrio, não guardam proporção alguma, todo este juiso é incerto, e todo injusto.

No dia da Paixão de Christo morreram quatro pessoas notaveis, de que faz menção o Evangelho. Morreu Christo, morreram os dois ladrões, e morreu Judas. Ora notae a differença dos principios e fins de todos. Christo começou bem, acabou bem; o máu ladrão começou mal, e acabou mal; o bom ladrão começou mal, e acabou bem; Judas começou bem, e acabou mal. Taes são as contingencias das coisas do mundo, e a pouca proporção que guardam os fins com os principios. Muitas vezes a bons principios seguem-se bons fins, como em Christo, e a máus principios máus principios seguem-se bons fins, como no bom ladrão, e a bons principios seguem-se máus fins, como em Judas. Por isso quem quizer julgar bem, ha-de aguardar pelos fins. Nos reinos passa o mesmo que nos homens. Quem julgasse o fim do reino de Saül pelos principios diria que havia de ser felicissimo, e foi desastrado: quem julgasse o fim do reino de David pelos principios, diria que havia de ser trabalhoso, e foi felicissimo. Antes de vêr o fim não se póde fazer juiso. Pedro seguiu a Christo para vêr o fim: *Ut videret finem;* [3] se esperára até vêr o fim, elle não negára. Esperae pelo fim, então negareis; mas eu vos fio, que se chegardes a vêr os fins, que haveis de

[1] *Math.*, XIII, 28.
[2] *Ibid.*, 30.
[3] *Ibid.*, XXVI, 58.

querer seguir, e não negar. Se alguem pudéra julgar antes do fim, era Deus, porque conhece os futuros; e comtudo nunca Deus jámais julgou nem condemnou a ninguem senão depois das obras. O juiso dos homens não é assim, conhece pouco do presente, menos do passado, e nada do futuro, e antes de as coisas terem ser, já estão julgadas. No mesmo dia em que se fez a eleição, já está adivinhado o successo, já está condemnada a obra, já está desacreditada a pessoa. Valha-me Deus; ainda nem fiz bem nem mal, e já me condemnam! Não teremos uma pouca de paciencia para esperar pelo fim? *Nolite ante tempus judicare:* [1] não queiraes julgar antes do tempo, diz o Apostolo. Já que quereis ter predestinados e precitos, como Deus, julgae tambem como Deus no fim das obras. Mas que ao predestinado se lhe haja de adivinhar o merecimento para se lhe dar logo o premio, e ao precito se lhe haja de prophetisar a culpa para o condemnar d'antemão! Terrivel juiso.

Ainda passo adiante a razão porque Deus julga no fim, e os homens não. E' porque no Juiso de Deus não basta a certeza do futuro para o castigo, e basta a emenda do passado para o perdão. No juiso dos homens, nem para o futuro vale a incerteza, nem para o passado a emenda. Diz o Evangelista S. Marcos que veiu Christo Senhor nosso comer a casa de Simão Leproso: chamava-se assim este homem, porque fôra leproso antigamente, e o mesmo Senhor o sarára. Não sei se reparaes na duvida. Se este homem ainda tivera lepra, que lhe chamassem leproso, muito justo; mas se elle estava são, porque lhe hão-de chamar leproso? Porque esse é o juiso dos homens. Fostes vós leproso algum dia? Pois ainda que Deus faça milagres em vós, leproso haveis de ser todos os dias de vossa vida. Deus poder-vos-ha dar a saude; mas o nome da enfermidade não vol-o hão-de perdoar os homens. No Juiso de Deus com a mudança dos procedimentos, mudam-se os nomes; antigamente ereis Saulo, hoje sois Paulo: no juiso dos homens, por mais que os procedimentos se mudem, os nomes não se mudam jámais. Se fostes leproso uma vez, leproso vos hão-de chamar em quanto viverdes: *Simonis Le-*

1. *1.ª ad Corinth.*, IV, 5.

prosi. [1] Poderá haver milagre para sarar o Simão, mas milagre para tirar o leproso, não é possivel. Oh grande sem-razão do juiso humano; que da enfermidade vos hajam de fazer appellido! E vem a ser peior o appellido, que a mesma enfermidade; porque a enfermidade, quando muito chega até á morte, o appellido passa á descendencia. O Juiso de Deus terrivel é, mas posso-me livrar d'elle emendando-me. Porém o juiso dos homens, em que não vale emenda, quem poderá negar que é mais terrivel? E se contra o juiso dos homens não vale a emenda onde a ha, que remedio teria aquelle innocente, em que a não podia haver, porque não havia que emendar: *Joannes in vinculis?*

VIII

Antes que passe adiante (que não sei se m'o permittirá o tempo) me occorre que póde occorrer a alguem aquella famosa sentença de Christo: *Nolite timere eos, qui occidunt corpus, animam autem non possunt occidere: sed potius timete eum, qui potest et animam et corpus perdere in gehennam.* [2] Quer dizer: Não temaes aquelles que matam o corpo, e não pódem matar a alma: mas temei antes a quem, lançando o corpo e alma no inferno, tanto póde matar a alma como o corpo. E quem são aquelles, e quem é este? Aquelles são os homens, este é Deus. Logo parece que d'aqui se infere contra a doutrina que até agora provámos por tantos meios, que mais temeroso e mais para temer é o Juiso de Deus, que o dos homens, como mais se deve temer o inferno e morte da alma, que a do corpo. Mas tão erradas como isto costumam ser as consequencias de quem segue as suas apprehensões ou affectos, e não olha para o caso de que fallam os Textos, e para o intento com que foram dictados ou escriptos. O intento do Divino Mestre n'esta occasião, foi animar a fé dos primitivos christãos, para que padecessem constantemente os tormentos e martyrios dos tyrannos, e para que postos

[1] *Marc.*, XIV, 3.
[2] *Math.*, X, 28.

entre dois temores, um ou outro inevitavel, com o maior vencessem o menor, isto é, com o temor do inferno o temor da morte. Assim o entenderam sempre Padres, Pontifices, e interpretes, dos quaes como tão diligente, solido e litteral abreviador de todos, só porei aqui as palavras do doutissimo A. Lapide: *Quasi diceret: Nolite metu mortis, quam vobis intentabunt persecutores, negare meam fidem, aut cessare ab ejus prædicatione vobis à me imperata, vel aliquid ea indignum committere: quia si id feceritis incurretis mortem tum corporis, tum animæ longe atrociorem, et diuturniorem, scilicet æternam in gehenna, ubi damnati moriuntur morte immortali, et vita moribunda vivunt, et perdurant.* De sorte que a comparação não se fez aqui entre juiso e juiso, senão entre perigo e perigo, e entre pena e pena; porque comparada a pena do inferno com a pena da morte, claro está que muito mais para temer é a do inferno. Pelo contrario se a comparação se fizera entre juiso e juiso, isto é, entre o Juiso de Deus e o dos homens, posto que os homens só possam condemnar á morte e Deus ao inferno, com a mesma evidencia se segue ainda n'este caso, que mais para temer é o juiso dos homens, que o de Deus; porque o juiso dos homens condemnando-me á morte, póde ser injusto, e o de Deus condemnando-me ao inferno, não póde deixar de ser recto: *Justus es, Domine, et rectum judicium tuum.* [1] E se ao Juiso de Deus só está sujeita a culpa, e do juiso dos homens não está segura a innocencia, vêde qual mais se deve temer. De Deus são mais para temer os castigos, dos homens mais para temer os juisos. E d'estes é que nós fallamos.

Tambem fallou dos mesmos juisos o mesmo Christo, e não em outro, senão no mesmo Texto, immediatamente antes, em admiravel comprovação do que digo. Affrontavam os escribas e phariseus aos discipulos do Senhor, com nomes tão injuriosos e blasphemos como a seu Mestre; e chegavam a dizer e prégar, e apregoar ao mundo, que as maravilhas que elle e elles obravam eram feitas em virtude, e com poderes de Beelzebut, principe dos demonios. E para que a innocencia e constancia, ainda noviça, dos Aposto-

[1] *Psal.*, CXVIII, 137.

los, vendo-se tão indignamente calumniada e condemnada pelo juiso dos homens (e não de quaesquer, senão dos mais auctorisados, e dos que entre os demais professavam Religião e Letras) não desmaiasse, com que razões os animaria e consolaria o divino Mestre, para que não fizessem caso da temeridade d'aquelles juizes? A razão foi uma só, e digna de seu Auctor: *Si patrem familias Beelzebuh vocaverunt, quanto magis domesticos ejus? Ne ergo timueritis eos. Nihil enim est opertum, quod non revelabitur, et occultum, quod non scietur.* [1] Não vos deveis admirar, que sendo vós os discipulos e eu o Mestre, e sendo vós os servos e eu o Senhor, vos tratem e vos julguem a vós os homens, como me tratam e me julgam a mim. Mas para que não temaes nem façaes caso dos seus juisos, e das affrontas que vos dizem, sabei que Deus manifestará a vossa verdade e as suas calumnias, ou no dia do Juiso, ou ainda antes: *Nolite tamen eorum probra, irrisiones, et sannas timere, quia tandem Deus vestram fidem, et veram religionem patefaciet non tantum in die judicii, sed etiam in hac vita:* commenta o mesmo auctor com S. Chrysostomo, Theophilato e Euthymio. Oh argumento verdadeiramente divino, e outra vez digno da sabedoria de seu Auctor! De maneira que a consolação e appellação que tem o juiso dos homens, é para o Juiso de Deus; e debaixo d'esta esperança certa ensina Christo a seus discipulos que os não temam: *Ne timueritis eos.* Sim. Logo se o Juiso de Deus é o seguro que nos dá o mesmo Deus para não temer os juisos dos homens, bem se conclue que o juiso dos homens é o formidavel e o que se deve temer, e não o de Deus n'estas circumstancias. O dos homens temer-se, porque, quando menos, póde ser falso e injusto; e o de Deus esperar-se sem temor, porque sempre é justo e recto.

IX

Tudo isto ficou já convencido com as razões que ponderámos antes de responder a esta replica: restando muitas outras com que se podia provar e ampli-

[1] *Math.*, x, 25 e 26.

ficar a mesma verdade; mas porque nem o tempo dá logar, nem eu vol-as quizera totalmente dever, partamos o trabalho. Eu as aponto, discorrei-as vós.

E' mais temeroso o juiso dos homens, que o Juiso de Deus, porque o Juiso de Deus é juiso de um só dia; o juiso dos homens é juiso de toda a vida. Todos os dias, para os que vivem entre os homens, são dias do Juiso.

O Juiso de Deus ha-de ser em um só logar; o juiso dos homens é em todos os logares: julgam-vos na casa e julgam-vos na rua; julgam-vos na praça e julgam-vos na egreja; julgam-vos na côrte e julgam-vos no monte; julgam-vos no mundo e julgam-vos na religião; julgam-vos em todos os logares onde estaes, e nos logares onde não estaes tambem vos julgam. Em fim para o Juiso de Deus ha-de ir ao valle de Josaphat todo o mundo; para o juiso dos homens todo o mundo é valle de Josaphat.

O Juiso de Deus começa a julgar desde os annos do uso da razão por diante; o juiso dos homens muito antes do uso da razão julga e condemna. Digam-no as lagrimas de Rachel e o sangue dos Innocentes de Bethléem. Faltavam-lhes cinco annos para o alvedrio, e bastaram-lhes dois para o cutello: *A bimatu et infrà.* [1]

Ainda depois do uso da razão, não nos julga Deus mais que as duas partes da vida, porque a terceira parte que nos leva aquella morte quotidiana, a que chamamos somno, como não é capaz de peccar, nem de merecer, não a julga Deus. No juiso dos homens não é assim; nem dormindo nos isentamos de sua jurisdicção. Dormindo estava José quando sonhou, e porque sonhou o condemnaram á morte seus irmãos: *Ecce somniato venit: venite, occidamus eum.* [2]

Deus no seu Juiso ha-de vir a julgar os vivos e os mortos; os homens no seu juiso julgam os vivos, julgam os mortos, e julgam-os por nascer. Não vos lembra a historia do cego de seu nascimento, a quem Christo deu vista? Ainda não era nascido, e já o faziam peccador: *Domine, quis peccavit, hic, aut paren-*

[1] *Math.*, II, 16.

[2] *Genes.*, XXXVII, 19.

tes ejus, ut cæcus nasceretur? [1] Deus julga sómente do facto, os homens até do impossivel.

Antes do dia do Juiso ver-se-hão muitos signaes: *Erunt signa in sole, et luna:* [2] mas notae a differença. No Juiso de Deus, os signaes dizem com o Juiso; no juiso dos homens, o juiso não diz com os signaes. No Juiso de Deus dizem os signaes com o Juiso, porque os signaes são de rigor e o Juiso é rigoroso; no juiso dos homens, o juiso não diz com os signaes, porque os signaes são de amizade e o juiso é de odio. Vêde-o em Judas; os signaes eram abraços, e o juiso traições: *Traditor autem dedit eis signum: quemcumque osculatus fuero, ipse est, tenete eum.* [3]

Deus no seu Juiso é verdade que ha-de lançar os homens ao inferno; mas ha-de ser dizendo-lhes muito clara e descobertamente: *Ite, maledicti, in ignem æternum:* [4] os homens não fazem assim no seu juiso; estão-vos dizendo: *Venite, benedicti;* [5] Bemdito, e bem vindo sejaes; e no mesmo tempo estão-vos mettendo, e desejando debaixo do inferno.

Deus julga como Juiz; os homens julgam como judiciarios; entre o juiz e o judiciario ha esta differença, que o juiz suppõe o caso, o judiciario adivinha-o. Quantos vêmos hoje julgados e condemnados por adivinhação, não pelo que fizeram, senão pelo que se adivinha que haverão de fazer!

O Juiso de Deus, sendo Deus por natureza immutavel, se nós nos convertemos e nos mudamos, muda-se; o juiso dos homens, sendo os homens a mesma mudança, por mais que nós nos mudemos, não se muda. Mudou-se a Magdalena, e no Juiso de Christo ficou santa; mas no juiso do phariseu, tão peccadora como d'antes era: *Quoniam peccatrix est.* [6]

No Juiso de Deus havemos de ser julgados pelos mandamentos: quem guardou os mandamentos póde estar seguro; no juiso dos homens não aproveita guar-

---

[1] *Joann.*, IX, 2.
[2] *Luc.*, XXI, 25.
[3] *Marc.*, XIV, 44.
[4] *Math.*, XXV, 41.
[5] *Ibid.*, 34.
[6] *Luc.*, V, 39.

dar os mandamentos. Fizestes o que vos mandaram, e muito melhor do que vol-o mandaram, e sobre isso sois julgado e condemnado. Como a sem-razão é tão moderna, não ha exemplo d'ella nas Escripturas; tel-o-hão os vindoiros, se o crêrem.

Deus julga a cada um pelo que é, os homens julgam a cada um pelo que são. Mais claro. Deus julga-nos a nós por nós; os homens julgam-nos a nós por si. D'onde se segue que para serdes bem julgado no Juiso de Deus, basta que vós sejaes bom; mas para serdes bem julgado no juiso dos homens, é necessario que ninguem seja máu. Terrivel juiso, em que para eu não sahir condemnado, é necessario que todo o mundo seja innocente!

No Juiso de Deus basta ser bom no ultimo instante da vida, para ser eternamente bom: no juiso dos homens basta ser máu em qualquer tempo da vida, para ser eternamente máu. Se fostes bom, e sois máu, julgam-vos mal pelo que sois; se fostes máu, e sois bom, julgam-vos mal pelo que fostes; e se sois e fostes sempre bom, julgam-vos mal pelo que podeis vir a ser. Ha juiso tão cruel como este! As culpas em prophecia, e o Propheta em prisões: *Joannes in vinculis.*

X

Tenho acabado o sermão; e parece que me tem acontecido n'elle o que succede aos máus medicos e aos máus conselheiros. O máu medico encarece a enfermidade e não lhe dá remedio; o máu conselheiro exaggera os inconvenientes e não dá meio com que os melhorar. O officio de prégador é de curar e de aconselhar. Tenho encarecido a enfermidade, tenho ponderado os inconvenientes, tenho mostrado a cegueira, a sem-razão, a injustiça e a tyrannia do juiso dos homens; mas que é do remedio para nos livrarmos d'este juiso? Se não ha remedio, ainda é mais temerosa esta ultima circumstancia que todas as que até agora temos considerado. Verdadeiramente difficultosa e impossivel coisa, parece, achar remedio para escapar do juiso dos homens, sendo tantos, tão livres e tão temerarios.

Mas oiçamos o que resolve n'esta materia o Todo Poderoso com sabedoria infinita: *Nolite judicare, ut non judicemini: in quo enim judicio judicaveritis, judicabimini.* [1] Se não quereis que vos julguem, não julgueis, porque com o mesmo juiso com que julgardes, sereis julgados. Esta sentença de Christo Senhor nosso, ou se póde entender do juiso dos homens para com os homens, ou do Juiso de Deus para com elles. Se se entender do Juiso de Deus para com os homens, é absoluta e universalmente verdadeira; mas se se entender do juiso dos homens para com os homens, não. D'onde se torna a confirmar, outra e mil vezes, que mais rigoroso e mais para temer é o juiso dos homens que o de Deus. No Juiso de Deus para com os homens é sempre verdadeira; porque, como altamente disse S. João Chrysostomo, o juiso com que nós nos julgamos uns aos outros, é lei que puzémos a Deus para que elle por ella nos julgue tambem a nós: *Legem prius ipse posuisti, severius de his, quæ proximus peccaverit, judicando:* porque se nós julgarmos com benignidade aos nossos proximos, tambem Deus nos julgará benignamente; mas se nós os julgarmos severamente, tambem elle nos julgará com severidade. De sorte que no Juiso de Deus para com os homens esta regra é geral, sem excepção; porém no juiso dos homens para com os homens tem tão pouca certeza, nem ainda probabilidade, que até o mesmo Christo, sendo tão benigno em julgar e perdoar a todos, não escapou de ser tão injustamente julgado e condemnado por elles. Se Christo, summa innocencia, teve um Annaz, um Caiphaz, um Pilatos e um Herodes, que o julgaram e condemnaram, que homem haverá tão innocente e justo, que por estes quatro juizes não tenha quatrocentos que o julguem e condemnem?

Comtudo, esta mesma sentença, ainda que universalmente não é certa no juiso dos homens para com os homens, por dictame natural da razão, e por providencia particular de Deus, muitas vezes se verifica n'elles: *Nolite judicare, et non judicabimini: nolite condemnare, et non condemnabimini.* Não julgueis, e não sereis julgados: não condemneis, e não sereis condemnados. Sabeis porque muitas vezes somos julga-

[1] *Math.*, VII, 1.

dos, e tão injustamente julgados? Porque tantas vezes somos juizes, e injustissimos juizes; porque julgaes as obras alheias, por isso vos julgam as vossas obras; porque julgaes as palavras alheias, por isso vos julgam as vossas palavras; porque julgaes até os pensamentos alheios, por isso vos julgam e vos condemnam até o que não vos passou pelo pensamento. Diz S. Thiago na sua Canonica, que S. Miguel se não atreveu a julgar a Lucifer. Se um Serafim se não atreve a julgar um demonio, como se ha-de atrever um homem a julgar outro homem?

Se queremos julgar, viremos os olhos para a parte de dentro, que ainda mal, porque tanto acharemos que julgar, que examinar e que condemnar. Se nos julgarmos sem paixão a nós, eu vos prometto que teremos tanto que fazer e tanto que pasmar que não nos ficará nem tempo, nem animo para julgar a outrem. Ora, christãos, por reverencia de Deus, pelo que devemos a Christo, pela obrigação que temos para com as nossas almas, seja o fructo d'este sermão temer muito um juiso temerario, não o juiso em que somos julgados, que isso não é culpa nossa, mas o juiso em que nós julgamos, que é a nossa condemnação: *In quo alterum judicas, te ipsum condemnas*, diz S. Paulo: [1] Quando julgamos os outros, condemnamo'-nos a nós. E quantos condemnados estão hoje no inferno só por um juiso temerario! Deus por sua misericordia nos livre de um escandalo como este, tão facil e tão ordinario, em que tantas vezes tropeça a caridade, em que tão gravemente se embaraçam as consciencias, em que tão perigosamente se perde a graça, e, com ella, a gloria.

[1] *Ad Roman.*, II, 1.

SERMÃO

DA

Terceira Dominga do Advento*

Tu quis es? Quid dicis de te ipso?
JOAN., I.

I

Tambem hoje temos juiso, e é já este o terceiro. No primeiro sermão vimos o Juiso de Deus para com os homens; no segundo o juiso dos homens uns para com os outros; n'este hoje, que é o terceiro, veremos o juiso de cada um para comsigo: *Tu quis es? Quid dicis de te ipso?* Conteem estas palavras uma proposta ou embaixada que fizeram ao Baptista os Sacerdotes e Levitas, mandados pelo Supremo Conselho ecclesiastico de Jérusalem: querem dizer: *Tu quis es:* Vós quem sois? *Quid dicis de te ipso?* Que dizeis de vós mesmo? Esta questão determino tratar; porque sendo materia gravissima, e de grande importancia em qualquer parte do mundo, em Portugal é ainda ao presente mais grave e mais importante.

---

* Este formosissimo sermão, subordinado á ordem dos restantes sermões do Advento, singularisa-se d'elles, todavia, pela sua feição chistosa e satyrica, que parecendo impropria da dignidade do pulpito, muito bem ficava na bocca de Vieira, cuja auctoridade era respeitabilissima, summamente veneravel. O seu immenso prestigio d'orador incomparavel e de padre exemplarissimo, não só lhe permittiam essa liberdade, mas mesmo lhe davam auctoridade para fallar assim, amplamente, liberrimamente, castigando vicios, rindo, na phrase do poeta romano immortal. Para o imitar, todavia, é que se precisa toda a prudencia e discrição.

II

Tu quis es? Quid dicis de te ipso? A primeira coisa em que reparo, é que estes embaixadores, de uma pergunta fizeram duas questões: Iam perguntar ao Baptista quem era; e para isto parece que bastava dizer: Vós quem sois? E elles disseram: Vós quem sois, e vós quem dizeis que sois? *Tu quis es? Quid dicis de te ipso?* Ora os embaixadores não eram homens de capa e espada, senão cá do fôro da Egreja: *Sacerdotes, et Levitas;* mas elles fallaram muito discretamente, e entenderam o negocio, como quem tinha grandes noticias do mundo. Quando iam saber do Baptista, quem era, perguntam-lhe: Vós quem sois, e vós quem dizeis que sois; porque os homens quando testemunham de si mesmos, uma coisa é o que são, e outra coisa é o que dizem. Ninguem ha n'este mundo que se descreva com a sua definição: todos se enganam no genero e tambem nas differenças. Que differentes coisas são ordinariamente o que dizeis de vós, e o que sois! E o peior é que muitas vezes não são coisas differentes: porque o que sois é nenhuma coisa, e o que dizeis são infinitas coisas. N'esta materia *de vós quem sois*, todo o homem mente duas vezes; uma vez mente-se a si, e outra vez mente-nos a nós: mente-se a si, porque sempre cuida mais do que é; e mente-nos a nós, porque sempre diz mais do que cuida. Bem distinguiram logo os embaixadores o *Tu quis es*, do *Quid dicis de te ipso;* e quando iam perguntar ao Baptista o que era, perguntaram o que era, e o que dizia; porque ninguem ha tão recto juiz de si mesmo, que ou diga o que é, ou seja o que diz.

Entrou o anjo Raphaël a fallar com o velho Tobias em trajo de caminhante, ou ainda de caminheiro; e antes de Tobias entregar o filho ao anjo para aquella peregrinação tão sabida, fez-lhe esta pergunta: *Rogo te, indica mihi, de qua domo, et de qua tribu es tu?* [1] Por vida vossa, que me digaes de que familia, e de que tribu sois. A pergunta verdadeiramente era para embaraçar um anjo; mas a resposta foi notavel: *Ego*

[1] *Tob.*, v, 16.

sum Azarias Ananiæ magni filius. [1] Eu sou Azarias, filho de Ananias, o Magno. Como se dissessemos de Carlos Magno, de Pompeo Magno, de Alexandre Magno. Ha tal resposta de um anjo! Em Deus ha pae e filho; nos homens e nos animaes ha Paes e Filhos; nas mesmas plantas ha seu modo de geração: só nos anjos, de todos os viventes do mundo (entrando o creado e o increado), só nos anjos não ha geração, nem pae, nem filho. Pois se nos anjos não ha geração; se nos anjos não ha nem póde haver pae e filho; como diz o anjo Raphaël que é filho do grande Ananias? Aposto eu que estava agora cuidando alguem, que para encarecimento do meu assumpto, havia eu de dizer que em materia *de vós quem sois*, até os anjos mentem?... Não digo eu esses arrojamentos; este logar é de verdades solidas. Os anjos não pódem mentir nem errar (fallo dos bons). Mas agora fica a difficuldade mais apertada. Pois se os anjos não pódem entender, nem dizer contra a verdade, como diz o anjo Raphaël que é filho do grande Ananias? Variamente respondem os Doutores á duvida; eu o farei com uma comparação. Entra um comediante no theatro, representando a Lucifer, e batendo com o tridente, começa a fulminar blasphemias contra Deus; entra outro representando a Nero, e tirando a espada, manda que cortem cabeças, e que corram rios de sangue christão por Roma; sáe outro representando um gentio, e encontrando uma estatua de Jupiter, prostra-se por terra, bate nos peitos e offerece incenso. Pergunto agora: aquelle primeiro homem é blasphemo? aquelle segundo homem é tyranno? aquelle terceiro homem é idolatra? Claro está que não: o primeiro não é blasphemo, ainda que diz blasphemias, porque elle não é Lucifer, faz figura de Lucifer; o segundo não é tyranno, ainda que manda matar christãos, porque elle não é Nero, faz figura de Nero; o terceiro não é idolatra, ainda que se ajoelha diante da estatua de Jupiter, porque elle não é gentio, faz figura de gentio. O mesmo digo do nosso caso. O anjo não mentiu, nem póde mentir, ainda que disse uma coisa que pareça alheia da verdade;

[1] *Ibid.*, 18.

porque elle não era homem, fazia figura de homem, e fallou como se o fôra.

Seja outro anjo fiador d'esta minha resposta. Appareceram a Abrahão no valle de Mambré tres anjos, um de maior auctoridade, a quem elle adorou, e outros dois menores que o acompanhavam. E como Sara, mulher de Abrahão, fosse esteril, prometteu-lhe o anjo principal, que d'alli a um anno, por aquelle mesmo tempo tornaria, se Deus lhe désse vida, e que já então teria Sara um filho: *Revertens veniam ad te tempore isto, vita comite, et habebit filium Sara uxor tua.* [1] Quem haverá que não repare n'aquelle *vita comite: se eu fôr vivo*, dito por um anjo? E não só fallou o anjo por estes termos uma vez, senão duas: porque pondo Sara duvida á promessa tornou elle a ratificar a sua palavra, dizendo: *Juxta condictum revertar ad te hoc eodem tempore, vita comite.* Pois se os anjos por natureza são immortaes, e a sua vida por nenhum acontecimento póde faltar; porque promette este anjo, não absoluta, senão condicionalmente, que tornará d'alli a um anno, se fôr vivo, *vita comite?* A razão, não só humana, mas angelica, foi, porque este anjo e os outros dois, como declara o Texto, appareceram a Abrahão em figura de homens, *apparuerunt ei tres viri:* e elle os tratou, e elles se deixaram tratar em tudo como homens, acceitando a sua meza e os outros agasalhos da hospedagem. E porque os homens prudentes na consideração da incerteza e contingencia da morte, quando promettem alguma coisa de futuro, acrescentam - se Deus me der vida; por isso o anjo acrescentou a mesma condição, *vita comite;* porque não fallava como anjo, que era, senão como homem, cuja figura representava. Do mesmo modo, e com a mesma e ainda maior propriedade, fallou o anjo Raphaël na resposta que deu a Tobias. Fazia figura de homem, e para fazer bem a figura, uma vez que lhe perguntaram: Vós quem sois? não havia de dizer o que era, havia de dizer o que não era; e assim o fez: porque não ha propriedade mais propria dos homens, que perguntados o que são, dizerem uma coisa e serem outra. E notae

[1] *Gen.*, XVIII, 10 e 14.

que vindo o anjo vestido em um pelote, e representando um caminheiro, parece que era mais natural dizer, que era filho de um lavrador, ou de um pastor d'aquelles campos; e comtudo não disse senão que era filho de Ananias, o Grande: porque não ha homem de pé, tão de pé, nem caminheiro tão caminheiro, que se lhe perguntarem d'onde vem, não diga que vem lá do grande Ananias: *Ego sum Ananiæ Magni filius.*

Assim como Tobias ao anjo, assim perguntaram hoje os Sacerdotes e Levitas ao Baptista: *Tu quis es?* Que responderia aquelle grande varão? *Et confessus est, et non negavit: et confessus est: quia non sum ego Christus:* [1] E confessou, e não negou, e confessou que não era elle o Messias. Em toda a Sagrada Escriptura não ha tal modo de fallar como este. Repetiu o Evangelista tres vezes a mesma affirmação (dizem os Doutores porque lhe pareceu que fôra tão grande coisa confessar o Baptista que não era o Messias, que se o dissera menos vezes, nem elle se acabára de explicar, nem nós acabaramos de o crêr. Ora a mim nunca me pareceu esta acção do Baptista tão grande como a fazem. Que havia de fazer o Baptista, havia de dizer que era o Messias? O Baptista nem o podia cuidar com razão, nem o podia dizer em consciencia: não o podia cuidar com razão, porque elle sabia mui bem que era da tribu de Levi, e que o Messias havia de ser da tribu real de Judá; não o podia dizer em consciencia, porque seria peccar na mais grave materia que houve nunca no mundo. Pois porque repetem tanto os Evangelistas, e porque exaggeram tanto todos os Santos e Doutores da Egreja esta acção do Baptista? Porque é tão natural aos homens cuidarem mais de si, do que são, e dizerem mais de si, do que cuidam, que não negar o Baptista a razão, e não atropellar a consciencia n'este caso, se tem pela maior de todas as façanhas humanas. Que lhe perguntassem a um homem: *Tu quis es?* E que estivesse em sua mão dizer que era o Messias, e que o não fizesse! Diga-o tres vezes o Evangelista, para que acabe de o crêr a fé: *Et confessus est, et non negavit: et confessus est: quia non sum ego Christus.*

---

[1] *Joan.*, I, 20.

III

Em fim, os embaixadores se tornaram do deserto sem acharem quem lhes dissesse quem era o Messias. Mas povoado sei eu d'onde elles não haviam de levar a embaixada debalde. Se os Sacerdotes e Levitas desembarcassem em outras praias, e viessem pelas casas mais altas perguntando: *Tu quis es?* como é certo que a poucos passos haviam de achar o Messias! E aonde? A uma legoa de Belem, sem ser em Palestina. Um haveria de dizer, que elle era o Messias, porque a elle se deve a nossa Redempção: *Ipse veniet, et salvabit nos.* [1] Outro haveria de dizer, que elle era o Messias, porque sobre seus hombros carregava todo o pezo da monarchia: *Cujus imperium super humerum ejus.* [2] Outro heveria de dizer, que elle era o Messias, porque o seu conselho é o nosso anjo da guarda: *Et vocabitur magni consilii angelus.* Outro haveria de dizer, que elle era o Messias, porque na sua pena consiste a nossa saude: *Et sanitas in pennis ejus.* [3] Outro haveria de dizer, que elle era o Messias, porque a paz que estes annos se gozou, foi fructo da vara de sua justiça: *Erit in diebus ejus justitia, et abundantia pacis.* [4] Outro heveria de dizer, que era o Messias, porque elle é o Deus das armas, que com seu valor nos sustenta: *Vocabitur nomen ejus Deus fortis.* Só não haveria de haver quem dissesse, que era o Messias, por se apressar acceleradamente a vencer e tirar despojos: *Voca nomen ejus, accelera, festina, spolia detrahere;* [5] porque ainda que ás guerras nos inclinamos com grande valor, ás victorias caminhamos com grande madureza.

Por todas estas razões me parece que haveria de haver maior demanda na nossa côrte sobre o Messiado, do que a houve entre os Apostolos sobre a maioria.

---

[1] *Isai.*, XXXV, 4.
[2] *Ibid.*, IX, 6.
[3] *Malach.*, IV, 2.
[4] *Psal.*, LXXI, 7.
[5] *Isai.*, VIII, 3.

E verdadeiramente que se vêem hoje muitas coisas d'aquellas que os Prophetas antigamente deram por signaes dos tempos do Messias. O Messias, dizem os Prophetas, que havia de dar olhos a cegos, pés a mancos, limpeza a leprosos, e vida a mortos: *Tunc saliet sicut cervus claudus, et aperta erit lingua mutorum, etc.* [1] E todos estes milagres vêmos em nossos dias. Quantos cegos vêmos hoje com olhos; quantos mancos e paralyticos postos em pés; quantos aleijados com mãos, e com muita mão; quantos leprosos limpos; e quantos mortos, ou que devêram estar mortos e sepultados, resuscitados e com vida? Pois o poder, em cuja virtude se fazem estes milagres, como se ha-de negar de Messias? Dizem mais os Prophetas, que no tempo do Messias, as lanças e as espadas se converteram em foices: *Constabunt gladios suos in vomeres, et lanceas suas in falces.* [2] E em tempo, que ou por beneficio da paz presente, ou por esquecimento da guerra futura, as armas que se fizeram para ferir, se occupam em segar; em tempo que as caixas tocam a marchar, e as tropas marcham a recolher, e em que os despojos que haviam de ornar os templos e armar os armazens communs, enchem os celleiros particulares; como não ha-de haver quem se jacte de Messias? Dizem mais os Prophetas, que no tempo do Messias, os montes se humilhariam, e se encheriam os valles: *Omnis vallis implebitur, et omnis mons, et collis humiliabitur.* [3] Oh quantos montes, que em tempos passados tocavam com o cume as estrellas, se vêem hoje, ou já senão vêem de humilhados, e quantos valles, pelo contrario, pouco ha tão humildes, hoje tão levantados e tão cheios! E a fortuna que fez estes altibaixos, ou seja desigualdade, ou se chame justiça, como se não ha-de ter por fortuna de Messias? Dizem mais os Prophetas, que no tempo do Messias viveriam os lobos juntos com os cordeiros, e que o leão e o boi se sustentariam do mesmo mantimento: *Habitabit lupus cum agno, et leo quasi bos comedet paleas.* [4] Se os lobos não fossem tão sagazes

[1] *Isai.*, XXXV, 6.
[2] *Ibid.*, II, 4.
[3] *Ibid.*, XL, 4.
[4] *Ibid.*, II, 6 e 7.

em despintar a pelle, com os olhos se pudéra provar hoje o cumprimento d'esta prophecia. Ainda mais que dos lobos, me temera eu dos leões com palhas na bocca. Mas quando ha quem domestique leões a que sejam animaes de Presepio, os auctores d'estas industrias, ou d'estes milagres, porque não presumiriam de Messias?

IV

Não ha duvida que tem grande analogia a nossa era com a do Messias, e que parece pódem competir os milagres (não digo os vicios) dos nossos tempos com as felicidades dos seus. Mas pelo mesmo caso, que se parecem tanto, não quizera eu que a muita similhança mal entendida acertára de se nos converter em tentação. E porque não fio tanto de nossa modestia, como da de S. João Baptista, saiba cada um e desengane-se, por mais que se pinte maravilhoso no seu conceito, que lhe falta para Messias a condição principal. E qual é a principal condição de Messias? É aquella, com que o definiu e assignalou Deus, quando o prometteu a Abrahão: *In semine tuo benedicentur omnes.* [1] No Messias, que nascer de vós, serão abençoados todos. Se tendes benção para todos, dou-vos licença que entreis em presumpção de Messias: mas se tendes benção para uns, e para outros não, despedi-vos d'esse pensamento.

Quando o anjo annunciou á Senhora que havia de ser mãe do Messias, acrescentou estas palavras: *Dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus, et regnabit in domo Jacob in æternum:* [2] Dar-lhe-ha o Senhor Deus o throno de David seu pae, e reinará na casa de Jacob para sempre. N'esta ultima clausula reparam com razão todos os interpretes, porque diz o anjo, que reinará o Messias na casa de Jacob, e não na casa de Abrahão, ou na casa de Isaac? Se Abrahão e Isaac não foram reis, tambem Jacob não teve sceptro nem corôa; antes Abrahão foi vencedor famoso de

[1] *Genes.*, XXII, 18.
[2] *Luc.*, I, 32.

cinco reis, que em certo modo é mais que ser rei. Isaac e Abrahão eram mais antigos que Jacob: e a promessa do Messias foi feita a Abrahão, quando acabava de embainhar a espada d'aquella grande façanha do sacrificio de Isaac: pois porque não diz o anjo, que reinará o Messias na casa de Abrahão ou na casa de Isaac, senão na casa de Jacob? Vêde a razão, que é altissima. Na casa de Abrahão houve dois filhos, Isaac e Ismaël; mas para Isaac houve benção, para Ismaël não houve benção. Na casa de Isaac houve outros dois filhos, Esaü e Jacob; mas houve benção para Jacob, e não houve benção para Esaü. Na casa de Jacob pelo contrario houve doze filhos, e foi tão abençoada aquella casa, que para todos os doze filhos houve benção. Por isso, pois, diz o anjo que reinará o Messias na casa de Jacob, e não na casa de Isaac, nem na casa de Abrahão; porque o Messias não é como Abrahão, nem como Isaac, que tem benção para uns, e para outros não: é como Jacob, filho de um, e neto do outro, no qual se cumpriu a prophecia e teve benção para todos: *In semine tuo benedicentur omnes.* Só quem teve benção para todos os do mundo, foi verdadeiro Messias do mundo: e só quem tiver benção para todos os de um reino, será verdadeiro Messias d'elle.

Se lançarmos os olhos pelo nosso na mudança ou fortuna presente, não me atreverei eu a provar que todos teem benção; mas que teem benção muitos mais d'aquelles que o cuidam, as mesmas bençãos de Jacob nol-o farão evidente. Chamou Jacob a seus filhos para lhes deitar a benção a todos antes de morrer, e é notavel a differença de palavras e comparações com que fez esta ultima cerimonia. Chegou Judas, e deu-lhe benção de leão: *Sedens accubuisti ut leo.* [1] Chegou Nepthali, e deu-lhe benção de cervo: *Nephtali cervus emissus.* [2] Chegou Dan, e deu-lhe benção de serpente: *Fiat Dan coluber in via.* [3] Chegou Isachar, e deu-lhe benção de jumento: *Issachar asinus fortis.* [4]

---

[1] *Gen.*, XLIX, 9.
[2] *Ibid.*, v. 21.
[3] *Ibid.*, XVII, 27.
[4] *Ibid.*, v. 14.

Chegou Benjamin, e deu-lhe benção de lobo: *Benjamin lupus rapax.* [1] Valha-me Deus, que desigualdade de benções, umas a uns tão altas, e outras a outros tão baixas! A um benção de serpente e a outro de cervo? A um benção de leão, a outro de lobo, a outro de jumento? Sim; e era pae quem as dava, e eram filhos os que as recebiam: para que se entenda que a diversidade das benções não argue desigualdade de amor em quem as dá, senão differença de merecimentos em quem as recebe. A Judas, que tinha valor e generosidade, dá-se-lhe benção de leão; a Nepthali, que tinha presteza, mas não tinha valor, dá-se-lhe benção de cervo; a Dan, que tinha prudencia, mas tinha peçonha, dá-se-lhe benção de serpente; a Isachar, que tinha forças, e não tinha juiso, dá-se-lhe benção de jumento; a Benjamin, que tinha ousadia, mas junta com voracidade, dá-se-lhe benção de lobo. Não estão mui bem repartidas as benções? Quem haverá que o negue? Mas sabeis porque ninguem está contente com a sua benção? Porque a todos falta o conhecimento do *Tu quis es.* Conheça-se cada um, e estarão contentes todos. Conheça o leão, que é leão; conheça o cervo, que é cervo; conheça a serpente, que é serpente; conheça o lobo, que é lobo; conheça o jumento que é jumento, e logo estarão contentes. Mas como todos se cegam no juiso de si mesmos, todos querem benção fóra da sua especie.

No principio do mundo deitou o Creador a sua benção aos animaes e ás plantas: *Benedixit eis.* [2] Disse-lhes a todos que crescessem: *Crescite et multiplicamini;* [3] mas nota a Escriptura que tudo foi *secundum species suas:* [4] cada creatura conforme a sua especie. Contente-se cada um de crescer dentro de sua especie; contente-se cada um de crescer dentro da esphera do talento que Deus lhe deu, e logo conhecerão todos, que tem benção cada um no seu elemento. No ar contente-se a andorinha com ser andorinha: e que maior benção que poder morar nos

---

[1] *Ibid.*, v. 27.
[2] *Genes.*, I, 22.
[3] *Ibid.*
[4] *Ibid.*, 24.

palacios dos reis? No mar contente-se a remora com ser remora: e que maior fortuna, que sendo tamanina, poder ter mão em uma náu da India? Na terra contente-se a formiga com ser formiga: e que maior felicidade, que ter o celleiro provido para o verão e para o inverno? Mas por todos os elementos se adoece de melancolia; porque nenhum se contenta com o crescer dentro da sua especie: a andorinha quer subir a aguia; a remora quer crescer a baleia; a formiga quer inchar a elephante. Porque as formigas se fazem elephantes, não basta toda a terra para um formigueiro. Nas plantas temos eguaes exemplos d'este engano e d'esta verdade. A arvore mais anã é maior que a herva gigante: e comtudo de quantas coisas aquenta o sol, nenhuma lhe é mais agradecida que esta herva. Desde que o sol nasce, até que se põe, vae sempre a herva gigante acompanhando-o desde a terra, seguindo-o com tanta inclinação e adorando-o com tanta reverencia, como vêmos. Pois, hervasinha do campo, que agradecimentos ao sol são estes? Não vêdes tantas arvores e tantas plantas que recebem do sol tanto mais que vós? Pois porque lhe haveis vós de ser a mais agradecida de todas? Porque me meço dentro da minha esphera; conheço, que sou herva, e acho que ninguem deve mais ao sol que eu, porque me fez gigante das hervas. Se cada um se medira com os compassos da sua esphera, oh quantos se haviam de achar gigantes! Porque vos haveis de descontentar da vossa benção, porque haveis de ser ingrato ao sol, se vos fez gigante das hervas? Não digo bem: se das hervas vos fez gigante? Oh quantos gigantes ha desagradecidos! Muito é de notar a tristeza de um cypreste em tanta altura! Se o cypreste lá de cima olhára para o vulgo das plantas, e ainda para a nobreza das arvores que lhe ficam abaixo, elle vivera não só contente, senão ainda soberbo. Mas o cypreste lá do alto descobre os cedros do monte Libano, e como vê que a natureza os fez torres, vive elle descontente de ser pyramide. Como cada um se não mette e se não mede dentro da sua esphera, ainda que seja cypreste, que tantas vezes vê seus troncos sobre os altares, não póde viver contente. Não digo que não trate cada um de crescer, mas conheça cada um o que é: *Tu quis es?* E depois cresça conforme a sua especie: *Secundum speciem suam.*

Desenganemo'-nos, que o crescer fóra da propria especie, não é augmento, é monstruosidade: ao menos benção não é. Uma das coisas dignas de reparo que tiveram as bençãos de Jacob a seus filhos, foi a benção de Ruben e de José. A José deu-lhe Jacob por benção, que crescesse: *Filius accrescens Joseph, filius accrescens:* [1] A Ruben deu-lhe Jacob por benção, que não crescesse: *Ruben primogenitus meus non crescas.* [2] E' possivel que tambem um *non crescas* se dá por benção! E' possivel que tambem póde ser benção o não crescer! Diga-o a lua: nenhuma benção se podia dar á lua mais venturosa, que o não crescer, porque se não crescêra, não minguára. A quantos tem servido o demasiado crescer, não de benção, senão de maldição! Mas porque razão em José é benção o crescer, e em Ruben é benção o não crescer? Os procedimentos e as acções do mesmo Ruben e do mesmo José o digam. O crescer nos que o merecem, é crescimento; o crescer nos que o não merecem, é crescença: e o crescimento é grandeza, a crescença é fealdade. Se podeis crescer por crescimento, crescei com a benção de Deus: *Filius accrescens;* mas se não podeis crescer senão por crescença, tende por benção o não crescer: *Non crescas.* Conheça cada um a sua esphera: *Tu quis es;* e acharão todos, ou quasi todos, que teem benção: *In semine tuo benedicentur omnes.* Com este conhecimento acabarão de entender que teem entre si o verdadeiro Messias, como disse o Baptista: *Medius vestrum stetit quem vos nescitis;* [3] e deixarão de o ir buscar aos desertos, onde o não ha: *Et confessus est, et non negavit, quia non sum ego Christus.*

V

Desenganados os embaixadores, de que o Baptista não era o Messias, foram por diante com a questão do *Tu quis es:* e perguntaram se era ao menos Elias:

---

[1] *Genes.*, XLIX, 22.
[2] *Ibid.*, 34.
[3] *Joan.*, I, 26.

Elias es tu? [1] Sois vós por ventura Elias? Ás vezes as menores tentações, principalmente em gente escrupulosa, são mais difficultosas de vencer, que as maiores: mas a constancia do Baptista de todos os modos era invencivel. Assim como á primeira pergunta respondeu, que não era Messias: *Non sum ego Christus;* assim respondeu á segunda, que não era Elias: *Non sum.* Que tem irem-se buscar as coisas onde as não ha! Diz o Texto que: *Hæc facta sunt trans Jordanem:* [2] que isto aconteceu da banda d'além do Jordão. Se vieram os embaixadores da banda d'aquem do Téjo, eu vos prometto que elles achariam a Elias. *Tu quis es?* Vós quem sois? *Elias es tu:* Sois por ventura Elias? Por ventura? E d'isso se duvida? Pois quem é o Elias senão eu? O meu zelo do bem commum; o meu zelo da fé e da christandade; o meu zelo do serviço do rei; o meu zelo da conservação e augmento da patria. Se ser Elias é isto, ninguem é Elias como eu. Ao menos na presumpção eu vol-o concedo. Só isso me parece que tendes de Elias: cuidar que não ha outro Elias, senão vós. Dizia Elias antigamente: *Zelo zelatus sum pro Domino Deo exercituum, et relictus sum ego solus:* [3] Eu só sou o que zelo a honra de Deus, todos os outros são idolatras, e não tem Deus no mundo mais que a mim. No mesmo dia em que Elias disse isto, lhe mostrou Deus que tinha na mesma terra sete mil que não dobravam o joelho diante de Baal: *Derelinquam mihi in Israel septem millia virorum, quorum genua non sunt incurvata ante Baal.* [4] Quando Elias cuida que não ha outro Elias no mundo como elle, ha quando menos sete mil. Cuidaes que sois um homem unico, e não só sois homem de duzias, senão de milhares, ou de milheiros: ha sete mil como vós, e póde ser que melhores.

Não se queixará Elias de lhe medirmos o seu espirito pela sua capa, pois elle assim o fez. Ora cotejemos a capa de Elias com outra d'outro Prophela quasi do mesmo nome (Ahias), e verá Elias, o que

[1] *Joan.*, I, 21.
[2] *Ibid.*, 28.
[3] *3.º Livr. dos Reis*, XIX, 14.
[4] *Ibid.*, 18.

se reputa por unico, quanto vae de capa a capa, de espirito a espirito, e de zelo a zelo. Encontrou-se uma vez Ahias com Jeroboão (então era criado de Salomão, e não rei) e trazia o Propheta n'aquelles dias uma capa nova: *Pallium suum novum*, [1] diz o Texto, para que não cuideis que é malicia reparar na novidade das capas; o mesmo Espirito Santo, Auctor das Escripturas, repara n'estas novidades. Emfim, Ahias tirou a sua capa nova dos hombros, puxou logo de umas thesouras, cortou uma vez, cortou outra, até onze vezes, com que ficou a capa dividida em doze partes: e disse que do mesmo modo se dividiria o reino de Salomão em doze Tribus, das quaes as dez seriam de Jeroboão: *Ecce ego scindam regnum de manu Salomonis, et dabo tibi decem Tribus.* [2] Assim o disse o Propheta, e assim foi; porque o reino das doze Tribus, se dividiu em reino de Israël e reino de Judá. Mas vamos á capa. De maneira que Ahias antes da divisão dos reinos, tinha a sua capa muito nova e muito sã, depois que os reinos se dividiram, anda com a capa feita em retalhos. Oh quantos vêmos vestidos hoje com o avesso da capa de Ahias! Antes da divisão dos reinos traziam a capa em retalhos, depois que os reinos se dividiram, trazem uma capa muito nova, e muito sã. Pois por certo que esta era a occasião em que as capas se haviam de fazer em retalhos: um retalho para cobrir o soldado, que anda despido; outro retalho para vestir o orphão, cujo pae morreu pelejando na campanha; outro retalho para fazer uma mantilha á viuva, que por zelo da patria chegou a tirar o manto, por não faltar á decima. Que diz agora Elias? *Quid dicis de te ipso?* Cortastes algum dia algum retalho da vossa capa? Tirastes algum fio d'ella? Callar. Eis ahi os vossos zelos. Mas vamos aos nossos.

Já eu me contentára com que os nossos zelosos ou zeladores fossem como Elias. Todos dizem, daremos as capas; mas o menos avarento é o que guarda só a sua. Quando Elias se partiu para o outro mundo, não teve de que testar mais, que da sua capa, que deixou a Eliseu. Se Deus hoje quizesse levar para o

---

[1] *3.º Livro dos Reis,* XI, 30.
[2] *Ibid.,* 31.

Paraiso terreal alguns dos valentes Elias do nosso Carmelo, para depois pelejarem com o Anti-Christo, eu vos prometto que se quizessem fazer bem e verdadeiramente seu testamento, que haviam de testar de ametade das capas do logar. E então muito comidos e muito carcomidos do zelo: *Zelus domus tuæ comedit me!* [1] Vós estareis comidos do zelo, mas estaes muito bem comidos. Ha uns a quem o zelo come, e ha outros que comem do zelo. E por onde se hão-de conhecer uns e outros? Tomando-lhes as medidas pela cintura. Se o zelo vos come a vós, a vossa substancia converte-se em zelo; e se vós comeis do zelo, o vosso zelo converte-se-vos em substancia. Oh quantos zelosos ha, que todo o seu zelo se lhes converte em substancia! Tomem-se as medidas, como dizia Roboão, e achar-se-ha que sois mais grosso hoje pelo dedo minimo, do que ereis antigamente pela cintura. Bom proveito vos faça o zelo, que tão bem se vos logra: signal é que o comeis vós a elle, e não elle a vós. Mas ou o vosso zelo coma ou jejue (que me não quero metter n'isso) ao menos venhamos a um partido. Se o zelo não ha-de comer, jejue em todos, e se ha-de comer, coma de todos: seja o vosso zelo comvosco, e com os vossos, como com os demais, e não haverá quem se queixe d'elle.

Zeloso Elias contra os peccados do povo, chegou a tal extremo, que disse estas palavras: *Vivit Dominus, in cujus conspectu sto, si erit ros, et pluvia:* [2] Vive Deus, em cuja presença estou, que não ha-de chover do céo, nem cahir uma gota de orvalho sobre esta má terra. Assim o jurou Elias, e assim o cumpriu, porque tres annos inteiros estiveram os céos como se fossem de bronze, sem os abrandarem, nem os clamores dos homens, nem os balidos e mugidos dos animaes innocentes que pastavam pelos campos, e pereciam de sêde. Seccaram-se as fontes, seccaram-se os rios, e até as lagrimas se seccaram: sendo circumstancia cruel de calamidade, não poderem chorar o mal os mesmos que o padeciam. Tudo isto via Elias podendo-o remediar facilmente, porque Deus

---

[1] *Psal.*, LXVIII, 10.
[2] *3.º Livr. dos Reg.*, XVII, 1.

lhe entregára na mão as chaves das nuvens; mas ia o rigor por diante. Tudo estava secco, mas as entranhas de Elias mais que tudo. Que se portasse com este rigor um Propheta, não me espanto; que a quem conhece bem a graveza dos peccados, todo o castigo, que não é o eterno, lhe parece muito pouco. O que me espanta é que soffressem os homens a Elias. E' possivel que se ha-de estar abrazando o mundo, e que tenha Elias em sua mão o remedio, e que o não queira dar? E' possivel que se esteja abrazando o mundo, e que não querendo Elias dar o remedio que tem em sua mão, que soffram os homens a Elias? Sim: sabeis porque o soffriam? Porque ainda que Elias tinha as chaves, tanto fechava as fontes para si, como para os demais. Os outros estam necessitados, e Elias andava mendigando; os outros estavam a ponto de morrer, e Elias vivia de milagre; os outros seccavam-se á sede, e Elias abrazava-se e mirrava-se. Isto sim, que é ser zeloso. Mas que na vossa casa corram as fontes, e que nas outras se sequem! Que sobre as vossas searas chovam as nuvens a rios, e que sobre as outras fira o sol a raios! Isto não é zelo. Se o tempo pede que haja sol, sequem-se todos: *Qui solem suum oriri facit super bonos, et malos.* [1] E se é razão que haja chuva, molhem-se todos: *Qui pluit super justos, et injustos.* E se o mesmo zelo dictar que entre os máus e bons, entre os justos e os injustos, haja differença, haja differença; mas seja qual convem: o mal carregue para os máus, mas seja para todos os máus; e o bem incline para os bons, mas seja para todos os bons. Esta é a condição do verdadeiro zelo: *Dura sicut infernus æmulatio:* diz o Espirito Santo: [2] que o zelo é como o inferno. Notavel comparação! O zelo, uma virtude tanto do céo, ha-de comparar-se ao inferno? Sim: não conheceis as virtudes do inferno. Sabeis porque se compara o zelo ao inferno? Porque o inferno é um fogo que a nenhum bom offende, e a nenhum máu perdôa. Mas o fogo do vosso zelo não é assim: entre os máus tem

[1] *Math.*, v, 45.
[2] *Cant.*, VIII, 6.

seus predestinados, a quem não toca, e entre os bons tem seus precitos, a quem abraza. Oh rigor mais que infernal! Não vos digo já que sejaes como os santos do paraiso; ao menos não sereis como o fogo do inferno? E então muito presados de Elias! Quando muito tereis a sua capa. Elias foi-se para o céo, e deixou a Eliseu a sua capa. O zelo foi-se, e ficou a capa do zelo. E quantas maldades se commettem debaixo d'esta honrada capa!

Levou Deus um dia em espirito ao Propheta Ezechiel a Jérusalem, e o que viu o Propheta foi uma parede ou fachada em que estava um idolo do zelo: *Et ecce idolum zeli in ipso introitu:* [1] Cuidas tu, Ezechiel, diz Deus, que não ha aqui mais que o que apparece? Ora rompe essa parede, e verás. Rompeu a parede Ezechiel, entrou, e viu uma casa em que estavam pintadas pelas paredes cobras, lagartos, basiliscos, serpentes, e outros monstros horriveis, e no meio setenta homens de cãs, que com thuribulos na mão os incensavam: *Et septuaginta viri de senioribus domus Israël, stantium ante picturas, et unusquisque habebat, thuribulum in manu sua.* [2] Adeante, diz Deus a Ezechiel. Passa Ezechiel outra parede: *Et ecce sedebant mulieres plangentes Adonidem:* e viu muitas mulheres assentadas, que estavam chorando por Adonis. Sabida é a fabula, ou a historia de Adonis, e as gentilidades que nasceram de sua gentileza; e por este estavam chorando vestidas de luto e desgrenhadas. Por deante, Ezechiel, diz Deus terceira vez. Passa Ezechiel a terceira parede: *Et ecce quasi viginti quinque viri dorsa habentes contra templum Domini:* [3] e viu vinte e cinco homens que estavam com as costas viradas para o templo do Senhor: *Et facies ad Orientem, et adorabant ad ortum solis:* e todos estavam com os olhos postos no Oriente, e com os joelhos em terra, adorando ao sol que nascia. Eis aqui o que Deus mostrou a Ezequiel, e o que passa no mundo, ainda que se não veja. Se olhares aos homens para as primeiras paredes, não vereis mais

[1] *Ezech.*, VIII, 5.
[2] *Ibid.*, 11.
[3] *Ibid.*, 16.

que um idolo do zelo; tão zelosos e tão zeladores, que parecem uns idolatras do zelo; mas detraz d'essa parede do zelo, que é o que se faz? Uns estão chorando por Adonis; outros estão adorando o sol que nasce; outros estão incensando altares prohibidos; e muitos, ainda mal, com as costas viradas para o templo de Deus. Por fóra não ha mais que zelo; mas dentro ha cobras e lagartos; ha basiliscos e serpentes; ha monstros e monstruosidades, ha coisas que estão fechadas a tres paredes. Elias por fóra, idolatrias por dentro. Se houvesse quem rompesse paredes, oh quantas coisas havia de vêr o mundo! Este é o zelo, estes são os zelosos, estes são os Elias: *Elias es tu.*

VI

Ouvida a resposta do Baptista, que não era Elias, instaram terceira vez os embaixadores, e perguntaram: *Propheta es tu?* [1] Já que não sois Elias, ao menos sois propheta? A esta pergunta respondeu o Baptista ainda mais secca e mais abreviadamente: *Non:* Não. Já sabeis que havemos de fazer a mesma pergunta na nossa terra. *Propheta es tu? Quid dicis de te ipso?* Vós que tantas coisas dizeis de vós, sois tambem Propheta? *Propheta et plusquam Propheta.* Os vossos discursos são vaticinios: as vossas proposições são revelações; os vossos dictames são prophecias; os vossos futuros não teem contingencia; o que succede depois é tudo o que dissestes antes; tendes intelligencias na secretaria do Espirito Santo; não se decreta lá coisa que se não registre primeiro comvosco. Basta isto? Ainda tendes mais. Se se tratam materias de estado, sois um propheta Daniel; se se tratam materias de guerra, sois um propheta Isaias; se se tratam materias de mar, sois um propheta Jonas; se se tratam materias ecclesiasticas, sois um propheta Ezechiel; se fazeis advertencias aos reis, sois um propheta Nathan; se choraes as calamidades do povo, sois

[1] *Joan.*, I, 21.

um propheta Jeremias; se pedis soccorros ao céo, sois um propheta Baruc; e se tendes algum interesse, como tendes muitos, sois um propheta Balaam. Muitas graças sejam dadas a Deus, que nos deu tantos prophetas na nossa edade. Não debalde estão prognosticadas tantas felicidades ao nosso reino. Não poderá elle deixar de ser muito glorioso, tendo dentro em si tantos e taes prophetas. Christo Senhor nosso nasceu entre dois animaes; morreu entre dois ladrões; e transfigurou-se entre dois prophetas; entre dois animaes esteve pobre; entre dois ladrões esteve crucificado; entre dois prophetas esteve glorioso. Tenham os reis prophetas ao lado, e elles terão seguras as suas glorias. Mas que prophetas? Moysés e Elias: um morto, outro vivo: mas ambos do outro mundo. Ora já que importa tanto ao reino o ter prophetas, examinemos o *Propheta es tu*, e vejamos por onde se hão-de conhecer os verdadeiros prophetas.

Primeiramente advirto que os prophetas não se hão-de conhecer, nem avaliar pelo numero. Ainda que sejam mais os que dizem uma coisa, nem por isso se hão-de ter por prophetas. Ouvi uma grande historia do terceiro Livro dos Reis. Havendo tres annos que el-rei Acab estava em paz com todas as nações visinhas, entrou-lhe em pensamento se iria fazer guerra a el-rei da Syria, o qual lhe tinha tomado a cidade e terras de Ramoth Galaad. Para isto chamou o conselho dos prophetas, e diz o Texto Sagrado, que se ajuntaram quatrocentos prophetas: *Congregavit rex Israël prophetas, quadringentos circiter viros.* [1] A proposta foi esta: *Ire debeo in Ramoth Galaad ad bellandum, an quiescere?* Devo ir fazer guerra a Ramoth Galaad, ou aquietar-me? E a razão da proposta era: *An ignoratis quod nostra sit Ramoth Galaad, et negligimus tollere eam de manu regis Syriæ?* [2] Que as terras de Ramoth eram d'aquella corôa, e que parecia negligencia não as recuperarem da mão dos Syrios. Ouvida a proposta e a razão d'ella, responderam todos os prophetas a uma voz: que se fizesse a guerra, que

[1] *3.º Livr. dos Reis*, XXII, 6.
[2] *Ibid.*, 3.

Deus daria a sua magestade victoria: *Ascende, et dabit eam Dominus in manu tua.*[1] Com este bom annuncio dos prophetas resolveu Acab de fazer a guerra; mas para entrar n'ella com vantagem, pediu a el-rei Josaphat, seu confederado, que o quizesse ajudar na empreza. Disse Josaphat, que sim: mas que se houvesse algum Propheta do Senhor, folgaria que o consultassem tambem. Respondeu Acab, que alli havia um Micheas, homem a quem elle aborrecia muito, porque sempre lhe fallava contra o gosto, e nunca lhe prophetisára bem: *Remansit vir unus, sed ego odi eum, quia non prophetat mihi bonum, sed malum.*[2] Levou-se logo recado a Micheas que viesse, e diz o Texto, que o que deu o recado disse a Micheas, que supposto que el-rei tinha quatrocentos prophetas que lhe aconselhavam a guerra, que fosse elle tambem da mesma opinião, e que fallasse ao gosto: *Sit sermo tuus similis eorum, et loquere bona.*[3] Que responderia Micheas? O que deve fazer em similhantes casos todo o homem de bem: *Vivit Dominus, quia quodcumque mihi dixerit Dominus, hoc loquar.* Vive Deus, que não hei-de dizer outra coisa, senão o que o mesmo Deus me inspirar, e o que entender em minha consciencia.

Finalmente, chegou Micheas á presença dos reis: propoz-se-lhe o caso: respondeu que se não fizesse a guerra, porque se havia de perder o rei e o exercito. Notavel encontro de prophetas! Que vos parece que devia fazer Acab n'este caso? Por uma parte quatrocentos prophetas que lhe aconselhavam que fizesse a guerra, e por outra um Propheta, dizendo que a não fizesse? Resolveu el-rei Acab o que eu lhe aconselhára nas circumstancias presentes, ainda que fôra da opinião de Micheas. Mandou que se fizesse a guerra: e isto por tres razões: Primeira, porque havia muitos annos que estava em paz com todos os principes visinhos: e quando as armas estão desembaraçadas e ociosas, é bem que se empreguem nas gloriosas empre-

---

[1] *Ibid.*, 6.
[2] *Ibid.*, 8.
[3] *Ibid.*, 13 e 14.

zas; segunda, porque as terras de Ramoth Galaad pertenciam á sua corôa, e as terras da corôa hão-de fazer os reis o possivel e o impossivel, porque não estejam em mãos de inimigos. Cada torrão das terras conquistadas, se se espremer, ha-de deitar muito sangue de vassallos, e o que custou este preço, não se ha-de dar por nenhum preço; terceira e principal razão, porque ainda que as razões de Micheas fossem boas, estavam pela outra parte quatrocentos prophetas, a quem parecia o contrario: e nas materias publicas, é bem que se conformem os reis, quanto puder ser, com o sentimento commum. Só por esta ultima razão (quando não houvera outras) aconselhára eu a Acab que, nas circumstancias presentes, fizesse a guerra, e isto ainda depois de ouvir a Micheas, em cujo parecer não havia risco, porque os dictames praticos devem-se mudar todas as vezes que se mudam as circumstancias. O medico, conforme os preceitos da arte, manda que se corte o braço gangrenado, para que se salve o corpo; mas se o enfermo repugna, e não se accommoda, tem a medicina outro dictame pratico, com que manda applicar remedios menos violentos, ainda que sejam menos seguros. Conforme a este dictame seguiu el-rei Acab o parecer dos quatrocentos prophetas e resolveu que se fizesse a guerra: tocam-se as trombetas, marcha o exercito, dá-se a batalha sobre Ramoth; mas a poucas horas de peleja ficou o exercito desbaratado e Acab perdido. Notavel caso! Vêde como são diversos os successos e os juisos humanos, e a differença que vae de prophetas a Prophetas. De uma parte estavam quatrocentos prophetas, da outra parte estava um só Propheta: o rei inclinou para a parte onde estavam quatrocentos, e o successo cahiu para a parte onde estava um. Por isso digo, que as prophecias não se hão-de julgar pelo numero. As prophecias chamam-se na Escriptura pezo: *Onus Ninive*, *Onus Assyriæ*, *Onus Ægypti*. Pezo de Ninive, quer dizer, prophecia de Ninive; pezo de Assyria, quer dizer, prophecia de Assyria; pezo de Egypto, quer dizer, prophecia do Egypto. Os prophetas hão-de-se pezar, não se hão-de contar. Os quatrocentos prophetas, contados, eram mais que Micheas; Micheas, pezado, era mais que os quatrocentos.

VII

Supposto, pois, que os prophetas se não hão-de conhecer pelo numero, por onde se hão-de conhecer? Por tres coisas: pelos olhos, pelo coração e pelos successos. Conhecem-se os verdadeiros Prophetas pelos olhos, porque o vêr é o fundamento do prophetisar. Os Prophetas na Escriptura chamam-se *Videntes:* os que vêem. Só os que vêem são Prophetas. Assim como a mais nobre prophecia sobrenatural consiste na visão, assim a mais certa prophecia natural consiste na vista. Só quem viu póde prophetisar naturalmente com certeza. E a razão é muito clara. A prophecia humana consiste no verdadeiro discurso; o discurso verdadeiro não se póde fazer sem todas as noticias; e todas as noticias só as póde ter quem viu com os olhos. Nenhuma coisa houve mais assentada na antiguidade, que ser inhabitavel a zona torrida; e as razões com que os philosophos o provavam, eram ao parecer tão evidentes, que ninguem havia que o negasse. Descobriram, finalmente, os pilotos e marinheiros portuguezes as costas da Africa e da America, e souberam mais e philosopharam melhor sobre um só dia de vista, que todos os sabios e philosophos do mundo em cinco mil annos de especulação. Os discursos de quem não viu, são discursos; os discursos de quem viu, são prophecias.

O outro signal da prophecia é o coração; porque conforme cada um tem o coração, assim prophetisa. Os antigos, quando queriam prognosticar o futuro, sacrificavam os animaes, consultavam-lhes as entranhas, e conforme o que viam n'ellas, assim prognosticavam. Não consultavam a cabeça, que é o assento do entendimento, senão as entranhas, que é o logar do amor; porque não prognostica melhor quem melhor entende, senão quem mais ama. E este costume era geral em toda a Europa antes da vinda de Christo, e os portuguezes tinham uma grande singularidade n'elle entre os outros gentios. Os outros consultavam as entranhas dos animaes, os portuguezes consultavam as entranhas dos homens. Assim o diz Strabo no livro

terceiro: *Lusitanis vetus mos erat ex intestinis hominum exta prospicere, atque inde omina, et divinationes captare.* [1] Era costume dos antigos portuguezes (diz Strabo) consultar as entranhas dos homens que sacrificavam, e d'ellas conjecturar e adivinhar os futuros. A superstição era falsa, mas a allegoria era muito verdadeira. Não ha lume de prophecia mais certo no mundo, que consultar as entranhas dos homens. E de que homens? De todos? Não. Dos sacrificados. As entranhas dos sacrificados eram as que consultavam os antigos: primeiro faziam o sacrificio, então consultavam as entranhas. Se quereis prophetisar os futuros, consultae as entranhas dos homens sacrificados: consultem-se as entranhas dos que se sacrificaram e dos que se sacrificam; e o que ellas disserem, isso se tenha por prophecia. Porém consultar de quem não se sacrificou, nem se sacrifica, nem se ha-de sacrificar, é não querer prophecias verdadeiras; é querer cegar o presente, e não acertar o futuro.

O ultimo signal de conhecer prophetas, são os successos. No Deuteronomio prometteu Deus a seu povo, que lhe daria Prophetas; e o signal que lhe deu para os conhecer, foi só este: *Hoc vobis signum: quod propheta prædixerit, et non evenerit, hoc Dominus non est locutus.* [2] Quando duvidardes de ulgum se é Propheta, ou não, observareis esta regra: Se o que elle disser antes, succeder depois, tende-o por verdadeiro Propheta: mas se o que elle disser não succeder, tende-o por Propheta falso. Não póde haver signal, nem mais facil, nem mais certo. Sabeis a quaes haveis de ter por Prophetas? Sabeis de quaes haveis de cuidar que acertaram com os futuros? Aquelles de quem tiverdes experiencia, que tudo, ou quasi tudo o que disseram antes, veiu a succeder depois. Este dictame seguiu Pharaó com José; Nabuchodonosor com Daniel, e todos os principes prudentes com seus conselheiros. Mas assim como ha prophetas de antes, assim ha prophetas de depois.

---

[1] *Strab., Liv. 3.º*
[2] *Deut.*, XVIII, 22.

Ha muitos mui presados de prophetas, que depois de acontecerem os máus successos, então prophetisam pelo arrependimento, o que fôra melhor ter prophetisado antes pelo discurso. Este foi um dos tormentos da Paixão de Christo. Ataram a Christo um panno pelos olhos, davam-lhe com as mãos sacrilegas na sagrada cabeça, e diziam por escarneo, que prophetisasse quem lhe dera: *Prophetisa nobis Christe, quis est qui te percussit.* [1] Prophetisar depois de levar na cabeça, é prophecia de quem tem os olhos tapados: é escarneo da Paixão de Christo. Não haveis de prophetisar quem vos deu, senão quem vos póde dar; porque é melhor reparar os golpes, que cural-os; e se o successo mostrar que a prophecia foi certa, a quem a disser tende-o por Propheta: *Propheta es tu.*

VIII

Cançados, finalmente, os embaixadores de lhes responder o Baptista que não era Messias, nem Elias, nem Propheta; pediram-lhe, finalmente, que pois elles não acertavam a perguntar, lhes dissesse elle quem era. A esta instancia não póde deixar de deferir o Baptista. E que vos parece que responderia? *Ego sum vox clamantis in deserto:* [2] Eu sou uma voz que clama no deserto. Verdadeiramente não entendo esta resposta. Se os embaixadores perguntaram ao Baptista o que fazia, então estava bem respondido com a voz que clamava no deserto, porque o que o Baptista fazia no deserto, era dar vozes e clamar; mas se os embaixadores perguntavam ao Baptista quem era, como lhes responde elle o que fazia? Respondeu discretissimamente. Quando lhe perguntavam quem era, respondeu o que fazia; porque cada um é o que faz, e não é outra coisa. As coisas definem-se pela essencia: o Baptista definiu-se pelas acções; porque as acções de cada um, são a sua essencia. Definiu-se pelo que fazia, para declarar o que era.

---

[1] *Math.*, XXVI, 68.
[2] *Joan.*, I, 23.

D'aqui se entenderá uma grande duvida, que deixamos atraz de ponderar. O Baptista perguntado se era Elias, respondeu que não era Elias: *Non sum.* E Christo no capitulo onze de S. Matheus disse, que o Baptista era Elias: *Joannes Baptista ipse est Elias.* [1] Pois se Christo diz que o Baptista era Elias, como diz o mesmo Baptista que não era Elias? Nem o Baptista podia enganar, nem Christo podia enganar-se: como se hão-de concordar logo estes textos? Muito facilmente. O Baptista era Elias, e não era Elias, não era Elias, porque as pessoas de Elias e do Baptista eram diversas; era Elias, porque as acções de Elias e do Baptista eram as mesmas. A modestia do Baptista disse que não era Elias, pela diversidade das pessoas; a verdade de Christo, affirmou que era Elias, pela uniformidade das acções. Era Elias, porque fazia acções de Elias. Quem faz acções de Elias, é Elias; quem fizer acções de Baptista, será Baptista; e quem as fizer de Judas, será Judas. Cada um é as suas acções, e não é outra coisa. Oh que grande doutrina esta para o logar em que estamos! Quando vos perguntarem quem sois, não vades revolver o nobiliario de vossos avós, ide vêr a matricula de vossas acções. O que fazeis, isso sois, e nada mais. Quando ao Baptista lhe perguntaram quem era, não disse que se chamava João, nem que era filho de Zacharias; não se definiu pelos paes, nem pelo appellido. Só de suas acções formou a sua definição: *Ego vox clamantis.*

Muito tempo ha que tenho dois escandalos contra a nossa grammatica portugueza nos vocabulos do nobiliario. A' fidalguia chamam-lhe qualidade, e chamam-lhe sangue. A qualidade é um dos dez predicamentos a que reduziram todas as coisas os philosophos. O sangue é um dos quatro humores de que se compõe o temperamento do corpo humano. Digo, pois, que a chamada fidalguia não é sómente qualidade, nem sómente sangue; mas é de todos os dez predicamentos, e de todos os quatro humores. Ha fidalguia, que é sangue, e por isso ha tantos san-

[1] *Math.*, XI, 14.

guinolentos; ha fidalguia, que é melancolia, e por isso ha tantos descontentes; ha fidalguia, que é colera, e por isso ha tantos mal soffridos e insoffriveis; e ha fidalguia que é fleugma, e por isso ha tantos que prestam para tão pouco. De maneira, que os que adoecem de fidalguia, não só lhes pecca a enfermidade no sangue, senão em todos os quatro humores. O mesmo se passa nos dez predicamentos. Ha fidalguia, que é substancia, porque alguns não teem mais substancia que a sua fidalguia; ha fidalguia que é quantidade: são fidalgos porque teem muito de seu; ha fidalguia que é qualidade, porque muitos, não se póde negar, são muito qualificados; ha fidalguia que é relação: são fidalgos por certos respeitos; ha fidalguia que é paixão: são apaixonados de fidalguia; ha fidalguia que é *ubi:* são fidalgos, porque occupam grandes logares; ha fidalguia que é sitio, e d'esta casta é a dos titulos, que estão assentados, e os outros em pé; ha fidalguia que é habito: são fidalgos, porque andam mais bem vestidos; ha fidalguia que é duração: fidalgos por antiguidade. E qual d'estas é a verdadeira fidalguia? Nenhuma. A verdadeira fidalguia é acção. Ao predicamento da acção é que pertence a verdadeira fidalguia. Disse o grande fundador de Lisboa: *Nam genus, et proavos, et quæ non fecimus ipsi, vix ea nostra voco.* [1] As acções generosas, e não os paes illustres, são as que fazem fidalgos. Cada um é suas acções, e não é mais, nem menos, como o Baptista: *Ego vox clamantis in deserto.*

IX

D'esta doutrina tão verdadeira, e d'esta ultima conclusão do Baptista, tiro dois documentos, com que acabo: um politico, outro espiritual. Digo politicamente, que nas acções se hão-de fundar as eleições; digo espiritualmente, que nas acções se devem segurar as predestinações. As eleições ordinariamente fundam-se nas gerações, e por isso se acertam tão poucas vezes. Não nego que a nobreza, quando está

[1] Ulysses apud Ovidium. *Metamorph.*

junta com talento, deve sempre preceder a tudo; mas como os talentos Deus é quem os dá, e não os paes, não se devem fundar as eleições nas gerações, senão nas acções. Este dictame é o verdadeiro em todo o tempo, e muito mais no presente. No tempo da paz póde-se soffrer, que se deem os logares ás gerações; mas no tempo da guerra, não se hão-de dar senão ás acções. Viu o propheta Ezechiel no primeiro capitulo das suas revelações aquelle carro mysterioso, porque tiravam quatro animaes — homem, leão, boi e aguia; no capitulo decimo tornou a vêr o mesmo carro com os mesmos animaes, mas com a ordem trocada; porque na primeira visão tinha o primeiro logar o homem; na segunda visão tinha o primeiro logar o boi. Notavel mudança! Que o homem, na primeira visão, se anteponha ao leão, á aguia e ao boi, muito justo, porque o fez Deus senhor de todos os animaes; mas que o boi, que foi creado para o trabalho e para o arado, se anteponha a tres cabeças corôadas: ao homem, rei do mundo; ao leão, rei dos animaes; á aguia, rainha das aves! Sim: a razão litteral, e a melhor que dão os Expositores, é esta. Na primeira visão estava o carro dentro do Templo; na segunda visão sahiu o carro á campanha: *Egressa est gloria Domini de limine templi:* [1] e quando o carro está quieto, dê-se embora o primeiro logar a quem melhor é; mas quando o carro caminha, ha-de se dar o primeiro logar a quem melhor puxa; e porque o boi puxava melhor que o homem, por isso se deu o primeiro logar ao boi. Quando o carro estiver no templo da paz, deem-se embora os logares a quem melhor fôr; mas em quanto o carro estiver na campanha, hão-de-se dar os logares a quem melhor puxar.

E assim politicamente é bem que nas acções se fundem as eleições, assim espiritualmente digo, que nas acções se hão-de segurar as predestinações. S. Pedro na Epistola segunda: *Fratres satagite, ut per bona opera certam vestram vocationem, et electionem faciatis:* [2] Irmãos meus (diz S. Pedro) trabalhae com grande diligencia de fazer certa a vossa vocação e predestinação, por meio das vossas acções. Se pergun-

[1] *Ezech.*, x, 18.
[2] *2.ª Epist. de Petr.*, i, 10.

tarem a um homem: *Tu quis es?* Quanto ao temporal, em qualquer materia póde responder com certeza; se perguntarem a um homem: *Tu quis es?* Quanto ao espiritual, ninguem ha no mundo que possa responder a esta pergunta. Cada um de nós espiritualmente é o que ha-de ser; o que ha-de ser cada um, ninguem o sabe; e assim ninguem ha que possa responder com certeza á pergunta: *Tu quis es?* A maior miseria, a maior perplexidade, a maior afflicção de espirito, que ha na vida humana, é saber um homem, que ha-de ser ou eternamente ditoso, ou eternamente infeliz, e não saber qual d'estas duas ha-de ser: não saber um homem se é precito, ou se é predestinado. A este maior de todos os cuidados, a esta maior de todas as perplexidades, acode S. Pedro com o unico remedio que ella póde ter: *Satagite, ut per vestra bona opera certam vestram electionem faciatis.* Se quereis ter segurança de vossa predestinação, a maior que sem revelação se póde ter n'esta vida, appellae para vossas acções e vossas boas obras: fazei obras boas, e estae moralmente seguros que sois predestinados. Este é o verdadeiro entendimento das palavras de S. Pedro, e assim as explicam S. Thomaz e todos os Theologos. Oh que felicidade tão grande, que tenhamos nas nossas obras um seguro de nossa predestinação! Na outra vida ha-de-nos pagar Deus as boas obras com a posse da gloria; n'esta vida já nol-as começa a pagar com a segurança d'ella. Ora christãos, já que nas nossas acções, já que nas nossas obras está depositado um thesouro tão grande, não o percamos. *Satagite*, trabalhemos por assegurar nossa predestinação. Appliquemo'-nos muito devéras á observancia dos preceitos divinos; rompamos por tudo o que nos póde ser estorvo e impedimento; conheçamo'-nos, e conheçamos o mundo e seus enganos; quebremos com uma grande resolução os laços e as cadeias que nos deteem, quaesquer que sejam; convertamo'-nos de todo o coração a Deus; disponhamo'-nos com todas as forças para receber sua graça, e asseguremos para sempre o premio da gloria.

SERMÃO

DA

Terceira Dominga do Advento*

Prégado na Capella Real, no Anno de 1644

Miserunt Judæi ab Jerosolymis Sacerdotes, et Levitas ad Joannem, ut interrogarent eum: Tu quis es?

JOAN. I.

I

Uma coisa que eu desejára muito ao reino de Portugal, conta o Evangelista S. João que se viu hoje na republica de Jérusalem. Diz que os do governo d'aquella grande cidade, mandaram uma embaixada aos desertos da Judéa, na qual offereciam ao Baptista a maior dignidade que nunca houve no mundo, querendo-o reconhecer e adorar por Messias. O que reparo muito n'este caso, é que em vez de o Baptista vir do deserto á côrte a pretender a dignidade, a dignidade foi da côrte ao deserto a pretender o Baptista. E isto é o que eu desejára, como dizia, para o nosso reino. E' força que haja pretenções e pretendentes; mas estes não hão-de ser as pessoas, senão os officios. E porque? Darei a razão e mais a razão da razão. A razão é, porque não póde haver, nem mais

---

* Este sermão, diz o padre Antonio Honorati, é um dos mais primorosos de quantos pregou Vieira, por sua eloquencia, pela ordem dos argumentos e pela sua doutrina. Participa do genero das conferencias moraes; e por isso o seu estylo não é muito vehemente, mas sim elegante, chistoso, pratico e insinuante.

bem governada, nem mais bem servida republica, que onde os officios forem os pretendentes, e os homens os pretendidos. Assim foi hoje o Baptista o pretendido, e o Messiado o pretendente. E a razão d'esta razão é, não porque assim o fizeram os embaixadores e magistrados de Jérusalem, senão porque assim o ensina com seu exemplo a primeira e summa verdade d'aquelle supremo Rei, em cuja politica não póde haver duvida, nem nos seus dictames engano, nem erro ou desacerto no seu governo.

Veiu um homem offerecer-se a Christo para o seguir a qualquer parte: *Sequar te quocumque ieris:* e diz o Evangelista, que o Senhor o despediu seccamente, e o lançou de si com palavras asperas. Vae o mesmo Christo ás praias da Galilea, chama a Pedro e André, e aos filhos do Zebedeu, e diz-lhes que o sigam: *Venite post me.* Pois, Senhor, se estes homens vos não buscam, por que lhes dizeis que vos sigam; e se outro homem diz que vos quer seguir em tudo e por tudo, porque o não admittis, antes o lançaes de vós com aspereza? E' culpa querer-vos seguir, e merecimento não vos buscar? Pois se a quem vos não busca dizeis que vos siga, a quem vos quer seguir, porque o não acceitaes em vosso serviço? Porque Christo, supremo Monarcha e exemplar de todo o bom governo, não queria no seu reino homens pretendentes, nem officios pretendidos: homens pretendidos, e officios pretendentes, sim. Quando o outro homem pretendeu seguir a Christo, o homem era o pretendente, e o apostolado o pretendido; pelo contrario, quando o Senhor chamou a Pedro e os demais, os homens eram os pretendidos e o apostolado o pretendente; e homens que não pretendem os officios, senão os officios a elles, como hoje aconteceu ao Baptista, estes são os que só pódem compôr, conservar e estabelecer um reino que houver de durar para sempre, como o de Christo.

Oh que venturoso seria o nosso, se n'elle se introduzisse esta nova e admiravel politica! E porque ella não é só dos que governavam a côrte de Jérusalem, senão do supremo Governador, e Mestre do mundo, e por isso verdadeiramente christã, não será materia alheia, senão muito propria d'este logar, e mais propria, ainda, do tempo presente, se eu a souber persuadir como pretendo. Deus, a quem devemos a feli-

cidade do tempo, e cujos exemplos e dictames sómente hei-de seguir em tudo quanto disser, se sirva de me assistir com sua graça. *Ave Maria.*

II

Miserunt Judæi ab Jerosolymis Sacerdotes et Levitas ad Joannem. [1] Assim como não foi o Baptista o que veiu do deserto á côrte pretender a dignidade, senão a dignidade a que foi da côrte ao deserto pretender o Baptista, assim digo, que em todo o reino bem governado não devem os homens pretender os officios, senão os officios pretender os homens. As razões d'esta politica do céo, pouco entendida e menos praticada na terra, são muitas. Eu para maior brevidade e clareza as reduzirei n'este discurso a quatro principaes, com nome de conveniencias: primeira, porque andarão mais auctorisados os officios; segunda, porque viverão mais descançados os benemeritos; terceira, porque estará mais desembaraçada a côrte; quarta, porque será mais bem servida a republica.

III

Quanto á primeira conveniencia, de que os officios quando não forem pretendidos, então serão mais auctorisados, não faltará quem cuide e diga o contrario, e parece que com bons fundamentos. Não é grande auctoridade e credito do oiro entre os outros metaes, que todos o desejem, procurem e façam tantos extremos por elle? Não foi grande auctoridade da formosura, que pela de Helena contendessem com tanto empenho, e se dessem tantas batalhas Grecia e Troya? Logo da mesma maneira será grande auctoridade e credito dos officios, que concorram muitos a os pretender, e que a ambição e emulação dos opposítores se empenhe com todas as forças em os conseguir.

---

[1] *Joan.*, I, 19.

E quanto maiores forem as negociações, as diligencias, as controversias, as valias, e ainda as adulações e os subornos dos que os pretendem alcançar, tanto mais crescerá a estimação e auctoridade dos mesmos officios assim pretendidos. Pelo contrario, se elles forem os que hão-de pretender, não terão estimação, nem sequito, e ficarão solitarios, e, quando menos, mal providos. Já Tertulliano ponderou gravemente a quantas indignidades se sujeitam e abatem os que pretendem subir ás dignidades; e se os officios se fizerem pretendentes, pelo mesmo caso se farão indignos, e perderão o nome da honra e dignidade, que é o que os acredita e auctorisa.

Ora antes que desfaça a apparencia d'estas objecções, quero-as convencer com a evidencia de um exemplo, que todos trazemos diante dos olhos, e ninguem póde negar. O officio, os embaixadores, e os que hoje os mandaram, e o mesmo Baptista tudo era ecclesiastico; seja pois tambem ecclesiastico o exemplo. Pergunto: Quando esteve mais auctorisado na Egreja o officio e dignidade episcopal? Quando os santos (de que é infinito o numero) se não atreviam a o pretender, mas pretendidos elles, buscados e acclamados, se mettiam pelos bosques, e se escondiam nas covas, temendo e fugindo de tão alta dignidade; ou agora quando tantos frequentam os palacios dos reis, e os tribunaes, e casas dos ministros, fazendo opposição com a cara descoberta ás mitras, e ostentando lettras, antiguidades, e cargos da religião, e talvez os procedimentos, e as mesmas virtudes, para que as cabeças cheias d'estes pensamentos sejam coroadas com aquella sagrada insignia? Torno a perguntar: Quando esteve o officio e dignidade episcopal mais auctorisada, agora quando tantos a pretendem, ou quando ella era a pretendente? Agora que a procura descobertamente a ambição, ou quando a recusava a modestia e fugia d'ella a consciencia? Os mesmos sagrados Canones respondem á minha pergunta. E que dizem? *Quæratur cogendus, qui rogatus recedat, et invitatus fugiat.* Notae as palavras. *Quæratur*, busque-se. E quem ha-de ser o buscado? O bispado e o officio? Não, senão o homem digno d'elle. E esse homem digno, que qualidades ha-de ter? Grande casa? Grande nobreza? Grande appellido? Grandes cargos antecedentes? Não diz isto o Canon. Pois que diz? Que

seja tal, que o hajam de obrigar por força a acceitar: *Quæratur cogendus:* e que rogado com a Egreja se retire; e convidado com a dignidade fuja d'ella: *Qui rogatus recedat, invitatus fugiat.*

As egrejas são as esposas dos prelados ecclesiasticos, e verdadeiramente que ellas são tão formosas e bem dotadas, que parecem devem causar amor e ainda cubiça; mas que as mesmas esposas hajam de metter medo aos que ellas buscam e pretendem, e os buscados, convidados e rogados, hajam de fugir d'ellas? Sim. Vamos á Escriptura. Falla o Texto sagrado de uma d'estas esposas (em que se representam todas), e diz assim: *Quæ est ista, quæ progreditur quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol?* Quem é esta que sáe resplandecente como a aurora, formosa como a lua, e escolhida como o sol? Já aqui temos respondidos, ou correspondidos os dois exemplos acima allegados, da estimação do oiro, e da formosura de Helena. Aurora deriva-se de *aurum*, que em latim é o oiro: e Helena deriva-se de *elion*, que em grego é o sol. Pois se as esposas ecclesiasticas são tão ricas e arraiadas de oiro como a aurora, e tão similhantes na formosura, não á lua entre as estrellas, senão ao mesmo sol, em cuja presença desapparecem; como é possivel, que em vez de causarem cubiça com a riqueza, e amor com a formosura, causem tal medo e horror aos mesmos que ellas pretendem, convidam e rogam, que os façam retirar, esconder, e fugir: *Qui rogatus recedat, invitatus fugiat?* O mesmo Texto o declara admiravelmente no que logo acrescenta: *Quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol, terribilis, ut castrorum acies ordinata.* De sorte que a mesma esposa, que por uma parte é tão doirada como a aurora, tão prateada como a lua, e tão formosa como o sol, por outra parte é tão terrivel, tão formidavel e temerosa como um exercito armado posto em campo: *Terribilis, pavoremque incutiens*, verte e commenta Symacho. Que muito logo que uma tão grande differença produza tão encontrados affectos? No exercito de Saül todos appeteciam a honra e cubiçavam os premios que o rei promettia a quem sahisse a desafio com o philisteu; mas quando viam o gigante de tão desmedida estatura, e as armas eguaes aos membros, com que parecia uma torre de ferro, todos desmaiavam e tremiam. Assim tambem

a esposa, como rica e formosa, causava cubiça e amor; mas como exercito armado, causava pavor e assombro. E se alguem me perguntar como a esposa sendo uma só, em si mesma e de si mesma podia formar um exercito, questão era esta digna de a excitarem e resolverem os Expositores (o que não fizeram). Mas a resposta e a razão é muito clara. Já dissemos que as esposas dos prelados ecclesiasticos são as egrejas e dioceses, e como ellas se compõem não só de mil, senão de muitas mil almas, estas são as que formam o exercito terrivel e formidavel; porque de todas hão-de dar conta a Deus. Logo não é maravilha, que uns appeteçam a mesma dignidade, outros a temam e fujam d'ella. Os que a vêem *sicut aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol*, e param aqui; deixam-se levar da riqueza do dote, e da formosura da esposa; porém os que passam adiante, e a consideram *terribilis ut castrorum acies ordinata*, terrivel e formidavel como um exercito armado posto em campo, teem razão de se retirar, temer, e fugir: *Qui rogatus recedat, invitatus fugiat.*

E porque não pareça que este temor e retiro de não appetecer, nem pretender dignidades, antes fugir d'ellas, toca só ás prelazias e dignidades ecclesiasticas; a mesma razão concorre nos magistrados, governos, e officios seculares, que teem jurisdicção, ou toda, ou repartida sobre os povos. E senão, ponhamos o caso em um homem leigo, que o não podia ser mais. Quando Saül andava buscando as jumentas de seu pae, Samuel mandado por Deus, o ungiu em rei de Israël. Vêde o que buscava, e o que achou; ou, fallando mais a nosso proposito, vêde o que buscava, e o para que o buscavam. Chegado pois o dia, em que se havia de publicar o que até alli estava occulto, convocou o mesmo propheta Samuel na cidade de Maspha as doze Tribus, e lançadas sortes sobre todas, para que todas entrassem á eleição, e nenhuma fosse excluida, no meio d'esta universal expectação sahiu a sorte sobre a Tribu de Benjamin. Restava ainda por saber qual fosse a familia da mesma Tribu, e qual a pessoa da familia; e continuando as sortes, sahiu á familia de Cis, e n'ella a seu filho Saül. Este era o que já tinha sido secretamente ungido, e só elle faltava n'aquelle universal ajuntamento, nem apparecia. Bem se deixa vêr as diligencias

que se fariam por lhe levar a nova, e ganhar as alviçaras, e comtudo ninguem o pôde descobrir, nem novas d'elle. Assim andava o officio (e tal officio) buscando o homem, e o homem fugindo do officio. Que remedio? Foi necessario que o Propheta consultasse a Deus, e respondeu o divino Oraculo, que estava escondido em sua casa: *Respondit Dominus: Ecce absconditus est domi.* [1]

Esta ultima palavra parece que desfaz quanto vinhamos dizendo. O mesmo Saül quando Samuel o ungiu, replicou que não só a sua Tribu era a menor tribu de Israël, senão tambem a sua casa a menor, e a minima casa da sua Tribu. *Non filius Jemini ego sum, de minima tribu Israël, et cognatio mea novissima inter omnes familias Benjamin?* [2] Logo se o homem pretendido para o officio era da menor casa da menor Tribu, parece que foi errada a eleição do officio, que n'esse caso era o pretendente? Assim o cuidaram os que medem os homens pelas casas. O erro por que muitas vezes se não acertam as eleições dos officios, é porque se buscam os homens grandes nas casas grandes, e elles estão escondidos nas casas pequenas: *Ecce absconditus est domi.* Em fim, appareceu o escondido, e viram, e confessaram todos, que na menor casa de Israël, estava encoberto o maior homem de Israël: *Certè videtis quem elegit Dominus, quod non sit similis illi in omni populo.* [3] Note-se muito a clausula *quem elegit Dominus, etc.:* digamme agora os que se não presarem de mais entendidos que Deus, se n'este primeiro provimento ficou desauctorisado o officio, por não ser elle o pretendido, senão o pretendente? Se se puzeram editaes para o governo do novo reino, e elle se houvesse de dar por opposição, quantos pretendentes, e quão estirados haviam de apparecer em Maspha diante de Samuël, fundando cada um a sua pretenção em grandes merecimentos? Os da tribu de Ruben, que foi o primogenito, pela prerogativa da antiguidade; os da Tribu real de Judá pela soberania do sangue em que já trazia a purpura; os da tribu de Ephraïm e Manassés

[1] *1.º Livro dos Reis,* x, 22.
[2] *Ibid.,* ix, 21.
[3] *Ibid.,* x, 24.

pela duplicada benção e herança de Jacob seu avô, e de José seu pae. Mas porque os homens não foram os pretendentes do officio, senão o officio pretendente do homem, o qual fugia e se escondia d'elle; sendo esse mesmo homem o maior de todo Israël, vêde se ficou mais auctorisado o officio.

IV

E quanto ao concurso dos pretendentes e competidores, quando os homens são os que pretendem os officios, e não elles aos homens, tão fóra está esta multidão de acrescentar auctoridade ao officio, que antes se desacredita a si e a elle. E senão digam os mesmos pretendentes, porque pretendem o officio? Pela honra, ou pelo interesse. Se pela honra, mal a pódem dar ao officio os que se pretendem honrar com elle: e se pelo interesse, bem se vê que não querem o officio para o servir, senão para se servirem d'elle: e onde ficará o officio mais auctorisado, onde servir, ou onde for servido? Pelo contrario, quando o officio é o pretendente do homem, sendo o homem sempre o mais digno, na mesma dignidade do homem pretendido se conserva a auctoridade do officio pretendente, e na exclusão dos indignos sempre excluidos, fica sempre a auctoridade segura de se arriscar, ou perder. Vamos á experiencia.

O maior officio e dignidade da Lei antiga, como tambem da nova, é o Pontificado e Summo Sacerdocio. Houve de se prover este officio a primeira vez, e não foram os homens os que pretenderam o officio senão o officio o que pretendeu o homem. Assim o diz expressamente S. Paulo: *Nec quisquam sumit sibi honorem, sed qui vocatur à Deo tamquam Aaron.* Foi pois eleito ao Summo Pontificado um homem tão grande como Arão: mas como este homem era irmão de Moysés, governador universal do povo, julgaram e murmuraram os homens, que tambem o homem fôra empenhado na eleição do officio, e não o officio na eleição do homem. Bom remedio, diz Deus. Ponha-se a vara de Arão no tabernaculo em minha presença, e ponham-se egualmente no mesmo logar todas as

varas dos principes das doze Tribus, e o effeito mostrará quem é o mais digno. Fez-se assim: e em espaço de doze horas sómente, a vara de Arão se vestiu de flôres, e carregou de fructos, e as outras ficaram tão núas e seccas como tinham entrado no Tabernaculo. Não lhes fôra melhor a estes doze pretendentes não pretenderem, nem competirem com Arão? Claro está que sim. Cada um d'elles no seu pensamento se media com Arão, mas a experiencia mostrou que todas as suas varas eram tão curtas, que nenhuma egualou a medida de tão grande homem. E porque? Porque era um homem que não pretendeu elle o officio, como os demais, senão o officio a elle. Por isso no concurso de tantos triumphou de todos, e com dobrada honra e auctoridade, não só ficou o officio mais auctorisado na dignidade do eleito, senão tambem na indignidade dos excluidos.

No concurso dos officios seculares succede o mesmo. Chega o propheta Samuel a casa de Isaï, ou Jessé, e diz, que de mandado de Deus vem ungir um de seus filhos por rei. Tinha Jessé oito filhos, sete dos quaes se achavam na mesma casa, e divulgada a nova de tão grande e não esperada fortuna, já se vê qual seria o alvoroço de todos, e quaes os pensamentos de cada um. Vieram á presença do Propheta chamados pela ordem da edade, e foi o primeiro Eliab, moço de alta e galharda estatura, e lhe pareceu ao Propheta, que aquella gentileza era dignissima da corôa. Mas disse-lhe Deus, que elle não elege os homens pela cara, senão pelo coração, e que não era Eliab o eleito. Veiu o segundo, Abinadab, e teve a mesma resposta. Veiu Samma, que era o terceiro, vieram os demais até o setimo, e todos foram excluidos. Admirado Samuel, perguntou se havia mais algum filho, e respondeu Isaï, que só restava o menor de todos, o qual não estava em casa, porque guardava as ovelhas. Veiu em fim o pastorzinho, o qual se chamava David, e este que no nascimento, na casa, e na occupação tinha o ultimo logar, declarou Deus que era o que a sua Providencia tinha destinado para a corôa; e como tal o ungiu logo o Propheta na presença de todos os irmãos. Mas se elle era o que havia de ser ungido, porque o não revelou Deus ao Propheta nem antes, nem depois de entrar na casa de Isaï, mas com tão notavel ceremonia ordenou, que

viessem primeiro, e fossem excluidos os outros irmãos, e em presença de todos recebesse David a investidura do reino? A razão, diz S. João Chrysostomo, foi porque lhe não succedesse a David com seus irmãos, o que tinha succedido a José com os seus: *Ne videlicet idem Davidi accideret, quod prius Josepho.* A José revelou Deus, que seus irmãos o haviam de adorar; mas como esta revelação foi feita em sonhos, chamavam-lhe os irmãos o *Sonhador;* e, primeiro com a morte, e depois com a venda, lhe quizeram impedir a preeminencia sonhada. Pois para que a David lhe não succeda o mesmo com seus irmãos, vejam todos com os olhos abertos, que em sua presença foi ungido pelo Propheta, e sendo testemunhas oculares da eleição divina, a inveja que lhes entrou pelos mesmos olhos se desengane que a não pôde impedir, nem frustrar. Oh! que formosa e triste representação de quanto perturba os affectos e obrigações humanas uma eleição não esperada! De uma parte David ungido, da outra todos seus irmãos com differentes semblantes, uns de admiração, outros de confusão, outros de desesperação, todos de sentimento, todos de dôr, todos de ira, todos de inveja, e nenhum de verdadeiro amor! Tão fóra esteve aqui o concurso de auctorisar o officio, que antes o officio desauctorisou o concurso. Porque buscando não o homem o officio, senão o officio ao homem, sete homens maiores foram excluidos e repudiados, como menos dignos, e ao menor de todos, que ainda não chegava a ser homem, se lhe assentou na cabeça a corôa como dignissimo. Mais claramente estou vendo o occulto mysterio da eleição nos que ella deixou, que no mesmo que escolheu. Nos jogos de descarte pelo descarte se vê claramente quão seguro tem na mão o triumpho quem ha-de vencer. Quando Deus (digamol-o assim) se descarta de sete homens tão grandes, como os filhos maiores de Isaï, bem mostra que só em David tem o jogo seguro. Assim foi; e assim ficam auctorisados os officios, quando elles são os pretendentes dos homens, e não os homens d'elles.

V

A segunda conveniencia d'este trocado modo de pretender é, que viverão mais descançados os beuemeritos. Procurarão sómente merecer, estando muito certos, que, ainda que vivam retirados da côrte, e muito longe dos olhos do principe, lá os irão buscar e pretender as dignidades, como ao Baptista no seu deserto. Ainda não estamos longe da casa de Isaï. Põe-se alguns passos atraz da historia que acabamos de referir, e exclama assim S. Basilio de Seleucia: *O' res mirabilis! David cum ovibus sub diu agit, et Deus in cælo concilia cogitat. David gregem pascit solicitus, Deus interim thronum apparat.* Oh! caso verdadeiramente admiravel! Considerae-me (diz S. Basilio) a Deus no céo, e a David no campo, e notae quão differentes são no mesmo tempo os cuidados do supremo Monarcha, e os do humilde pastorzinho. David está sollicito sobre o rebanho, e Deus fazendo conselhos sobre David. David levando as ovelhas ao pasto, e Deus preparando-lhe o throno. Ainda eu considero mais descançado a David, do que a eloquencia de Basilio o representa. Quando elle fugindo de Saül se acolheu á côrte de el-rei Achiz, e para viver se fingiu doido, valia-se para esta dissimulação das artes em que se exercitára quando pastor, e uma era, tocar o tamboril e a frauta. Assim o exprime o Texto grego. Por signal que os Satrapas do mesmo rei Achiz mais se temiam do tamboril e frauta do mesmo David, que das caixas e trombetas de todo o exercito de Saül. Considerae-me, pois, ao pastorzinho como Tityro á sombra da faia tocando a sua frauta, e Deus que lhe conhecia o talento, decretando-lhe a corôa. Póde haver maior cuidado no céo, e maior descanço na terra? Pois este é o que gozam no seu retiro os beuemeritos. Eliab, Abinadab e Samma, irmãos mais velhos de David, que seguiam as armas, e militavam no exercito de Saül, quando muito seriam pretendentes de um venablo, e de uma gineta, supportando os trabalhos e perigos da guerra. E David, porque debaixo da samarra creava maior valor e talento que elles, sem marchar de dia, nem fazer a sentinella de noite, nem estar sujeito á ordem de uma legião de

officiaes, não só se habilitava no cajado para o bastão do exercito, senão para o sceptro do reino.

Passemos do campo ao mar, e ponhamo'-nos nas praias e ribeiras de Tiberiades. Na praia andava passeando Christo: *Ambulans Jesus juxta mare Galilææ*, [1] e na ribeira viu a Pedro, e a seu irmão, que estavam lançando as redes ao mar: *Vidit duos fratres mittentes rete in mare.* Acrescenta o Evangelista: *Erant enim piscatores*, porque eram pescadores: e eu pergunto: Sobre quem cáe esta advertencia? Todos dizem que sobre Pedro, e seu irmão; e eu digo, que não só cáe sobre Pedro e André, senão tambem sobre Christo; porque Christo e elles n'aquella occasião todos eram pescadores. Elles pescadores, porque estavam lançando as rêdes ao mar para pescar peixes, e Christo pescador, porque andava passeando na praia para os pescar a elles. Excellentemente S. João Chrysostomo: *Piscatur eos Jesus, ut ipsi piscentur alios. Ipsi primum pisces efficiuntur, ut piscentur à Christo, postea alios piscaturi.* Supposto, pois, que Pedro com seu irmão, e com as suas rêdes pescava, e Christo só, e sem rêdes tambem pescou, pergunto outra vez, qual foi maior e melhor pescador, Pedro, ou Christo? Não ha duvida que Christo era o melhor, mas ambos foram grandes pescadores. Christo grande pescador, porque do primeiro lanço pescou um pontifice; e Pedro grande pescador, porque sem recolher o lanço pescou o pontificado. Isto é o que significam ainda hoje, e significarão até ao fim do mundo as assignaturas e sellos de todos os decretos pontificios, debaixo do annel do pescador: *Sub annulo piscatoris.* Agora tomára eu poder entrar n'aquella grande cabeça, que depois foi coroada com a suprema tiara, e examinar-lhe os pensamentos, não só d'esta hora, senão de toda a sua vida. Por ventura em toda a sua vida quando Pedro ouvia dizer que em Jérusalem residia o Summo Pontifice, ou fosse Simon, ou Matthias, ou Joazaro, ou Eliazaro, ou Annan, ou Caiphaz, que são os que succederam em seu tempo, veiu-lhe algum dia ao pensamento, ou accordado ou sonhando, que poderia elle subir áquella suprema dignidade? E' certo que nunca a sua barca navegou com tão prospero vento e maré,

[1] *Math.*, IV, 18.

que tal coisa lhe passasse pela imaginação. E comtudo desde a sua eternidade o tinha Deus destinado para outra e mais universal tiara, não dependente dos Cesares romanos, ou dos seus tenentes na Syria e na Judéa, que eram os que punham uns, e depunham outros, mas estabelecida em si, e em seus successores, pela eleição immutavel da Providencia divina.

E se assim como eu tenho perguntado tanto, me perguntarem tambem sobre que merecimentos ou talentos de Pedro assentou Deus a proporção e justiça d'estes seus decretos? Responde Eusebio Gallicano, que sobre a grande proporção que tem a arte e officio de pescador com o de pontifice: sobre a prudencia de governar o leme, e sustentar e levar segura a barca: sobre a constancia e valor de contrastar com os mares, e com os ventos: sobre o soffrimento e dureza sem mimo nem regalo de supportar os trabalhos: sobre a vigilancia de observar a lua e as estrellas, e contar os passos, as marés de dia e de noite: sobre a discrição de usar do remo ou da vela, segundo a opportunidade dos tempos, e muito particularmente sobre o instrumento universal, não do anzol, ou do arpão, senão da rêde que cerca e abraça sem distincção a todos. E assim lêmos d'este grande pescador de homens, que os pescava a milhares, ou a milheiros, em um lanço tres mil, e em outro cinco mil. E como Pedro em tão singular sciencia e talento se applicava todo ao officio da sua profissão, n'este mesmo descuido, esquecimento e ocio de outras maiores pretenções ou desejos, se habilitava e fazia digno de que o mesmo Deus o fosse buscar ás suas praias, e a maior dignidade e officio do universo o pretendesse a elle, quando elle no trabalho e descanço do seu não pretendia outro.

VI

E para que vejamos quão ditosos e prudentes são os que retirados ao descanço de não pretender, se fazem merecedores de ser pretendidos, e a infelicidade e máu conselho dos que por ser pretendentes, nunca chegam a alcançar o descanço, leiamos a historia de uma e outra fortuna, em dois homens não encontra-

dos, mas pae e filho, Jacob e José. Jacob ainda antes de nascer começou a ser pretendente da benção e morgado de Isaac, luctando com seu irmão Esaü desde as entranhas da mãe sobre esta pretensão. A poucos annos de nascido, conhecendo que o pae estava inclinado a Esaü, por haver sido o primogenito; para lhe fazer guerra com partido egual, tratou de lisongear e ganhar a vontade á mãe, não sahindo jámais de sua presença: *Jacob habitans in tabernaculis*. Outra vez dizendo-lhe Esaü que estava morrendo á fome, soube-se aproveitar tão bem da occasião, e tão mal das obrigações da irmandade, que lhe não quiz emprestar o soccorro da vida, senão a preço do mesmo morgado, sujeitando-o á força da necessidade a que lh'o vendesse. Chegado em fim o dia em que o pae havia de dar a benção a Esaü, sabidos são os dolos, os enganos, e as falsidades, com que lh'a roubou, com nome falso, com vestidos falsos, com mãos falsas, com iguarias falsas; infiel ao irmão, infiel ao pae, e infiel ao mesmo Deus, allegando que fôra vontade de Deus ter achado tão depressa a caça, sem haver tal caça, nem tal pressa, nem tal vontade de Deus. Já, agora, parece que estará contente Jacob com a victoria em contenda tão duvidosa: mas não foi assim; porque alcançando por taes meios o fim da sua pretensão, nem por isso conseguiu o descanço e felicidade que se promettia no dominio de tão opulenta herança; antes agora foram maiores e mais perigosos os seus trabalhos, obrigado, pobre, e com um pau na mão, a perder a casa do pae, a deixar o amor da mãe, e a desterrar-se da patria por salvar a vida. Ide embora, peregrino pretendente, caminhae subindo montes, e descendo valles; chegae cançado á terra onde vos leva vosso destino, que lá pretendereis outra vez, e achareis a paga do vosso merecimento. Pretendeu Jacob a Rachel, filha de Labão, e ao cabo de sete annos que serviu por ella, deram-lhe em logar de Rachel a Lia, com obrigação de servir outros sete. Servia de pastor a partido, e posto que foram muitas as ovelhas que contou, os dolos e injustiças que nos mesmos partidos lhe faziam cada hora, não tiveram conta. D'esta maneira vingou Labão a Esaü, e padeceu Jacob nos enganos de seu sogro, os que tinha feito a seu irmão.

Ponhamo'-nos agora á vista d'este retrato de Jacob, sempre pretendente, e nunca com descanço, a ima-

gem tão diversa de José seu filho, a quem em toda a parte pretenderam sempre os maiores logares, sem elle dar um passo, nem occupar um pensamento em os pretender. Filho em casa de seu pae, captivo, e vendido a Putiphar; prezo nos carceres do Egypto; ministro no palacio de Pharaó: esta foi em toda a parte a fortuna de José; ella pretendendo-o sempre, e elle nunca pretendente d'ella. Filho em casa de seu pae, de quem era o mais favorecido, estava dormindo José, e no campo as pavéas dos segadores, e no céo o sol, a lua e as estrellas, que lhe vigiavam o somno, lhe estavam promettendo as adorações de seus irmãos, e do mesmo pae. Vendido a Putiphar, quando como escravo podia esperar um logar na cavalhariça, o senhor lhe deu o seu, mandando a todos que lhe obedecessem, e a elle que governasse a casa, e toda a sua fazenda, da qual como dono, e não criado, se lhe não pedia conta. No carcere do Egypto, onde entrou como reu, e do mais grave crime, logo de prezo passou a carcereiro, fiando-se-lhe as chaves, e o aperto ou alivio das cadeias, e, o que é mais, pronunciando, antes da sentença dos juizes, ou o castigo aos que haviam de ser condemnados, ou a soltura e liberdade aos que sahiriam absoltos. Finalmente, tirado da prisão, e levado a palacio, el-rei Pharaó não só o levantou no logar de seu primeiro ministro, mas lhe deu a representação e tenencia de sua propria pessoa, sem mais differença que a das insignias reaes, reservando o rei para si o sceptro sem o governo, e dando a José o governo sem o sceptro. Taes foram as fortunas de José em todos os estados de sua vida, e se alguem deseja saber com que artes as conseguiu, digo que com duas coisas: com se fazer sempre merecedor d'ellas, e com nunca as pretender. Depois dos dois sonhos do rei, é sabido que em todas as ribeiras do Nilo e terras do Egypto, a sete annos de fartura haviam de succeder outros sete de fome, só aconselhou José ao rei, que para remediar a esterilidade de uns com a fertilidade de outros, se encommendasse o cargo d'esta prevenção, a pessoa de talento e industria, que em todas as cidades do reino a fizesse executar. Pareceu bem o conselho ao rei, e a todos os seus ministros, e reconhecendo que em nenhum outro homem se podiam achar partes eguaes ás de José para aquella tão importante superintendencia, logo foi nomeado no

officio com todos os poderes reaes. De maneira que uma só vez que José fallou em officio, e o procurou para outro homem, não estrangeiro, como elle, senão egypcio, o officio ás avessas se fez pretendente do homem, e o pretendeu ao mesmo José, e o conseguiu.

Oh se acabassem os homens de querer antes imitar a José, que a Jacob, e tratar mais de ser benemeritos que pretendentes! Se não bastam os exemplos humanos para nos persuadir esta honrada e descansada industria, ponhamos os olhos em todas as outras creaturas a que a natureza não deu razão nem sentido, e veremos como todas as que teem valor e prestimo, occupadas só em crescer, e se fazer a si mesmas, sem ellas pretenderem, nem buscarem a outrem, todos as buscam e pretendem a ellas. Que fazia a oliveira, a figueira e a vide, senão carregar-se de fructos, quando toda a republica verde das arvores e plantas lhe foi offerecer o governo e o imperio? Não o quizeram acceitar, porque se contentaram com o merecer. Deixe-se crescer o pinheiro, e subir até ás nuvens na Noruega, que de lá o irão tirar para mastro grande, e levar a bandeira no tope. Cresça tambem o cedro gigante do Libano, e saiba que quando d'aquelle monte fôr passado ao de Sião, não é para o sobredoirar o oiro do Templo, mas para elle com maior dignidade cobrir e revestir o mesmo oiro. Bem mal cuidava o marfim na sua fortuna, quando se via endurecer nos dentes do elephante; e d'alli foi levado para o throno de Salomão! Que descuidados crescem os rubins em Ceylão, e em Golconda os diamantes; e lá os mandam conquistar com armadas os reis para resplendor e ornato das suas corôas! Empreguem todo o seu cuidado os grandes sujeitos em aperfeiçoar os talentos e dotes que n'elles depositou a natureza ou a graça, e se por retirados, e escondidos cuidarem que perdem tempo e estimação, lembrem-se que sepultadas as perolas no fundo do mar, e a prata no centro da terra, nem ás perolas falta quem pelas desafogar afogue a respiração, nem á prata quem pela desenterrar enterre a vida.

Os que se acharem com espiritos guerreiros exercitem a architectura militar, e a formatura dos exercitos na paz, e deem sós por sós comsigo as batalhas seccas, para que depois as possam tingir no

sangue dos inimigos: o politico faça-se versado em toda a lição das historias, e aprenda mais na pratica dos exemplos, que na especulação do discurso a resolução dos casos futuros, e a experiencia dos passados. O inclinado ás lettras, procure com o estudo universal as noticias de todas as sciencias, e não cuide que só com a memoria de poucos textos das leis lhe pódem dar as demandas e trapaças o falso e mal merecido nome de lettrado: emfim, por humilde e rasteira que seja a inclinação, ou fortuna de cada um, faça-se no seu estado insigne, lembrando-se que os antigos Romanos do arado eram escolhidos para o bastão, e do triumpho tornavam outra vez ao arado. E se acaso n'estes solitarios exercicios julgarem que estão ociosos por lhe tardar a promoção do que elles merecem, advirtam que tudo tem sua hora. A's cinco da tarde chamou o pae de familias para a vinha aquelles a quem disse: *Quid hic statis tota die otiosi?* E tanto mereceram e alcançaram estes na ultima hora, como os que tinham trabalhado todas as doze do dia. Quem não julgará pelos mais ociosos de todos os homens a Enoch e Elias, retirados ha tantos centos de annos no segredo do Paraiso Terreal? Mas quando apparecerem no mundo os formidaveis exercitos do Anti-Christo, então mostrará Deus que os não tem ociosos, senão poupados para restauradores do mesmo mundo. Assim vivem, assim descançam, e assim merecem sem pretender; para ultima prova da segunda conveniencia, ou ponto de nosso discurso em que dissemos, que, retirados da côrte e das pretensões, viverão mais descançados os benemeritos.

VII

Seguia-se, agora, a terceira conveniencia, de que por este modo estariam mais desembaraçadas as côrtes, ponto de pouco gosto e utilidade para os que n'este embaraço teem a sua lavoura, e, sem cavar, nem semear, a sua colheita. Mas porque este tumulto e confusão nas portas e escadas dos ministros, e nas mesmas ruas é tão frequente, que egualmente, tropeçam n'ella os pés e os olhos; para não gastar o pouco tempo que nos resta em materia tão sabida e tão vista, dei-

xada a conveniencia d'ella á consideração dos que me ouvem, passemos, como mais importante e menos advertida, á quarta.

A quarta conveniencia de serem os officios os pretendentes, e os homens os pretendidos, é que fazendo-se assim, será mais bem servida a republica. E para que vejamos esta infallivel verdade provada tambem, como prometti, com os exemplos e dictames do governo e politica divina, ponhamos, e passemos os olhos pela republica Hebrea, que foi a que Deus chamou sua, e como tal a governou por si mesmo. Teve esta republica em diversos tempos quatro estados, e n'elles quatro modos de governo. O primeiro no tempo do Captiveiro: o segundo no tempo dos Juizes: o terceiro no tempo dos Reis: o quarto no tempo dos Prophetas: e em todos estes tempos e estados, então foi mais feliz o seu governo, quando foi administrado por homens, não só que não pretendiam os officios, mas que se escusavam e fugiam d'elles.

Captivo o povo no Egypto, e cada dia mais opprimido e tyrannisado, elegeu Deus para seu libertador a Moysés, nascido e creado no mesmo Egypto, com pratica e experiencia não menos que de quarenta annos. E é digna mais que de admiração a contenda que houve entre Deus e Moysés: Deus instando em que acceitasse o officio, e Moysés replicando, e escusando-se quasi obstinadamente. Primeiro disse: *Quis sum ego, ut vadam ad Pharaonem, et educam filios Israël de Egypto?* Quem sou eu para ir a Pharaó, e livrar os filhos de Israël do Egypto? - Tu só, respondeu Deus, não poderás nada, mas tu commigo que sempre te assistirei, poderás tudo. — Não me crerão, Senhor, replica Moysés, que vós sois o que me mandaes, e me apparecestes. — Sim, crerão, diz Deus, porque com essa vara que tens na mão farás taes milagres, que não possam deixar de dar credito a quanto lhe disseres. — Reparae, Senhor, torna a replicar Moysés, que eu sou tartamudo, e nem com os meus poderei fallar, quanto mais com Pharaó. — Arão, teu irmão, que é expedito e eloquente, irá comtigo, e eu moverei a tua lingua e mais a sua, elle será teu interprete e teu Propheta, e tu como Deus fallarás por elle. Atalhadas por este modo todas as escusas, ainda se não aquietou Moysés, e lançando-se aos pés de Deus, lhe pediu e protestou com instantissimos rogos, que mandasse a quem ha-

via de mandar: *Mitte quem missurus es:* e isto com tal resolução, que o mesmo Deus se irou contra elle: *Iratus est Dominus in Moysen.* Obedeceu, emfim, Moysés, e quando parece que não havia de satisfazer á sua obrigação um ministro mandado por força, e tanto contra sua vontade, o effeito mostrou que quem mais se escusa, mais fortemente as vence depois.

Não só libertou Moysés o povo, mas com tudo quanto possuia, não ficando dos seus gados no Egypto, como diz o Texto, nem uma unha; e com tal sagacidade e industria, que pedidas por emprestimo o oiro, prata e joias dos Egypcios, tambem sahiram pagos do serviço injusto de tantos annos. Libertado o povo assim, ou quasi libertado, nos ultimos confins do Egypto se viu no maior perigo; porque pela parte de diante lhe atalhava o passo o mar Vermelho, e pelas costas o seguiu Pharaó com todos os seus exercitos: e os Hebreus, ainda que quizessem resistir, estavam desarmados. Tudo suppriu, porém, a vara do libertador. Tocou o mar, o qual abriu uma larga estrada, por onde o passaram a pé enxuto os fugitivos, e não fazendo alto, mas proseguindo a marcha o exercito inimigo por entre as duas muralhas, que de uma a outra parte tinha levantado o mar, tornando-se a unir os afogou a todos. Restava a segunda viagem que era d'alli para a Terra da Promissão, na qual se mostrou mais milagroso Moysés, que a sua mesma vara; porque constando o povo libertado de seiscentas mil familias, e durando a peregrinação quarenta annos, sendo todos mal contentes, ingratos, murmuradores, e descomedidos, se foi milagrosa n'aquelle deserto a Providencia de Deus em os sustentar, a prudencia e paciencia de Moysés não foi menos milagrosa em os soffrer. Tão exactamente exercitou o officio quem tão constantemente se tinha escusado d'elle!

Entrado o povo felizmente na Terra da Promissão, succedeu áquella grande republica o segundo estado e governo chamado dos Juizes, os quaes se não elegiam annualmente, senão quando alguma grave necessidade o requeria. Tal era a que padecia o mesmo povo, occupadas todas as suas terras, ou, mais verdadeiramente, inundadas pela multidão immensa dos Madianitas, Amalecitas, e outras nações orientaes, que, com os seus camellos e outras grandes manadas de todo o genero de gados, á maneira de enxames de gafa-

nhotos, talavam e abrasavam os campos, comendo e assollando quanto n'elles nascia. Fugitivos no mesmo tempo e escondidos os miseraveis Israelitas, mais como feras, que como homens, nas grutas e concavidades dos montes e espessura dos bosques, n'este aperto appareceu um anjo a Gedeão, ao qual chamou *Virorum fortissime*, o mais valente dos homens, porque verdadeiramente o era na robustez do corpo, e no valor do animo. E sobre este titulo lhe encarregou que tomasse as armas e o governo do povo, e o livrasse do jugo d'aquelles barbaros, e de tão insupportavel miseria. Não duvidava Gedeão ter a sua parte como soldado na empreza, posto que tão difficultosa, mas como o anjo lhe fallou no governo, de que nunca tivera pretensão, nem pensamento, a primeira proposta com que se escusou foi a humildade da sua casa, dizendo que era a infima da tribu de Manassés, e elle o minimo d'ella. *Obsecro mi Domine in quo liberabo Israël: ecce familia mea infima est in Manassé, et ego minimus in domo patris mei.* Se o anjo não tivera dito a Gedeão que era o mais valente de todos os homens, só pela valentia d'esta escusa o antepuzera eu á terceira parte dos anjos. Persistiu o valentissimo heroe n'esta honrada resistencia com tal desconfiança de si mesmo, que foram necessarios milagres sobre milagres para o persuadir a que acceitasse o cargo. Acceitou em fim; e a quem o tinha resistido com tal generosidade de animo, argumento era e prognostico certo, que nenhum poder haveria no mundo que bastasse a lhe resistir. Assim foi; porque só com trezentos combatentes desbaratou e poz em fugida toda aquella immensa multidão que a Escriptura compara ás areias do mar, sendo muito poucos os que escaparam com vida. Desembaraçada a campanha sahiram os fugitivos Israelitas das grutas e covas resuscitados, habitaram outra vez as suas casas, povoaram as cidades arruinadas, e restituiram a dissipada republica, a qual agradecida a seu prodigioso libertador, o quiz levantar do governo privado á monarchia, offerecendo-lhe por acclamação o titulo de rei: mas elle com a mesma moderação e modestia com que tinha recusado o bastão, recusou tambem a corôa: e não a querendo acceitar nem para si nem para seu filho, não só coroou com esta todas as suas façanhas, mas mostrou e ensinou ao mundo

quanto mais aptos e capazes são dos grandes logares os que prelendidos os recusam, que os que ambiciosos os pretendem.

Passado o povo hebreu do governo politico e militar dos Juizes ao dos Reis, o primeiro eleito á soberania da dignidade real, foi Saül. Já vimos como se escusou, já vimos como fugiu, já vimos como se escondeu: vejamos agora se estes temores e desconfianças de si e do seu talento eram bem fundadas. As duas primeiras coisas que viu e ouviu Saül feito rei, foram as lagrimas do povo, e as murmurações e despresos dos que reprovavam a sua eleição. E como se portaria n'estes dois casos o filho de Cis, homem tão pequeno como o seu nome, que poucos dias antes andava buscando as jumentas do pae? Se fôra filho de Filippe de Macedonia, e de tão real talento como Alexandre Magno, não se pudéra portar melhor, nem obrar mais como rei. Quanto ás murmurações e despresos de sua pessoa, diz o Texto sagrado: *Ipse verò dissimulabat se audire:* que ouvia e dissimulava: já sabia reinar, porque sabia dissimular. Quanto ás lagrimas do povo, perguntou qual era a causa porque chorava: *Quid habet populus quòd plorat?* Se não fôra bom rei, não fizera caso das lagrimas do povo. Perguntou a causa, porque as quiz remediar, e remediou-as, porque lhes não dilatou o remedio. Foi resolução por todas as suas circumstancias notavel. A causa das lagrimas do povo, era por ter chegado nova que os Amonitas com poderoso exercito tinham sitiado a cidade de Jabés Galaad, e que offerecendo-se os cercados a se render a partido, Naas, que era o rei e general do exercito, respondêra que o partido havia de ser tirando-lhes a todos os olhos direitos, e que sendo tão cruel e injusta esta condição, tambem a tinham já acceito, se em espaço de sete dias não fossem soccorridos. Isto ouviu Saül, diz o Texto, indo recolhendo do campo para casa os seus bois, que eram dois: e no mesmo ponto em que teve noticia do aperto em que estava aquella cidade, que não era muito distante, o que fez foi partir os mesmos bois em muitos pedaços, e mandal-os por todas as tribus de Israël, dizendo o pregão: Assim se ha-de fazer aos bois de quem logo não seguir a Saül: *Quicumque non exierit et secutus fuerit Saül, sic fiet bobus ejus.* O' que pregão tão bem entendido, que não

só entrasse pelos ouvidos, senão tambem pelos olhos! Rei que para a guerra primeiro mata os seus bois, melhor matará os alheios, se o não seguirem. Foi obedecido o bando de maneira que marchando Saül toda a noite, no quarto da alva se achou com trezentos e trinta mil homens armados. Deram de repente nos inimigos, e estes foram tão rotos e desbaratados, que não houve dois que ficassem juntos: *Ut non relinquerentur in eis duo pariter*. Haverá agora quem lhe pareça e diga mal da eleição de Saül? Foi tal o respeito e amor que conciliou o novo rei com esta victoria, que logo se levantou voz em todo o exercito: Appareçam os que reprovaram a eleição de Saül, e morram todos. Acudiu elle, porém, não consentindo a execução d'aquelle castigo, posto que merecido, e mostrando-se no mesmo dia verdadeiro rei, tanto nas vidas que tirou victorioso a seus inimigos, como nas que perdoou offendido a seus vassallos. Tudo isto se escondia n'aquelle homem que se escondeu!

Ao governo dos Reis succedeu em parte, e em parte se ajuntou, o dos Prophetas, como interpretes da vontade divina: e tambem os que se escusavam e repugnavam o officio, foram os mais republicos. Baste por todos o exemplo de Jeremias. Disse-lhe Deus, que desde o ventre da sua mãe o tinha escolhido para Propheta; e elle que quando recebeu esta primeira revelação contava sómente quatorze annos, respondeu: *á, á, á, Domine Deus, ecce nescio loqui, quia puer ego sum: á, á, á*. Senhor, que sou uma creança, incapaz de tão alto, tão difficultoso e tão pesado officio! Tomou-lhe o peso, commenta Cornelio, e reconhecendo-se incapaz de tamanha carga, aquelles tres *ááá*, foram tres ais, com que começou a gemer debaixo d'ella: *Per trinum ááá*, diz Santo Thomaz, *notantur tres defectus, qui Jeremiam ineptum reddebant ad prophetandum, scilicet defectum ætatis, scientiæ et eloquentiæ*. E um homem que não em tres palavras senão em tres lettras reconhece em si tres defeitos, da edade, do saber, e da lingua, e em tres lettras dá a Deus tres escusas para não acceitar o officio; obrigado a o acceitar por obediencia e por força, que faria? O que ninguem cuidou d'elle, nem elle de si. Não teve Deus Propheta, nem mais zeloso da sua nação, nem mais amante da sua patria, nem mais cuidadoso e vigilante da sua republica, fazendo-se em

pedaços pela assistir em todos os seus trabalhos, já na propria terra, já nos desterros; defendendo-a sempre dos mesmos, que, enganados com falsas esperanças, ajudavam a sua ruina; aconselhando-os que se accommodassem com a presente fortuna, para não virem a padecer outra peior; chorando mais que todos as suas desgraças, e ensinando-lhes os meios de as converter em bonança; fiel na vida, constante na morte, e ainda depois de morto immortal protector dos que Deus lhe tinha encommendado. Na vida ensinando-lhes a verdade contra os falsos prophetas, na morte deixando-se martyrisar em defeza d'ella, e depois de morto apparecendo a Judas Macchabeu, e dando-lhe a espada com que havia de restaurar, renovar e estabelecer no culto do verdadeiro Deus, e observancia das leis patrias, a mesma republica. Agora tirarei eu da bocca do mesmo Jeremias os seus tres *ááá*, e lamentarei com tanta razão como elle, que por que ha tantos ambiciosos, e ha tantos pretendentes, e ha tantos que alcançam os officios de que são indignos; e por que não ha quem conheça os benemeritos, nem ha quem busque os escondidos, nem ha quem os desenterre dos seus retiros, por isso ou está sepultada a republica, ou caminha a passos largos para a sepultura, sem modo nem esperança de resuscitar d'ella.

VIII

Supposto, pois, que os corpos politicos (ou sejam de governo monarchico, ou de qualquer outro que eu entendo geralmente debaixo do nome commum de republica) supposto, digo, que então serão bem servidos, quando os officios forem administrados por homens que se escusem d'elles, isto é, não pelos ambiciosos, senão pelos benemeritos, que não pisam as lamas, nem frequentam os oratorios das côrtes, antes fogem e se retiram de as ver, nem se lhes mostrar: e supposto assim mesmo, que os officios, como hoje em Jérusalem, hão-de pretender os homens, e não os homens os officios, e estes os hão-de ir buscar ainda que vivam nos desertos; com razão se me perguntará, reduzindo o discurso á pratica, quem são os que hão-

de procurar e sollicitar os homens, estando elles retirados, e quem são os que hão-de requerer e fallar pelos officios, sendo elles mudos? Respondo em uma palavra, que estes sollicitadores e estes requerentes devem ser todos aquelles a quem pertence a superintendencia do governo, quaes são nas republicas os supremos magistrados, e nos reinos os seus principes e monarchas.

E se a algum, por ventura, ou por desgraça, lhe parecer menos digno da auctoridade real este cuidado de sollicitadores e requerentes dos seus subditos e vassallos, oiçam agora, e o que lhes entrar pelos ouvidos, lhes abaterá os arcos das sobrancelhas. Nos desertos de Madian appareceu uma sarça, que ardia e não se queimava, e debaixo d'esta cortina de fogo quem estava? Deus que tinha descido do céo á terra. E para que? O effeito o mostrou logo. Andava apascentando o seu gado n'aquelle deserto um homem chamado Moysés, o qual havia quarenta annos que se tinha retirado da côrte d'el-rei Pharaó: e para buscar este homem, e lhe rogar que o quizesse servir na liberdade do seu povo captivo no Egypto, chegando para isso a lhe dar o seu proprio titulo de Deus, tinha vindo Deus do céo á terra. Oh não digo inchação e vaidade humana, mas descuido e esquecimento cego de quam eguaes fez a natureza a todos os homens! De maneira, que para buscar em um deserto a um pastor, porque o ha mister, desce do céo á terra o Deus que fez os homens; e terão por menos decoro da magestade os que não são deuses, não digo já o ir buscar e rogar em pessoa, mas o chamar e trazer a seu serviço um d'aquelles homens que só Deus póde fazer, e elles não pódem? Parecerá por ventura que se Deus fôra homem não fizera outro tanto, mas é certo que sim fizera, e com muito maiores empenhos.

Já Deus era homem, e já estava assentado á dextra do Padre, quando ás portas de Damasco se ouviu um trovão, que derribando do cavallo a Saulo, fez estremecer e cahir em terra a todos os que o acompanhavam armados. No meio d'aquelles homens se ouviu juntamente uma voz, que dizia: *Saule, Saule, cur me persequeris?* Saulo, Saulo, porque me persegues? Mas que voz foi esta, e de quem? Alguns cuidaram que fôra sómente formada no ar por modo de visão

imaginaria; mas é certo e de fé, que foi voz do mesmo Christo em pessoa, como declarou o mesmo S. Paulo, e consta d'outros muitos logares da historia sagrada. E nota S. Thomaz, que por todo aquelle espaço de tempo deixou Christo o céo, e desceu até ás portas de Damasco, para converter a Saulo. Pois para converter um homem, e um homem actualmente seu perseguidor e inimigo, se aballa em pessoa o filho de Deus, e deixa o throno de Sua Magestade, e vem á terra com tanto estrondo e apparato de poder, e lhe falla e o chama duas vezes por seu proprio nome? Sim. E a razão deu-a o mesmo Christo a Ananias, dizendo que tinha escolhido aquelle homem para se servir d'elle na prégação do Evangelho, e dilatação de sua Egreja por todo o mundo: *Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram gentibus.* E se Christo Deus e homem, deixa o throno de Sua Magestade, e desce do céo á terra para buscar e trazer a seu serviço um homem em quem na mesma guerra que lhe fazia conheceu o grande talento com que o podia servir; os homens, que não são deuses, por que terão por acção menos decorosa á sua grandeza buscarem por si mesmos os homens, para se servirem de seus talentos nos officios e cargos de maior importancia, e serem elles como pretendentes dos mesmos homens, os requerentes dos mesmos officios?

Quem isto estranhar, é porque o entende ás avessas. Cuidam que n'estes casos fazem os reis os provimentos nos vassallos, e é engano. Os providos n'estes provimentos não são os vassallos, senão os mesmos reis. Deus era o rei de Israël, e quando proveu o officio em um filho de Isaï, que disse a Samuël? *Mittam te ad Isaï, providi enim in filiis ejus mihi regem:* Irás a casa de Isaï, porque em seus filhos tenho provido para mim o rei. Notae muito o *providi mihi:* proví para mim: o provimento foi feito em David, mas o provido foi Deus. O mesmo se verificou no provimento de Moysés, e no provimento de Paulo. Quando Deus proveu a Moysés, disse que descêra do céo, para por meio d'elle livrar do captiveiro a seu povo: *Descendi ut liberem populum meum de manibus Egyptiorum.* De sorte que Deus e o seu povo era o empenhado no officio provido em Moysés. E quando Christo desceu tambem do céo, e elegeu a S. Paulo, o que disse foi: *Vas electionis est mihi iste, ut portei*

nomen meum, onde se deve notar o *mihi*, e o *nomen meum*, porque tambem o empenhado no provimento de Paulo era o mesmo Christo e o seu nome. E como os principes quando proveem os officios nos grandes homens, elles, posto que supremos e soberanos, são os providos, não é muito que elles tambem sejam os que os busquem, e se deem os parabens de os acharem, como Deus se gloriava e dava o parabem de achar a David: *Inveni David servum meum: inveni hominem secundum cor meum, qui faciat omnes voluntates meas.*

Quando assim o fizerem os reis buscando os escondidos, e pretendendo os que não pretendem, e tirando-os para seu serviço dos logares onde estiverem mais retirados, então obrarão como reis, e serão venerados e adorados como reis descidos do céo. Quando Nathanaël appareceu a primeira vez diante de Christo, disse o Senhor d'elle, que era verdadeiro Israelita: *Ecce verus Israelita, in quo dolus non est.* E como admirado Nathanaël, perguntasse d'onde o conhecia, e o Senhor respondesse, que já o tinha visto, quando deitado debaixo da sua figueira o chamára Filippe: *Priusquam te Philippus vocaret, cum esses sub ficu, vidi te:* exclamou Nathanaël, dizendo: *Tu es Filius Dei, tu es Rex Israël:* Confesso que vós Senhor, sois o verdadeiro Rei de Israël, e Filho de Deus. Pois porque Christo lhe disse que antes de apparecer diante d'elle o conhecia, e que o vira quando estava á sombra da sua figueira, d'ahi infere Nathanaël, que é verdadeiro Rei, Filho de Deus, e Redemptor de Israël? Sim. Porque o Rei que conhece os seus vassallos, e as suas boas partes e merecimentos, antes de apparecerem em sua presença, e estando ausentes e retirados ao pé de uma arvore, põe os olhos n'elles; este tal Rei, não só é Rei, mas vindo do céo, é merecedor de ser acclamado e venerado com adorações. Tal é o exemplo que a todos os reis deixou o verdadeiro Messias, e tal o estylo com que tambem, hoje, a republica de Jérusalem não buscou ao mesmo Messias na côrte, senão nos desertos: *Miserunt Judæi ab Jerosolymis Sacerdotes et Levitas ad Joannem.*

SERMÃO

DA

Quarta Dominga do Advento*

Factum est verbum Domini super Joannem, et venit in omnem regionem Jordanis, prædicans baptismum pœnitentiæ in remissionem peccatorum.

Luc., III.

I

Sem que eu o diga, está dito por si mesmo, que havemos de ter hoje o quarto Juiso. No primeiro sermão vimos o Juiso de Deus para com os homens; no segundo vimos o juiso dos homens uns para com os outros; no terceiro vimos o juiso de cada um para comsigo mesmo. Mas qual será o quarto e ultimo Juiso que nos resta hoje para vêr? Nem é juiso de si mesmo, nem é juiso dos homens, nem é Juiso de Deus: é o Juiso d'estes tres juisos. Todos os tres juisos que vimos, vêm hoje chamados a Juiso. Levanta n'este Evangelho o Baptista o tribunal supre-

* E' este sermão sublime um verdadeiro modelo d'eloquencia e pertence ao genero das homilias oratorias. A sua peroração, sobretudo, é um verdadeiro prodigio d'eloquencia apostolica.

Quando Vieira baixou do pulpito da Capella Real n'esse dia para sempre memoravel em que os mais bellos accentos da eloquencia christã haviam resoado, as santas impressões que este sermão despertara nos corações dos ouvintes, desbordavam em manifestações ostensivas de fé e arrependimento. As conversões foram muitas: o segredo de cada uma d'ellas ficou

mo da Penitencia: *Prædicans baptismum pœnitentiæ in remissionem peccatorum:* e assenta-o com grande propriedade e mysterio nas ribeiras do Jordão: *In omnem regionem Jordanis;* porque Jordão quer dizer: *Fluvius judicii.* o rio do juiso. A vêr-se nas aguas d'este rio, a apresentar-se diante d'este tribunal, veem hoje os tres juisos, cada um por suas causas. O juiso de si mesmo, vem por suspeições, porque o damos por suspeito: o juiso dos homens, vem por aggravo, porque aggravamos d'elle; o Juiso de Deus, vem por appellação, porque appellamos de Deus para a nossa penitencia. Todos este juisos hão-de ser julgados hoje, e espero que hão-de sahir bem julgados, porque debaixo do juiso da penitencia, o juiso de si mesmo emenda-se; o juiso dos homens despresa-se: o Juiso de Deus revoga-se. Assim que o juiso de si mesmo emendado; o juiso dos homens despresado; o Juiso de Deus revogado: é o que havemos de vêr hoje.

Tenho proposto (catholico e nobilissimo auditorio) a materia d'este ultimo sermão. E se nos passados mereci alguma coisa a vossos entendimentos *(quod sentio quam sit exiguum)* quizera que m'o pagassem hoje vossos corações. Aos corações determino prégar hoje, e não aos entendimentos. Christo, soberano exemplar dos que prégam sua palavra, comparou os prégadores aos que lavram e semêam: *Exiit qui seminat seminare: semen est verbum Dei.* [1] O ultimo sermão é o Agosto dos prégadores: se se colhe algum fructo, n'este sermão se colhe. Mas quando eu vejo que hoje nos torna a repetir o Baptista, que clamava no deserto: *Vox clamantis in deserto;* [2] que confiança póde ficar a qualquer outro prégador, que não desmaie; ou que palavras pódem ser tão fortes e efficazes ás suas, que antes de as pronunciar a voz, não

---

para sempre guardado entre Deus, os penitentes e cada um dos padres confessores do collegio de Santo Antão e da Casa Professa de S. Roque, os quaes sempre se viam mais occupados no confessionario sempre que o apostolico e maravilhoso Vieira prégava. Meu Deus, dae á nossa patria prégadores como Vieira e a nossa patria salvar-se-ha!

[1] *Luc.*, VIII, 5.

[2] *Luc.*, III, 4.

emmudeçam? Lembra-me, porém, que para Christo converter um homem que o tinha negado tres vezes, porque se dignou de lhe pôr os olhos, bastou a voz irracional e nocturna de uma ave, cujas azas apenas a levantam da terra, para o restituir outra vez ao caminho do céo. Tanto póde um *respexit* dos olhos divinos. Assim é, Senhor, assim é. E posto que este indigno ministro da vossa palavra seja tão desproporcionado instrumento para obra tão grande; se os olhos de vossa piedade e clemencia se puzerem nos que me ouvem, e um raio de vossa vista lhes ferir as almas; não desespero, antes confio de vossa graça, que as soberanas influencias de sua luz farão o que pódem, e o que costumam: *Qui respicit terram, et facit eam tremere:* [1] olhae vós, Senhor, que ainda que sejamos de terra insensivel e dura, nós tremeremos de vos offender: *Aspexit, et dissolvit gentes:* [2] olhae Vós, Senhor, que ainda que fossemos gentios sem fé, e não christãos, os nossos corações se farão de cêra, e se derreterão. N'este dia, pois, em que nos não resta outro, accendei a frieza de minhas palavras, e allumiae as trevas de nossos entendimentos, de sorte que resolutamente desenganados, façamos hoje um inteiro e perfeito juiso de Vós, de nós, e do mundo: de Vós, para que vos conheçamos e vos amemos; de nós, para que nos conheçamos e nos humilhemos; do mundo, para que o conheçamos e o desprezemos.

II

Ora venham entrando os tres juisos, para serem examinados e julgados no tribunal da penitencia: o juiso de si mesmo, para que se emende; o juiso dos homens, para que se despreze; o Juiso de Deus, para que se revogue: e comecemos pelo que nos fica mais perto.

No tribunal dos Areopagitas em Athenas, costumavam entrar os réos com os rostos cobertos. Assim

[1] *Psal.*, CIII, 32.
[2] *Habac.*, III, 6.

entra e se apresenta no tribunal da penitencia, o juiso de si mesmo. Entra com os olhos tapados, porque não ha juiso mais cego. A cegueira do juiso e amor proprio, é muito maior que a cegueira dos olhos; a cegueira dos olhos, faz que não vejamos as coisas; a cegueira do amor proprio, faz que as vejamos differentes do que são, que é muito maior cegueria. Trouxeram um cego a Christo, para que o curasse; poz-lhe o Senhor as mãos nos olhos, e perguntou-lhe se via? Respondeu: *Video homines velut arbores ambulantes:* [1] que via andar os homens como arvores. Perguntou: e quando estava este homem mais cego, ou antes? Agora, não ha duvida, que tinha alguma vista, mas esta vista era maior cegueira, que a que d'antes tinha; porque d'antes não via nada, agora via uma coisa por outra, homens por arvores; e maior cegueira é vêr uma coisa por outra, que não vêr nada. Não vêr nada, é privação; vêr uma coisa por outra, é erro. Eis aqui porque sempre erra o juiso proprio: eis aqui porque nunca acabamos de nos conhecer. Porque olhamos para nós com os olhos de um mais cego que os cegos, com uns olhos que sempre vêem uma coisa por outra, e as pequenas lhes parecem grandes. Somos pouco maiores que as hervas, e fingimo'-nos tão grandes como as arvores; somos a coisa mais inconstante do mundo, e cuidamos que temos raizes; se o inverno nos tirou as folhas, imaginamos que nol-as ha-de tornar a dar o verão; que sempre havemos de florescer, que havemos de durar para sempre. Isto somos, e isto cuidamos.

E que faz a penitencia para emendar este juiso tão sem juiso? Que faz a penitencia para allumiar este cego tão cego? Duas coisas. Tira-lhe o véo dos olhos, e mette-lhe um espelho na mão. Tira-lhe o véo dos olhos, como pedia o peccador a Deus: *Revela oculos meos;* [2] mette-lhe um espelho na mão, como dizia Deus ao peccador: *Statuam te contra faciem tuam.* [3] Porvos-hei a vós diante de vós. Nenhuma coisa trazemos os homens mais esquecida e desconhecida, nenhuma trazemos mais detraz de nós, que a nós mesmos. E

---

[1] *Marc.*, VIII, 24.
[2] *Psal.*, CXVIII, 18.
[3] *Ibid.*, XLIX, 21.

que faz o juiso da penitencia? Põe-nos a nós diante de nós: *Statuam te contra faciem tuam.* Põe-nos a nós diante de nós, como a réos diante do tribunal, para que nos julguemos; põe-nos a nós diante de nós, como objecto diante do espelho, para que nos vejamos. Coisa difficultosa é, que homens tão derramados nas coisas exteriores, cheguem a se vêr interiormente, como convém. Mas isso faz a penitencia por um de dois modos, ambos maravilhosos: ou voltando-nos os olhos de fóra para dentro, para que nos vejam; ou virando-nos a nós mesmos de dentro para fóra, para que nos vejamos.

Quando Deus quiz converter aquelle tão desvanecido rei Nabochodonosor, para que se descesse de seus soberbissimos pensamentos e conhecesse o que era, o primeiro passo por onde o encaminhou á penitencia, foi transformal-o em bruto. Sobre o modo d'esta transformação, ha variedade de pareceres entre os doutores: uns dizem que foi imaginaria, outros que foi verdadeira; e posto que este segundo modo é mais conforme ao Texto, de ambos podia ser. Se foi transformação imaginaria, voltou Nabuchodonosor os olhos para dentro de si mesmo, e viu tão vivamente o que era, que desde aquelle ponto se não teve mais por homem, senão por bruto, e como tal se tratava. Se foi transformação verdadeira, converter Deus em bruto a Nabuchodonosor, não foi outra coisa que viral-o de dentro para fóra, para que mostrasse por fóra na figura, o que era por dentro na vida. Oh quão outro se imaginava este grande rei antes do que agora se via! D'antes não se contentava com ser homem, e imaginava-se Deus: agora conhecia que era muito menos que homem, porque se via bruto entre os brutos. Se voltarmos os olhos para dentro de nós, ou se Deus nos virára a nós mesmos de dentro para fóra, que differente conceito havia de fazer cada um de si, do que agora fazemos! Mas sigamos os passos d'este novo monstro, e vel-o-hemos, e ver-nos-hemos. Andou pascendo aquelle bruto racional o primeiro dia da sua transformação entre os animaes: lá pela tarde teve sêde; foi-se chegando sobre quatro pés á margem d'um rio, e quando reconheceu no espelho das aguas a deformidade horrenda da sua figura, valha-me Deus, que assombrado ficaria de si mesmo! Provaria primeiro fugir de si; mas como se visse atado tão for-

lemente áquelle tronco bruto, remetteria a precipitar-se na corrente; e se Deus d'elle não tivesse mão, porque o queria trazer por aquelles campos de Babylonia para exemplo eterno de soberbos, alli ficaria sepultado, primeiro em sua confusão, e depois na profundidade do rio. Que rio é este, senão o rio Jordão: *Fluvius judicii:* rio do juiso? E quem é este Nabuchodonosor assim transformado, senão o peccador, bruto com razão, e sem uso d'ella, que anda pascendo nos campos d'este mundo entre os outros animaes, mais animal que elles? Só uma differença ha entre nós e Nabuchodonosor, que elle quiz fugir de si, e não pôde, nós ainda podemos, se quizermos. Chega em fim o peccador a vêr-se nas aguas d'este rio, espelhos naturaes, e sem adulação; vê de repente o que nunca tinha visto: vê-se a si mesmo. Oh que assombro! E' possivel que este sou eu? Tal fealdade, tal horror, tal bruteza, taes deformidades ha em mim? Sim; e muito maiores. Esse sois, e não o que vós cuidaveis. Vêde se diz esse retrato com o que vós tinheis formado de vós mesmo no vosso pensamento; vêde bem, e considerae muito devagar n'esse espelho, o rosto e as feições interiores da vossa alma; vêde bem esses olhos, que são as vossas intenções; esses cabellos, que são vossos pensamentos; essa bocca, que são as vossas palavras; essas mãos, que são as vossas acções e as vossas obras; vêde bem se diz essa imagem com a que tendes na vossa idéa; vêde se se parece o que vêdes com o que imaginaveis; vêde se vos conheceis: vêde se sois esse, ou outro: *Tu quis es?*

III

Sabeis porque andamos tão vangloriosos e tão desvanecidos de nós mesmos? Porque trazemos os olhos por fóra e a nós por dentro; porque não nos vêmos. Se nos viramos interiormente como somos, se consideraramos bem a deformidade de nossos peccados; oh que differente conceito haviamos de formar de nós! Tão desvanecidos de illustres, tão desvanecidos de senhores, tão desvanecidos de poderosos, tão desvanecidos de discretos, tão desvanecidos de gentis homens, tão desvanecidos de sabios, tão desvanecidos

de valentes, tão desvanecidos de tudo; porque? Porque vos não vêdes por dentro. Dizei-me vós se uma vez puzesseis bem os olhos em vossos peccados; oh como havieis de emendar todos estes epithetos! Nenhum homem houve no mundo que mais se podesse prezar de si, que David; porque n'elle ajuntou a natureza a fortuna e a graça, tudo o que repartiu pelos grandes homens; e comtudo, nenhum homem achareis mais humilde, nem menos presado de si mesmo, antes mais despresador de si, que David. E d'onde cuidaes que lhe vinha isto? *Peccatum meum contra me est semper:* [1] estava David sempre olhando para seus peccados, e vendo-os, e vendo-se n'elles: *Quasi peccatorum imagines contemplando*, commenta S. João Chrysostomo. Estava David contemplando os seus peccados, como se estivera vendo e considerando as imagens e retratos de suas acções. Não ha duvida que muitas peças do palacio de David pelo verão nas pinturas, pelo inverno nos tapizes estariam ornadas com as famosas historias de suas façanhas. Não deu tanta materia ás artes Hercules em seus trabalhos, como David em suas victorias. Mas não eram estas as vistas em que se entretinha aquelle grande rei, nem estas as galerias em que ia passear. Em contraposição d'aquellas pinturas (sigamos assim a consideração de Chrysostomo) mandou fabricar David outra galeria, chamada de suas fraquezas, e n'ella pintar em diversos quadros, não as famosas, mas as lastimosas historias de seus peccados. Aqui vinha passear David; aqui tinha o bom rei as suas meditações; e aqui alcançava a maior de todas as suas victorias, que foi o conhecimento de si mesmo.

Quasi peccatorum imagines contemplando. Vamos com David considerando peccados, e mudando epithetos. Punha os olhos David em um quadro, via a historia de Bersabéa, e dizia comsigo: E' possivel que me tenha o mundo por Propheta, e que não antevisse eu, que de uma vista se havia de seguir um pensamento, de um pensamento um desejo, e de um desejo uma execução tão indigna de minha pessoa, e de meu estado! Não me chamem mais Propheta, chamem-me cego. E' possivel que sou eu tido no

[1] *Psalm.*, L, 5.

mundo pelo valente da fama, e que bastou uma mulher para me vencer, e para que eu deixasse a guerra, e não sahisse á campanha n'aquelle tempo em que costumavam andar os reis armados diante de seus exercitos: *Eo tempore, quo solent reges ad bella procedere!* [1] Não me chame ninguem valente, chamem-me fraco. Dava dois passos adiante David, punha os olhos n'outro quadro; via a historia de Urias, como dava a carta a Joab, e como apparecia logo morto nos primeiros esquadrões e victoriosos os inimigos. E' possivel que me prézo eu de principe verdadeiro, e que mandei commetter uma aleivosia tão grande debaixo de minha firma; e que a um vassallo tão fiel, depois de lhe tirar a honra, lhe tirei tambem a vida enganosamente! Não me terei mais por verdadeiro, senão por fementido. E' possivel que me fez Deus rei do seu povo, para lh'o conservar e defender, e que consolo eu a nova da derrota do meu exercito, com a nova da morte de Urias; e que pesa mais na minha estimação a liberdade de um appetite, que a perda de tão fieis e valorosos soldados! Não me chamem rei, chamem-me tyranno. Ia por diante David, contemplava outro quadro; via o caso de Nabal Carmello: como mandára tirar a vida a tudo o que em sua casa a tivesse, e como depois lhe concedia perdão pelos rogos de sua mulher Abigaïl. E' possivel que eu sou o celebrado de benigno e piedoso, e mando tirar a vida a um homem, porque não quiz dar sua fazenda aos fugitivos que me seguem! Eu sou o que domei os leões e os ursos no deserto, e não pude domar um impeto de ira dentro em mim mesmo! E' possivel que me préze eu de inteiro, e que sendo tão justificada a causa de Nabal, ao menos não digna de castigo, não bastasse para me applacar a sua justiça, patrocinada só de si mesma; e que, depois, representada por Abigaïl, pudesse mais um memorial acompanhado do seu rosto, que da sua razão! Não me chamarei inteiro, chamar-me-hei respectivo. Dava mais passos adiante David, via n'outro quadro a historia de Siba: como accusava a Misiboset seu senhor, como tomava posse da fazenda, e como depois de provada a calumnia, lhe mandára restituir só ametade. E' possi-

[1] *1.º Livr. dos Paral.*, XX, 1.

vel que me prézo eu de considerado, e que pelo dito de um criado, sem mais informação nem figura de juiso, declaro Misibosel, filho do rei meu antecessor, por réu de lesa magestade, e lhe confisco a fazenda, e a dou ao mesmo accusador! Não me terei mais por prudente, senão por temerario. E' possivel que tenho eu opinião de recto, e que depois de averiguada a calumnia, e provada a innocencia, deixo ao traidor com ametade dos bens, e não mando que se restituam todos ao innocente! Não me terei mais por recto, senão por injusto. Eis aqui como David, pelos retratos de seus peccados, ia mudando os seus epithetos, e emendando o juiso de si mesmo; e tendo em si tanta materia para a vaidade, achava tanta para os desenganos.

Christãos (e não digo senhores, porque quizera que vos prezasseis mais de christãos) ponha-se cada um diante das imagens de seus peccados: *Peccatorum imagines contemplando:* cuide e considere n'ellas um pouco, e verá como as idéas antigas que tinha na phantasia, se lhe vão despintando, e como muda e emenda o juiso errado que de si mesmo fazia. Todos vos prezaes de honrados, todos vos prezaes de entendidos, todos vos prezaes de sisudos: quereis emendar esses epithetos? E' virar os olhos para dentro aos peccados. Eu sou o que me tenho por honrado; e commetti tantas vezes uma vileza tão grande, como ser ingrato e infiel a meu Senhor, e a meu Deus, que me creou, e me remiu com seu sangue! Não sou honrado, sou vil. Eu sou o que me tenho por valoroso; e commetti tantas vezes uma fraqueza tão baixa, como deixar-me vencer de qualquer tentação, e virar as costas a Christo, sem resistir por seu amor, nem a um pensamento! Não sou valoroso, sou covarde. Eu sou o que me prézo de entendido; e commetti tantas vezes uma ignorancia tão feia, como antepôr a creatura ao Creador, a summa miseria ao summo e infinito bem! Não sou entendido, sou nescio. Eu sou o que me prézo sisudo; e commetti tantas vezes uma loucura tão rematada, como arriscar por um appetite leve, por um instante de gosto, uma eternidade de gloria, ou de inferno! Não sou sisudo, sou louco. D'esta maneira emenda o juiso da penitencia os erros e as cegueiras do nosso. Em logar de sisudo, põe louco; em logar de discreto, nescio; em logar de valo-

roso, covarde; em logar de honrado, vil: e aquillo era o que cuidavamos, isto o que somos. Ninguem nos diz melhor o que somos, que os nossos peccados.

IV

Ainda os nossos peccados postos diante dos olhos teem outro modo de convencer e emendar, mais apertado, e mais forçoso: que é convencer-nos a nós comnosco, e emendar o nosso juiso com o nosso proprio juiso. Cada um em seu juiso não se deve estimar mais que aquillo em que elle mesmo se avalia. E como se avalia cada um de nós? Isto não se vê nos nossos pensamentos, vê-se nos nossos peccados. Todas as vezes que um homem pecca, vende-se pelo seu peccado: *Venundatus est, ut faceret malum*, diz a Escriptura Sagrada. [1] Ora veja cada um de nós o preço porque se vende, e d'ahi julgará o que é. Prezaes-vos muito, e estimaes-vos muito, desvaneceis-vos muito: quereis saber o que sois por vossa mesma avaliação? Vêde o preço porque vos daes, vêde os vossos peccados. Daes-vos por um respeito, daes-vos por um interesse, daes-vos por um appetite, por um pensamento, por um aceno: muito pouco é o que por tão pouco se dá. Se nos vendemos por tão pouco, como nos prezamos tanto? Filhos de Adão em fim. Quem visse a Adão no Paraiso com tantas presumpções de divino, mal cuidaria que em todo o mundo podesse haver preço porque se houvesse de dar. E que succedeu? Deu-se elle, e deu a todos os seus filhos por uma maçã. Se nos vendemos tão baratos, porque nos avaliamos tão caros? Já que vos estimaes tanto, não vos deis por tão pouco; e pois vos daes por tão pouco, não vos tenhaes por mais. Não é razão que se avalie tão alto no seu pensamento, quem se vende tão baixo no seu peccado.

Agora entendereis o espirito e a prudencia de David, em pôr diante dos olhos as imagens de seus peccados: *Peccatorum imagines contemplando:* quando para se excitar á contricção e conhecimento de sua

[1] *3.º Livro dos Reis*, XXI, 25.

miseria, parece que, como propheta, pudéra representar diante de si outra imagem, que mais o movêra. Não movêra mais a David uma imagem de Christo crucificado, pois elle sabia mui bem, que Deus havia de morrer em uma cruz por aquelles mesmos peccados? Digo que não; e vêde a razão porque o digo. Muito melhor me conheço eu diante da imagem d'um peccado, que diante da imagem de um Christo um peccado, que diante da imagem de um Christo crucificado. Quando estou diante da imagem de Christo crucificado, parece que tenho razões de me ensoberbecer, porque vejo o preço porque Deus me comprou: mas quando me ponho diante da imagem d'um peccado, não tenho senão razões de me humilhar, porque vejo o preço porque eu me vendi. Quando vejo que Deus me compra com todo o seu sangue, não posso deixar de cuidar que sou muito; mas quando vejo que eu me vendo pelos nadas do mundo, não posso deixar de crêr que sou nada. Eis aqui a que se reduz, e como se desengana o juiso de si mesmo, quando se vê, como em espelho, na imagem de seus peccados: e assim o muda, assim o emenda o juiso da penitencia: *Prædicans baptismum pœnitentiæ.*

V

O juiso de si mesmo (como acabámos de vêr) emenda-se; e o juiso dos homens? Despreza-se. Entra pois o juiso dos homens a apresentar-se diante do tribunal da penitencia: e não vem com os olhos vendados, como o juiso de si mesmo; mas com todos os sentidos, e com todas as potencias livres, e muito livres; porque com todas julga a todos. Traz livres os olhos, porque julga tudo o que vê; traz livres os ouvidos, porque julga tudo o que ouve; traz livre a lingua, porque publica tudo o que julga; e traz livre mais que tudo a imaginação, porque julga e condemna tudo o que imagina.

Mas que faz a penitencia para desprezarmos este idolo tão adorado, tão temido, e tão respeitado no mundo? Que faz, ou que póde fazer a penitencia, para que não façamos caso, sendo homens, do juiso dos homens? Com abrir ou fechar um sentido, faz a peni-

tencia tudo isto. Para o juiso de si mesmo, abre-nos os olhos; para o juiso dos homens, fecha-nos os ouvidos. No dia da Paixão choviam testemunhas e blasphemias contra Christo; e o Senhor, como se nada ouvira. Assim lh'o disse admirado Pilatos: *Non audis quanta adversum te dicunt testimonia?* [1] Não ouves quantos testemunhos dizem contra ti? Não ouvia Christo, porque ouviu como se não ouvira. O Senhor n'aquelle dia ia satisfazer pelos peccados nossos, que fizera seus: e quem trata de satisfazer a Deus por peccados, não tem ouvidos para o que contra elle dizem os homens: *Ego autem tanquam surdus non audiebam.* [2] Digam os homens, julguem os homens, condemnem os homens o que quizerem, e quanto quizerem: que quem trata devéras da satisfação de seus peccados, quem trata devéras de ser julgado de Deus, não se lhe dá do juiso dos homens. Sabeis porque fazemos tanto caso dos juisos humanos? Porque não somos verdadeiros penitentes. Se a nossa penitencia, se o nosso arrependimento fôra verdadeiro, que pouco caso haviamos de fazer de todas as opiniões do mundo!

Peccou David o peccado de Bersabéa e Urias: ao cabo de algum tempo veiu o propheta Nathan a advertil-o do grande mal que tinha feito: reconheceu David sua culpa e disse: *Peccavi.* [3] Pequei; e no mesmo ponto por parte de Deus o absolveu o propheta do peccado: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum.* [4] Peccou Saül o peccado de desobediencia, reservando do despojo de Amalec para o sacrificio: veiu tambem o propheta Samuel advertil-o de quanto Deus sentira aquella culpa; conheceu-a Saül e disse: *Peccavi*, pequei; mas nem o propheta respondeu que estava perdoado, nem Deus lhe concedeu perdão. E' este um dos notaveis casos que tem a Escriptura, considerada a similhança de todas as circumstancias d'elle. David era rei, Saül tambem era rei; David peccou, Saül peccou; a David veiu admoestar um propheta, a Saül veiu admoestar outro propheta; David disse: *Peccavi*, pe-

---

[1] *Math.*, XXVII, 13.
[2] *Psal.*, XXXVII, 14.
[3] *2.º Livro dos Reis*, XII, 13.
[4] *Ibid.*

quei; Saül disse: *Peccavi*, pequei. Pois se os casos em tudo foram tão similhantes, como perdoa Deus a David, e não perdoa a Saül? Se um *peccavi* basta a David, a Saül porque lhe não bastou um *peccavi?* A razão litteral que dão todos os Doutores é, que o *peccavi* de David foi dito de todo o coração; o *peccavi* de Saül foi dito sómente de bocca; a penitencia de David, foi penitencia verdadeira; a penitencia de Saül, foi penitencia falsa. Muito bem dito; mas d'onde se prova? D'onde se prova que foi falsa a penitencia de Saül, d'onde se prova que o seu *peccavi* foi dito de bocca, e não de coração? Não o dizem os Doutores; mas eu o direi, ou o dirá o Texto. Quando David disse: *Peccavi;* não fallou mais nada. Quando Saül disse: *Peccavi*, acrescentou estas palavras: *Peccavi: sed honora me coram senioribus populi mei, et coram Israël.* [1] Pequei; mas vós, Samuel, tratae de minha reputação, e honrae-me com os grandes e povo de meu rei. Ah, sim, Saül, e vós depois de dizer *peccavi*, depois de vos pôrdes em estado de penitente, ainda vos lembra reputação, ainda fazeis caso do que dirão ou não dirão de vós os homens? Signal é logo que não é verdadeira a vossa penitencia, e que aquelle *peccavi* nasceu na bocca, e não no coração. Quem chega a estar verdadeiramente penitente, quem chega a estar verdadeiramente arrependido, como estava David, não lhe lembram mais que os seus peccados: *Peccavi:* não se lhe dá do que julgam, nem do que dizem os homens.

VI

As razões d'esta verdade são muitas e grandes; ouvi as da minha tibieza, que a quem tiver melhor espirito lhe occorrerão outras mais e maiores. O verdadeiro penitente, elle mesmo se accusa e se condemna: que se lhe dá logo que digam outros o que elle confessa de si? Que importa que outros levem o pregão, quando eu mesmo executo o castigo? Quem se confessa por réo, não lhe fazem aggravo as testemunhas. Se um

[1] *I.º Livro dos Reis*, XV, 30.

homem está verdadeiramente arrependido, se conhece verdadeira e profundamente suas culpas, nunca ninguem dirá d'elle tanto mal, que elle se não julgue por muito peior. E quem se vê julgado mais benignamente do que suas culpas merecem, antes tem razão de agradecer, que de queixar-se. Por isso os grandes penitentes não se queixavam das injurias. Julgue e diga o mundo o que quizer, que nunca poderá dizer tanto mal, quanto eu sei de certo que ha em mim.

Nenhuma coisa deseja mais um verdadeiro penitente, que tomar vingança em si das injurias de Deus; e como o juiso dos homens se põe da parte d'esta vingança, antes nos ajuda, que nos offende. Quem se não aborrece a si, diz Christo, não me póde servir a mim. Oh como se aborrece a si, e como se aborrece de si, um verdadeiro penitente! E que se me dá a mim que seja bem ou mal julgado quem eu aborreço? Se eu conheço verdadeiramente a deformidade de minhas culpas, não hei-de aborrecer mais a quem as fez, que a quem as diz?

O verdadeiro penitente só uma coisa estima, e só uma coisa teme n'esta vida; só estima o que póde dar graça a Deus, e só teme o que a póde tirar. E como o juiso dos homens não póde dar nem tirar a graça de Deus, que se lhe dá ao penitente do juiso dos homens? O juiso dos homens, quando muito lhe dêmos, poderá fazer mal, mas não póde fazer máus. Se eu sou bom, por mais que me julguem mal os homens, não me pódem fazer máu; se eu sou máu, por mais que julguem bem os homens, não me pódem fazer bom: e como o juiso dos homens não tem poder para fazer máus, nem bons, que caso ha-de fazer d'este juiso o verdadeiro penitente, o qual só uma coisa deseja, que é ser bom, e só de uma coisa lhe peza, que é ter sido máu?

Feche todas estas razões uma maior que todas. O juiso dos homens, por mais que vos condemnem, póde-vos impedir o céo, ou levar-vos ao inferno? Não. Ponde agora de uma parte todos os juisos dos homens, e da outra os vossos peccados, e perguntae-vos a vós mesmo, quaes d'estes deveis mais temer. Os juisos dos homens, ainda que façam todo o mal que pódem, nem pódem dar o inferno, nem tirar o Paraiso; os peccados ainda que acheis n'elles todos os falsos bens que vos promettem, só elles tiram o Paraiso, e dão

inferno. E como o verdadeiro penitente está vendo que só os seus peccados o pódem tirar do Paraiso, e leval-o ao Inferno; que caso ha-de fazer dos juisos dos homens? Dos peccados sim, e só dos peccados, porque só por elles o póde condemnar Deus. E quem teme que o póde condemnar Deus, não se lhe dá que o condemnem os homens.

VII

Supposta a verdade d'esta doutrina, que poucos, e que poucas penitentes verdadeiras deve haver hoje no mundo, onde tanto se trata só de agradar e contentar aos homens! Vejam-no os homens em David, e as mulheres na Magdalena. David, que pouco caso fez das injurias de Semeï! Disse Semeï a el-rei David em seu proprio rosto, as injurias que se não puderam dizer ao homem mais vil; quizeram remetter logo á elle os que acompanhavam ao rei, para lhe tirarem a lingua e a vida; e que fez David? Teve mão n'elles para que o deixassem dizer. As injurias são a musica dos penitentes; tal ia David n'aquelle passo, descalço, e chorando seus peccados. Quem conhece que tem offendido a Deus, nenhuma coisa o offende. Assim desprezava David o juiso dos homens.

Da Magdalena quem o poderá explicar com a ponderação que merece? Uma senhora tão principal em Jérusalem, tão servida, tão estimada, tão dada á vaidade e galas; quem a visse com o toucado desprendido, com o vestido sem concerto, pela rua sem companhia, em casa do Phariseu sem reparo, toda fóra de si (ou toda dentro em si, porque toda era coração n'aquella hora) os cabellos descompostos, o alabastro quebrado, os olhos feitos dois rios, lançada aos pés de Christo, abraçando-os, e abraçando-se com elles; que diria? — Valha-me Deus, senhora, que mudança é esta? Não vêdes quem sois? Não vêdes o que fazeis? Não vêdes o que dirão os homens? — Não; nada vejo, que quem viu seus peccados, não lhe ficam olhos para vêr outra coisa. Não vejo o que sou, porque vi o que fui; não vejo o que faço, porque vi o que fazia. Já vi tudo o que havia de vêr n'esta vida, e prouvera a Deus que não tivera visto tanto. Já não faço caso dos

homens, nem dos seus juisos; digam o que quizerem.

Tres vezes foi a Magdalena julgada e condemnada dos homens. Julgou-a e condemnou-a o Phariseu, chamando-lhe peccadora: *Quia peccatrix est:* [1] Julgaram-na e condemnaram-na os Apostolos, chamando-lhe esperdiçada: *Ut quid perditio hæc.* [2] Julgou-a e condemnou-a sua irmã, chamando-lhe ociosa: *Reliquit me solam ministrare.* [3] Tudo isto ouviu sempre a Magdalena, mas nunca se lhe ouviu uma palavra: como se respondera com o seu silencio: — Condemnem-me embora os Phariseus, condemnem-me os de que menos se podia esperar — os irmãos. Nos Phariseus condemne-me a malicia, nos Apostolos condemne-me a virtude, na irmã condemne-me a mesma natureza, que a quem tem maiores causas para sentir, não lhe dão cuidado essas. Quando as dôres são eguaes, sentem-se todas, quando uma é maior, suspende as outras. A dôr dos peccados, se é verdadeira, é a maior dôr de todas, porque tem maiores causas, e a quem verdadeiramente lhe dóem seus peccados, nenhuma outra coisa lhe dóe. A setta que feriu o coração, defende de todas as settas; porque ainda que achem corpo, já não acham sentimento; faça os tiros que quizer o juiso dos homens, que se o coração está ferido de Deus, ou não offendem, ou não magoam. O amor é um sentimento que faz insensiveis; por isso se compara á morte. A morte faz insensivel a quem mata; o amor insensivel a quem ama. Quem trata só de amar a Deus, só sente havel-o offendido: a tudo o mais é insensivel.

Exemplos tinha em si mesma a Magdalena, e podera-se argumentar a si comsigo. Que importa parecer mal aos homens, se eu parecer bem a Deus? Que importa parecer mal aos demais, se eu parecer bem a quem amo? Quantas vezes nas minhas loucuras segui os desprezos d'este dictame? E será bem que seja agora menos animoso meu amor, e menos resoluto? Se eu não reparei no que diriam os homens para offender a Deus; repararei agora no que dizem, ou no

---

[1] *Luc.*, VII, 39.
[2] *Math.*, XXVI, 8.
[3] *Luc.*, X, 40.

que dirão para o buscar? Não reparei em que dissessem que era peccadora, e repararei em que digam que sou arrependida? Já que soffri que murmurassem o peccado, não é menos que calumniem a emenda?

Isto dizia o silencio da Magdalena, as tres vezes que a condemnaram os homens. E é muito de notar, que de todas estas tres vezes estava a Magdalena aos pés de Christo. Oh que grande remedio são os pés de um Christo, para um homem se lhe não dar dos juisos dos homens! E se isto faziam os pés de Christo vivo, quanto mais os pés de um Christo morto e crucificado! E' possivel, Senhor, que estejaes n'essa cruz julgado e condemnado, sendo a mesma innocencia; e eu não soffrerei ser julgado e condemnado, sendo peccador?! Se a vós vos julgam e condemnam pelos meus peccados, porque hei-de sentir eu que me julguem, e me condemnem pelos meus? Em vós estou adorando as injurias e as affrontas, e em mim não as hei-de soffrer? Para vos offender e me perder, não reparei no que diriam os homens, e para vos amar e me salvar, repararei no que dirão? Não é isso o que vós me ensinaes n'essa cruz?

Ouvi uma coisa grande, em que parece que mudou de condição Deus. Quando Deus quiz castigar o povo no deserto, allegou-lhe Moysés o que diriam os Egypcios: *Ne, quæso, dicant Ægyptii;* [1] e deixou o Senhor de os castigar. Quando Josuë teve a primeira rota da Terra da Promissão, allegou a Deus o que diriam os Cananeos: *Quid facies magno nomini tuo;* [2] e continuou o Senhor a favorecel-o. Quando o reino de Israël estava mais afflicto, representou David a Deus o que diriam as gentes: *Ne forte dicant in gentibus;* [3] e cessou a afflicção. De maneira, que o remedio que tinham os Patriarchas antigos para alcançar de Deus o que queriam, era allegar-lhe um *Ne dicant*, o *que dirão* os homens. Determina Deus de vir á terra a remir e salvar o mundo; e se alli se achasse Moysés, Josuë, ou David, com o espirito prophetico que tinham, parece que poderam fazer a Deus a mesma replica. — Como assim, Senhor? Quereis ir ao mundo?

---

[1] *Exod.*, XXXII, 12.
[2] *Josuë*, VII, 9.
[3] *Psal.*, LXXVIII, 10.

Quereis apparecer entre os homens? E não reparaes no *que dirão*, e é certo que hão-de dizer de vós? Hão-de dizer que sois um samaritano e endemoninhado: *Samaritanus est tu, et dæmonium habes;* [1] hão-de dizer que sois um blasphemo: *Blasphemavit;* [2] hão-de dizer que sois um enganador: *Seductor ille;* [3] hão-de dizer que sois um perturbador da republica: *Subvertentem gentem nostram;* [4] hão-de dizer que tendes pacto com o demonio: *In Beelzebub principe dæmoniorum ejicit dæmonia;* [5] hão-de dizer que vos não podeis salvar: *Se ipsum non potest salvum facere;* [6] hão-de dizer, finalmente, infinitos opprobrios contra vós: *Saturabitur opprobriis.* [7] Mais. Ha-de-se levantar um Ario, que ha-de dizer, que não sois consubstancial ao Padre; ha-de-se levantar um Manicheu, que ha-de dizer que não sois homem; ha-de-se levantar um Nestorio, que ha-de dizer que não sois Deus; ha-de-se levantar um Calvino, que ha-de dizer que não estaes no Santissimo Sacramento; hão-de-se levantar infinitos heresiarchas, outros que hão-de dizer contra vossa Divindade e Humanidade infinitas blasphemias. Pois se Deus estava prevendo tudo isto, e se antigamente podia tanto com Deus o que diriam os homens; porque agora faz tão pouco caso do *que dirão?* Porque antigamente encontrava-se o *que dirão* dos homens com o nosso castigo, agora encontrava-se com o nosso remedio: e quando o *que dirão* dos homens se encontra com o nosso castigo, deixa Deus de castigar pelo *que dirão:* mas quando o *que dirão* dos homens se encontra com o nosso remedio, pelo *que dirão* os homens, não deixa Deus de salvar. Vá por diante o negocio da salvação, e digam os homens o que quizerem. Christãos ha alguns de nós pusillanimes, que, por medo do *que dirão* os homens, deixamos de fazer muitas coisas que importam á nossa salvação. Deus nos livre de uma cobardia como esta. Façamos por

---

[1] *Joan.*, VIII, 48.
[2] *Math.*, XXVI, 65.
[3] *Ibid.*, XXVII, 63.
[4] *Luc.*, XXIII, 2.
[5] *Ibid.*, XI, 15.
[6] *Math.*, XXVII, 42.
[7] *Thren.*, III,‡30.

nossa salvação, o que Deus fez pela nossa. Deus por me salvar a mim, não fez caso do juiso dos homens, e será bem que o faça eu? Faça-se tudo o que fôr necessario á salvação, e digam os homens o que quizerem. Que importa ser bem julgado dos homens, se vós não vos salvaes? E se vós vos salvaes, que importa ser mal julgado dos homens? Eis aqui como o juiso dos homens se despreza no juiso da penitencia: *Prædicans baptismum pœnitentiæ.*

VIII

Emendado no juiso da penitencia o juiso de si mesmo, e despresado o juiso dos homens, resta só por julgar o Juiso de Deus, que, como temos dito, ha-de sahir revogado n'este Juiso. Os outros dois juisos entrarão a ser julgados, e apparecerão diante do tribunal da penitencia. Do Juiso de Deus não sei como me atreva a dizer outro tanto. Não é o Juiso de Deus aquelle Juiso supremo, que não só não reconhece superior, mas nem póde ter egual no céo, nem na terra? Não é o Juiso de Deus, de que fallamos, aquelle ultimo e universal Juiso, onde sem appellação nem aggravo, se hão-de absolver ou condemnar para toda a eternidade, aquelles que n'elle forem julgados, que hão-de ser todos os homens? Pois como póde ser que haja outro tribunal no mundo, em que a sentença d'este juiso se revogue: ou como póde ser revogar-se?

O como, veremos logo: agora vejamos entrar o Juiso de Deus, e apresentar-se diante do tribunal da penitencia, acompanhado de toda aquella grandeza e temerosa magestade, que no ultimo dia do mundo o fará horrivel e tremendo. Não traz diante as varas e secures romanas, insignias da suprema justiça e auctoridade: mas traz aquella espada de dois gumes: *Gladius ex utraque parte acutus:* [1] que significam as duas penas de damno e de sentido, a que só o Juiso de Deus e nenhum humano, póde condemnar não só os corpos, mas, tambem, os espiritos. Oh que auctoridade

[1] *Apoc.*, I, 16.

tão severa! Oh que jurisdicção tão horrenda! Oh que instrumentos tão formidaveis! Se assim faz tremer o Juiso de Deus quando apparece a ser julgado, que será quando vier a julgar!

Mas que faz a penitencia, ou que póde fazer, para revogar este tão absoluto e tão independente Juiso? Faz quasi o mesmo que para os demais. Para emendar o juiso de si mesmo, abre-nos os olhos: para despresar o juiso dos homens, tapa-nos os ouvidos: para revogar o Juiso de Deus, volta-nos o coração. Em dando uma volta o coração, está o Juiso de Deus revogado. Falla o Propheta Joël á lettra do Juiso final de Deus: descreve o sol, a lua e as estrellas escurecidas, e o céo e a terra tremendo á sua vista: *A facie ejus contremuit terra, moti sunt cæli: sol et luna obtenebrati sunt, et stellæ retraxerunt splendorem suum:* [1] descreve os exercitos innumeraveis de anjos armados de rigor e obediencia, de que o Senhor sahirá acompanhado como executores de sua justiça e vingança: *Dominus dedit vocem suam ante faciem exercitus sui, quia multa sunt nimis castra ejus, quia fortia, et facientia verbum ejus:* [2] descreve, finalmente, a grandeza e terribilidade d'aquelle temeroso dia: *Magnus enim dies Domini, et terribilis valde:* [3] e perguntando quem haverá no mundo que o possa supportar: *Et quis sustinebit eum?* conclue com estas palavras: *Nunc ergo, dicit Dominus, convertimini ad me in toto corde vestro.* [4] Vêdes todos estes apparatos, todos estes rigores, todos estes assombros de ira, de justiça, de vingança? Com dar uma volta ao coração está tudo acabado. Voltae o coração a mim, ou voltae-vos a mim com o coração, diz Deus, e toda a sentença que estiver fulminada contra vós n'este meu Juiso, ficará revogada: *Nunc ergo, dicit Dominus, convertimini ad me in toto corde vestro.* Notae o *nunc ergo:* pelo que agora: de maneira que a penitencia ha-de ser agora, e o juiso ha-de ser depois. Esta differença ha entre o Juiso de Deus e o juiso dos homens: no juiso dos homens appella-se depois, no Juiso de Deus appella-

---

[1] *Joël*, II, 10.
[2] *Ibid.*, 11.
[3] *Ibid.*
[4] *Ibid.*, 12.

se antes: *Nunc ergo:* Agora, agora, christãos, que agora é o tempo: e porque agora sim e depois não? Porque depois não póde haver penitencia. Se depois do dia do Juiso pudéra haver penitencia, pudera-se revogar a sentença do Juiso de Deus; mas a razão porque aquella sentença se não poderá revogar então, é porque não ha tribunal da penitencia senão agora: *Nunc ergo.* Mas vejamos já os poderes d'este tribunal, por um exemplo, e seja o maior que houve no mundo: dae-me attenção.

IX

Entra o Propheta Jonas prégando, ou apregoando pela cidade de Nínive: *Adhuc quadraginta dies, et Ninive subvertetur:* [1] D'aqui a quarenta dias se ha-de subverter Nínive. Era esta a sentença, que estava dada no tribunal da divina justiça pelos peccados d'aquella cidade: e o Propheta não fazia mais que officio de notario de Deus, que a publicava. Com este pregão andou Jonas por toda a cidade, a qual era tão desmedidamente grande, que não pôde chegar á praça onde estava o paço, menos que ao cabo de tres dias. Soou a sentença nos ouvidos do rei; e que vos parece que faria? Desce-se do throno real em que se assentavam sempre os reis, conforme o costume d'aquelles tempos rasga a purpura e veste-se de um aspero cilicio; tira a corôa; lança da mão o sceptro; cobre a cabeça de cinza; e manda que vão seguindo a Jonas com outro pregão, em que se diga, que faça toda a cidade o que el-rei fazia. O pregão de Deus para se executar d'alli a quarenta dias, o pregão do rei para que se executasse logo: e assim se fez. Vestiu-se de cilicio a rainha, vestiram-se de cilicio as damas, vestiram-se de cilicio os cortesãos, vestiu-se de cilicio todo o povo, e, o que se não podéra crêr se o não dissera a Escriptura, vestiram-se e cubriram-se tambem de cilicio, para horror e assombro dos homens, até os mesmos

[1] *Jonas*, III, 4.

animaes. D'esta maneira foi passando á cidade todos aquelles quarenta dias em continuo jejum, em continua oração, em continuas lagrimas e clamores ao céo. Chegado o ultimo dia, retirou-se Jonas a um monte, para vêr como Ninive se subvertia: aportára elle ás praias de Ninive, supponhamos, que ás nove horas da manhã, e quando ouviu dar as oito d'aquelle dia: Ah misera cidade, que já não te resta mais que uma hora de duração! Já se vê a suspensão em que passaria o Propheta toda aquella hora. Tocam ás nove: eis lá vae Ninive. Assim se lhe figurou a Jonas, quasi deslumbrado entre o lume dos olhos e o da prophecia; mas Ninive ainda se tinha mão. As suas torres estavam mui direitas; os muros estavam muito firmes; e nem a casa que d'antes estava para cahir fez movimento algum. Passou assim a primeira hora, passou a segunda, passou o dia todo, e Jonas a benzer-se e a pasmar. Que é isto, Senhor? Que é da fé de vossas palavras? Que é da verdade de vossos Prophetas? Não estava determinado no tribunal de vossa divina justiça, que Ninive fosse subvertida por seus enormes peccados? Não estava assignado o termo preciso de quarenta dias para a execução? Não estava notificada por vosso mandado esta sentença? Não sou eu o que a publiquei? Pois como agora falta tudo isto? Como passam os quarenta dias? Como fica a minha prophecia sem cumprimento? Como fica Ninive em pé, e a vossa palavra por terra? Se o dissestes, foi porque o tinheis decretado, e se o tinheis decretado, porque não se executou? Porque o rei e povo de Ninive foram tão discretos, que sendo-lhes notificada a sentença do Juiso de Deus, appellaram para o tribunal da penitencia. E é tão superior a jurisdicção do tribunal da penitencia, que o que no Juiso de Deus se sentencea, no juiso da penitencia se revoga. Disse *superior*, porque se estes dois juisos foram eguaes, assim como no juiso da penitencia se absolve o que no Juiso de Deus se condemna, assim no Juiso de Deus se pudéra condemnar o que no juiso da penitencia se absolvesse: mas é tão superior o juiso da penitencia sobre o mesmo Juiso de Deus (por excesso de misericordia sua) que o que no Juiso de Deus se condemna, no juiso da penitencia póde-se absolver; mas o que no juiso da penitencia se absolve, no Juiso de

Deus não se póde condemnar. Bemdito seja elle: *Qui dedit potestatem talem hominibus.* [1]

Tudo o que tenho dito é litteral: mas oiçamos para maior confirmação a S. Paulino: *Ninivitæ meruerunt denuntiatum evadere excidium, quia se spontaneis luctibus cruciando divinam sententiam præverterunt suæ.* Os Ninivitas, diz S. Paulino, impediram a execução do castigo, que já lhes estava denunciado, porque condemnando-se a voluntaria penitencia, preveniram a sentença de Deus com a sua. De maneira, que por beneficio da penitencia pôde mais a sentença que os Ninivitas deram contra si, que a sentença que Deus tinha dado contra elles: *Divinam sententiam præverterunt sua.* Oh grande dignidade! Oh grande soberania da penitencia! No Juiso final de Deus (ide notando commigo grandes differenças e grandes excellencias do juiso da penitencia sobre o Juiso de Deus) no Juiso final de Deus, não é licito appellar de um attributo divino para outro attributo. Não é licito appellar da justiça de Deus para a sua misericordia: no juiso da penitencia, é licito appellar da justiça de Deus para a minha justiça. No Juiso final de Deus não se póde appellar do Filho para o Padre, nem do Padre para o Filho, nem do Padre e do Filho para o Espirito Santo: em summa, no Juiso de Deus não se póde appellar de Deus para Deus: no juiso da penitencia posso appellar de Deus para mim. No Juiso final de Deus são condemnados os peccadores a não vêr a Deus: no juiso da penitencia são condemnados os peccadores a não o offender: que suave condemnação! No Juiso final de Deus não aproveitam lagrimas, nem prantos; no juiso da penitencia basta uma só lagrima para todos os peccados do mundo. No Juiso final de Deus não valem intercessões; no juiso da penitencia não são necessarias. No Juiso final de Deus condemnam-se os peccadores pelos peccados; no juiso da penitencia condemnam-se os peccados, e salvam-se os peccadores. No Juiso final de Deus uns sáem absoltos, outros sáem condemnados; no juiso da penitencia ninguem se condemna; todos sáem absoltos. No Juiso final de Deus manifestam-se os peccados a todos os homens; no juiso da penitencia manifestam-se a um

[1] *Math.*, IX, 8.

só homem. Finalmente no Juiso final de Deus, Christo ha-de ser o juiz; no juiso da penitencia, Christo é o advogado: *Si quis peccaverit, advocatum habemus apud Patrem Jesum Christum justum.* [1] Vêde com tal advogado no tribunal da penitencia, que differença haverá do advogar ao revogar! Como não será revogado o juiso, aonde é advogado o juiz! Assim se revoga o Juiso de Deus no juiso da penitencia: *Prædicans baptismum pœnitentiæ.* E temos o Juiso de Deus revogado, o juiso dos homens desprezado, e o juiso de si mesmo emendado.

X

Ora, christãos, supposto que todos os males e perigos que temos visto n'estes juisos têm o remedio na penitencia; e supposto que elles são tão grandes que abraçam todos os bens da vida e todos os da eternidade; que resta a quem tem fé, e a quem tem esperança, senão tratar de fazer penitencia? *Agite pœnitentiam, appropinquavit enim Regnum cœlorum:* [2] fazei penitencia, porque é chegado o reino dos céos. Ha mil e seiscentos annos, que o Baptista disse estas palavras, e nós estamos dizendo todos os dias: *Adveniat Regnum tuum.* Pois se o reino já então era chegado, como pedimos nós ainda agora, que venha? O reino dos céos em todos os tempos tem tres estados: um em que tem chegado, outro em que chega, outro em que vem chegando. Para os que estão mortos, tem chegado; para os que estão morrendo, chega; para os que estão vivos, vem chegando. A uns chegará mais cedo, a outros mais tarde; mas a todos muito brevemente. Esta é a consideração mais poderosa de todas, para nos mover á penitencia. Façamos penitencia, christãos, não nos ache a morte impenitentes. Nenhum christão ha que não diga que ha-de fazer penitencia, mas nenhum a quer começar logo, todos a deixam para o fim da vida: *Prædicans baptismum*

[1] *Epist. 1.ª de S. Joan.* II, 1.
[2] *Math.,* III, 2.

pænitentiæ in remissionem peccatorum. O Baptista prégava o baptismo da penitencia para remissão dos peccados. Se queremos remissão de peccados, tomemos a penitencia como baptismo. Todos queremos a penitencia como a Extrema Unção, lá para o fim da vida: não se ha-de tomar senão como Baptismo, que não é licito dilatal-o a quem tem fé. Se tendes fé como não fazeis penitencia? E se tendes proposito de a fazer e de vos converter a Deus, para quando a dilataes? *Si aliquando cur non modò*, dizia Santo Agostinho. Se me hei-de converter em algum tempo, esse tempo porque não será hoje? Esta pergunta não tem resposta: nem o mesmo Santo Agostinho lh'a achou, nem os Aristoteles, nem os Platões, nem os anjos do céo, nem o mesmo demonio do inferno lh'a póde achar jámais para nos enganar.

Christãos da minha alma, sobre tantos juisos bem é que venhamos a contas. Se me ouve algum que esteja resoluto de não se converter jámais, não fallo com elle; mas se tendes propositos de vos converter: *Si aliquando cur non modò?* Se tendes propositos, e dizeis que vos haveis de converter depois, porque o não fazeis agora? Que motivos haveis de ter depois, que agora não tenhaes? Apertemos bem este ponto: estae comigo. Que motivos de vos converter haveis de ter depois, que agora não tenhaes? Se depois haveis de fazer verdadeira penitencia, a qual não póde ser verdadeira, sem verdadeira contricção, ha-de-vos pesar de ter offendido a Deus por ser Elle quem é: pois Deus hoje não é o mesmo que ha-de ser depois? Não é a mesma magestade, não é a mesma grandeza, não é a mesma omnipotencia? Não é tão bom, não é tão amavel como ha-de ser então? Pois se, então, o haveis de amar, porque o não amaes agora? De maneira, peccador, que Deus então ha-de ser digno de ser amado sobre todas as coisas, e agora é digno de ser offendido em todas? *Si aliquando cur non modò?* Mais: se depois vos haveis de arrepender bem e verdadeiramente, é força que vos peze de todo o coração de vos não haverdes arrependido agora: pois que loucura é estardes agora fazendo por vosso gosto e por vossa vontade aquillo mesmo que n'esta hora estaes propondo de vos pesar depois de todo o coração? Ou então vos ha-de pesar, ou não: se vos não ha-de pesar, condemnaes-vos; e se vos ha-de pesar, e propondes

de vos pesar, porque o fazeis? Se vos ha-de pesar depois do presente, porque vos não pesa agora do passado? *Si aliquando cur non modò?* Mais: se os motivos de vosso arrependimento não hão-de ser contricção perfeita, nem amor de Deus sobre todas as coisas, senão temor das penas do inferno sómente: *Si aliquando cur non modò?* Se por temor do inferno vos haveis de arrepender então, porque vos não arrependeis agora por temor do inferno? Por ventura fostes já ao inferno e perguntastes pela edade dos que lá estão ardendo? Se no inferno não ardem senão os homens de setenta e de oitenta annos, guardae embora a vossa emenda para essa edade: mas se ao inferno se vae de sete annos, porque se ha-de guardar a emenda para os setenta? Pois se as mesmas razões, e os mesmos motivos, que havemos de ter depois, temos agora, se então não havemos de ter nenhuma coisa mais que agora, salvo mais peccados que chorar, e mais culpas de que nos arrepender: *Si aliquando cur non modò?*

Mas até agora temos vindo argumentando em uma supposição que eu não quero conceder d'aqui por diante, porque vos quero desenganar de todo. Quem diz: *Si aliquando cur non modò:* se vos haveis de converter depois, porque vos não converteis agora, suppõe que se vos não converterdes agora, que vos haveis de converter depois. Eu não quero admittir tal supposição; porque quero mostrar o contrario. Christãos, se vos não converterdes agora, ordinariamente fallando, não vos haveis de converter depois. Dê-me licença Santo Agostinho para trocar a sua pergunta, e apertar mais a difficuldade. Santo Agostinho diz: *Si aliquando cur non modò:* se nos havemos de converter depois, porque não nos convertemos agora? Eu digo: *Si non modò cur aliquando?* Se não nos convertemos agora, porque cuidamos que nos havemos de converter depois? As razões que haveis de ter depois para vos converter, todas essas, e muito maiores, tendes agora: pois se estas razões não bastam para vos converter agora, como hão-de bastar humanamente para vos converter depois? A força d'esta razão fez enforcar a Judas. Fez Judas comsigo este discurso: maiores motivos do que eu tive para me converter, não são possiveis, porque tive o mesmo Christo a meus pés: pois se Christo a meus pés não foi bastante mo-

tivo para me converter, não me fica que esperar: venha um laço. Christãos, eu não quero desesperar a ninguem, nem quero dizer que a salvação não é possivel em todo o tempo: o que só vos quero persuadir é o que dizem todas as Escripturas, e todos os santos. Que os que deixam a penitencia para a hora da morte, ou para o fim da vida, teem muito arriscada sua salvação, porque raramente se salvam: *Si non modò cur aliquando?* Se não vos converteis agora, que tendes vida, como vos haveis de converter depois, quando póde ser que a não tenhaes? Dizeis que vos não converteis agora, mas que vos haveis de converter depois: e se o depois fôr agora? Se morrerdes no estado presente, se não chegardes a esse depois, que ha-de ser de vós? Quantos amanheceram e não anoiteceram! Quantos se deitaram á noite, e não se levantaram pela manhã! Quantos postos á meza os afogou um bocado! Quantos indo por uma rua os sepultou uma ruina! A quantos levou uma balla não esperada! Quantos endoideceram de repente! A quantos veiu a febre junta com o delirio! A quantos um espasmo, a quantos uma apoplexia, a quantos infinitos accidentes, que, ou tiram o uso da razão, ou a vida! Todos estes cuidavam que haviam de morrer d'uma morte ordinaria, como vós cuidaes: e quem vos deu a vós certeza, de que vos não ha-de succeder o mesmo? *Si non modò cur aliquando?* Se agora que estaes sãos com o uso livre de vossos sentidos e potencias, vos não converteis, como cuidaes que vos haveis de converter na hora da morte, cercado de tantas angustias e de tantos estorvos, a mulher, os filhos, os criados, o testamento, as dividas, os credores, o confessor, os medicos, a febre, as dôres, os remedios, a vida passada, a conta quasi presente! Quando todas estas coisas juntas e cada uma d'ellas bastaram para perturbar e pasmar uma alma, e não a deixar com o juiso e com a liberdade que pede a materia de maior importancia; quando já as potencias estarão fóra de seu logar e vós mesmo não estareis em vós, como cuidaes que vos podereis converter então?

Mas eu vos dou de barato a vida e a saude, e o vigor das potencias e dos sentidos: mais ha que isto. Para um homem se converter, não basta só vida e saude e juiso; mas é principalmente necessaria a graça de Deus. Pois *si non modò cur aliquando?* Se agora

que tendes offendido menos a Deus, Deus vos não dá graça efficaz para vos converterdes, que será quando o tiverdes offendido mais? Parece-vos que é boa diligencia multiplicar as offensas de Deus para grangear a graça de Deus? Se ides continuando assim, não ha duvida que depois haveis de ser muito peior ainda do que sois agora: pois se agora que sois melhor, ou menos máu, vos não converteis, como o haveis de fazer depois, quando fordes peior? Os peccados quanto mais continuados, tanto mais endurecem e obstinam ao peccador: pois *si non modò cur aliquando?* Se agora quando o vosso coração não está ainda tão endurecido, e tão obstinado, não ha prégações, nem inspirações, nem exemplos, nem mortes repentinas e desastradas, que vos abrandem, que será quando estiver feito de marmore, e de diamante? Os peccados com a continuação e com os habitos, tomam cada vez mais forças e fazem-se cada dia mais robustos; e a alma, pelo contrario, com o costume mais fraca: pois *si non modo cur aliquando?* diz a Escriptura: *Beatus qui occidit parvulos suos ad petram:* [1] bemaventurado o que quebra a cabeça a seus peccados, quando pequenos: *Et tu*, diz S. Bachiario, *expectas donec inimicus tuus gigas efficiatur?* E nós para vencer estes inimigos somos tão loucos que esperamos que elles se façam gigantes? Se agora que os peccados estão menos robustos e crescidos, e a alma tem ainda algum vigor, os não podemos derribar e vencer; que será quando os peccados estiverem gigantes, e a triste alma tão envelhecida n'elles, e tão enfraquecida, que se não possa mover? Finalmente, christãos, não vamos mais longe: se Deus n'esta mesma hora vos está chamando, e vos está dando golpes ao coração, e vós não lh'o quereis abrir, nem o quereis ouvir; como esperaes que Deus vos chame depois, ou que vos oiça quando o chamardes, ou que o possaes chamar como convém? *Si non modo cur aliquando!* O mesmo Deus por suas palavras quero que vos desengane d'esta vã esperança, em que vos confiaes e vos precipitaes ao inferno: ouvi a Deus no Capitulo primeiro dos Proverbios: *Vocavi, et renuistis:* [2] chamei-vos, e não acudistes: *Extendi manum*

[1] *Psal.*, CXXXVI, 9.
[2] *Prov.*, I, 24.

meam, et non fuit qui aspiceret: estendi a minha mão, e não houve quem fizesse caso: *Despexistis omne consilium meum,* [1] desprezastes todos os meus conselhos: e que se seguirá d'aqui? *Ego quoque in interitu vestro ridebo, et subsannabo:* [2] eu tambem, diz Deus, quando vier a hora de vossa morte, zombarei, e não farei caso de vós; e assim como agora eu vos chamo, e vós não me ouvis, assim, então, eu não ouvirei, ainda que vós me chameis: *Tunc invocabunt me, et non exaudiam.* Christãos, nós fiamo'-nos em que Deus tem promettido, que todas as vezes que o peccador o chamar de todo o coração, o ha-de ouvir; e esta promessa anda muito mal entendida entre os homens. E' necessario advertir o que Deus tem promettido n'ella, e o que não tem promettido. Deus tem promettido, que todas as vezes que o peccador o chamar de todo o seu coração, o ha-de ouvir: mas não tem promettido, que todas as vezes que o peccador quizer, o ha-de chamar de todo o seu coração. Vae muito de uma coisa a outra. Se chamardes a Deus de todo o coração, ha-de-vos ouvir Deus: mas se vós agora não ouvirdes a Deus; depois não o haveis de chamar de todo o coração. O chamar de todo o coração, não depende só de nosso alvedrio, depende de nosso alvedrio, e mais da graça de Deus: e tem Deus decretado conforme os juisos altissimos de sua justiça, que o não possa chamar de coração na morte, quem lhe não quiz dar o coração na vida. Que faz Deus em toda a vida, senão estar-nos pedindo o coração: *Fili, præbe mihi cor tuum:* [3] e como vós, agora, negaes a Deus o coração que vos pede, assim Deus então vos negará justissimamente, que lhe peçaes de todo o coração. Deus agora busca-nos, e não nos acha: então buscaremos nós a Deus, e não o acharemos. O mesmo Deus o prometteu, e ameaçou assim: *Quæretis, et non invenietis me, et in peccato vestro moriemini:* buscar-me-heis, e não me achareis, e morrereis em vosso peccado. Não diz menos que isto.

Ora, christãos, pelas Chagas de Christo, e pelo que deveis a vossas almas, não queiraes que

---

[1] *Prov.*, I, 25.
[2] *Ibid.*,
[3] *Prov.*, XXIII, 26.

vos aconteça tão grande infelicidade. Desenganae-vos, e seja este o ultimo desengano: que se vos não converteis desde logo, e continuaes pelo caminho que ides, vos haveis de perder e condemnar sem remedio. O remedio é: *Baptismum pœnitentiæ:* uma contricção de coração muito verdadeira, uma confissão mui inteira, e mui apostada, com firme resolução de não offender mais a Deus. Em fim, fazei agora aquillo que dizeis que haveis de fazer depois. Se vos haveis de converter no fim da vida, imaginae que chegou já esse fim, que não é imaginação. Mas que importa, Senhor, que eu o diga, se a vossa graça não ajuda a fibieza de minhas palavras? Soccorrei-nos, Senhor, com o auxilio efficaz d'esses olhos de misericordia e piedade; allumiae estes entendimentos, accendei estas vontades, abrazae e abrandae estes endurecidos corações, para que vos não sejam ingratos, e se aproveitem n'elles os merecimentos infinitos de vossa Encarnação: *Per Adventum tuum*, Senhor, pelo amor com que vielses ao mundo a salvar as almas, eu vos peço que salveis hoje nossas almas: ao menos uma alma, Senhor, em honra de vosso Santissimo Nascimento: *Per Nativitatem tuam:* pelo amor, e pela misericordia com que nascestes em um Presepio; por aquelles desamparos, por aquelle frio, por aquellas palhinhas, por aquellas lagrimas, por aquella extremada pobreza, e por aquelle affecto ardentissimo com que tudo isto padecestes por amor de nós. Virgem Santissima, hoje é o dia dos encendidissimos desejos de Vossa Expectação reparti comnosco, Senhora, d'esses affectos, para que nasça tambem Christo em nossas almas. Converteí os suspiros em inspirações, pedi a vosso querido Esposo, o Espirito Santo, trespasse nossos corações com um raio efficaz de sua luz, para que o amemos, para que o sirvamos, e para que mereçamos a sua graça, e por meio d'ella a gloria.

SERMÃO
DO
Nascimento do Menino Deus*

Transeamus usque Bethlehem, et videamus hoc Verbum, quod factum est.
Luc. II.

A quem se escusa de fallar em publico, porque não póde, ainda que saiba, acceita Deus a escusa: e a quem, como eu, se escusa, porque não póde, nem sabe, talvez a não acceitem os que estão em logar de Deus. Mas nem a Deus, nem aos que estão em seu logar, se pódem perguntar os porquês: obedecel-os sim, muda e cegamente. A quem Deus acceitou a escusa, porque não podia, posto que sabia, foi Moysés. Sabia: porque, como diz S. Paulo, era eruditissimo em todas as sciencias do Egypto, e, como elle mesmo con-

* E' este sermão pouco extenso na amplificação e no desenvolvimento do assumpto comparado com alguns anteriores, porém, verdadeiramente affectuoso e ornado de pensamentos engenhosos, commenta o padre Antonio Honorati. E' pena que o genial orador não tivesse prégado sermão algum de maior porte e mais larga envergadura oratoria sobre o ineffavel mysterio do Nascimento do Menino Deus.

Este sermão foi encontrado entre os papeis manuscriptos deixados pelo facundo e glorioso orador christão, na sua cella

fessou, eloquente n'ellas: *Eloquens ab heri, et nudius tertius:* [1] mas não podia; porque depois que viu e ouviu a Deus na sarça, ficou com a lingua impedida, e quasi mudo: *Ex quo locutus es ad servum tuum, tardioris, et impeditioris linguæ sum.* [2] O meio, pois, ou expediente, que Deus tomou n'este caso, foi dar ao mesmo Moysés um substituto que fallasse por elle. E que substituto foi este? Moysés queria e propoz que fosse o Messias: *Mitte quem missurus es.* [3] Mas porque a commissão da liberdade de um povo era muito desigual empreza para quem estava destinado para libertador e salvador de todo o mundo, substituiu o defeito de Moysés, a lingua e eloquencia de Arão seu irmão: *Aaron frater tuus, scio, quia eloquens sit, ipse loquetur pro te ad populum, et erit os tuum.* [4]

O' bemdita seja a bondade e providencia do Altissimo, tão liberal hoje para commigo! O que Deus deu a Moysés, e o que negou a Moysés, tudo me concedeu a mim. Eu era o que havia de prégar hoje, e não sabia nem podia; mas substituirá a minha ignorancia e a minha incapacidade... Quem? O Messias

---

do Collegio da Bahia, onde fallecera. Trazidas essas preciosas reliquias, esses fragmentos inapreciaveis a Lisboa e entregues na Casa Professa da Companhia de Jesus, ahi foram revistos e sellecionados pelo padre André de Barros os que ainda podiam recompôr-se e aproveitar-se para serem publicados. Este sermão é uma d'essas joias rutilas engastadas na aurea corôa do principe dos oradores christãos, que foram salvas do esquecimento eterno pelo cuidado, diligencia e dedicação do jesuita André de Barros, biographo preclarissimo do P.e Antonio Vieira. Faz parte das *Vozes* colleccionadas por este distincto classico e é denominada de *Voz Rhetorica*. "Esta *Voz* jucundissima, diz o collecionador, e discréta em que se mostra o Menino Deus feito Rhetorico Orador no Presepio, é Sermão feito para ser pregado domesticamente por um Religioso de poucos annos, na experiencia que d'elle se queria fazer do talento que tinha para o ministerio do pulpito. Como era tal o sugeito que havia de proferir esta *Voz*, accommodou-se o grande Vieira ao genio, estado e edade do novo Orador. Estava em papeis soltos e no primeiro borrador„.

[1] *Exod.*, IV, 10.

[2] *Ibid.*

[3] *Ibid.*, v. 13.

[4] *Ibid.*, v. 14, 15 e 16.

e o Irmão. O Messias, disse o anjo aos Pastores, que nasceu hoje: *Quia natus est vobis hodie Salvator;* [1] e o irmão, tambem diz o Evangelista S. Lucas, que nasceu hoje: *Impleti sunt dies, ut pareret, et peperit Filium suum primogenitum.* [2] Christo, assim como é Filho unico e Unigenito de seu Pae, assim é unico e Unigenito de sua Mãe: e comtudo, diz o Evangelista, que nasceu primogenito; porque como hoje nasceu homem, hoje nasceu irmão de todos os homens: *Ut sit ipse primogenitus in multis fratribus.* [3] Este é, pois, o soberano Substituto, (que tantas vezes se tem dignado substituir o logar dos obedientes) este é o soberano Prégador que hoje havemos de ouvir e vêr: *Et videamus hoc Verbum, quod factum est.* Não sou eu o que hei-de prégar o nascimento de Christo: o mesmo Christo nascido é o que ha-de prégar o seu nascimento.

O proverbio antigo diz: *Poeta nascitur, orator fit.* Mas o Orador que hoje se fez: *Quod factum est*, tambem hoje nasceu Orador: *Ego autem constitutus sum Rex ab eo prædicans præceptum ejus. Dominus dixit ad me: Filius meus es tu, ego hodie genui te.* [4] O Verbo do nosso Texto: *Videamus hoc Verbum* chama-se *Logon;* com que parece que pertence mais á logica, que á rhetorica e oratoria; mas como a oratoria *Est ars ornatè dicendi*, depois que o Verbo se vestiu e ornou da Humanidade: *Verbum caro factum est,* [5] mais pertence á oratoria tudo o que ha-de dizer e prégar. Se o prégador houvera de ser outro, aqui era o logar de pedir a graça; mas como elle é o que a dá a todos, só tomarei a venia á sempre Virgem Mãe, em cujos braços o adoraram os Pastores, saudando-a com a costumada *Ave Maria.*

[1] *Luc.*, II, 11.
[2] *Ibid.*, v. 6 e 7.
[3] *Epist. ad Rom.* VIII, v. 29.
[4] *Psal.*, II, 6 e 7.
[5] *Joan.*, I, 14.

I

Transeamus usque Bethlehem, et videamus hoc Verbum, quod factum est.

Sendo Belem *domus panis*, não é alheio o logar, senão muito proprio de uma prégação no refeitorio: e sendo esta cadeira aquella em que no mesmo tempo em que se dá a refeição ao corpo, se dá á alma a sua, não será ouvido n'ella, e d'ella com menor attenção e applauso, aquelle soberano e tão adiantado Orador, que, no mesmo dia em que nasce, prégа seu proprio nascimento. As partes que constituem o perfeito orador, são tres: *Ensinar*, *deleitar*, *mover;* e assim como antes de Deus se fazer homem, se dividiam todas tres por attribuição nas tres Pessoas da Trindade; o Filho ensinando, o Espirito Santo deleitando, e o Padre movendo; assim, depois que o Verbo se vestiu da natureza humana, se uniram todas tres na Humanidade de Christo, como agora veremos pela mesma ordem.

II

Primeiramente ensina, e ensina com seu nascimento o divino Orador do Presepio: mas como ensina, ou póde ensinar, se não falla? Assim o disse o anjo aos Pastores: *Invenietis Infantem.* Achareis um Menino que não falla. Pois se não fallava, nem fallou uma só palavra no Presepio, como ensina este Orador mudo, ou como podia ensinar? Os mesmos Pastores o entenderam e declararam, não rustica, senão altamente: *Transeamus* (dizem) *usque Bethlehem, et videamus hoc Verbum.* [1] Passemos até Belem a vêr esta palavra. Não dizem a *ouvir*, senão a *vêr;* porque as palavras d'este divino Orador (e por isso divino) não são hoje palavras que se ouvem; são palavras que se vêem.

[1] *Luc.*, II, 15.

Quando Deus no monte Sinaï deu a Lei a Moysés, a qual toda pronunciou por sua propria bocca, estava o immenso povo de Israël estendido em roda pelas raizes do monte; e diz o Texto sagrado, que todo o povo via as vozes de Deus: *Cunctus autem populus videbat voces.* [1] As vozes ouvem-se, não se vêem; são objecto dos ouvidos, e não dos olhos: e assim como os ouvidos não pódem ouvir as côres, assim os olhos não pódem vêr as vozes: como diz logo o Texto que o povo via as vozes de Deus? Porque eram de Deus, responde Philo Hebreu. Entre a voz humana e a divina (diz elle) ha esta differença: que a voz humana percebe-se com o ouvido, a voz divina com a vista: *Humana vox auditu, divina visu percipitur.* E porque a philosophia d'esta resposta parece difficultosa de entender, o mesmo Philo pede a razão, e a dá: *Quare? Quia quæcumque Deus dicit, non verba sunt, sed opera, quorum judicium non tantùm est penes aures, quàm penes oculos.* Excellentemente dito, e evidente. A razão de as vozes de Deus se perceberem com os olhos, e não com os ouvidos, é porque as vozes de Deus não são palavras, são obras; e o juiso das obras não pertence ao ouvido, senão á vista: as palavras ouvem-se, as obras vêem-se.

O dizer de Deus é fazer: *Ipse dixit, et facta sunt;* [2] logo a potencia d'este objecto é a vista: este modo de dizer não pertence aos ouvidos, senão aos olhos: *Dixit Deus: Fiat lux, et facta est lux.* [3] Disse Deus: Faça-se a luz, e fez-se a luz. E que se seguiu d'ahi? *Et vidit Deus, quod esset bonum.* E viu Deus que era boa; onde o dizer é fazer, o ouvir é vêr. As palavras que são palavras, ouvem-se; as que são obras, vêem-se; e taes foram, hoje, as do divino Orador do Presepio. Assim o entenderam os mesmos Pastores, allumiados do anjo: *Et videamus hoc Verbum, quod factum est.* E vejamos esta palavra, que foi *feita*. Não dizem esta palavra *dita*, senão esta palavra *feita;* por isso consequentemente não disseram *oiçamos*, senão *vejamos: Videamus;* porque as palavras ditas ouvem-se; as palavras feitas vêem-se. S. Jeronymo, Santo Ambrosio,

---

[1] *Exod.*, XX, 18.
[2] *Psal.*, LII, 2.
[3] *Gen.*, I, 3.

e outros muitos Padres, entendem por este *Verbum* do nosso thema o mesmo Verbo Eterno, o qual propriissimamente antes d'agora não era feito, agora sim: *Verbum, quod factum est.* Em quanto Filho do Padre, era Verbo gerado, mas não feito: *Genitum non factum.* Em quanto Filho da Mãe, é Verbo gerado e feito: *Verbum caro factum est;* e tanto que foi Verbo, e palavra feita, logo pertenceu á vista: *Verbum caro factum est, et vidimus gloriam ejus.* [1] Mas isto que escreveu o Evangelista tantos annos depois, conheceram e praticaram os Pastores n'este mesmo dia: *Et videamus hoc Verbum, quod factum est.*

De todo este discurso se segue, que o ser Infante e mudo o nosso divino Orador de Belem, não lhe é impedimento para poder ensinar. Ensina e falla agora, em quanto homem, como exercitava e fallava em quanto Deus. *In ea se Deus exercet, in ea delectatur, in ea triumphat, dum nos sine strepitu verborum intus alloquitur,* diz Santo Agostinho fallando da rhetorica de Deus: e assim como Deus antes de ser homem, ensinava sem estrepito de palavras, porque fallava interiormente aos corações; assim, tanto que nasceu Menino, ensina tambem sem estrepito de palavras, porque falla exteriormente aos olhos: *Et videamus hoc Verbum.* Demosthenes, o summo orador da Grecia, perguntado qual era a primeira parte do perfeito Orador, respondeu: *Actio.* E perguntado qual era a segunda, tornou a responder: *Actio.* E perguntado qual era a terceira, respondeu do mesmo modo: *Actio.* Não declarou as perfeições do orador pelas palavras que se ouvem, senão pelas acções que se vêem. O mesmo responderei eu a quem me perguntar que ensina o nosso Orador Infante, e como ensina? Não ensina com vozes, mas ensina com acções: não ensina o que diz, mas prega o que faz: não diz palavras, mas falla obras.

Este mesmo Orador Infante, que agora ensina sem abrir a bocca, virá tempo em que a abrirá para ensinar: *Aperiens os suum docebat eos;* [2] mas o mesmo que então fallando ha-de ensinar com a palavra, é o que, agora, mudo brada com as obras: *Clamat exemplo,*

[1] *Joan.*, I, 14.
[2] *Math.*, V, 2.

quod postea docturus est Verbo. Que é o que ha-de ensinar este Menino, que agora é d'um dia ou d'uma noite, quando depois fôr de trinta annos? Ha-de dizer com palavras: *Beati pauperes.* Bemaventurados os pobres; isto é, o que já está ensinando com o desabrigado do portal, com o Presepio, com as palhas, e com a falta de todo o necessario: *Non erat ei locus in diversorio.* Ha-de dizer com as palavras: *Beati mites:* Bemaventurados os mansos; isto é o que já está ensinando, o que d'antes era leão, feito agora cordeirinho, e com as mãos atadas, sem se queixar da ingratidão e crueldade com que o receberam os seus no mundo, que tambem é seu: *In propria venit, et sui eum non receperunt. In mundo erat et mundus per ipsum factus est, et mundus eum non cognovit.* [1] Ha-de dizer com as palavras: *Beati, qui lugent.* Bemaventurados os que choram: e isto é o que já está ensinando com as lagrimas e gemidos de recem-nascido, propria condição da natureza, e não improprias da miseria e estreiteza do presente estado: *Vagit Infans inter arcta conditus præsepia;* [2] sem outro soccorro contra o rigor de uma noite tão fria, como a de vinte e cinco de Dezembro, mais que a calentura das mesmas lagrimas, distilladas da fornalha do coração, como devotamente cantou Sanazario: *Et lacrymas uda fundens in nocte tepentes.* [3]

Oh que exclamações! Oh que invectivas! Oh que brados estão dando contra o mundo os silencios d'este Orador mudo! Mas assim como as suas vozes depois não hão-de ser admittidas de muitos surdos com ouvidos, assim agora as suas acções são mal vistas, e peior imitadas de muitos cegos com olhos. Ditosos os olhos dos nossos Pastores, que de tudo o que viram no Presepio, souberam tirar proveito para si, e gloria para Deus: *Glorificantes, et laudantes Deum in omnibus, quæ audierant, et viderant.* [4] E diz o Evangelho não só que viram, senão que ouviram: *Quæ audierant, et viderant:* sendo que no Presepio não ouviram palavra alguma; porque as palavras que são fei-

---

[1] *Joan.*, I, 10 e 11.
[2] *Inhym. Pange lingua.*
[3] *Sanaz. De Partu Virginis.*
[4] *Luc.*, II, 20.

tas, e não ditas, então se ouvem quando se vêem: *Et videamus hoc Verbum, quod factum est.*

III

D'esta maneira satisfez o nosso Orador Infante, á primeira obrigação de ensinar: mas d'aqui mesmo se segue, ou parece, que não póde satisfazer á segunda. A segunda obrigação do perfeito Orador, como dizia, é *deleitar*. Mas como póde ou podia deleitar no modo em que o acharam e viram os Pastores? *Invenietis Infantem pannis involutum, et positum in Præsepio.* [1] O prégador não ha-de ser mudo, nem atado. Se vissemos um prégador que não fallava palavra, e estivesse envolto e como amortalhado na sobrepelliz, e posto ou mettido no pulpito, como sepultado n'elle, este prégador não podia deleitar o auditorio; enfastial-o, esfrial-o, e desagradal-o, sim. Pois este é o estado em que os Pastores acharam ao nosso Orador do Presepio: *Infantem:* mudo, e sem dizer ou fallar palavra: *Pannis involutum;* atado e envolto sem se desenvolver: *Positum in præsepio;* e posto e mettido na mangedoura sem acção nem movimento; e comtudo, diz o anjo com certeza de Evangelista, que haviam de gostar, e gostar muito d'elle: *Evangelizo vobis gaudium magnum;* [2] e que estas mesmas que pareciam impropriedades do officio, e desares da Pessoa, eram os signaes certos de acharem o que lhes promettia: *Et hoc vobis signum, invenietis Infantem pannis involutum, et positum in præsepio.*

E porque razão tudo isto, parecendo tudo contrario á mesma razão? Porque tudo isto, como perfeitissimo Orador, era o que pedia o decoro, a energia, e a representação viva do que ensinava. Não fallava: *Infantem:* porque estava ensinando silencio, humildade, resignação. Estava envolto e como amortalhado: *Pannis involutum:* porque entrára no mundo a reprehender e estranhar desenvolturas: e estava ensinando modestia, compostura, mortificação. E estava como se-

[1] *Luc.*, II, v. 12.
[2] *Ibid.*, v. 10.

pulado no logar, posto que vil, onde o tinham posto: *Positum in præsepio;* porque, sobretudo, estava ensinando a perfeição da obediencia. Obediencia ao Pae, que o mandára vir ao mundo; obediencia ao imperador, que o mandára ir a Belem, e obediencia á Mãe, que n'aquelle pobre e abjecto logar o puzera, sem lhe dar a razão porque, posto que a tivesse, como notou o Evangelista: *Quia non erat eis locus in diversorio.* [1] E se assim posto, não tinha movimento nem acção, essa era a propria e a mais natural acção do que representava; porque o verdadeiro obediente não ha-de ter movimento nem acção propria. Vejam, agora, se prégava o nosso Orador mudo, de modo que houvesse de deleitar?

O maior mestre da rhetorica ligada (qual era esta) diz que para deleitar ensinando, se ha-de misturar o util com o dôce: *Qui miscuit utilè dulci, lectorem delectando, pariterque movendo;* [2] e isto é o que fazia em tão pequeno corpo o nosso grande Orador com a bocca cerrada: *Infantem.* Pois com a bocca cerrada podia deleitar? Sim; porque assim cerrada, era doce, e distillava mel. E' tão dôce a eloquencia do nosso Orador mudo, que não ha aspereza tão aspera que não abrande, nem amargura tão amarga que não adóce: *Sicut vitta coccinea labia tua, et eloquium tuum dulce.* [3] Comparam-se os beicinhos da bocca de Deus Menino, não a duas fitas encarnadas, senão a uma: *Sicut vitta;* porque estão cerrados e mudos: mas assim cerrados e mudos, o seu fallar é dôce: *Et eloquium tuum dulce;* porque tudo o que diz e pretende persuadir, como é passado por elle, é dôce. Assim como não ha coisa tão desabrida que não fique dôce se se passar pelo mel: assim são todos os rigores, todas as asperezas, e todas as amarguras, se são passadas por Christo, e mais n'aquelle dia em que *Melliflui facti sunt cæli.* Haja, embora, santo que chame ás penalidades do Presepio martyrios para Christo, ou leis de martyrios para nós; e nós oiçamos ao mais douto de todos os santos, quão dôces são essas leis, e esses martyrios, por serem passados e adoçados por Christo.

---

[1] *Luc.*, II, v. 7.
[2] *Horat. in Arte.*
[3] *Cant.* IV, 3.

Falla com este Senhor nos seus soliloquios Santo Agostinho, e diz tão douta como devotamente d'esta maneira: *Tu, Domine, es dulcedo inæstimabilis, per quem omnia amara dulcorantur: tua enim dulcedo Stephano lapides torrentis dulcoravit: tua dulcedo craticulam Beato Laurentio dulcem fecit: pro tua dulcedine ibant Apostoli gaudentes à conspectu Concilii; quoniam digni habiti sunt pro nomine tuo contumeliam pati.* E se aquellas palhinhas tiveram doçura para adoçar as pedras de Estevão; e a dureza d'aquella mangedoura para adoçar as grelhas de Lourenço; e o silencio d'aquelles animaes, para adoçar as injurias e affrontas dos homens; as palavras mudas com que todas estas coisas fallam, e o nosso Infante Orador em todas, como não serão deleitaveis e dôces a todos os que assim tiraram d'ellas, não horrores para si, senão louvores para os que, vendo-as, as ouviram: *Et reversi sunt pastores laudantes, et glorificantes in iis, quæ viderant, et audierant.* [1] Elles não ouviram nada no Presepio; porque nenhuma coisa se lhes disse: mas como o Orador mudo fallava aos olhos, o vêr foi ouvir; e o que viram, ouviram: *Quæ audierant, et viderant.*

Para deleitarem, as coisas que diz o Orador hão-de ser novas, e hão-de ser admiraveis; e se forem tambem engraçadas, então deleitarão mais. Taes são as que diz mudamente o nosso Orador do Presepio. São novas: *Usquequo deliciis dissolveris filia vaga? Quia creavit Dominus novum super terram: fœmina circumdabit virum.* [2] Deixae, filhas de Sião, de vos deleitar nas velhices da Lei antiga; e para que vejaes uma coisa tão nova, qual nunca Deus fez, nem o mundo viu, não é necessario vagar por outras terras; porque dentro da vossa, e no logarzinho de Belem a vereis. Vereis um Menino nascido de um dia, já homem perfeito; e que este homem sendo tão grande como Deus, coube dentro em uma Virgem. Póde haver coisas mais novas? Não póde: *Novum creavit Dominus super terram: fœmina circumdabit virum.* São tambem admiraveis as coisas que alli se vêem; porque, como pondera e admira S. Bernardo, alli se vê a Fonte com

---

[1] *Luc.*, II, 20.
[2] *Jerem.*, XXXI, 22.

sêde, o Pão com fome, a Alegria chorando, a Sabedoria muda, a Fortaleza fraca, a Omnipotencia atada, a Riqueza pobre, a Immensidade pequena, a Immortalidade, finalmente, morta e passivel; mas ahi mesmo com segunda e maior admiração, se torna a vêr a fome fartando, a sêde refrigerando, a tristeza alegrando, o mudo ensinando, o fraco fortalecendo, o atado libertando, o pobre enriquecendo, o pequeno engrandecendo, o mortal, finalmente, dando vida, e o passivel gloria.

Tão novas e tão admiraveis são as coisas que prégа sem fallar o Orador do Presepio: e são, tambem, tão engraçadas, que a primeira vez que foram ouvidas, todos não só se alegraram, mas não se puderam ter com riso. Quando foi annunciado o nascimento de Isaac, riu-se Sara, riu-se Abrahão, e o mesmo Isaac se chamou Riso. E qual foi o motivo? Porque n'aquelle nascimento foi significado o de Christo. Santo Ephrem: *Non propter Isaac risit Sara; sed propter natum ex Maria Virgine. Et sicut Joannes exultavit in utero, ita suo risu Sara gaudium significavit.* Riu-se Sara, não pelo nascimento de Isaac, que havia de nascer d'ella; mas pelo nascimento de Christo, que havia de nascer da sempre Virgem Maria: e assim como o Baptista em sua presença se não pôde ter, que não saltasse: assim Sára se não pôde ter que se não risse. Riu-se Sara, riu-se Abrahão, riu-se Isaac; e tiveram muita razão, não só para se alegrar, mas para se rir do que se viu n'este dia: *Abraham exultavit, ut videret diem meum, vidit, et gavisus est.* [1] O demonio, o mundo, e o peccado, tinham enganado o homem; e como Deus para enganar os enganadores, se vestiu e disfarçou da natureza do mesmo homem, foi tão galante o disfarce, e tão engraçada a invenção, que Sara, Abrahão, e Isaac, homens, mulheres e meninos, não se puderam ter com riso.

Assim sabe deleitar o nosso Orador; e ainda que em todas as coisas que prégа e ensina no seu Presepio, hão mister paciencia, assim as sabe suavisar, e fazer dôces aos que as vêem e ouvem: *Videamus hoc Verbum.* Este mesmo Isaac de que fallavamos, casou-o Deus com Rebeca; e porque razão e mysterio

[1] *Joan.*, VIII, 56.

com Rebeca? Porque Rebeca quer dizer *paciencia*, como Isaac quer dizer *riso;* e como no nascimento de Isaac era significado o nascimento de Christo, tambem se significava n'elle, que quando Christo fosse nascido, havia Deus de fazer um casamento tão novo e tão admiravel, como casar o riso com a paciencia: e assim o fez no Presepio. Tudo o que se vê no Presepio, são coisas asperas, desabridas e duras, e que hão mister muita paciencia para se levar; mas essas mesmas vistas em um Deus feito homem, são tão dôces e deleitaveis, tão faceis de se abraçar com alegria, que mais parecem dignas de riso. Digna de riso a pobreza, digna de riso a obediencia, digna de riso a mortificação, dignas de riso as lagrimas, e tudo quanto hoje vêem os Pastores no Presepio; que por isso de Isaac e Rebeca nasceu Israël, que quer dizer: *Videns Deum. Videamus hoc Verbum, quod factum est.*

V

Já agora se não fica provado, ao menos fica facil de crêr quão alta e efficazmente satisfaria o Menino e divino Orador á terceira e ultima obrigação do officio, que é persuadir e mover. Como este é o fim que o trouxe ou havia de trazer ao mundo, já muitos seculos antes o tinha Deus annunciado ao mesmo mundo por bocca do propheta Aggeu, com tanta pompa de palavras, como de prodigiosos effeitos: *Commovebo cælum, et terram, et mare, et aridam, et movebo omnes gentes, et veniet desideratus cunctis gentibus:* [1] Virá o desejado das gentes, que é o nosso Menino nascido, e será tal a moção que causará com sua vinda, que se moverá o céo, se moverá a terra, se moverá o mar: e as nações que em qualquer parte a habitam e o navegam, ou politicas, ou barbaras, todas se moverão. Assim foi, ou começou a ser n'este dia. Moveu-se o céo, mandando os exercitos dos anjos á terra, e despachando por embaixadora uma estrella nova ao Oriente, e apparecendo arraiado com tres sóes, um d'elles coroado de espigas, em signal de que com tão multiplicadas luminarias fes-

[1] *Agg.*, II, 7 e 8.

teja o nascimento do Principe nascido em Belem. Moveu-se a terra, brotando em fontes de oleo, em testemunho de que era nascido o Ungido: derribando idolos, nomeadamente o de Jupiter Capitolino, em protestação de que só Elle era verdadeiro Deus; e cerrando as portas de Jano, e fazendo cessar as armas em pregão universal de que vinha pacifico. Moveram-se todas as gentes de todas as nações, de todos os estados, de todas as crenças: os judeus, os gentios, os grandes e os pequenos, os sabios e os ignorantes, significados todos nos Pastores e nos Magos, em cujas tres corôas se significaram, tambem, as tres partes de que n'aquelle tempo constava o mundo.

E se perguntarmos ou inquirirmos a causa de tão universal moção, consta que não foi outra, senão a que tiveram os Pastores de Belem: *Et videamus hoc Verbum, quod factum est.* Isto é, verem o Verbo feito. Não digo feito homem, mas feito, como argutissimamente ponderou S. Bernardo: *Antè non se movebant homines, dum Verbum erat tantùm apud Deum.* [1] Antigamente em quanto o Verbo sómente era: *In principio erat Verbum,* [2] não se moviam os homens: *At ubi Verbum, quod erat, factum est;* mas tanto que o Verbo, que sómente era, foi feito: *Tunc venerunt festinantes, tunc concurrerunt,* então se moveram, então vieram e concorreram. Tanta foi a efficacia que teve no Verbo divino o fazer-se: não o ser palavra dita, posto que dita por Deus, mas o ser palavra feita: *Verbum, quod factum est.* Referindo S. Lucas no principio dos Actos dos Apostolos, como tinha escripto o seu Evangelho, diz uma coisa muito notavel, e é, que n'elle escrevera tudo o que Christo começou a fazer e ensinar: *Primum quidem sermonem feci de omnibus, quæ cœpit Jesus facere, et docere.* [3] Se lêrmos este mesmo Evangelho de que falla S. Lucas, acharemos que escreveu n'elle toda a vida, doutrina e acções de Christo, desde o instante de sua Encarnação até á hora em que subiu ao céo, e mandou de lá o Espirito Santo. Pois se escreveu tudo o que fez e ensinou o Senhor, porque não diz que escreveu tudo o

---

[1] *Bern. Serm.*, XXVIII, *in Cant.*
[2] *Joan.*, I, 1.
[3] *Act.*, I, 1.

que fez e ensinou, senão tudo o que começou a fazer e ensinar? Por ventura deixou Christo a sua obra imperfeita, e sómente começada? Não, senão acabada, perfeitissima e consummada, como elle mesmo declarou ou protestou, dizendo: *Consummatum est.* [1] Pois se as obras de Christo, em quanto fez e ensinou, foram perfeitas e consummadas, como lhes chama o Evangelista principiadas sómente, e não diz o que fez, senão o que começou a fazer, nem o que ensinou, senão o que começou a ensinar: *Quæ cæpit facere, et docere?* Excellentemente Anselmo Laudunense: *Quia omnia, quæ fecit, et docuit, incæptio quædam fuit eadem postea Apostolis facientibus, et docentibus, et eorum sequacibus.* O que Christo fez e ensinou, ou ensinou fazendo, teve tanta força e efficacia para mover, que já nas suas obras estavam começadas as que depois se haviam de seguir. O exemplo das suas era já o principio das nossas: *Incæptio quædam fuit.* E foram tão certos e infalliveis os effeitos d'esta moção, como se as nossas imitações não fossem obras distinctas e movidas, senão as do mesmo Christo continuadas: elle foi o exemplar, e nós os imitadores; elle as ensinou, e nós as aprendemos: nós as continuamos, mas elle as começou: *Cæpit facere, et docere.*

E se esta efficacia lhe vinha da parte de Christo, por serem palavras não ditas, mas feitas: *Verbum, quod factum est;* ainda se acrescentava e era maior da parte dos homens por não serem ouvidas, mas vistas: *Et videamus.* A razão notavel d'esta maior efficacia não só os philosophos a conheceram, senão tambem os poetas (se póde haver poeta que não seja philosopho).

Segnius irritant animos demissa per aures,
Quam quæ sunt oculis subjecta fidelibus. [2]

Diz Horacio: O que entra pelos ouvidos, como tem menos evidencia, move com menos força; mas o que entra pelos olhos, recebe a efficacia da mesma vista, e move fortissimamente. Tal foi a moção do que viram os Pastores no Presepio, e tal a do que viram

---

[1] *Joan.*, XIX, 30.
[2] *Horat in Art.*

os Reis, e não por outra razão, senão porque viram. Os Reis vieram allumiados pela estrella, os Pastores allumiados pelo anjo; mas nem a luz das estrellas, nem a luz dos anjos egualaram a luz da vista para mover. Argumentemos de Deus para Deus, de Deus na terra para Deus no céo, e de Deus visto para Deus não visto. O mesmo Deus que crêmos na terra, não é o que se vê no céo? Sim: pois porque no céo todos o amam, e ninguem o offende; e na terra não ha quem o não offenda, ainda dos que mais o amam? Porque na terra é Deus ouvido, no céo é Deus visto: na terra é Deus conhecido pela fé, e pelos ouvidos sómente, no céo é conhecido pela vista, e com os olhos, por isso o nosso divino Orador, querendo perorar movendo, não quiz fallar aos ouvidos, senão á vista: *Et videamus hoc Verbum.*

E que escusa tem, ou póde ter a cegueira dos que, á vista do Presepio, e de tantos Presepios, tão pouco imitam o que vêem? Não imagino tal na Religião; mas no mundo ainda mal que é tão certo. *Filius hominis* (exclama Santo Agostinho) *non habet ubi caput reclinet, et tu ampla palacia, et ingentes porticus metiris:* [1] O Filho de Deus não tem onde reclinar a cabeça, e cabe em uma gruta de brutos; e tu edificas palacios magnificos, e medes os porticos com a tua vaidade, quando fôra maior proporção medil-os comtigo: *Conditor angelorum* (exclama S. Pedro Damião) *in præsepio vagiens reclinatur non ostro, sed vilibus panniculis involutus: erubescat igitur terrena superbia, et arrogantia redempti hominis:* O Creador dos anjos reclinado no Presepio está coberto de pannos vis, e o homem de terra, e escravo, que elle remiu, sem pejo nem vergonha, veste oiro e purpuras. *Quid magis indignum* (exclama, finalmente, S. Bernardo) *quam ut videns Deum cæli parvulum factum, ultra apponat homo magnificare se super terram?* Que coisa mais indigna, que vendo ao Deus do céo feito tão pequenino, o homem queira ser grande? E que coisa mais intoleravel, que, quando a Magestade se encolhe, o bichinho se inche? *Intolerabile est, ut ubi se exinanivit majestas, vermiculus intumescat.*

---

[1] Angust. sup. illud: *Non erat eis locus in diversorio.*

VI

Mas faça isto embora o mundo cego, vendo a Deus no Presepio, que alfim o pagará com o não vêr no céo: nós, a quem Elle por sua bondade abriu os olhos, que faremos? *Transeamus usque Bethlehem:* passemos até Belem, e não passemos d'alli. Passemos com os Pastores, mas não de passagem com elles. Elles foram e tornaram: *Et reversi sunt pastores:* o mesmo fizeram os Reis, posto que por differente caminho: *Per aliam viam reversi sunt in regionem suam.* [1] Só a estrella, como propria de Jesus: *Stellam ejus*, devem imitar os que professam o mesmo Nome: e que fez a estrella? *Usque dum veniens staret, ubi erat puer.* [2] Foi a Belem, chegou ao Presepio, e alli parou, nem passou d'alli. Viu o Verbo: *Quod factum est*, e ninguem sabe o que foi feito d'ella, porque alli se desfez. Quem se não desfaz á vista do Verbo feito, não faz o que deve. Os olhos desfeitos em lagrimas, as respirações desfeitas em suspiros, o coração desfeito em amor. Comparemos o *transeamus usque Bethlehem* dos Pastores com o *usque dum veniens staret* da estrella. O termo e o *usque* foi o mesmo: mas o *transeamus*, e o *staret* muito differente. Os Pastores passaram, e não passaram, a estrella parou, e não se apartou d'alli: *Usque dum staret, ubi erat puer.* S. Pedro vendo a Christo entre dois Prophetas, vestido de resplendôres, disse: *Bonum est nos hic esse;* [3] e a estrella vendo a Christo entre dois animaes, vestido de pannos pobres, fez o mesmo e mais sabiamente que Pedro, como guia e mestra de sabios. N'aquella Transfiguração mostrou Christo a gloria de seu corpo, n'esta mostrou a gloria de sua divindade: por isso os anjos cantaram: *Gloria in altissimis Deo.* [4] Mas se os anjos cantam a gloria no logar altissimo, e o nosso Orador a prega no logar vilissimo, esta é a mesma gloria, para a qual com seu exemplo nos move. E porque os bemaventurados na gloria *Omnia vident in Verbo;— Transeamus usque Bethlehem, et videamus hoc Verbum.*

---

[1] *Math.*, II, 12.
[2] *Ibid.*, 9.
[3] *Math.*, XVII, 4.
[4] *Luc.*, II, 14.

Sermão Domestico

Prégado no Anno de 1689, na vespera da Circumcisão e Nome de Jesus, em que na Companhia do mesmo Nome se renovam os Votos Religiosos

---

Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Jesus.

Luc. II.

I

Sendo a renovação do espirito um dos meios mais particulares da nossa Companhia, para conservar e adiantar a perfeição de seus filhos; coisa é verdadeiramente falla de mim), coisa é verdadeiramente não só digna de admiração, mas de confusão grande, que repetindo-se esta mesma renovação duas vezes cada anno, passem os annos, e tantos annos, com tão pouco fructo. No dia de ámanhã se cerram cento e trinta e cinco dias de renovação, em que, por mercê de Deus, me tenho achado indignamente n'esta sua Companhia. E que maior confusão, que contar tantos annos, e tantos dias, e olhar para mim? As renovações pas-

---

* Ainda que este Sermão verdadeiramente deveria ser compendiado na serie dos Sermões de caracter domestico que se encontram na Obra oratoria de Vieira, vae já, todavia, impresso na ordem dos Sermões do anno liturgico religioso porque o grande orador, não deixa n'elle, além do assumpto proprio que se propoz tratar, de discorrer largamente, com verdadeira uncção evangelica, sobre o sentido proprio do Evangelho que lhe serviu de thema. De resto, tanto n'este como nos outros sermões de caracter domestico, commenta um abalisado critico da Obra oratoria de Vieira "as suas conclusões são sempre dignissimas da cadeira evangelica, pois sempre Vieira acaba os seus Sermões d'um modo muito pratico, popular e cheio d'uncção apostolica„.

sadas perderam-se: a presente, sabe Deus se será a ùltima: as futuras, é certo que não pódem ser senão muito poucas: que remedio? Ora eu considerando n'este ponto (que é o que nos deve levar toda a consideração), o meio ou remedio que me occorreu, foi vêr se no caminho da perfeição se poderá descobrir algum atalho ou compendio breve, pelo qual todas as renovações mal aproveitadas se possam reduzir a uma renovação bem feita.

Deus nosso Senhor, não só tem caminhos, senão tambem atalhos: *Vias tuas, Domine, demonstra mihi,* [1] eis ahi os caminhos: *Et semitas tuas edoce me,* eis ahi os atalhos. E se bem olharmos para todas as circumstancias d'esta solemnidade, todas ellas nos estão ensinando isto mesmo. No Evangelho, que é o mais breve do anno, temos a eternidade do Verbo reduzida a oito dias: *Postquam consummati sunt dies octo;* [2] temos a grandeza e immensidade de Deus reduzida ao corposinho de um Menino: *Puer;* temos o preço infinito do sangue de Christo reduzido ás poucas gotas do golpe da Circumcisão: *Ut circumcideretur;* e temos todos os nomes do mesmo Senhor, que são innumeraveis e incomprehensiveis, reduzidos a um só nome: *Vocatum est nomen ejus Jesus.* [3] Não param aqui os compendios. Votamos á divina Magestade: *Divinæ Majestati tuæ,* no Santissimo Sacramento, que é o compendio de todas as maravilhas; votamos em presença da Santissima Virgem: *Coram sacratissima Virgine Maria,* que é o compendio de todas as graças; votamos n'este santo logar, posto que tão estreito, o qual no dia de ámanhã é o compendio de toda a côrte celestial: *Et curia tua cælesti universa:* votamos, finalmente, uma tal promessa, e com uma tal condição, que é o compendio de todas as Constituições da Companhia: *Omnia intelligendo juxta ipsius Societatis constitutiones.*

Não será logo coisa alheia nem d'este mysterio nem d'este dia, senão muito conforme a elle, que nós tambem façamos um compendio muito abreviado, no qual e pelo qual se reduzam todas as renovações a

---

[1] *Psal.*, XXIV, 4.
[2] *Luc.*, II, 21.
[3] *Ibid.*

uma só renovação, todos os votos a um só voto, e toda a perfeição do espirito a uma só virtude. Isto é o que, hoje, me quizera persuadir a mim mesmo. Deus me ajude com sua graça, para que acerte a me declarar.

II

O erro ou engano porque na vida espiritual em muito tempo se aproveita pouco, é porque tomamos as coisas a vulto, e não reduzimos a multidão á unidade. A multidão difficultosamente se póde abarcar: a unidade facilmente se comprehende. Esta é a razão porque a sabedoria e providencia divina reduziu todas as suas leis a uma só lei, e todos os seus preceitos a um só preceito, que é o da caridade. Assim o declarou o Apostolo S. Paulo, o qual a este preceito um e unico, a que se reduzem todos os outros, chamou vinculo da perfeição: *Charitatem habete, quæ est vinculum perfectionis.* [1] A perfeição desatada, são infinitas virtudes, e infinitos actos de cada uma d'ellas: atada, porém, e reduzida á unidade, é uma só virtude. E que se segue d'aqui? Segue-se que a mesma perfeição desatada, e sem este vinculo, pela multidão a que se estende, é muito difficultosa de se observar: atada, porém, com o mesmo vinculo, pela unidade a que se reduz, se póde observar facilmente.

Oiçamos ao mesmo Legislador divino: *Qui diligit me, sermonem meum servabit; qui non diligit me, sermones meos non servat.* [2] Quem me ama (diz Christo), guarda o meu preceito: quem não me ama, não guarda os meus preceitos. Para notar a differença d'estes termos, não é necessario reparo, nem ponderação. De sorte que á sua mesma Lei uma vez lhe chama Christo muitos preceitos: *Sermones meos;* e outra vez lhe chama um preceito: *Sermonem meum.* Mas quando lhe chama muitos preceitos, diz que se não guardam: *Sermones meos non servat;* e quando lhe chama um preceito, diz que se guarda: *Sermo-*

[1] *Epist. ad Coloss.*, III, 14.
[2] *Joan.*, XIV, 23 e 24.

nem meum servabit. E porque? O mesmo Texto dá a razão, e é, porque a Lei de Christo uns a tomam atada e unida com o vinculo da perfeição, que é a caridade: *Qui diligit me;* e outros a tomam desatada e desunida por falta do mesmo vinculo: *Qui non diligit me;* e quando a perfeição se toma desatada, assim como os preceitos então são muitos, pela sua mesma multidão são difficultosos de guardar: *Sermones meos non servat;* porém quando a perfeição se toma atada e unida, assim como esses preceitos se reduzem a um só, assim por essa mesma unidade se observam e observarão facilmente: *Sermonem meum servabit.*

Assentado este principio (que é o primeiro principio na vida espiritual), se bem examinarmos as renovações passadas, e o pouco fructo com que ellas passaram por nós, ou nós por ellas, acharemos que a causa principal d'este pouco fructo, foi porque tomámos as mesmas renovações a vulto, não reduzindo os defeitos a um só defeito, que facilmente se pudéra emendar; nem reduzindo a perfeição a uma só virtude, que facilmente se pudéra adquirir. Esta é a razão fundamental e solida: nem S. Paulo lhe achou outra. Assim como S. Paulo, escrevendo aos Collossenses, reduziu a perfeição ao vinculo de uma só virtude, como vimos; assim escrevendo aos Romanos, depois de relatar todos os preceitos, os reduziu tambem a um só: *Et si quod est aliud mandatum, in hoc verbo instauratur.* [1] No Texto grego, em logar de *instauratur*, está *renovatur.* E tudo é. Em tantos annos e tantas renovações, puderamos ter levantado um grande edificio de perfeição; e eu não vejo em mim senão ruinas. Em tantos annos e tantas renovações puderamos ter adquirido um grande cabedal de virtudes; e eu não vejo em mim senão perdas. Que remedio logo para renovar o arruinado, e restaurar o perdido? *In hoc verbo renovatur, in hoc verbo instauratur.* O remedio é reduzir tudo á unidade. Procuremos reduzir todos os votos a um só voto: procuremos reduzir toda a perfeição a uma só virtude: e n'este compendio, ou n'esta recompilação, como lhe chama Santo Agostinho, se as ruinas forem nos votos, todas ficarão renovadas na unidade de um só

[1] *Rom.*, XIII, 9.

voto: *In hoc verbo renovatur;* e se as perdas forem nas outras virtudes, todas ficarão restauradas na unidade d'uma só virtude: *In hoc verbo instauratur.*

III

Supposto, pois, que esta renovação e restauração se reduz a um só voto, e a uma só virtude; que voto e que virtude será esta? Digo, que a virtude é a primeira virtude que Christo ámanhã exercitou; e o voto é o ultimo voto que nós ámanhã professamos: *Obedientiam perpetuam in Societate Jesus.* Aquelle Senhor que ámanhã se chamou Jesus, em um dia mereceu a imposição d'este Santissimo Nome, e em outro a exaltação d'elle; mas sempre pela virtude da obediencia. A imposição do nome pela obediencia da Circumcisão: *Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur Puer, vocatum est nomen ejus Jesus;* a exaltação d'elle pela obediencia da morte na cruz: *Factus obediens usque ad mortem. Propter quod donavit illi nomen, quod est super omne nomen.* [1] Este é o divino e humano exemplar, que hoje e ámanhã nos põe diante dos olhos a Companhia, a cuja imitação n'esta mesma hora com tão fervorosa devoção está exhortando a seus filhos. Entendamos todos os que professamos Religião debaixo do mesmo nome de Jesus, que se queremos inteiramente corresponder á dignidade de tão soberano nome, e ás obrigações de uma profissão tão alta, só por meio da imitação da sua obediencia, e na unidade d'ella o podemos fazer. A razão é manifesta pelo que fica dito; porque se todos os votos se devem reduzir a um só voto, e toda a perfeição a uma só virtude; o voto a que se reduzem todos os votos, e a virtude a que se reduz toda a perfeição, e todas as virtudes, é só a virtude da obediencia. Não digo coisa nova, senão aquella mesma que sobre todas nos deixou em testamento nosso Santo Patriarcha, confirmando esta maxima, que bastava ser sua, com a famosa sentença de S. Gregorio Papa: *Obe-*

[1] *Epist. ad Philip.*, II, 8 e 9.

dientia sola virtus est, quæ virtutes cæteras menti inserit, insertasque custodit.

Antes de votarmos, o que já fizemos, e ámanhã repetimos, tinha a obediencia sobre nós muito menor esphera; porque Deus não nos obrigava a guardar pobreza, nem castidade, nem a mesma obediencia religiosa; mas depois que nós nos obrigamos a Deus, Deus tambem nos obriga a nós. E para nos desempenharmos d'esta obrigação, posto que ella seja de tres votos, nós o podemos fazer com um só voto, se elle fôr o da obediencia. Porque obedecendo a Deus, não só somos obedientes, mas obedientes, castos, e pobres, só com differença dos nomes. Com a mesma differença só dos nomes define Santo Thomaz, que a obediencia em respeito do Prelado é observancia; em respeito dos paes é piedade; e em respeito de Deus é religião. Não é a obediencia, diz o mesmo Doutor Angelico, virtude theologal; mas se eu creio, porque Deus me manda crêr, a minha obediencia é fé; se eu espero, porque me manda esperar, a minha obediencia é esperança; se eu amo, porque me manda amar, a minha obediencia é caridade.

Nas virtudes moraes corre a mesma regra. Se a materia d'ellas é devida, a obediencia é justiça; se é duvidosa, a obediencia é prudencia; se é ardua, a obediencia é fortaleza; se é deleitavel, a obediencia é temperança. E que diremos das virtudes e exercicios proprios da Religião? Isto mesmo, e com a mesma certeza. Se a obediencia me applica ás coisas que o mundo tem por baixas, é humilde; se ás que molestam e causam pena, é paciencia; se ás casuaes e varias, segundo o pede a occasião, é indifferença; se me manda que não olhe, é modestia; se me manda que não falle, é silencio; se me manda que não sáia, é clausura; se me nega o que desejo, e me obriga ao que repugno, é mortificação; se me responde, ou castiga os meus defeitos, é penitencia; e se me põe a um canto, como bordão de um homem velho, de que se quer ajudar quem o tem na mão, é ocio santo com mais tempo, e maior liberdade para orar, e contemplar em Deus.

Mas porque alguns dos exercicios da obediencia são meramente temporaes, aqui se deve muito advertir que a obediencia não só é todas as virtudes, mas faz que sejam virtude as que o não são. Assim como

a alchymia por arte tudo converte em oiro, assim a obediencia por natureza tudo transforma e converte em virtude. E d'aqui vem que até as acções que não teem nome de virtuosas, antes o contrario, ella faz que sejam não só virtudes, senão melhores ainda que as mesmas virtudes. E como, ou porque? Não porque é melhor obedecer que sacrificar, porque isso é comparaar uma virtude com outra; mas porque (por exemplo) o comer e o dormir, a recreação e o descanço, e outras acções e divertimentos d'este genero são coisas meramente temporaes, naturaes e indifferentes, e melhor é comer por obediencia, que jejuar; melhor é dormir por obediencia, que vigiar; melhor é recrear-me por obediencia, que trabalhar; melhor é não fazer nada por obediencia, que trazer este collegio ás costas, e servir mais que todos. Tanto assim (tornando ao primeiro exemplo), que Santa Thereza de Jesus, com espirito proprio do seu sobrenome, chegou a dizer, que melhor é comer por obediencia, que commungar sem ella. E se a obediencia tão altamente transforma e santifica as acções indifferentes, que não são virtuosas, quanto mais as mesmas virtudes, convertendo-as todas em si, e convertendo-se n'ellas?

IV

Só parece que póde argumentar em contrario a theologia, e dizer: todas as virtudes teem os seus objectos particulares, pelos quaes se distinguem, e d'esses mesmos objectos toma cada uma a sua essencia, a sua especie, e a sua differença propria: logo sendo todas e cada uma essencial, e totalmente diversas da obediencia, parece que se não pódem incluir, nem resumir n'ella. Mas a esta objecção respondeu já tacita e excellentemente o mesmo S. Gregorio, quando disse, que a obediencia, e só a obediencia, é a que enxerta na alma todas as outras virtudes: *Quæ virtutes cæteras menti inserit.* Os ramos ou garfos que se enxertam em um tronco, todos são de outras arvores ou plantas d'onde têm o seu nascimento: mas depois de enxertados, já não vivem, nem se sustentam das suas raizes proprias, senão da raiz e substan-

cia do mesmo tronco tão intimamente incorporadas n'elle, que se o tronco está verde, os enxertos tambem reverdecem; e se o tronco seccou, tambem elles seccam. O mesmo succede a todas as outras virtudes com a obediencia. De tal maneira vivem n'ella, e d'ella, e por ella, que se a obediencia se murchou, seccou, ou morreu, todas as outras virtudes adoecem juntamente, e perdem a côr, a formosura, o vigor, a vida, e deixam de ser virtudes. Pelo contrario, se a obediencia se conserva em seu ser, e vive e persevera, ellas tambem perseveram, vivem, e se conservam e (como diz nosso Santo Padre) *en quanto ella floreciere, todas las demas se veran florecer, e llevar el fructo, que yo en vuestras animas deseo.*

Este é o desejo de Santo Ignacio, e o mesmo deve ser o nosso. Mas porque não basta a especulação do que está dito, se não se desce á praxe; esta praxe d'onde a tomaremos nós? Digo que do mesmo Menino Jesus, e do mesmo mysterio profundissimo da sua Circumcisão, tirando de todas as circumstancias da sua obediencia os documentos da nossa.

V

Postquam consummati sunt dies octo. Obedeceu Christo á Lei da Circumcisão ao dia oitavo, não porque d'antes não desejasse dar o sangue por nós; mas porque? Porque o verdadeiro obediente não só se ha-de conformar com a obra, senão, tambem, com o tempo. Ha-de fazer o que se manda, e quando se manda. Fazel-o antes, não é diligencia: fazel-o depois, é tardança. Pois quando ha-de ser este quando? Quando a lettra já está começada, e ainda não está acabada. N'aquelle ponto preciso, consiste a pontualidade da obediencia. Gentio era Seneca, mas grande philosopho; e escrevendo de Roma a Lucilio, seu discipulo, que estava em Sicilia, diz assim: *Spero sic te vivere, ut, ubicumque sis, sciam quid agas:* Espero, Lucilio, que tragas a tua vida tão concertada com o tempo, que em qualquer parte onde estejas, saiba eu o que

fazes n'aquella hora. E quando isto se esperava de um estoico, que se deve esperar de um Religioso? Que faz agora o Irmão da Companhia? São as cinco para as seis da manhã, está em oração. E' dia santo, são das oito para as dez, em que se occupa agora? Está estudando. Deram tres quartos para as onze, e n'este quarto qual é o seu exercicio? Está fazendo exame. De sorte que ha-de bastar saber-se a hora, para que se saiba em qualquer parte o que fazemos. Todo o relogio perfeito não só dá as horas, mas tem um braço mostrador, com que as aponta. O Religioso ha-de ser como um relogio, mas com dois braços mostradores, um que mostre as horas, outro que mostre as acções. Se a acção concorda com a hora, anda o relogio certo; se não concorda, anda destemperado. Caso notavel no mysterio da Circumcisão! E' de fé que Christo se circumcidou: e comtudo o Evangelista não diz que se circumcidasse; só se contentou com dizer que chegára o dia da Circumcisão: *Consummati sunt dies octo, ut circumcideretur;* porque na obediencia de Christo bastava que confiassé do tempo, para que fosse de fé a acção. Assim serão quasi de fé as nossas, se imitarmos a sua obediencia.

A' circumstancia do tempo não acrescentou o Evangelista a do logar em que o Senhor obedeceu á Lei. Santo Hilario com opinião singular, e não recebida, diz que foi em Jérusalem. Se assim fosse, alguma escusa podiam ter os espiritos a que eu só quero dar nome de cortezãos. Querem professar Religião, querem viver debaixo de obediencia, mas ha-de ser em Jérusalem, nas côrtes dos principes, nas cabeças dos reinos, nas metropoles das provincias. Se é em Italia, ha-de ser em Roma; se é em França, ha-de ser em Pariz; se é em Portugal, ha-de ser em Lisboa: e se é n'esta parte da nossa America, não ha-de ser no sertão, nem ha-de ser na aldeia, nem na capitania, nem em outras cidades menores, ainda que sejam cathedraes; senão na principal e maior de todas. Se este espirito é da Companhia, não é da companhia d'aquelle Jesus, que, para encarnar, escolheu Názareth, e para nascer, Belem. Ainda n'essa Belem, com ser n'aquelle tempo habitada pouco mais de Pastores, não quiz o Senhor que se soubesse de certo o logar aonde offereceu a Deus as primicias d'esta sua obediencia. Quando chegaram a Belem os Magos, diz o

Evangelista, que entrando na casa acharam o Menino: *Intrantes domum invenerunt Puerum.* [1]

D'aqui infere Santo Epiphanio, com outros Padres, que o Santo Menino já não estava no Presepio, e que a industria de S. José, depois que a cidade se foi desafogando da multidão da gente, pôde melhorar de aposento. E como no espaço d'aquelles treze dias se podia cumprir o dia oitavo da Circumcisão, ou estando ainda no Presepio, ou morando já na casa, não se sabe, nem quiz o mesmo Senhor que se soubesse o logar certo de sua obediencia; para ensinar á nossa que ha-de abstrahir totalmente do logar, e que o não ha-de ter, nem querer, nem procurar certo. Se a Circumcisão foi na casa, era na cidade; se no Presepio, era fóra d'ella: se na cidade, era entre homens; se no Presepio, era entre brutos: se na cidade e em casa, era já com alguma commodidade; se no Presepio, era com o maior incommodo e total desamparo. E a todas estas differenças de logares ha-de estar sempre indifferente a prompta obediencia; ou para viver nas cidades, ou fóra e longe d'ellas; ou no povoado entre homens, ou no desterro, e no meio das brenhas entre os brutos e as feras; ou com commodidade, ou sem commodidade; ou com algum abrigo, ou sem nenhum abrigo; ou em casa debaixo das telhas, ou no campo debaixo das estrellas. O *ubi* da obediencia é *ubique*. Os soldados da Companhia de Jesus são soldados volantes, e se estes perguntarem á nossa Regra o logar onde hão-de ter o seu posto, o logar é em qualquer parte do mundo, onde se espera maior serviço de Deus, e ajuda das almas.

VI

Ut circumcideretur Puer. Temos aqui a Circumcisão passiva, mas não temos a activa. A passiva foi o Menino circumcidado: a activa foi o ministro da Circumcisão, do qual não diz palavra o Evangelista. Segundo o ceremonial da Lei, eram ministros da Circumcisão, primeiro os sacerdotes, depois os levitas, e

[1] *Math.*, II, 12.

em falta d'estes, como cá no Baptismo, outra qualquer pessoa ainda que não tivesse ordem nem grau ecclesiastico, e talvez o mesmo pae, ou a mesma mãe. Parece que Santo Ignacio commentou este mysterio, quando nos escreveu aos portuguezes, que o verdadeiro obediente não olha á pessoa a quem obedece. Ou seja sacerdote, ou seja levita, ou não seja levita, ou tenha grande dignidade, ou pequena, ou nenhuma, com a mesma pontualidade havemos de obedecer ao irmão cosinheiro, como ao Padre Geral da Companhia.

E quanto ao ministro da Circumcisão do Santo Menino, a opinião mais provavel e mais pia, é que assim como Sephora circumcidou a seu filho, assim a Virgem Maria circumcidou o seu. O' que excellente retrato de um bom Superior, e de um bom subdito, quando as obediencias são taes que pódem doer; verdadeiramente era caso não só para enternecer, mas para assombrar, vêr a piedosissima Virgem ferir com suas proprias mãos, sem lhe tremer nem desmaiar o braço, e derramar o sangue do Filho de Deus e seu! O golpe primeiro cortava o coração da Mãe, e depois a carne do Filho; o Filho soffrendo sem resistir, a Mãe constante sem retroceder; o Filho chorando, a Mãe chorando. De ambos era a dôr; de ambos eram as lagrimas, e o sangue tambem de ambos; para que nem o Superior se acovarde, nem o subdito o estranhe. Ha-de ser, porém, tão reciproco o sentimento nas materias sensiveis, que tanto sinta quem executa, como quem obedece; tanto se lastime quem forçado fere, como o mesmo ferido; tanto se dôa o superior como o subdito; e muito mais o superior, que isto é ser mãe. Os instrumentos d'aquelle rigor, consta da Escriptura, que eram de pedra: *Cultros lapideos;* e diz S. Bernardo que eram de pedra, e não de ferro: porque a pedra não cria ferrugem. O' se quizesse Deus que as obediencias fossem recebidas tão lisamente, como são lisos os instrumentos!

Mas passemos a outro documento não menos necessario. *Ut circumcideretur.* A Circumcisão era uma Lei muito dura, mas de pouca dura. Havia-se de acabar cedo, como se acabou, succedendo em seu logar o Baptismo. Pois se aquella Lei não havia de durar, porque a observou o Senhor tanto á sua custa, que lhe custou gottas de sangue? Sem duvida porque estava

antevendo que havia de vir tempo, em que fosse necessario este forte exemplo da sua obediencia para confirmar as fraquezas da nossa. Quando a obediencia ordena alguma coisa de novo, ou quer emendar algum abuso, os que por ventura gostavam mais dos abusos, do que gostam da emenda d'elles, consolam-se com dizer que aquillo não ha-de durar. Variar-se-ha a successão das causas segundas, e logo se emendará tudo, e tornará ao que d'antes era. Mas ainda que esta prophecia fôra tão infallivel, como a sciencia que Christo tinha de se mudar a Circumcisão, nem por isso se deve desprezar ou desobedecer o que de presente se ordena. Pois que se ha-de fazer? O que fez o mesmo Senhor. Agora, em quanto durava a Circumcisão, circumdou-se: depois, quando vier o Baptismo, tambem se baptisará. Se a lei presente não ha-de durar, observe-se em quanto dura; e se depois se ha-de trocar por outra, então observaremos tambem essa, e seremos duas vezes obedientes.

A Lei não tem obrigação de ser sempre a mesma; mas o obediente tem sempre obrigação de obedecer á lei, qualquer que ella seja. Se a Circumcisão tira sangue, e o Baptismo lava com agua, sangremo'-nos agora, e banhar-nos-hemos depois. Mas porque eu espero pelo banho, não querer tomar a sangria, isso é não querer sarar. Santo Ignacio diz, que as coisas da obediencia se hão-de acceitar e crêr como se foram de fé; mas como ha hereges da fé, assim ha hereges da obediencia. E quem são estes? São uns espiritos inquietos, que só na propria vontade acham quietação. Não declarou Santo Ignacio esta quasi heresia porque a não suppoz na sua Religião; mas disse-o expressamente o propheta Samuel: *Quasi peccatum ariolandi est: et quasi scelus idololatriæ, nolle acquiescere:* [1] Almas inquietas (diz Christo) se quereis aquietar, obedecei: *Tollite jugum meum super vos, et invenietis requiem animabus vestris.* [2]

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XV, 23.
[2] *Math.*, XI, 29.

VII

Somos chegados á ultima circumstancia, a qual parece pudéra inquietar o mesmo Christo, se não fôra tão obediente: *Ut circumcideretur:* A Circumcisão era remedio do peccado e marca de peccador: e d'aqui se segue, que quem visse circumcidar aquelle Menino por consequencia natural podia inferir não só que não era Deus, mas que nem era justo, nem estava em sua graça; pois se o circumcidar-se Christo era tanto contra o credito da sua divindade, em quanto Deus: contra o credito da sua innocencia, em quanto homem; e contra o credito da sua dignidade, em quanto Messias: porque se quiz sujeitar á Circumcisão com tantos descreditos? Para tirar e arrancar, não do mundo senão das Religiões, a maior peste d'ellas, que são estes dois nomes, *credito* e *descredito*. O' quantos trabalhos, quantos desgostos, quantas perturbações tem causado na Religião e quantas vocações tem perdido a falsa adoração d'este maldito idolo! Ando triste, ando desconsolado, ando tentado contra o que prometti e renovei tantas vezes. E porque? Porque me vejo desacreditado.

Ora diga-nos este padre, a quem não quero chamar reverendo, ou este irmão, a quem não quero chamar carissimo: qual é a razão, porque cuida e diz que está desacreditado? Estou desacreditado, porque á minha antiguidade antepuzeram outro mais moderno; estou desacreditado porque á minha sciencia antepuzeram outro menos douto; estou desacreditado, porque ao meu grande talento antepuzeram outro muito inferior; estou desacreditado, porque á minha virtude, e á minha edificação antepuzeram outro, que não tem tanta. Bem o prova essa humildade. Mas dado que ser anteposto um, seja descredito do outro que não foi preferido: a André mais velho, foi anteposto Pedro; a José, o Justo, foi anteposto Mathias; e ao Justo dos Justos, o Filho de Deus, foi anteposto Barrabaz. Certamente que entre estes desacreditados, bem pudera um homem de bem não se affrontar de ser um d'elles. Mas vamos á resposta, que não tem resposta. Assim como o credito do soldado consiste em ser bom soldado, o credito do estudante em ser

bom estudante, e o credito do official em qualquer arte, em ser bom official; assim o credito do Religioso consiste em ser bom Religioso. E o ser bom Religioso em que consiste? Ninguem póde negar que na obediencia, em fazer o que lhe mandam, e em se contentar com que lhe não mandem o que deseja. Este é todo o credito e toda a honra do Religioso e não ha outra. Entender o contrario será de filho de Adão, e não de filho de Santo Ignacio.

O homem que Deus pôz n'este mundo com maior honra e mais credito foi Adão: e que diz David d'este homem tão acreditado e tão honrado? *Homo cùm in honore esset, non intellexit:* [1] O homem estando na honra não entendeu. E que é o que não entendeu? Não entendeu onde estava a honra. Elle estava na honra: *Cùm in honore esset;* e não entendeu aonde a honra estava. Entendeu que a honra estava em ser como Deus; e ella não estava em ser, senão em obedecer. Em quanto obedeceu, todas as creaturas o respeitavam e veneravam; tanto que desobedeceu, até os jumentos zombaram d'elle. Queira Deus que no Paraiso da Religião nos não engane do mesmo modo a serpente. A honra e credito do Religioso não está em ser o que elle deseja, ou presume, senão em obedecer ao que lhe mandam, por mais que seja em coisas que pareça o desacreditam. Que maiores descreditos que aquelles que ponderavamos na Circumcisão de Christo? Mas como o Senhor ainda assim obedeceu, da mesma Circumcisão sahiu muito mais honrado do que d'antes era, não só em quanto homem, senão em quanto Deus. Como entrou Christo na Circumcisão, e como sahiu? Entrou obediente, e sahiu Jesus: *Ut circumcideretur Puer, vocatum est nomen ejus Jesus.* E isto foi em todo o rigor da theologia sahir muito mais honrado do que era, ainda em quanto Deus. Quando eu digo, Deus, nomeio este nome com o barrete na cabeça: mas quando digo Jesus, tiro o barrete; porque o mesmo Deus debaixo d'este nome é digno de maior veneração e de maior honra. E esta maior honra não a alcançou o mesmo Filho de Deus antes da Circumcisão, senão depois que obedeceu a ella: *Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur.*

---

[1] *Psalm.*, XLVIII, 13.

VIII

Estas foram na Circumcisão de Christo as circumstancias da sua obediencia, e estes são os documentos da nossa. Se os puzermos em praxe, conheceremos que a renovação de todos os votos se reduz a este só voto, e a renovação de todas as virtudes a esta só virtude. Para maior evidencia quero acabar com a demonstração contraria. Se tivermos todas as virtudes, e nos faltar a obediencia, nenhuma virtude temos; pelo contrario, se tivermos a obediencia, n'ella teremos todas as virtudes: porque? Porque assim como a obediencia é o compendio e a união de todas as virtudes, assim a desobediencia é o dispendio e destruição de todas. Adão no Paraiso todos sabemos que foi creado em justiça original com todas as virtudes que Deus lhe infundiu na alma. E quanto lhe duraram? Em quanto obedeceu, conservou todas: tanto que desobedeceu, perdeu todas. E se isto succedeu no Paraiso, cá fóra que será, senão o mesmo?

Ponhamo'-nos longe d'elle, não só na terra, senão no mar. E que tempestade é aquella, que no Mediterraneo levanta as ondas até ás nuvens? Que navio é aquelle, que estão batendo e comendo os mares? Que homem é aquelle, que, lançado ao mar, o engole uma baleia? O homem é Jonas; o navio é d'uns gentios, em que elle navegava: a tempestade furiosa é a que por sua causa se levantou. E quem era este Jonas? Era um Propheta do numero dos doze; era um homem, de cujo espirito e zelo fiou Deus a missão e conversão de Ninive; era um santo, então reputado por tal, e depois canonisado. Pois este homem de tantas virtudes é o que levantou uma tão grande tempestade? Este é o que pôz a perigo de se ir a pique o navio? Este é o que mereceu que o lançassem ao mar? Sim, este. Porque com todas essas virtudes n'esta mesma occasião foi desobediente. Pelas virtudes mereceu a eleição; pela desobediencia perdeu as virtudes. Os do navio, diz o Texto, que faziam oração aos seus deuses; porque todos eram idolatras; e a tempestade que não levantou a idolatria de tantos gentios, levantou-a a desobediencia de

um santo. Não ha que fazer caso de santidades sem obediencia. Muita modestia, muita compostura, muita penitencia, muita edificação, muitas illustrações do céo, muitas prophecias; mas tudo isto sem obediencia é um pouco de vento. Mal disse em dizer, um pouco; é tanto vento, que levanta tempestades, que põem em perigo de naufragar o navio, e que se Deus não acudira com um milagre, o propheta se subvertêra no mar, e Ninive na terra.

IX

Todos estes documentos dictados na escóla d'aquelle Menino de oito dias, que para ser admiração dos Doutores, não ha-de esperar pelos doze annos, são os que nos ensinam praticamente que para a breve e perfeita renovação do espirito, o voto a que se hão-de reduzir todos os votos, e a virtude a que se hão-de reduzir todas as virtudes, é a obediencia. Assim como a Circumcisão era a divisa que distinguia os filhos de Abrahão dos outros povos; assim a obediencia é o caracter que distingue os filhos de Santo Ignacio dos outros Religiosos. Em outras Religiões (diz o Santo Patriarcha) podemos soffrer que nos façam vantagem nas asperezas, que cada um santamente observa; porém na pureza da obediencia, desejo, irmãos carissimos, que se assignalem os que n'esta Companhia servem a Deus nosso Senhor, e que n'isto se conheçam os verdadeiros filhos d'ella. Se fôrmos verdadeiros obedientes, seremos verdadeiros filhos da Companhia de Jesus; mas se o não fôrmos, bem nos podemos despedir d'este nome; porque nem elle, nem Santo Ignacio, nem a Companhia, nem o mesmo mundo, nos conhecerá por filhos seus. Perdeu-se o Mundo e o Paraiso por falta de obediencia; e só pela obediencia poderá a Companhia salvar o Mundo, e ser ella o Paraiso. O' que Paraiso na terra seria ámanhã, e será este santo collegio, se todos com grande união entre nós, e grande sujeição á obediencia, nos resolvermos com toda a applicação, com todo o cuidado, com todas as nossas orações e devoções, e com um exame mais particular, a conseguir a perfeição d'esta só virtude!

Digo, d'esta só virtude; porque não é necessario acrescentar de novo coisa alguma, senão fazermos o mesmo que fazemos, cada um segundo o seu estado, só por obediencia. O Irmão Coadjutor na sacristia, na portaria, na enfermaria, e nas outras officinas, faça o que costuma trabalhar; mas por obediencia. O Sacerdote no altar, no pulpito, no confessionario, nos hospitaes, nas cadeias, na assistencia, faça o que costuma exercitar; mas por obediencia. O Irmão Estudante nas grammaticas, nas humanidades, nas philosophias, nas theologias, faça o que costuma estudar; mas por obediencia. Mas por obediencia, torno a dizer; e não para ser grande lettrado, nem para ser grande prégador, nem para ser mestre, nem para ser lente, nem para ser professo de quatro votos, senão para ser professo de um voto. A obediencia é o voto que faz os verdadeiros professos, e em que todos o podemos ser. Aos que se applicam a outros meios, ainda que santos, para conseguir a perfeição, parece-me que lhes está dizendo Christo como a Martha: *Turbaris erga plurima: porrò unum est necessarium.* [1] Este *unum* reduzido á unidade da obediencia, é só o necessario: este *unum* reduzido á unidade da obediencia, é o que só basta para conseguirmos toda a perfeição do espirito, e todo o espirito da perfeição. Assim como reduzimos todos os fins a um só fim, que é Deus, assim havemos de reduzir todos os meios a um só meio, que é a obediencia, obedecendo a Deus em todos os mandamentos, obedecendo a Santo Ignacio em todas as suas regras, e obedecendo ao Superior, que é a voz de Deus, e regra viva, em tudo o que disposer de nós.

Tal é a renovação que o céo de nós espera no dia d'ámanhã; e nós não só por ser o proprio dia dedicado para ella, mas por ser o primeiro d'aquelle anno fatal, no qual o mesmo céo nos tem prevenido com a demonstração ou de uma palma, ou de um alfange, para que veja cada um aonde a sua obediencia, ou a sua desobediencia o póde levar, como levou a muitos. O que resta é que com todo o affecto de nossos corações peçamos áquelle Menino todo poderoso, pelas gottinhas do sangue de sua Circumcisão, e á Santissima

[1] *Luc.*, x, 41 e 42.

Mãe, pelas copiosas lagrimas que ella lhe custou, nos concedam em honra de tão soberano mysterio esta mesma resolução muito efficaz, muito verdadeira, muito forte, muito deliberada, e muito constante, para que assim como o mesmo Senhor pela sua obediencia mereceu o nome santissimo de Jesus, assim nós pela mesma obediencia nos façamos dignos de o servir perpetuamente na Companhia debaixo do mesmo nome: *Obedientiam perpetuam in societate Jesus.*

Sermão dos Bons Annos *

Prégado em Lisboa, na Capella Real, no Anno de 1641

Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Jesus, quod vocatum est ab Angelo, priusquam in utero conciperetur.

Luc., II.

I

Em um mundo tão avarento de bens, onde apenas se encontra com um bom dia, ter obrigação de dar bons annos, difficultoso empenho! Deus que é Auctor de todos os bens, os dê a vossas Reaes Magestades felicissimos (mui altos e mui poderosos reis e senhores nossos) com a vida, com a prosperidade, com a conservação e augmento de estados, que as esperanças do mundo publicam, que o bem da fé catholica deseja, que a monarchia de Portugal ha mister, e que eu, hoje, quizera promeller e ainda assegurar.

Em um mundo, digo, tão avarento de bens, onde apenas se encontra com um bom dia, ter obrigação

* Este Sermão que faz parte da serie dos Sermões chamados prognosticos, isto é, prégados por Vieira no intuito de prognosticar felicidades temporaes, vae já inserido a esta altura pelas mesmas razões adduzidas, em nota, ao Sermão anterior.

O padre Antonio Honorati, commenta a respeito d'este Sermão, que elle foi o primeiro prégado por Vieira na Capella Real, em 1642. O grande orador fez pasmar a sua patria com os prodigios da sua eloquencia. Ao Sermão, conclue o mesmo erudito annotador, se deve dar desconto segundo as opiniões que corriam em Portugal, na epocha da Restauração.

O Revisor.

de dar bons annos, difficultoso empenho! E na minha opinião cresce, ainda, mais essa difficuldade, porque isto de dar bons annos, entendo-o de differente maneira do que commummente se pratica no mundo. Os bons annos não os dá quem os deseja, senão quem os assegura. A quantos se desejaram n'esta vida, a quantos se deram os bons annos, que os não lograram bons, senão mui infelizes? Segue-se logo, propria e rigorosamente fallando, que não dá os bons annos quem só os deseja, senão quem os faz seguros. Esta é a difficuldade, a que me vejo empenhado hoje, que o tempo e o Evangelho fazem ainda maior. Em todo o tempo é difficultosa coisa segurar annos felizes; mas muito mais em tempo de guerras, e em tempo de felicidade. Se o dia dos bens é vespera dos males; se para merecer uma desgraça, basta ter sido ditoso; quem fará confiança em glorias presentes, para esperar prosperidades futuras? Se a campanha é uma meza de jogo onde se ganha e se perde; se as bandeiras victoriosas mais firmes seguem o vento vario, que as menea; quem se prometterá firmeza na guerra, que derriba muralhas de marmore? E como a guerra e a felicidade são dois accidentes tão varios: como a Fortuna e Marte são dois arbitros do mundo tão inconstantes; como poderei eu seguramente prometter bons annos a Portugal, em tempo que o vejo por uma parte com as armas nas mãos, por outra com as mãos cheias de felicidades? Se appello para o Evangelho, tambem parece que promette ameaças, mais que esperanças; porque nos apparece n'elle um cometa abrazado e sanguinolento, *ut circumcideretur puer*, e os cometas d'esta côr sempre foram fataes aos reinos e formidaveis ás monarchias.

Terret fera regna cometes sanguineum spargens ignem, disse lá Silio. A materia dos cometas são os vapores, ou exhalações da terra subidas ao céo; e como no mysterio da Encarnação subiu ao céo a terra de nossa humanidade; que outra coisa parece Christo, hoje, com o sangue da Circumcisão, senão um cometa abrazado e sanguinolento, e por isso funesto e temeroso? Ora com isto se representar assim, com o Evangelho e o tempo parecer que nos promettem poucas esperanças de felizes annos; do mesmo tempo, e do mesmo Evangelho hei-de tirar, hoje, a prova e segurança d'elles. Será pois a materia e empreza do ser-

mão esta: *Felicidades de Portugal, juizo dos annos que vem.* Digo dos annos, e não do anno, porque quem tem obrigação de dar bons annos, não satisfaz com um só, senão com muitos. Funda-me o pensamento o mesmo Evangelho, que parece o desfavorecia; porque toda a materia e sentido d'elle, é um prognostico de felicidades futuras. Toda a materia do brevissimo Evangelho que hoje canta a Egreja, vem a ser a Circumcisão de Christo e o nome santissimo de Jesus. E d'estes dois grandes mysterios se compoz uma constellação benignissima, que tomada no horizonte oriental de Christo, foi figura de todo o bem, e remedio do mundo, que o Senhor havia de obrar em seus maiores annos. S. Cyrillo: *Vocatum est nomen ejus Jesus, quod interpretatur Salvator; editus enim fuit ad totius mundi salutem, quam sua circumcisione præfiguravit.* Grande palavra! De sorte que circumcidar-se Christo, e chamar-se Jesus no dia de hoje, foi levantar figura, *præfiguravit*, aos successos dos annos seguintes, á salvação e felicidades futuras de todo o genero humano: *Totius mundi salutem, quam sua circumcisione præfiguravit.* Nem desfaz esta verdade a representação do sanguinolento, com que parece nos atemorisava Christo nos effeitos da Circumcisão; porque aquelle bello Infante não é cometa, é planeta: não é terra subida ao céo, é céo descido á terra. E o céo quando se põe de vermelho, que prognostica? O mesmo Christo o disse, que não é menos que sua esta mathematica: *Serenum erit, rubicundum est enim cælum.* [1] Quando o céo se veste de vermelho, prognostica serenidade. Sempre a serenidade foi titulo natural das purpuras. E como aquelle céo animado, como aquelle Rei celestial se veste, hoje, da purpura de seu sangue, serenidades e felicidades grandes nos prognostica, que nas acções do tempo e nas palavras do Evangelho, iremos discorrendo por partes.

[1] *Math.*, XVI, 2.

II

Post quam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Jesus, quod vocatum est ab Angelo, priusquam in utero conciperetur. Comecemos por estas ultimas palavras. Diz S. Lucas, que passados os oito dias, termo da Circumcisão, lhe puzeram a Christo por nome Jesus: e nota, antes manda notar o Evangelista, que este nome foi annunciado pelo Anjo, antes que o Senhor fosse concebido: *Quod vocatum est ab Angelo, priusquam in utero conciperetur.* Dá a razão d'esta advertencia a glossa interlineal, e diz que foi: *Ne homo videretur machinator hujus nominis:* Para que não parecesse este glorioso nome machinado por invento de homens, senão mandado, como era, pela verdade de Deus. Entrou Christo no mundo a reduzil-os com nome de Salvador e Libertador, que isso quer dizer Jesus: pois para que esta appellidada liberdade não a possa julgar alguem por invenção e obra humana, seja prophetisada e revelada primeiro por um ministro da Providencia divina: *Quod vocatum est ab Angelo, priusquam in utero conciperetur.*

Não quero referir prophecias do bem que gosamos, porque as supponho mui prégadas n'este logar, e mui sabidas de todos: reparar sim, e ponderar o intento d'ellas quizera. Digo, que ordenou Deus que fosse a liberdade de Portugal, como os venturosos successos d'ella, tanto tempo antes, e por tão repetidos oraculos prophetisada, para que quando vissemos estas maravilhas humanas, entendessemos que eram disposições, e obras divinas; e para que nos allumiasse, e confirmasse a fé onde a mesma admiração nos embaraçasse. (Fallo de fé menos rigorosa, quanta cabe em materias não definidas, posto que de grande certeza). Allega Christo um Texto do Psalmo XL, em que descreve David o meio extraordinario por onde os procedimentos injustos de um máu homem dariam principio á redempção de todos, como seria trahido o Redemptor, como o pertenderiam derribar por engano do seu estado; e intimando o Senhor o caso aos Discipulos, disse estas particulares palavras: *Dico vobis, antequam fiat, ut cùm factum fuerit creda-*

tis, quia ego sum. [1] Eu sou este de quem aqui falla David (que assim explicam o logar Santo Agostinho, Ruperto, Theophilato, e outros): e digo-vos isto antes que aconteça, para que depois de acontecer o creaes. Notavel theologia por certo! Se o Senhor dissera: digo-vos estas coisas para que as creaes, antes que aconteçam: facilmente dito estava; isso é fé, crêr o que não se vê; mas dizer as coisas antes que se façam, a fim de que se creiam depois de feitas: *Ut cum factum fuerit credatis?* O que está feito, o que se vê, o que se apalpa, necessita de fé? Algumas vezes sim; porque succedem casos no mundo, como este de que Christo fallava, tão novos e inauditos; succedem coisas tão raras, tão prodigiosas, e por meios de proporção tão desigual, e muitas vezes tão contrarios ao mesmo fim, que, ainda depois de vistas com os olhos, ainda depois de experimentadas com as mãos, não basta a evidencia dos sentidos para as não duvidar, é necessario recorrer aos motivos da fé para lhes dar credito: *Dico vobis; antequam fiat, ut cùm factum fuerit, credatis.* Taes considero eu os successos nunca imaginados de nosso Portugal, que, como excessivamente nos acreditam, assim excedem todo o credito. Quiz Deus que fossem tantos annos antes, e tão vulgarmente prophetisados estes successos, não tanto para os esperarmos futuros, quanto para os crêmos presentes; não para nos alentarem a esperança antes de succederem, mas para nos confirmarem a fé depois de succedidos. Haviam de succeder as coisas de Portugal, como succederam, de tão prodigiosa maneira, que ainda depois de vistas, parece que as duvidamos: ainda depois de experimentadas, quasi as não acabamos de crêr: pois prophetise-se esta venturosa liberdade, e ainda o nome felicissimo do libertador, muito tempo antes, *priusquam in utero conciperetur;* para que entre as duvidas dos sentidos, entre os assombros da admiração, peçam os olhos soccorro á fé, e creiam o que vêem por prophetisado, quando o não creiam por visto.

Por duas razões se persuadem mal os homens a crêr algumas coisas, ou por muito difficultosas, ou por muito desejadas: o desejo e a difficuldade fazem

[1] *Joan.*, XIII, 19.

as coisas pouco criveis. Era Sara de edade de noventa annos; esteril, promette-lhe um anjo, que Deus lhe daria fructo de benção; e diz a Escriptura, que se riu, e zombou muito d'isso Sara; e ainda depois de ter um filho chamou-lhe Isaac, que quer dizer riso: *Risum fecit mihi Deus.* [1] Estava S. Pedro em poder d'el-rei Herodes preso, e com apertada guarda, appareceu-lhe outo anjo, que lhe quebrou as cadeias, e o livrou; e diz o Texto sagrado: *Existimabat autem se visum videre:* [2] que cuidava Pedro que era aquillo sonho e illusão. Pois Pedro, Pois Sara, que incredulidade é esta? Vê-se Sara com um filho nos braços, e chama-lhe riso? Vê-se Pedro com as cadeias fóra das mãos, e chama-lhe sonho? Assim havia de ser, porque ambas eram coisas muito difficultosas, e ambas muito desejadas. Desejava Sara um filho, como a successão de sua casa: desejava Pedro a liberdade, como a mesma liberdade, e bem da Egreja: a successão de Sara estava em poder de noventa annos: a liberdade de Pedro estava em poder de Herodes, e de seus soldados: e como a difficuldade era tão grande, e o desejo egual á difficuldade, ainda que viam com seus olhos, e tinham nas mãos o que desejavam, a Sara parecia-lhe coisa de riso, a Pedro parecia-lhe coisa de sonho! Que Sara esteril haja de ter filho! Que a prosapia real portugueza esterilisada e atenuada na decima-sexta geração, haja de ter descendente que lhe succeda! Que Sara depois de noventa annos! Que a corôa de Portugal depois de sessenta! O que não teve quando estava na flôr de sua edade, o que não teve quando estava com todas as suas forças, o viesse alcançar depois de tão envelhecida, e quebrantada? Muito desejavamos, muito suspiravamos por este bem, mas quanto maior era o desejo, tanto mais parecia, e quasi parece ainda coisa de riso: *Risum fecit mihi Deus.* Que Pedro em poder d'el-rei Herodes: que Portugal em poder não d'um, senão de muitos reis que o dominavam, lhes houvesse de escapar das mãos tão facilmente! Que Pedro cercado de guardas *Quatur quaternionibus militum;* [3] que Portu-

[1] *Gen.*, XXI, 6.
[2] *Act.*, XII, 9.
[3] *Act.*, XII, 4.

gal, presidiado de infanteria em tantos castellos, em tantas fortalezas, sem se arrancar uma espada, sem se disparar um arcabuz, conseguisse em uma hora sua liberdade! Era empreza esta tão difficultosa, representava-se tão impossivel ao discurso humano, que ainda agora parece que é sonho e illusão: *Existimabat se visum videre.* [1] Assim lhes aconteceu aos filhos de Israël, quando se viram livres do Captiveiro de Babylonia: *In convertendo Dominus captivitatem Sion factis sumus sicut somniantes:* [2] que incredulos de admirados tinham a verdade por imaginação, e cuidavam que estavam sonhando o que viam com os olhos abertos! E como os successos de nossa restauração eram materias de tão difficultoso credito, que ainda depois de vistos parecem sonho, e quasi se não acabam de crêr; ordenou Deus que fossem tanto tempo antes, com tão singulares circumstancias, e com o nome do mesmo libertador prophetisadas, para que a certeza das prophecias desfizesse os escrupulos da experiencia; para que sendo objecto da fé, não parecesse illusão dos sentidos; para que revelando-as tantos ministros de Deus, se visse que não eram inventos dos homens: *Ne homo videretur machinator nominis, quod vocatum est ab Angelo, priusquam in utero conciperetur.*

III

Temos considerado o *priusquam*, vamos agora ao *postquam: Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur puer.* O que aqui pondera e sente muito a piedade dos santos, principalmente S. Bernardo, é que nascido de oito dias, sujeitasse o Senhor aquelle corposinho tenro ao duro golpe da Circumcisão. Tão depressa? Aos oito dias já derramando sangue? D'esta pressa se espantam os Doutores; mas eu não me espanto senão d'este vagar. Que venha Christo a remir, e que espere dias? E que espere horas? E que espere instantes? Quem cuida que é

[1] *Act.*, 9.
[2] *Psal.*, CXXV, 1.

pouco tempo oito dias, mal sabe o que é esperar pela Redempção. Quando Christo se encontrou com os discipulos de Emaüs iam elles contando a historia de seu Mestre, e a causa que os levava peregrinos por esse mundo, e disseram estas notaveis palavras: *Nos autem sperabamus, quia ipse esset redempturus Israël; et nunc super hæc omnia tertia dies est hodie:* [1] Nós esperavamos que este nosso Mestre havia de remir o povo de Israël; e no cabo de tudo isto vemos agora que já se vão passando tres dias. Tres dias? Pois que muito é isso? Que espaço de tempo são tres dias para uns homens desmaiarem? Para uns homens se entristecerem? Para uns homens se desesperarem tanto? Não se desesperavam, porque eram tres dias, senão porque eram tres dias de esperar pela Redempção. Esperavam aquelles discipulos, que o Senhor havia de remir a Israël: *Nos autem sperabamus, quia ipse esset redempturus Israël.* E para quem está captivo, para quem espera pela Redempção, tres dias é muito tempo: *Et nunc super hæc omnia:* como se foram passadas tres eternidades: *Tertia dies est hodie:* Já se vão passando tres dias. E se tres dias é muito tempo para quem espera pela Redempção, quanto mais tempo seriam os oito dias que se dilatou a Circumcisão de Christo, pois esperava o mundo n'elles, que começasse o Senhor a derramar o sangue, e dar o preço com que o remiu? Não ha duvida que foi muito cedo para a dôr, mas não foi muito cedo para o remedio; foram poucos dias para quem vivia, mas muitos para quem esperava. Bem o entendeu assim o Evangelista; porque havendo de contar estes oito dias, veja-se o apparato de palavras com que o faz: *Postquam consummati sunt;* depois que foram consummados: parece que armava a dizer oito seculos, ou oito mil annos, segundo a grandeza vagarosa e ponderação das palavras; e no cabo disse, *dies octo*, oito dias; como eram dias de esperar Redempção, ainda que não foram mais que oito, pareciam uma duração mui cumprida, e que não acabavam de chegar, segundo tardavam: *Postquam consummati sunt.*

E se oito dias de esperar pela Redempção, e ainda tres dias, é tanto tempo; quanto seria, ou quanto pa-

[1] *Luc.*, XXIV, 21.

receria, não tres dias, nem oito dias, não tres annos, nem oito annos, senão sessenta annos inteiros, nos quaes Portugal esteve esperando sua Redempção, debaixo d'um captiveiro tão duro e tão injusto? Não me paro a o ponderar: porque em dia tão de festa, não dizem bem memorias de tristezas, ainda que os males passados, parte vem a ser de alegria. O que digo é, que nos devemos alegrar com todo o coração, e dar immortaes graças a Deus, pois vemos tão felizmente logradas nossas esperanças. Nem nos pese de ter esperado tão longamente: porque se ha-de recompensar a dilação da esperança com a perpetuidade da posse. Perguntam os Theologos com Santo Thomaz na terceira parte, por que se dilatou tanto tempo o mysterio da Encarnação, por que não desceu o Verbo Eterno a remir o mundo, senão depois de tantos annos? Varias razões hão os Doutores; a de Santo Agostinho é muito propria do que queremos dizer: *Diu fuit expectandus, semper tenendus.* Quiz o Verbo Eterno que esperassem os homens e suspirassem tantos seculos por sua vinda, porque era bem que fosse muito tempo esperado um bem que havia de ser sempre possuido. Haviam os homens de gosar para sempre a presença de Christo, havia o Verbo de ser homem perpetuamente: porque, *Quod semel assumpsit nunquam demisit*, o que uma vez tomou, nunca mais o largou: seja pois este bem por muito tempo esperado, pois ha-de ser por todo o tempo possuido, e mereça com as dilações da esperança a perpetuidade da posse: *Diu fuit expectandus, semper tenendus.* Não necessita de acommodação o logar, de firmeza sim, pelas dependencias que tem do futuro; mas um espirito prophetico e portuguez nos fiará a conjectura d'esta tão gostosa verdade. São frei Gil, Religioso da Sagrada Ordem de S. Domingos, n'aquellas suas tão celebradas prophecias, diz d'esta maneira: *Lusitania sanguine orbata regio diu ingemiscet:* A Lusitania, o reino de Portugal, morrendo seu ultimo rei sem filho herdeiro, gemerá e suspirará por muito tempo; *Sed propititus tibi Deus:* Mas lembrar-se-ha Deus de vós, ó patria minha, diz o santo; *Et inspératè ab insperato redimèris:* e sereis remida não esperadamente por um rei não esperado. E depois de assim remido, depois de assim libertado Portugal, que lhe succederá? *Africa debellabitur:* Será vencida e con-

quistada Africa. *Imperium Ottomanum ruet:* O Imperio Ottomano cahirá sujeito e rendido a seus pés. *Domus Dei recuperabitur:* A Casa Santa de Jérusalem será, finalmente, recuperada. E por corôa de tão gloriosas victorias, *Ætas aurea reviviscet:* Resuscitará a edade dourada. *Pax ubique erit:* Haverá paz universal no mundo. *Felices qui viderint:* Ditosos e bemaventurados os que isto virem. Até aqui S. Frei Gil prophetisando. De sorte que assim como antes da Redempção houve suspirar e gemer, assim depois da Redempção haverá possuir e gosar; e assim como os suspiros e gemidos duraram por tantos annos, assim as felicidades e bens permanecerão sem termo, e sem limite. O muito, quer Deus que não custe pouco, e era justo que a tanta gloria precedesse tanta esperança, e que quem havia de gosar sempre, suspirasse muito: *Lusitania diù ingemiscet. Diù fuit expectandus, semper tenendus.*

E já que vae de esperanças não deixemos passar sem ponderação aquellas palavras mysteriosas da prophecia: *Inspiratè ab insperato redimèris.* De proposito reparei n'ellas, para refutar com suas proprias armas alguma reliquia, que dizem que ainda ha d'aquella seita, ou desesperação dos que esperavam por el-rei D. Sebastião, de gloriosa e lamentavel memoria. Diz a prophecia: *Inspiratè ab insperato redimèris.* Que seria remido Portugal não esperadamente por um rei não esperado. Segue-se logo evidentemente, que não podia el-rei D. Sebastião ser o libertador de Portugal, porque o libertador promettido havia de ser um rei não esperado: *Inspiratè ab insperato;* e el-rei D. Sebastião era tão esperado vulgarmente, como sabemos todos. Assim que os mesmos sequazes d'esta opinião com seu esperar destruiam sua esperança; porque quanto o faziam mais esperado, tanto confirmavam mais que não era elle o promettido; podendo-se-lhe applicar propriamente aquellas palavras que S. Paulo disse de Abrahão: *Contra spem in spem credidit:* [1] que creram em uma esperança; porque pelo mesmo que esperavam, tinham obrigação de não esperar.

---

[1] *Rom.*, IV, 18.

IV

Mas ainda que concedamos que os portuguezes não souberam esperar, não lhes neguemos que souberam amar, e com muita ventura; que talvez buscando a um rei morto, se veem a encontrar com um vivo. Morto buscava a Magdalena a Christo na sepultura, e a perseverança e amor com que insistiu em o buscar morto, foi causa de que o Senhor lhe enxugasse as lagrimas, e se lhe mostrasse vivo. Grande exemplar temos entre mãos. Assim como a Magdalena, cega de amor, chorava ás portas da sepultura de Christo, assim Portugal, sempre amante de seus reinos, insistia ao sepulchro d'el-rei D. Sebastião, chorando e suspirando por elle; e assim como a Magdalena no mesmo tempo tinha a Christo presente e vivo, e o via com seus olhos e lhe fallava, e não o conhecia, porque estava encoberto e disfarçado, assim Portugal tinha presente e vivo a el-rei nosso senhor, e o via e lhe fallava, e não o conhecia. Porque? Não só porque estava, senão porque elle era o *Encuberto*. Ser o encoberto, e estar presente, bem mostrou Christo n'este passo que não era impossivel. E quando se descobriu Christo? Quando se manifestou este Senhor encoberto? Até esta circumstancia não faltou no Texto. Disse a Magdalena a Christo: *Tulerunt Dominum meum:* [1] Levaram-me o meu Senhor; e o Senhor não lhe deferiu. *Nescio ubi posuerunt eum:* [2] queixou-se que não sabia onde lh'o puzeram; e dissimulou Christo da mesma maneira. *Si tu sustulisti eum:* [3] Se vós Senhor o levastes, *dicite mihi*, dizei m'o; e ainda aqui se deixou o Senhor estar encoberto sem se manifestar. Finalmente alentando-se a Magdalena mais do que sua fraqueza permittia, e tirando forças do mesmo amor, acrescentou: *Et ego eum tollam:* [4] E eu o levantarei; e tanto que disse, eu o levantarei: *Ego eum tollam:* então se descobriu o Senhor, mos-

---

[1] *Joan.*, XX, 13.
[2] *Ibid*
[3] *Ibid.*, 15.
[4] *Ibid.*

trando que elle era por quem chorava; e a Magdalena o reconheceu, e se lançou a seus pés. Nem mais nem menos Portugal, depois da morte de seu ultimo rei. Buscava-o por esse mundo, perguntava por elle, não sabia onde estava, chorava, suspirava, gemia e o rei vivo e verdadeiro, deixava-se estar encoberto, e não se manifestava, porque não era ainda chegada a occasião; porém tanto que o reino animoso sobre suas forças, se deliberou a dizer resolutamente: *Ego eum tollam:* eu o levantarei e sustentarei com meus braços; então se descobriu o encoberto Senhor, porque então era chegado o tempo: dizendo-nos aos Portuguezes o que diz S. Gregorio, que disse Christo á Magdalena manifestando-se-lhe: *Recognosce eum, à quo recognosceris:* Reconhecei a quem vos reconhece: reconhecei por rei, a quem vos reconhece por vassallos. Então sim, e não antes; então sim, e não depois; porque aquelle e não outro era o tempo opportuno e determinado de dar principio á nossa Redempção.

Recebeu Christo o golpe da Circumcisão, e deu principio á Redempção do mundo, não antes nem depois, senão pontualmente aos oito dias: *Dies octo, ut circumcideretur puer.* Pois porque antes, ou porque não depois? Não se circumcidára ao dia setimo? Não se circumcidára ao dia nono? Porque não antes nem depois senão ao oitavo? A razão foi, porque as coisas que faz Deus, e as que se hão-de fazer bem feitas, não se fazem antes, nem depois, senão a seu tempo. O tempo assignalado nas Escripturas para a Circumcisão era o dia oitavo, como se lê no Genesis e no Levitico: *Die octavo circumcideretur infantulus.* [1] E por isso se circumcidou Christo, sem se anticipar, nem dilatar aos oito dias: *Postquam consummati sunt dies octo:* porque como o Senhor remiu o genero humano por obediencia aos decretos divinos, o tempo que estava assignalado na Lei para a Circumcisão, era o que estava predestinado para dar principio á Redempção do mundo. Da mesma maneira se deu principio á redempção e restauração de Portugal em taes dias e em tal anno, no celebradissimo de 40, porque esse era o tempo opportuno e decretado por Deus: e não antes, nem depois como os homens quizeram.

[1] *Levit.*, XII, 3.

Quizeram os homens que fosse antes, quando succedeu o levantamento de Evora; quizeram os homens que fosse depois, quando assentaram que o dia da Acclamação fosse o 1.º de Janeiro, hoje faz um anno; mas a Providencia Divina ordenou que o primeiro intento se não conseguisse, e que o segundo se anticipasse, para que pontualmente se désse principio á restauração de Portugal a seu tempo: *Postquam consummati sunt dies octo.*

V

D'aqui fica tacitamente respondida uma não mal fundada admiração, com que parece podiamos reparar os Portuguezes, em que os serenissimos duques de Bragança vivessem retirados todos estes annos, sem acudirem á liberdade do Reino, como legitimos herdeiros que eram d'elle. Respondido está; declaro mais a resposta: Christo Redemptor nosso, ainda em quanto homem, como provam muitos Doutores, era legitimo herdeiro da corôa de Israël: *Dabit illi Dominus Deus sedem David Patris ejus: et regnabit.* [1] Tinha tyrannisado este reino Herodes, homem estrangeiro, a quem por este, e por muitos outros titulos não pertencia; e como sobre ter usurpado o reino elle quizesse tirar a vida a Christo, diz o Texto, que o Senhor se lhe não oppoz, antes se retirou para o Egypto: *Secessit in Ægyptum.* [2] Notavel acção! Não sois Vós, Senhor, o verdadeiro Rei de Israël, como legitimo herdeiro seu, que, ainda que não empunhaes o sceptro, Rei sois, e Rei nascestes, e assim o confessam as nações e reis estrangeiros: *Ubi est qui natus est Rex Judæorum?* [3] Pois como vos retiraes agora, como vos não oppondes á tyrannia de Herodes, como ides viver ao Egypto, e tantos annos? Não vêdes o que padecem tantos innocentes? Não ouvis que já chegam ao céo as vozes da lastimada Rachel, que

[1] *Luc.*, I, 32.
[2] *Math.*, II, 14.
[3] *Ibid.*, 2.

chora seus filhos: *Vox in Roma audita est, ploratus, et ululatus multus, Rachel plorans filios suos?* [1] Pois se a Vós, como a Rei natural, incumbe a restauração do reino, como vos retiraes da empreza? Nem me alleguem em contrario os poucos dias que tinha o Senhor de vida ou edade, depois dos oito da Circumcisão, porque na mesma Circumcisão, e na mesma retirada do Egypto tinha, e lhe sobejava tudo o que era necessario para livrar do captiveiro os que n'elle tinham a esperança da liberdade. Ou Christo os havia de remir com o sangue proprio, ou com o alheio: se com o proprio, bastava uma só gotta do sangue da Circumcisão, para remir não só o reino de Israël, senão todo o mundo. Se com o sangue alheio, o mesmo anjo que disse a S. José: *Fuge in Ægyptum*, [2] podia fazer a Herodes, e a todos seus presidios e soldados, o que o outro anjo fez aos exercitos d'el-rei Senaccherib, matando em uma noite oitenta e cinco mil dos que sitiavam a mesma Jérusalem. Pois se isto era não só possivel, mas facil ao legitimo e verdadeiro Rei de Israël, por que o não executou então? Por que não era ainda chegado o tempo, diz excellentemente S. Pedro Chrysologo: *Cedens tempori, non Herodi.* Tinha decretado e disposto, que o tempo da Redempção fosse d'alli a trinta e tres annos: e se a Providencia Divina, que tudo póde, espera pelas disposições e circumstancias do tempo; quanto mais a providencia humana? a qual o não seria, se com toda a attenção e vigilancia as não observasse, aguardando pelas mais convenientes e opportunas que Deus e o mesmo tempo lhe offerecesse? Assim que, podiam responder aquelles principes, como legitimos e naturaes senhorios e herdeiros da corôa de seus avós, o que em similhante caso disseram os famosos Macchabeus, assim antes como depois de restituidos ao seu proprio patrimonio: *Neque alienam terram sumpsimus, neque alienam detinemus, sed hæreditatem patrum nostrorum, quæ injustè ab aliquo tempore ab inimicis nostris possessa est: nos verò tempus habentes vindicamus hæreditatem patrum nostrorum.* [3]

---

[1] *Math.*, II, v. 18.
[2] *Ibid.*, 13.
[3] *1.º Livr. dos Macch.*, XV, 33 e 34.

E foi de tanta importancia esperar pela opportunidade do tempo, que por esta dilatação, se veiu a lograr aquella primeira maxima de toda a razão de estado, assim da Providencia Divina, como da providencia humana, que é saber concordar estes dois extremos, conseguir o intento, e evitar o perigo. Já perguntamos, que razão teve Christo para receber a Circumcisão ao oitavo dia conforme a Lei. Agora pergunto: que razão teve a Lei para mandar que a Circumcisão se fizesse ao oitavo dia? A Circumcisão n'aquelle tempo era o remedio do peccado original, como hoje o é o Baptismo, bem que com differente perfeição. Pois se na Circumcisão consistia o remedio do peccado original, e a liberdade das almas captivas pelo peccado; porque não mandava Deus que se circumcidassem os meninos logo quando nasciam, ou no terceiro, ou ao quarto dia, senão ao oitavo? A razão litteral foi, diz o Abulense, porque quiz Deus applicar o remedio de tal maneira, que se evitasse o perigo: *Quia ante octo dies potest esse vitæ periculum.* Quando os meninos nascem, em todos aquelles primeiros sete dias correm grande perigo da vida, porque são dias criticos e arriscados, como diz Aristoteles e Galeno: pois ainda que o remedio dos recemnascidos, e sua espiritual liberdade consistia na Circumcisão, não se circumcidem, diz a Lei, senão ao oitavo dia, passados os sete, que essa é a excellente razão de estado da Providencia de Deus, saber dilatar o remedio, para escusar o perigo: dilate-se o remedio da Circumcisão até o oitavo dia, para que se evite o perigo da vida, que ha do primeiro ao setimo: *Quia ante octo dies potest esse vitæ periculum.*

Se Portugal se levantára em quanto Castella estava victoriosa, ou, quando menos, em quanto estava pacifica, segundo o miseravel estado em que nos tinham posto, era a empreza mui arriscada, eram os dias criticos e perigosos: mas como a Providencia Divina cuidava tão particularmente de nosso bem, por isso ordenou que se dilatasse nossa restauração tanto tempo, e que se esperasse a occasião opportuna do anno de quarenta, em que Castella estava tão embaraçada com inimigos, tão apertada com guerras de dentro e de fóra; para que na diversão de suas impossibilidades, se lograsse mais segura a nossa resolução. Dilatou-se o remedio, mas segurou-se o perigo. Quando

os Philisteus se quizeram levantar contra Samsão, aguardaram a que Dalila lhe tivesse presas e atadas as mãos, e então deram sobre elle. Assim o fizeram os Portuguezes bem advertidos. Aguardaram a que Catalunha atasse as mãos ao Samsão que os opprimia, e como o tiveram assim embaraçado e preso, então se levantaram contra elle tão opportuna como venturosamente. Mas vejo que me dizem os lidos na Escriptura, que é verdade que os Philisteus se levantaram contra Samsão, mas que elle soltou as ataduras, voltou sobre elles, e desbaratou-os a todos. Primeiramente muito vae de Samsão a Samsão, e de Philisteus a Philisteus. Mas dado que em tudo fôra a similhança egual, esta mesma réplica confirma mais o meu intento. Não tiveram bom successo os Philisteus, porque ainda que nós os imitámos em parte, elles não nos deram exemplo em tudo. Intentaram, mas não conseguiram; porque as diligencias que fizeram, não as applicaram ao tempo. As diligencias que fizeram os Philisteus contra Samsão, foi atarem-lhe as mãos, e cortarem-lhe os cabellos; mas não aproveitaram estes effeitos, ainda que se obraram; porque devendo-se fazer ao mesmo tempo, fizeram-se em diversos. Quando lhe ataram as mãos, deixaram-lhe ficar os cabellos, com que teve força para se desatar; quando lhe cortaram os cabellos, deixaram-lh'os crescer outra vez, com que teve mãos para se vingar. Pois que remedio tinham os Philisteus para se livrarem de todo, e acabarem de uma vez com Samsão? O remedio era fazerem como nós fizemos, e como nós fazemos, e como nós havemos de fazer. Em quanto Samsão está com as mãos atadas, cortar-lhe os cabellos no mesmo tempo, e acabou-se Samsão. Assim o podiam vencer os Philisteus com muita facilidade, que d'outra maneira não seria tão facil. Porque se lhe não cortassem os cabellos, teria forças para desatar as mãos, e se lhe desatassem as mãos, seria necessaria muita força para lhe cortar os cabellos. Tanto como isto importa executar os remedios a tempo, como nós, por mercê de Deus, o temos feito até agora tão felizmente, conseguindo a maior empreza, e evitando o menor perigo; porque soubemos esperar pelos dias opportunos, como mandava a Lei esperar pelos da Circumcisão: *Dies octo, ut circumcideretur puer.*

VI

Ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Jesus. Tanto que se circumcidou o Menino, logo se chamou Salvador. Mas com que consequencia? pergunta S. Bernardo: *Circumciditur puer, et vocatur Jesus: quid sibi vult ista connexio?* Que parentesco tem o nome com a acção? Que combinação tem o salvar com o circumcidar-se? Tres razões acho nos santos; duas repito, uma só pondero. S. Bernardo, e Eusebio Emisseno, dizem que foi a Circumcisão de Christo: *Totius superfluitatis abjectio.* Uma estreita e mui reformada privação de todo o superfluo. Vinha Christo como Rei e Redemptor do mundo a remil-o e restaural-o, e a primeira coisa que fez, como a mais necessaria e importante, foi estreitar-se em sua Pessoa, cercear demasias, cortar superfluidades, e fazer uma pragmatica geral com seu exemplo: *Totius superfluitatis abjectio.* Muitas graças sejam dadas a Deus, que para confirmação ou imitação d'esta grande razão de estado divina, não temos necessidade de cançar a memoria, senão de abrir os olhos: não de resolver Escripturas antigas, senão de venerar e amar exemplos presentes. Assim obra quem reina; assim sabe libertar quem assim se sabe estreitar: *Ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Jesus.*

A segunda razão é de Santo Epiphanio, e diz que foi: *Ut confirmaret Circumcisionem, quam olim instituerat ejus adventui servientem:* Que quiz o Redemptor confirmar d'esta maneira, e honrar a Circumcisão, pelo que antes da sua vinda tinha servido. Bem advertido, mas muito melhor imitado. Parece que os decretos do governo de Portugal, e decretos da Providencia Divina correram parelhas (quanto póde ser) na sua e na nossa Redempção. Decretou Deus que á Circumcisão se lhe confirmassem suas antigas honras, havendo respeito ao bem que tinha servido; e o mesmo decreto se passou cá, e com muita razão: *Ut confirmaret Circumcisionem ejus adventui servientem.* Tinha servido a Circumcisão no tempo passado, e na Lei velha, pois honre-se no tempo presente, e premeie-se na Lei nova; que não é bem que

a felicidade geral venha a ser infortunio dos que serviram. Que a Circumcisão, que tinha tantos annos de serviços; que a Circumcisão, que tinha derramado tanto sangue, houvesse de ser desgraçada, porque o mundo foi venturoso, não estava isso posto em razão. Pois baixe um decreto que lhe confirme effectivamente todas as honras passadas: *Ut confirmaret Circumcisionem, quam olim instituerat;* que é bem que a Lei da graça premeie não só os serviços seus, senão os da Lei antiga, para mostrar n'isso mesmo, que é Lei da graça. Ó' que grande politica esta, assim humana, como divina! El-rei Assuero mandava lêr as historias e chronicas do seu reino, para fazer mercês aos que em tempo de seus antecessores tinham servido. El-rei Salomão sustentava de sua propria meza aos filhos de Berzellai, por serviços feitos em tempo e á pessoa de David: e o Rei dos reis, Christo Redemptor nosso, quando no Monte Thabôr desembargou suas glorias (que tambem póde ser expediente estarem embargadas por algum tempo), repartiu-as a tres que serviam, e a dois que tinham servido: a S. Pedro, a S. João, e a S. Thiago, porque actualmente serviam; e a Moysés, e a Elias, um vivo, e outro defunto, porque tinham servido em tempos passados. Assim recebe Christo, e auctorisa, hoje, a Circumcisão, conforme as honras do tempo antigo, não porque se quizesse servir d'ella, que já estava mui envelhecida, e a queria aposentar; senão pelo bem que d'antes tinha servido: *Ejus adventui servientem.*

A terceira e ultima razão é de Santo Ambrosio, de Santo Agostinho, de S. João Chrysostomo, de Santo Thomaz, e ainda de S. Paulo, ou quando menos fundada em sua doutrina, e é esta: (Allego tantos Doutores pela difficuldade da razão) *Ea ratione pro nobis cricumcisus est, ut Circumcisionem auferret:* Recebeu Christo a Circumcisão, porque como Auctor da Lei nova, queria tirar do mundo a Circumcisão. Estranha sentença! Pois porque Christo queria tirar do mundo a Circumcisão, por isso recebe e executa em si a mesma Circumcisão? Antes parece que para a tirar do mundo havia de entrar condemnando-a, desterrando-a, prohibindo-a sob graves penas, e não a admittindo por nenhum caso. Pouco sabe das razões verdadeiras de estado quem assim discorre. Circumcida-se Christo para tirar do mundo a Circumcisão, porque

quem entra a introduzir uma Lei nova, não póde tirar de repente os abusos da velha. Ha-de permittir com dissimulação, para tirar com suavidade: ha-de deixar crescer o trigo com sizania, para arrancar a sizania, quando não faça mal ás raizes do trigo. Todo o zelo é mal soffrido, mas o zelo portuguez mais impaciente que todos. A qualquer reliquia dos males passados, a qualquer sombra das desigualdades antigas, já tomamos o céo com as mãos, porque não está tudo mudado, porque não está emendado tudo. Assim se muda um reino? Assim se emenda uma monarchia? Tantos entendimentos assim se endireitam? Tantas vontades tão differentes assim se temperam? Rei era Christo, e Rei Redemptor, e nenhuma coisa trazia mais diante dos olhos, que extinguir os usos da Lei velha, e renovar e introduzir os preceitos da Nova; e com ter sabedoria infinita e braços omnipotentes, ao cabo de trinta e tres annos de reino, muitas coisas deixou como as achára, para que seu successor S. Pedro as emendasse. Já Christo não estava vivo, quando se rasgou o véo do Templo, figura da Lei antiga. E que coisa se podia representar mais facil, que romper um tafetá em trinta e tres annos? Pouco a pouco se fazem as coisas grandes, e não ha melhor arbitrio para as concluir com brevidade, que não as querer acabar de repente. Instituiu Christo Redemptor nosso o Sacramento da Eucharistia, e instituiu-o na mesma meza, em que estava o Cordeiro legal. Pois Senhor meu, que combinação é esta, ou que companhia? O Cordeiro com o Sacramento? As ceremonias da Lei velha com os mysterios da Nova na mesma meza? Sim, que assim era necessario que fosse, para que viesse a ser o que era necessario. Queria Christo introduzir o sacramento, e lançar fóra o cordeiro da Lei, e para isso permittiu que o cordeiro estivesse embora na mesma meza com o sacramento, que d'esta maneira se desterram com suavidade as sombras das leis velhas, e se vão introduzindo e conciliando os resplendores das novas. Estejam agora juntos o sacramento e o cordeiro, que ámanhã irá fóra o cordeiro, e ficará só o sacramento. Com este vagar faz Deus as coisas, e assim quer que as façam os que estão em seu logar (quando ellas o soffrem): e tenha mais paciencia o zelo, não seja tão estreito de coração. Mais dóe aos reis que aos vassallos dissimu-

lar com algumas coisas; mas por força se hão-de fazer assim, para se não fazerem por força. Muito lhe doeu a Christo, gottas de sangue lhe custou contemporisar com a Circumcisão; mas foi necessario dissimular com dôr, para remediar com successo. Não é o mesmo permittir, que approvar, antes o que se permitte já se suppõe condemnado. A benevolencia e dissimulação, como são affectos da mesma côr, equivocam-se facilmente nas apparencias; e quantas vezes se choraram ruinas, os que se invejaram favores! Vem a ser industria no principe, o que é razão de estado no lavrador, que as espigas que ha-de cortar, essas abraça primeiro. Assim abraçou Christo a Circumcisão, porque a queria cortar e arrancar do mundo: *Ea ratione circumcisus est, ut Circumcisionem auferret.* Mostrando na suavidade d'esta razão, e nas outras coisas porque se circumcidou, quão bem se proporcionava com os meios, o nome que lhe puzeram de Salvador: *Ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Jesus.*

Mas porque se chamou Salvador? Porque não tomou outro nome? Que o não tomasse de algum attributo de sua divindade, bem está, pois vinha a ser homem: mas ainda em quanto homem tinha Christo a maior dignidade da terra, que era a de rei. Pois já que havia de tomar o nome do officio, e não da pessoa, porque não se chamou rei, porque se chamou Salvador? A razão deu-a Tertulliano: *Gratius illi erat pietatis nomen, quam majestatis.* Deixou Christo o nome de rei, e tomou o de Salvador, porque estimava mais o nome de piedade, que o titulo de magestade. O nome de rei era nome magestoso, o nome de Salvador era nome piedoso; o nome de rei dizia imperar, o nome de Salvador dizia libertar; e fazendo o Senhor a eleição pela estimação, tomou o de nosso remedio, deixou o de sua grandeza. Por isso os Anjos na embaixada que deram aos Pastores, pozeram primeiro o nome de Salvador, e depois o nome de Ungido: *Quia natus est vobis hodie Salvator, qui est Christus Dominus.* [1] E por isso no titulo da Cruz se chamou o Senhor Jesus Rei, e não Rei Jesus: *Jesus Nazarenus*

[1] *Luc.*, II, 11.

Rex Judæorum: [1] para mostrar no principio e no fim da vida, que estimava mais o exercicio de nossa liberdade, que a grandeza de sua Magestade: *Gratius illi erat pietatis nomen, quam majestatis.* Se os corações poderam discorrer sensivelmente, quanto melhor fallaram n'este passo, do que os poderá copiar a lingua? Isto que Tertulliano disse pelo primeiro Libertador do genero humano, poderamos nós dizer com acção de graças pelo segundo libertador de Portugal, o qual n'esta felicissima e verdadeiramente real acção mostrou bem quanto mais estimava o nome da piedade, que o titulo da magestade; pois convidado tantas vezes para a grandeza, regeitou generosamente o sceptro; e agora chamado para o remedio, acceitou animosamente a corôa: *Gratius illi erat pietatis nomen, quam majestatis.* Rei não por ambição de reinar, senão por compaixão de libertar: rei verdadeiramente imitador do Rei dos reis, que sobre todos os titulos de sua grandeza estimou mais o nome de Libertador e Salvador: *Vocatum est nomen ejus Jesus.*

VII

Acabou-se o Evangelho, e eu tenho acabado o sermão. Mas vejo que me estão calumniando e arguindo, porque não provei o que prometti. Prometti fazer n'este sermão um juiso dos annos que veem, e eu não fiz mais que referir os successos dos annos passados. Mostrei a razão das Prophecias, as dilações da esperança, a opportunidade do tempo, o acerto dos decretos, a propriedade e merecimento do nome, e tudo isto é historia do que foi, e não prognostico do que ha-de ser. Ora, ainda que o não pareça, eu me tenho desempenhado do que prometti, e todo este discurso foi um prognostico certo, e um juiso infallivel dos annos que veem. Tudo o que disse, ou foram prophecias cumpridas, ou beneficios manifestos da mão de Deus; e em prophecias e beneficios começados, o mesmo é referir o passado, que prognosticar e segurar o futuro.

---

[1] *Joan.*, XIX, 17.

Partiu Christo desterrado para o Egypto, e diz o Evangelista S. Matheus: *Ut impleretur, quod dictum est per Prophetam: ex Ægypto vocavi Filium meum:* [1] que aqui se cumpriu a prophecia do propheta Oseas, em que dizia Deus, que havia de chamar e tirar do Egypto a seu Filho. Difficultoso logar! Argumento assim: as Prophecias não se cumprem, senão quando succedem as coisas prophetisadas: Christo não voltou do Egypto senão d'ahi a sete annos: logo não se cumpriu então, nem se póde cumprir esta prophecia de Oseas. Se dissera o Evangelista, que se cumpria a prophecia de Isaias: *Ecce Dominus ascendet super nubem levem, et ingredietur Ægyptum:* [2] claro estava; mas dizer, quando entrou no Egypto, que então se cumpriu a prophecia de quando sahiu, que não foi senão d'ahi a tantos annos, como póde ser? Reparo foi este de Ruperto Abbade, o qual satisfaz á duvida com uma razão mystica; mas a litteral, e que nos serve é esta. Como as Prophecias quanto á evidencia se qualificam pelos effeitos, e na execução do que promettem teem a canonisação de sua verdade, é consequencia tão infallivel, cumpridas as primeiras prophecias, haverem-se de cumprir as segundas, que quando se mostra o cumprimento d'uma, logo se pódem dar por cumpridas as outras. Por isso o Evangelista, ainda discursando humanamente, quando viu que se cumpria a prophecia de Christo entrar no Egypto, deu logo por cumprida tambem a prophecia de haver de voltar para a patria, e assim disse: *Ut impleretur quod dictum est per Prophetam:* que então se cumpriu o que tinha prophetisado Oseas, não quanto á execução, senão quanto á evidencia; porque o cumprimento da prophecia passada, era nova e certa prophecia de se cumprir a futura; que se n'uma parte não faltou o effeito, como poderia faltar na outra? Muitas felicidades tem logo que vêr Portugal nos annos seguintes, e muitas lhe tenho eu prognosticado n'este sermão; porque como as mesmas prophecias que prometteram o que vemos cumprido, promettem, ainda, outros maiores augmentos a este reino, ou a este imperio, como ellas dizem, o mesmo foi referir o des-

---

[1] *Math.*, II, 15.
[2] *Isai*, XIX, 1.

empenho felicissimo das prophecias passadas, que prognosticar, antes segurar com firmeza o cumprimento infallivel das que estão por vir. Se as nossas prophecias na parte mais difficultosa foram prophecias, na parte mais facil, que resta, porque o não serão?

Sete coisas prophetisou o Anjo embaixador á Virgem Maria: *Ecce concipies in utero, et paries Filium, et vocabis nomen ejus Jesum. Hic erit magnus, et Filius Altissimi vocabitur, et dabit illi Dominus Deus sedem David Patris ejus et regnabit in domo Jacob in æternum, et regni ejus non erit finis:* [1] que conceberia; que pariria um filho; que lhe poria por nome Jesus; que seria grande; que se chamaria Filho de Deus, que Deus lhe daria o throno de David seu Pae; que reinaria na casa de Jacob para sempre; e que seu reino não teria fim. E d'estas sete prophecias, vendo cumprida Santa Isabel só a primeira, pelos effeitos d'ella julgou que se haviam de cumprir todas as mais: *Quoniam perficientur ea, quæ dicta sunt tibi à Domino.* [2] O mesmo discurso fiz eu, e o devemos fazer todos os Portuguezes, se não queremos ser hereges da boa razão, e de uma fé mais que humana, dando todos os parabens a Portugal, e chamando-lhe mil vezes feliz: *Quoniam perficientur ea, quæ dicta sunt tibi à Domino.* Porque como se começaram a cumprir as prophecias em sua restauração, assim as levará Deus por diante, e lhes dará o cumprimento gloriosissimo que ellas promettem. Até agora era necessaria pia affeição para dar fé ás nossas prophecias; mas já hoje basta o discurso e boa razão; porque os effeitos presentes das passadas, são nova prophecia dos futuros; bem assim como (para que até aqui nos não falte o Evangelho) a imposição do nome de Jesus, que hoje chamaram a Christo, *Vocatum est nomen ejus Jesus*, foi cumprimento do que estava prophetisado, e prophecia do que estava por cumprir. Foi cumprimento do que estava prophetisado, porque prophetisado estava que se chamaria Jesus o Filho da Virgem: *Paries Filium, et vocabis nomen ejus Jesum.* Foi prophecia do que estava por cum-

---

[1] *Luc.*, I, 31 e seg.
[2] *Ibid.*, 45.

prir, porque o nome de Jesus, que quer dizer Salvador, era prophecia que havia de salvar Christo, e remir o genero humano: *Vocabitur nomen ejus Jesus: ipse enim salvum faciet populum suum à peccatis eorum.* [1]

VIII

Nos beneficios passa o mesmo. Muitos logares pudera trazer; um só digo que, pela propriedade do nome tem privilegio de se preferir a todos. Nasceu S. João Baptista, e assentaram comsigo os visinhos d'aquellas montanhas, que havia de ser o menino pessoa notavel, e que esperavam grandes venturas em seus maiores annos: *Posuerunt in corde suo, dicentes: Quis, putas, puer iste erit?* [2] Pois d'onde o tiraram estes homens? Que fundamento tiveram para se resolverem tão assentadamente nas grandezas de João, e em seus augmentos? O fundamento que os moveu, elles mesmos o disseram, ou o Evangelista por elles: *Quis, putas, puer iste erit? Etenim manus Domini erat cum illo.* [3] Viam os milagres, viam as maravilhas, viam as mercês extraordinarias, que Deus com mão tão liberal fazia a João logo em seus principios, e do *erat*, tiraram o *erit*, das experiencias do que era inferiram evidencias do que havia de ser; porque aquelles beneficios de Deus presentes, eram prognosticos das felicidades futuras: *Etenim manus Domini erat cum illo.* Assim como a chiromancia humana, quando quer dizer a boa ventura, olha para as mãos dos homens; assim a Chiromancia Divina, a arte de adivinhar ao celeste, olha para as mãos de Deus, e como a mão de Deus estava tão liberal com João: *Etenim manus Domini erat cum illo:* na disposição d'estas primeiras liberalidades, como em caracteres expressos, estavam lendo a successão das futuras; e das grandezas maravilhosas que já eram, julgavam as que correndo os annos, haviam de ser: *Quis, putas, puer iste erit? Etenim manus Domini erat cum illo.*

---

[1] *Math.*, 1, 21.
[2] *Luc.*, 1, 66.
[3] *Ibid.*

Ora grande sympathia tem a mão de Deus com o nome de João. Bem o mostrou o Senhor na feliz Acclamação de sua magestade, que Deus nos guarde, como ha-de guardar muitos annos; pois aos eccos do nome de João, despregou da cruz o braço o mesmo Christo, assegurando-nos, que assim como a mão de Deus estivera com o primeiro João da Judéa, assim estava e havia de estar sempre com o quarto de Portugal: *Etenim manus Domini erat cum illo.* Bem experimentamos esta assistencia nos successos que referi, e em todos os felicissimos do anno passado, que em todas as coisas que sua magestade poz a mão, pôz tambem a divina a sua. E se estes ou similhantes effeitos da mão de Deus foram bastantes prognosticos para uns montanhezes rusticos, assás claro foi o modo de prognosticar que segui, fallando entre cortezãos tão entendidos. Nem aqui, tambem, nos faltou o Evangelho; porque, se nos confirmou a primeira razão com o mysterio do nome de Jesus, agora nos prova a segunda com o da Circumcisão, da qual dizem commummente os Doutores, que aquelle pouco sangue que o Senhor derramou hoje no Presepio, foi signal e como penhor de haver de o derramar todo na cruz; que, como Deus é liberal com omnipotencia, e bom sem arrependimento, o mesmo é fazer um beneficio menor, que penhorar-se a outros maiores. E se estes beneficios que da divina mão temos recebido, se pódem chamar menores, os maiores quão grandes serão?

Nem nos desconfiem estas esperanças, os temores que propuzemos ao principio da variedade dos successos da guerra, da inconstancia das felicidades do mundo; porque só as felicidades que veem por mão dos homens, são inconstantes; mas as que veem por mão de Deus, são firmes, são permanentes. Quando Josuë á entrada da Terra da Promissão venceu aquellas primeiras e milagrosas batalhas, mostrando os inimigos mortos aos soldados, lhes disse o que eu tambem digo a todos os portuguezes: *Confortamini, et estote robusti, sic enim faciet Dominus cunctis hostibus vestris, adversum quos dimicatis.* [1] Grande ani-

[1] *Josuë*, x, 25.

mo, valentes soldados, grande confiança, valorosos Portuguezes, que assim como vencestes felizmente estes inimigos, assim haveis de vencer todos os demais: que, como são victorias dadas por Deus, este pouco sangue, que derramastes em fé de seu poderoso braço, é prognostico certissimo do muito que haveis de derramar vencedores: não digo sangue de catholicos, que espero em Deus que se hão-de desapaixonar muito cedo os nossos competidores, e que em vosso valor e em seu desengano, hão-de estudar a verdade de nossa justiça; mas sangue de hereges na Europa, sangue de Moiros na Africa, sangue de Gentios na Asia e na America, vencendo e sujeitando todas as partes do mundo a um só imperio, para todas em uma corôa as metterem gloriosamente debaixo dos pés do successor de S. Pedro. Assim o contam as prophecias, assim o promettem as esperanças, assim o confirmam estes felizes principios, que a Divina Bondade se sirva de prosperar até aos fins felicissimos que desejamos, que são os com que remata um sermão d'este dia S. Bernardo, cujas palavras tantas vezes teem sido prophecias a Portugal: *Multiplicabitur sanè ejus imperium, ut merito Salvator dicatur pro multitudine etiam salvandorum, et pacis non erit finis.*

Para que nossas orações comecem a obrigar a Deus, não peço tres Ave Marias, senão tres petições do Padre Nosso: *Sanctificetur nomen tuum: Adveniat regnum tuum: Fiat voluntas tua.* Santificado e glorificado seja, Senhor, vosso Nome; porque ao nome santissimo de Jesus, como a primeiro e principal Libertador reconhecemos dever a liberdade que gozamos. *Adveniat regnum tuum:* Venha a nós, Senhor, o Vosso reino: Vosso, porque Vosso é o reino de Portugal, que assim nos fizestes mercê de o dizer a seu primeiro fundador el-rei D. Affonso Henriques: *Volo in te, et in semine tuo imperium mihi stabilire.* E por isso mesmo *adveniat*, venha; porque como ha-de ser Portugal um tão grande imperio, posto que tem já vindo todo o reino, que era, ainda o reino que ha-de ser, não tem vindo todo. E para que nossas más correspondencias não desmereçam tanto bem: *Fiat voluntas tua:* Fazei, Senhor, que façamos inteiramente vossa santa vontade: porque assim como nos prognosticos humanos para advertir sua contingencia se diz: Deus sobre tudo: assim eu n'este divino, para assegurar sua certeza,

digo tambem: Deus sobre tudo; porque se sobre tudo amarmos a Deus, cumprindo perfeitamente sua vontade, sem duvida se inclinará o Senhor a ouvir e satisfazer os affectos da nossa, perpetuando a successão de nossas felicidades na perseverança de sua graça: *Quam mihi, et vobis, etc.*

FIM DO TOMO I

INDICE

—

Sermão da Sexagesima 1
Sermão da Primeira Dominga do Advento 35
Sermão da Primeira Dominga do Advento 61
Sermão da Primeira Dominga do Advento 101
Sermão da Segunda Dominga do Advento 147
Sermão da Terceira Dominga do Advento 173
Sermão da Terceira Dominga do Advento 201
Sermão da Quarta Dominga do Advento 227
Sermão do Nascimento do Menino Deus 241
Sermão Domestico na vespera da Circumcisão do Senhor 273
Sermão dos Bons Annos 291

ST. IGNATIUS' CHURCH,
8220-43RD ST. S.E.
PORTLAND, OREGON